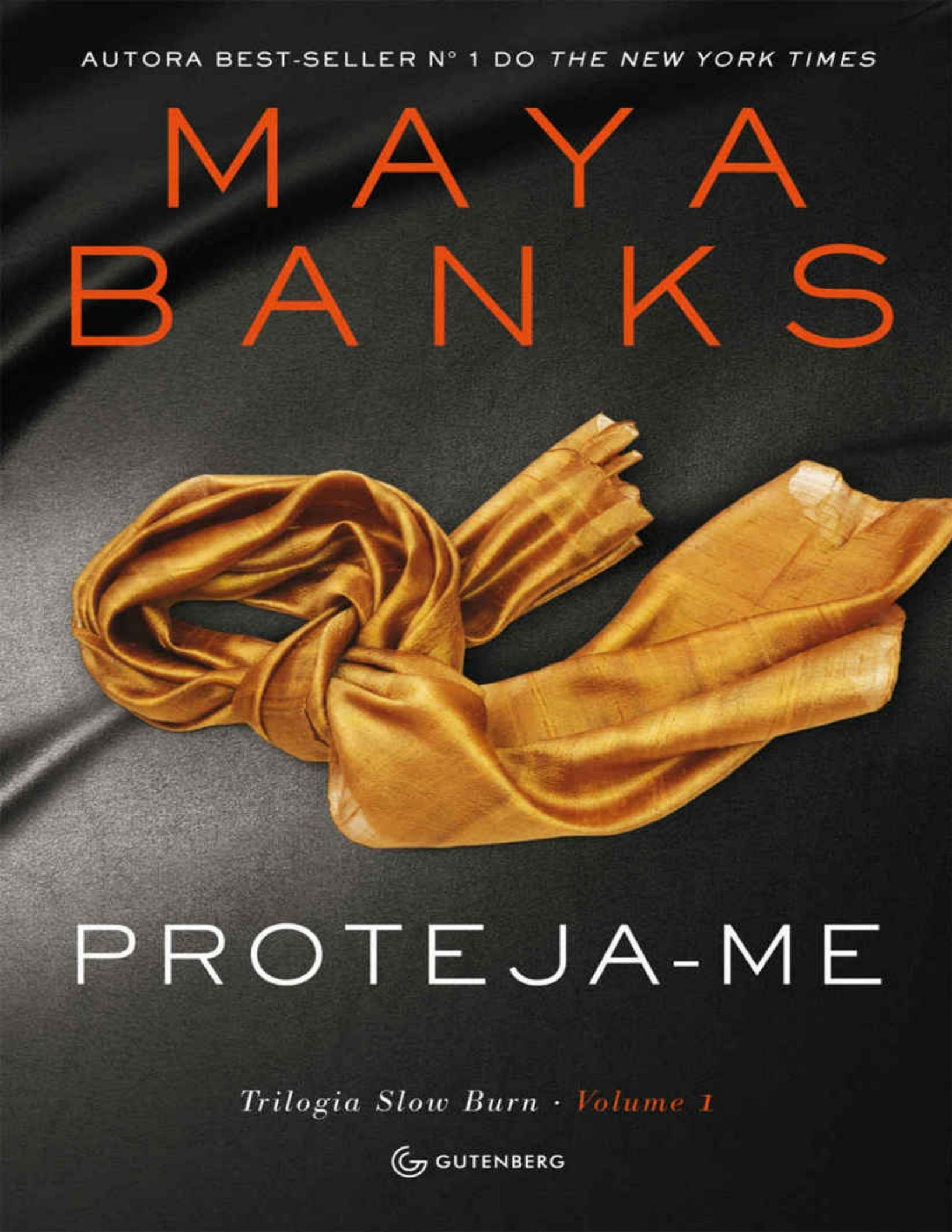
AUTORA BEST-SELLER Nº 1 DO *THE NEW YORK TIMES*

MAYA BANKS



PROTEJA-ME

Trilogia Slow Burn · Volume 1

GUTENBERG

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Maya Banks

PROTEJA-ME

Trilogia Slow Burn

Volume 1

TRADUÇÃO: Marcelo Salles

GUTENBERG

Para May Chen, por sua persistência
e por me permitir escrever a história
que habitou minha mente por muitos anos.

xoxo

UM

Caleb Devereaux fez a curva fechada do retorno e pegou o caminho que levava à pequena cabana na montanha, praguejando por cair em todos os buracos da estrada. Seu sangue fervilhava de raiva e impaciência, mas a expectativa de finalmente encontrar Ramie St. Claire, depois de uma busca exaustiva para localizá-la, impedia que seu humor azedasse por completo.

Ramie era a única esperança para a irmã dele, Tori.

Assim que soube que Tori havia sido sequestrada, Caleb começou a procurar Ramie St. Claire. Certamente, ela não era alguém a quem a maioria das pessoas recorria primeiro quando estava desesperada procurando um ente querido, mas Ramie era sensitiva e já tinha ajudado a encontrar vítimas de sequestro no passado. Embora muitos fossem céticos, Caleb acreditava totalmente nessas habilidades, porque, na verdade, Tori também era sensitiva.

Ele e seus irmãos, Beau e Quinn, sempre foram extremamente protetores em relação à irmã caçula, e por uma boa razão. Caleb era o cabeça de um verdadeiro império, e a segurança da família sempre foi sua maior prioridade. Os irmãos tinham um medo constante de serem alvos de sequestro em troca de resgate, mas nem em seus piores pesadelos imaginaram que Tori simplesmente desapareceria e ficaria à mercê de um maníaco.

Nunca houve pedido de resgate, apenas um vídeo que mostrava Tori amarrada pelos pés e pelas mãos e, ao fundo, a risada louca do sequestrador, ao dizer para Caleb mandar um último beijo de despedida para a irmã.

Ele apenas pedia a Deus: *não deixe que seja tarde demais para Tori*.

Caleb estava enfurecido por Ramie St. Claire simplesmente ter desaparecido do mapa havia três meses. Não existia nenhum sinal dela, nenhum endereço para contato. Aliás, não havia nenhuma prova de que ela ao menos existia. Como alguém podia sumir daquele jeito quando representava uma ajuda tão valiosa para encontrar vítimas de sequestro e pessoas desaparecidas? Não seria egoísmo da parte dela simplesmente se recusar a ajudar os outros ao ficar incomunicável daquela maneira?

Caleb estava em um estado de fúria quando finalmente parou o carro em

frente à pequena cabana, que parecia não ter condições de resistir ao inverno que em breve começaria. Ele nem tinha certeza se lá havia eletricidade. Somente uma pessoa que desejasse muito não ser encontrada decidiria morar em um lugar daqueles.

Ele saiu do carro e caminhou rapidamente até a porta da frente, que estava caindo aos pedaços. Começou a bater com o punho fechado na madeira, que rangia e estalava com a força das batidas. Em resposta, somente o silêncio, o que começava a fazer sua pressão sanguínea ir às alturas.

“Senhorita St. Claire!”, ele esbravejou. “Abra a porcaria desta porta!”

Ele bateu de novo, gritando para que ela respondesse. Caleb provavelmente estava se parecendo com o louco que tinha capturado sua irmã, mas àquela altura ele não se importava, já havia ultrapassado o desespero. Tinha usado todos os recursos disponíveis para conseguir localizar Ramie e não havia a menor chance de ele sair dali sem a informação que estava procurando.

Então, a porta se abriu, e ele foi recebido por uma mulher delicada, com olhos cinzentos e desconfiados. Por um momento, ele ficou desconcertado, e permaneceu em silêncio enquanto olhava para Ramie St. Claire pessoalmente pela primeira vez. As fotos que Caleb havia visto dela não lhe faziam justiça. Ela tinha um ar sensível, como se estivesse se recuperando de uma doença, mas isso de forma alguma diminuía sua beleza. Ela parecia... frágil. Por um breve instante, ele se sentiu culpado pelo que iria pedir, mas deu de ombros. Nenhum preço era alto demais quando se tratava da vida da irmã.

“Eu não posso ajudar você.”

Aquelas palavras foram pronunciadas com tal suavidade que soaram delicadas aos ouvidos de Caleb, mas contrastaram com a enorme raiva que ele sentiu pela recusa da moça. Ele ainda nem tinha feito o pedido, e ela já estava se negando a ajudar.

“Você nem sabe o que eu quero”, ele disse em um tom tão frio que deixaria a maioria das pessoas intimidada.

“É bem óbvio”, ela respondeu com a voz cansada e os olhos se fechando pela fadiga. “Por que outro motivo você percorreria todo esse caminho para chegar até aqui? Eu nem quero saber como foi que me encontrou. Mas está claro que fui péssima na minha tentativa de não deixar rastros se você conseguiu me achar aqui.”

Caleb franziu a testa. Será que ela estava doente? Teria sido por isso que havia sumido, para tentar se recuperar? Aquilo já não tinha importância agora que a havia encontrado. Ele não se importava com os motivos dela.

“Com uma habilidade como a sua, por que desaparecer de propósito?”, ele exigiu saber. “A vida da minha irmã está em perigo, senhorita St. Claire. Não vim aqui apenas *pedir* que me ajude. Quero que saiba que não vou sair daqui enquanto não me ajudar.”

Ela negou com a cabeça com firmeza, e o medo espantou a letargia que havia em seu olhar.

“Não posso!”

Havia um desespero silencioso nas palavras dela, mostrando a Caleb que existia, na sua recusa, algo além do que as aparências indicavam. Alguma coisa estava errada, mas ele não sentia nenhum arrependimento por pressionar Ramie a ceder. Não com a vida de Tori por um fio.

Ele enfiou a mão dentro da jaqueta e puxou a echarpe de Tori. Foi o único item encontrado no local onde ela provavelmente foi sequestrada. Estava embaixo da porta de seu carro, que estava aberta, no estacionamento do mercado próximo de sua casa. Ele jamais deveria ter deixado Tori ir sozinha. Caleb falhou com ela, falhou com o dever de protegê-la. Fracassou em garantir a devida segurança à irmã.

Ramie imediatamente foi tomada por um sobressalto e deixou escapar um grito de desespero. Caleb colocou a echarpe à força nas mãos da jovem e segurou-as, para que ela não tivesse escapatória. Ela soltou um gemido agudo e olhou para ele, aflita. Seu rosto ficou estranhamente pálido, suas pupilas pareceram ficar em chamas e, em seguida, tornaram-se opacas, enquanto as feições de seu rosto claramente delineavam-se em dor e sofrimento.

“Não”, ela sussurrou. “De novo não. Ah, Deus, de novo não, por favor! Não vou conseguir sobreviver.”

Seus joelhos fraquejaram, e ela teria caído, mas Caleb a segurou, garantindo que a echarpe não perdesse contato com ela. Ele observou assustado o corpo de Ramie afundar e escapar de suas mãos, apesar de todo o esforço que fez para segurá-lo. O corpo da moça estava sem vida, flácido como uma boneca de pano. Caleb rapidamente se agachou ao seu lado, decidido a não deixá-la soltar a echarpe de Tori, mas isso já não parecia mais ter importância, pois Ramie aparentava já estar em outro lugar.

Os olhos dela reviravam-se e o corpo começou a se contorcer em espasmos. Ela se encolheu em posição fetal, e a fragilidade que Caleb viu demonstrada naquele movimento de autoproteção mexeu com suas emoções. Ramie gemeu baixinho e então passou a chorar.

“Por favor, não me machuque de novo! Por favor, estou implorando! Não

aguento mais... Se você vai me matar, acabe logo com isso. Pare de me torturar!”

Caleb sentiu um frio percorrer rapidamente sua nuca quando escutou a voz de Ramie, que estava soando quase que *idêntica* à voz de Tori. *Meu Deus, será que ele estava testemunhando o que ocorria com sua irmã por meio de Ramie?*

O cenário que Ramie demonstrava era pavoroso, não somente pelo fato de que a irmã estaria sofrendo o pior que poderia acontecer, mas também porque, pelo que tudo indicava, Ramie estava sofrendo junto com ela.

Caleb, de fato, tinha investigado a fundo as habilidades de Ramie St. Claire, mas ele tinha obtido pouca informação além do impressionante histórico de sucesso dela. Não havia menção de *como* ela conseguia ajudar as vítimas nem do que acontecia com ela durante o processo.

O que foi que ele tinha feito? Que Deus o ajudasse.

O corpo de Ramie estremeceu e bastou apenas um momento para Caleb perceber o que estava acontecendo. Não havia como se enganar. Sua garganta foi inundada por um gosto horrível, e ele precisou prender a respiração para não vomitar no chão. Lágrimas rolavam de seus olhos enquanto ele observava, impotente, a irmã ser estuprada, por intermédio da cena horrível que Ramie reproduzia com o próprio corpo.

O choro de Ramie partiu o coração de Caleb, e ele a pegou nos braços, sem saber o que fazer além de tentar aconchegá-la gentilmente.

“Tori?”, Caleb sussurrou o nome da irmã, em uma tentativa de contactá-la, sem saber se havia uma ligação estabelecida com ela por meio de Ramie. “Você consegue me ouvir? É Caleb. Me diga onde você está, querida. Eu vou atrás de você. Aguente firme, por favor. Não desista, não importa o que aconteça.”

A cabeça de Ramie virou com força para o lado e a marca de uma mão imediatamente apareceu em sua bochecha. Caleb ficou apavorado, sem saber o que fazer, pois não havia mais como voltar atrás no que ele tinha iniciado. Ele tentou aplacar a própria culpa, dizendo a si mesmo que valia a pena fazer qualquer coisa para trazer a irmã de volta. Mas será que valia mesmo a pena torturar uma mulher inocente?

Caleb não tinha dado escolha a Ramie. Ela havia dito que não, mas ele a obrigou a fazer algo sem nem ao menos saber o preço que ela teria de pagar. Ele não fazia ideia de como os poderes de Ramie funcionavam, e agora estava atormentado. Não foi à toa que ela resistiu tanto. Não havia sido à toa que ela disse que não conseguia mais fazer aquilo.

“Ramie! Ramie!”, Caleb disse com voz mais firme. “Volte para mim, Ramie. Volte para me dizer como posso encontrar minha irmã!”

Os olhos de Ramie estavam abertos, mas distantes, e Caleb sabia que ela não estava lá com ele. A marca da mão no rosto estava clara e vívida, com o vermelho em forte contraste com a pele branca e pálida. Os olhos de Ramie transmitiam tanto desespero e derrota que Caleb novamente se viu segurando as lágrimas.

Subitamente, Ramie se inclinou para a frente e contraiu seu corpo por inteiro, como se tivesse recebido uma pancada. Ela cobriu a barriga com os braços, e Caleb percebeu que Ramie havia recebido um chute. Ou melhor, Tori tinha levado o chute. Era uma sensação horrível saber que duas mulheres estavam sendo agredidas, e que uma delas estava sofrendo por causa *dele*.

Então, de repente Ramie rolou para longe e simplesmente encostou o rosto no chão frio; seus olhos pareceram inertes e vazios. Ela estava completamente imóvel, e Caleb ficou assustado. *Será que Tori estava morta? Oh, meu Deus! Será que ele tinha testemunhado indiretamente o assassinato da irmã?*

“Ramie! Acorde! Deus, por favor acorde! Me diga como encontrar Tori! Me diga que ela ainda está viva!”

Caleb pegou o corpo débil de Ramie e o ergueu, impressionado por ela ser tão magra e frágil, pesando quase nada em seus braços. Ele a carregou para o sofá gasto e a deitou cuidadosamente, para que ela não se ferisse mais do que já tinha sido ferida. Ele se sentou na ponta e segurou as mãos geladas dela, massageando-as e tentando aquecê-las. Caleb não tinha ideia do que fazer. Será que deveria levar Ramie a um hospital?

Então, após um longo período, Ramie piscou e pareceu sair do transe. Seu rosto imediatamente foi tomado pela dor, e ela começou a chorar em silêncio novamente. Cada lágrima que caía dos olhos da moça deixava Caleb mais arrasado.

“Ela ainda está viva?”, ele perguntou ansioso. “Você sabe como encontrar Tori?”

“Sim”, Ramie disse atordoada.

O coração de Caleb se encheu de esperança, e ele se pegou quase que esmagando as mãos de Ramie entre suas próprias mãos.

“Me diga onde!!”, ele insistiu.

Vagarosa e dolorosamente, ela sussurrou a localização de Tori nos mínimos detalhes. Um frio percorreu a espinha de Caleb pela precisão com que Ramie descreveu não apenas o local, mas também o sequestrador. Ela indicou até a placa do carro dele.

Caleb pegou o telefone e imediatamente ligou para o irmão, passando as

informações que Ramie forneceu. Quando terminou, olhou desolado para moça, sentindo-se grato e, ao mesmo tempo, profundamente arrependido por tudo que a fez passar.

“O que posso fazer por você? Como posso ajudá-la?”, ele perguntou com carinho.

O olhar de Ramie ficou ainda mais entorpecido com a resignação dele.

“Não há nada que você possa fazer”, ela disse com uma voz fria. “Só vá embora.”

“Eu não vou deixar você aqui sozinha de jeito nenhum!”

Caleb já tinha imaginado que poderia levá-la com ele. Dessa maneira, ele poderia garantir a Ramie o tratamento de que ela obviamente precisava, ao mesmo tempo em que Tori também receberia cuidados.

“Sua irmã precisa de você. Vá embora. Vou ficar bem.”

A mentira era óbvia, mas parecia ser o melhor que Ramie conseguia dizer naquele momento. Caleb estava dividido entre correr para encontrar Tori e ficar para garantir que Ramie ficasse bem. Mas como ela poderia ficar bem? Duas mulheres teriam de viver com aquilo que aconteceu para o resto das vidas. Sua amada irmã e a mulher que ele obrigou a ajudá-lo, sem saber do preço que ela teria de pagar.

“Por favor”, ela implorou com a voz trêmula. “Vá embora e me deixe sozinha. Eu dei o que você queria. Eu o ajudei, agora vá embora. É o *mínimo* que você pode fazer.”

Caleb ficou parado, passando a mão no cabelo e no pescoço, em meio à sua agitação.

“Eu vou, mas vou voltar, Ramie. Vou retribuir o que você fez.”

“Você nunca vai conseguir apagar isso”, ela sussurrou. “Você não tem como compensar o que aconteceu comigo. Apenas vá embora e vá cuidar de sua irmã. Ela precisa de você.”

Ela fechou os olhos e mais lágrimas escorreram pelo seu rosto. Como Caleb poderia deixá-la sozinha como ela estava pedindo? E, por outro lado, como não ir embora naquele exato momento para garantir que sua irmã fosse encontrada em segurança? Caleb nunca tinha se sentido tão dividido em toda sua vida.

“Se você tiver um pingo de humanidade dentro de você, sairá por aquela porta e nunca contará a ninguém onde foi que me encontrou”, Ramie disse com a voz rouca. “Por favor, estou implorando. Vá *embora*! O sequestrador está planejando matar sua irmã amanhã, ao amanhecer. Você não tem muito tempo.”

Aquelas palavras deram o impulso que Caleb precisava para agir. Mas, de

alguma forma, de alguma maneira, ele pensava, iria retribuir tudo o que ela fez.

Caleb estava tomado pelo remorso. O pior era que, mesmo sabendo agora o que acontecia com Ramie quando ela ajudava a localizar pessoas, ele não teria agido diferente. Agir diferente significaria o limite entre Tori viver ou morrer. Pelo menos, naquele momento, ele conseguia entender a resistência de Ramie em ajudar. Ele já não a enxergava como alguém egoísta e insensível. Agora entendia que seu sumiço era uma questão de autopreservação. Ele nem sabia como Ramie havia sido capaz de sobreviver a tudo aquilo no passado. Caleb só torcia para não ter sido responsável por forçá-la além do que ela conseguiria aguentar.

Ele fechou os olhos e então tocou o rosto dela delicadamente.

“Eu sinto muito mesmo. Você não imagina como estou arrependido. Minha família e eu temos uma dívida com você, uma dívida que jamais conseguirei pagar. Vou embora agora, rogando a Deus para não ser tarde demais. Mas eu vou voltar, Ramie. Pode contar com isso. Vou retribuir o que você fez, nem que seja a última coisa que eu faça na vida.”

DOIS

Ramie se arrastou lentamente até a ponta do sofá, sem forças nem mesmo para ficar em pé. Caleb tinha saído apenas alguns minutos antes. Ele nem tinha chegado a se apresentar, mas ela sabia como ele se chamava, pois seu nome era uma presença muito forte na mente de Tori Devereaux, e servia para mantê-la com um dos pés na realidade, enquanto seu sequestrador a levava cada vez mais para a beira da insanidade.

Ela conseguia sentir pena e também entender as ações de Caleb. Ramie podia até perdoar o que ele tinha feito, mas ela jamais seria capaz de esquecer, e isso era o pior de tudo. As imagens e memórias do que ela viveu instantes antes ficariam gravadas permanentemente em sua cabeça.

Lágrimas escorreram e deixaram uma trilha em seu rosto. Ela estava se sentindo oca... Nem parecia mais ser uma pessoa, pois mais uma vez sua humanidade lhe havia sido roubada.

Ela se obrigou a levantar, lutando contra o horror e a dor que inundavam seu corpo, já que a conexão com Tori Devereaux não tinha se interrompido quando Caleb tirou a echarpe de suas mãos. Ramie ainda estava bem ciente do que ela estava sofrendo. A ligação entre elas poderia durar ainda uma hora ou talvez um dia. Ramie só rezava para que aquilo acabasse logo.

Ela precisava se apressar. Tinha de fugir para o mais longe que conseguisse e, daquela vez, era preciso garantir que ninguém a encontrasse, ou melhor, que *ele* não a encontrasse. Porque se Caleb Devereaux a achasse novamente, então o homem que a perseguia também a encontraria, e ela não queria passar novamente pelo que tinha acabado de vivenciar. Ramie nem sabia se conseguiria se recuperar. Aquilo tinha sido demais para ela, e aconteceu cedo demais, rápido demais. Ela nem ao menos tinha se curado do que viveu da última vez em que localizou uma vítima, e agora foi obrigada a fazer aquilo de novo.

Caminhou vacilante e apática, como uma senhora idosa, até o pequeno quarto da cabana. Ramie não conseguia odiar Caleb pelo que ele tinha feito, já que entendia seu desespero. Ela já tinha vivenciado aquela sensação várias e várias vezes. Quem era ela para dizer que não faria a mesma coisa se a vida de

um ente querido seu estivesse ameaçada? O problema é que ela não tinha nenhum ente querido.

Até determinada época, ela acreditava que seus pais estavam vivos em algum lugar, mas Ramie tinha sido abandonada quando ainda era apenas um bebê e acabou entrando para o circuito dos órfãos, sempre pulando de família em família, sem nunca criar raízes de verdade. Seus muitos pais adotivos se afastavam dela quando descobriam seus “poderes”. Eles passavam a olhá-la com medo, como se ela não fosse um ser humano com sentimentos. E no último lar adotivo para onde ela foi enviada, tudo terminou em horror e violência. Ramie viveu uma vida solitária desde então e nunca se permitiu confiar em alguém a ponto se envolver. Por isso, ficar isolada não a incomodava, e ela aceitava esse fato.

Exceto que... de vez em quando, ela sofria pelo que nunca teve e jamais teria: uma vida normal, amigos e família, todas essas coisas que a maioria das pessoas têm como certas e garantidas. E Ramie nunca cometeria esse erro: se algum dia viesse a ser abençoada com uma família e amigos, ela valorizaria cada dia e jamais levaria a vida como certa e garantida. Mas era meio impossível fazer isso depois de ter testemunhado a morte e horrores inimagináveis tantas e tantas vezes.

Para onde ela iria agora? Em que lugar ela teria a certeza de que ninguém seria capaz de encontrá-la? Ela queria desaparecer simplesmente, e dessa vez para sempre. Dessa vez, ela precisaria ser mais eficiente e apagar todos os rastros, escondendo-se bem para garantir que ninguém a encontrasse, porque ela sabia que morreria se o homem que estava dedicando toda a energia para destruí-la conseguisse achá-la. E não seria uma morte rápida e piedosa. Ramie teria uma morte agonizante e passaria seus últimos momentos rezando para que cada suspiro fosse o último.

TRÊS

Assim que seu avião tocou o solo, Caleb recebeu a informação de que Tori tinha de fato sido encontrada no local informado por Ramie. Seu irmão Beau, com tristeza, atualizou-o sobre as condições de saúde dela e, embora Caleb já soubesse por meio de Ramie exatamente o que tinha acontecido, ainda assim seu estômago se revirou quando soube de fato sobre os horrores sofridos pela irmã caçula nas mãos do sequestrador.

O que o deixava muito irritado, no entanto, era que o criminoso não tinha sido preso. Tori foi encontrada pela polícia sozinha e acorrentada no banheiro de uma casa comum, em um bairro residencial e tranquilo, nos subúrbios de Houston. Ela tinha sido tratada como um animal, recebendo o mínimo de água e comida para permanecer viva. Segundo Beau, ela tinha perdido muito peso e estava com desidratação severa. O pior foi ouvir Beau chorar, completamente arrasado ao telefone, enquanto tentava descrever as condições de saúde da irmã. E Beau era forte. Dos quatro irmãos Devereaux, ele era o mais durão de todos. Nunca demonstrava emoções, e seu rosto sempre permanecia firme como uma rocha. Mas, ele estava se acabando em lágrimas enquanto falava com Caleb, deixando claro como realmente era angustiante o estado de Tori. Quinn, o segundo irmão mais novo, tinha ficado com Tori o tempo todo desde que tinha sido resgatada e foi junto com ela na ambulância para o hospital, onde Beau já estava, aguardando Caleb.

Quando Caleb entrou a passos rápidos no quarto de Tori, Beau correu em sua direção e fez um sinal para que os dois fossem para fora. Caleb negou com a cabeça, pois não iria para lugar nenhum até ver a irmã. Ele precisava ver Tori com os próprios olhos, não importava se o estado dela fosse péssimo. Precisava ter certeza de que ela estava viva e em segurança, longe de qualquer mal. Quinn olhou com angústia, de onde estava sentado, ao lado da cama de Tori, e viu Caleb se aproximar em silêncio para não perturbar o sono da irmã.

“Eles deram um calmante para ela descansar”, Quinn disse com a voz baixa. “Ela estava muito descontrolada, Mas coitada, ela não tem culpa! Meu Deus, Caleb, o que ela sofreu...”. Quinn engoliu o choro ao dizer as últimas palavras e

ficou em silêncio, voltando seu olhar marejado para a irmã.

Caleb analisou a aparência desfigurada de Tori, com hematomas profundos ao redor dos olhos, palidez e o fato de que ela estava muito magra. Ele ficou tenso e voltou a se sentir culpado, quando viu que a marca da mão no rosto dela era igual à que viu aparecer no rosto de Ramie, depois de forçá-la a segurar a echarpe de Tori.

Mas agora Tori estava ali. Podia estar machucada, ferida, mas estava *ali* com a família e um grupo de apoio. Já Ramie estava sozinha em uma cabana no meio do nada, sem ninguém. Ela tinha sofrido o mesmo que Tori, mas não tinha ninguém para ajudá-la a se reerguer. Isso só aumentava a determinação de Caleb de voltar para buscar Ramie, assim que Tori estivesse recebendo os cuidados adequados. Ele não tinha como voltar atrás no que fez, mas poderia muito bem tentar reparar os danos que causou. Ao menos poderia garantir que ela recebesse cuidados médicos e não ficasse sozinha.

“Como é que você conseguiu?”, Beau perguntou com a voz baixa. “Como você foi capaz de apontar a localização exata dela tão rápido, se antes a gente não conseguia nem mesmo encontrar uma pista?”

“Foi Ramie St. Claire”, Caleb disse.

A surpresa no rosto de Quinn era óbvia, já que ele sabia, por Caleb, que Ramie tinha sumido e supostamente estava se recusando a ajudar outras pessoas novamente.

“Você a convenceu a ajudar?”

“Eu não dei opção a ela”, Caleb respondeu falando baixo. “Meu Deus, o que fiz com ela... eu não tinha ideia do que aconteceria. Fui no encalço dela e, quando ela se recusou a me ajudar, eu coloquei o echarpe de Tori nas mãos dela à força, e a partir disso ela foi direto para as profundezas do inferno.”

O rosto de Beau assumiu uma expressão feroz, com os olhos brilhando de raiva.

“Por que ela disse não a você? Que raios há de *errado* com ela para se recusar a ajudar a salvar a vida de alguém?”

“É por causa do que acontece com ela”, Caleb murmurou. “Eu não *sabia*. Não fazia ideia. E como poderia saber? O pior é que eu não posso dizer sinceramente que não teria feito exatamente a mesma coisa, mas pelo menos agora entendo *por que* ela disse não.”

Quinn inclinou a cabeça de lado, com um olhar confuso.

“Não entendi. O que acontece com ela? Pensei que ela conseguisse rastrear e localizar as vítimas tocando algum objeto que pertencesse a elas, ou que estava

ligado à cena do crime.”

“Ela localiza as vítimas porque se liga a elas”, Caleb disse. “Ramie se colocou onde Tori estava, como se ela mesma fosse a vítima. Tudo o que Tori sofreu, Ramie sofreu também. Eu vi a marca que está no rosto de Tori aparecer no rosto de Ramie. E com certeza ela se sentiu sendo estuprada da mesma forma que Tori foi.”

Quinn empalideceu, e seu olhar refletia espanto e perplexidade. Beau ficou visivelmente confuso, e a raiva que havia no olhar que dirigia a Caleb, momentos antes, desapareceu. Então, ele fechou os olhos e, quando falou, o cansaço era evidente.

“Desgraçado!”, Beau sussurrou. “Isso é horrível!”

“Nem me fale. Estou me sentindo completamente desprezível por ter feito isso com ela, e me sentindo ainda mais horrível por saber que faria isso de novo se fosse para salvar Tori das mãos de um assassino.”

“Meu Deus, o que você vai fazer? Quer dizer, como é que a Ramie está agora?”, Quinn perguntou.

Caleb passou a se sentir ainda mais culpado. Ele estava tão desesperado para encontrar Tori e avisar sobre sua localização que simplesmente fez o que Ramie tinha pedido, e a deixou sozinha.

“Não sei como ela está”, Caleb admitiu. “Eu a larguei. Ela me implorou para fazer isso. E minha atenção estava totalmente voltada para Tori. Mas assim que Tori estiver se recuperando em casa, voltarei para lá, para acertar as coisas com Ramie.”

“Nós todos devemos muito a ela”, Beau disse, observando sua irmã dormir.

“Sim, é uma dívida que pretendo pagar de qualquer maneira”, Caleb prometeu. “O que o médico falou?”, ele perguntou, saindo do desconfortável assunto Ramie St. Claire. “Quanto tempo Tori vai ter que ficar no hospital?”

“Alguns dias, pelo menos”, Quinn respondeu. “Ela está com várias costelas quebradas e muitos ferimentos.” Ele estremeceu ao continuar falando. “Eles precisam se certificar de que não há nenhum ferimento interno permanente, e também precisam reidratá-la, e só darão alta quando tiverem certeza de que ela está bem.”

Os três homens permaneceram completamente em silêncio até um gemido leve sair dos lábios de Tori. Seu rosto estava marcado pela testa franzida e uma expressão de dor. Ela se contorcia agitada e deixava lágrimas escorrerem pelo rosto.

Caleb se aproximou no mesmo instante.

“Tori, querida, sou eu, Caleb. Você está em segurança agora. Beau e Quinn também estão aqui.”

Lentamente, seus olhos se abriram, para logo em seguida serem tomados por angústia e desespero, inundando-se em lágrimas. Mas havia também muita vergonha em seu olhar. Ver a irmã envergonhada por algo sobre o que ela não tinha controle machucava Caleb.

“Caleb”, ela falou com dificuldade.

Ele acariciou sua testa e alisou seus cabelos carinhosamente.

“Sim, querida, estou aqui.”

Tori umedeceu os lábios e engoliu a saliva lentamente. Os remédios a estavam deixando lenta.

“Como você conseguiu me encontrar?”, ela sussurrou. “Achei que ninguém nunca iria me achar e que eu ia morrer lá. Ele me disse que eu ia morrer, que ia me matar. Meu Deus, se você não tivesse chegado lá a tempo, ele ia me matar... e eu estava rezando para que matasse mesmo...”

As palavras dela terminaram em choro e Quinn afundou o rosto nas mãos enquanto Caleb abraçava Tori carinhosamente. Beau estava em pé na ponta da cama, com uma expressão sanguinária no rosto e os olhos cheios de raiva.

“Fui atrás de alguém como você”, Caleb disse gentilmente, deixando de lado a parte que Ramie se recusou – por um bom motivo – a ajudá-lo. Ele jamais diria a Tori que obrigou Ramie a ajudar.

Tori olhou para Caleb com o rosto intrigado. “Alguém como eu?”

“Bem, não exatamente”, Caleb respondeu com um leve sorriso. “Afinal, igual a você não existe ninguém. Mas fui atrás de Ramie St. Claire, porque ela já ajudou a localizar pessoas desaparecidas antes. Eu entreguei sua echarpe e ela conseguiu encontrar você.”

Tori parecia espantada. Ela estava boquiaberta e seu rosto transmitia estranheza. Em seguida, seus olhos se encheram de lágrimas.

“Puxa, se ela pudesse ter ajudado antes...”, Tori sussurrou.

Caleb engoliu em seco e evitou olhar para os irmãos. Não importava que tivesse contado a eles o que Ramie sofria e por que tinha se recusado a colaborar, eles ainda a condenavam por ela ter sumido e não ajudado antes.

“Estou devendo muito a ela”, Tori falou soluçando. “Nunca vou conseguir recompensar Ramie por isso. Posso pelo menos agradecê-la quando tudo isso estiver acabado e eu estiver em casa?”

Caleb pigarreou e limpou uma lágrima no rosto de Tori com a ponta do polegar.

“Nós vamos tentar, claro.”

“Estou com medo”, Tori disse com a voz trêmula.

Os dedos dela se enterraram dentro do lençol fino que cobria seu corpo, mas Caleb conseguia ver o quanto suas mãos estavam tremendo. Ele gentilmente retirou a mão dela do lençol e a cobriu.

“Do que você está com medo, querida?”

Tori apertou a mão dele com força e afundou as unhas na pele da mão de Caleb.

“Medo de ele voltar para me pegar.”

As palavras caíram pesadas no quarto do hospital, e os irmãos olharam para Caleb com fúria e medo. O sequestrador não tinha sido preso e estava em algum lugar lá fora agora, livre, possivelmente atrás da próxima vítima. Ou será que ele voltaria para pegar Tori, já que ela tinha conseguido escapar?

“Escute, querida”, Caleb disse com a voz baixa. “Eu sei que você está com medo. Deus sabe como você tem o direito de estar assustada. Mas Beau, Quinn e eu vamos proteger você. Vamos deixá-la sob vigilância constante até encontrarem e prenderem esse desgraçado. Ele vai pagar pelo que fez com você. Juro pela minha vida.”

“Vocês não podem deixar suas vidas e o trabalho de lado por minha causa”, Tori respondeu.

“Quem disse que não podemos?”, Beau disparou. “Você é nossa prioridade número um, Tori. Não há nada mais importante que você.”

“Não vamos deixar aquele desgraçado chegar perto de você”, Quinn disse com firmeza. “E vamos usar todos os recursos possíveis para encontrá-lo e deixá-lo preso pelo resto da vida.”

Tori não parecia estar convencida, mas concordou com a cabeça e fechou os olhos, ao ser arrastada para o sono causado pelos remédios. Caleb deu um beijo em sua testa.

“Durma um pouco, querida. Nós vamos estar aqui quando você acordar. Você precisa focar na sua recuperação para podermos levá-la de volta para casa.”

QUATRO

Com uma expressão sombria no rosto, Caleb estacionou na frente da cabana onde tinha encontrado Ramie da última vez. Mas o lugar estava completamente vazio, abandonado, e parecia que ninguém jamais tinha morado ali. Ramie limpou tudo e não havia o menor sinal de que ela tivesse passado por lá. Caleb passou a mão nos cabelos e fechou os olhos frustrado. Ele tinha ido cumprir a promessa feita à Ramie – e a ele mesmo – de voltar para buscá-la, mas ela havia desaparecido novamente.

Caleb não tinha como culpá-la por fugir rápido daquele jeito. Se ele conseguiu encontrá-la naquela oportunidade, quem garantia que outros também não conseguiriam? E embora antes ele achasse a atitude dela egoísta, agora entendia perfeitamente por que Ramie não estava disposta a passar pelo sofrimento de encontrar pessoas desaparecidas. A dúvida que o atormentava era se ele deveria deixar a vida seguir em frente, desistindo de Ramie e dando-lhe a paz que ela desejava, ou então ir atrás dela, encontrá-la e compensar o estrago que tinha causado.

Ele não era o tipo de homem que desistia fácil das coisas. Durante toda a sua vida, Caleb sempre perseguiu seus objetivos incansavelmente. Nascido em uma família extremamente rica e tradicional, cuja fortuna era oriunda da exploração do petróleo e crescia havia gerações, Caleb assumiu o comando de tudo desde muito cedo. Seus pais ostentavam abertamente a fortuna e estavam em todos os eventos da alta sociedade, sempre esbanjando. Caleb acreditava que ao menos seu pai estava envolvido em atividades escusas. E a morte dos pais foi marcada por suspeitas, pairando sobre ela a dúvida se tinha sido acidental ou se havia acontecido um assassinato. A pergunta nunca foi respondida...

Assim que assumiu a liderança dos negócios da família, Caleb começou a afastar os irmãos das colunas sociais, reduzindo a exposição à mídia e lutando, com unhas e dentes, para manter a privacidade. Ele sempre manteve um nível extremamente alto de segurança ao redor da família, mas obviamente não tinha sido o suficiente. Agora, seu foco estava em reforçar a segurança, para que o que aconteceu com Tori jamais se repetisse. E que também não acontecesse com

Ramie, caso ele fosse capaz de ajudá-la.

Caleb olhou atentamente para o interior da cabana, procurando por qualquer pista ou sinal que o levasse na direção de onde ela pudesse estar. Ele já sabia a resposta para a dúvida que tinha colocado para si próprio. Ele iria atrás de Ramie e se colocaria à disposição dela, e o que ela quisesse, o que ela precisasse, ela teria. Se Caleb conseguisse convencê-la, Ramie jamais precisaria trabalhar novamente pelo resto da vida. Não havia nenhum pedido que pudesse ser grande demais comparado ao sacrifício que ela tinha feito para salvar Tori.

Mas provavelmente Ramie daria um chute em Caleb se o encontrasse novamente. E ele com certeza merecia, mesmo que não pudesse dizer que obrigaria Ramie a ajudar, sabendo do que aconteceria com ela, e era isso o que deixava Caleb agoniado: saber que ele faria exatamente a mesma coisa se o resultado final fosse igual: ter Tori viva e salva.

Ele olhou para o celular procurando por sinal e fechou a cara quando viu que estava “sem serviço” na tela. Caleb andou de volta até o SUV e dirigiu descendo lentamente pela montanha. Assim que o celular voltou a ter sinal da operadora, ele acionou o número de Beau e aguardou o irmão atender.

“Encontrou Ramie?”, Beau disse logo que atendeu.

“Não”, Caleb respondeu em voz baixa. “Como Tori está? Foi tudo bem mesmo depois de eu ter saído tão cedo?”

“Ela está bem. Quinn e eu estamos o tempo todo com ela. Tori não está dormindo nada e estava se negando a tomar os remédios, até que Quinn falou com ela e praticamente a obrigou. Ela não pode continuar desse jeito, está no limite... Vai acabar sofrendo um colapso emocional se não descansar direito e se recuperar.”

Caleb fechou os olhos. Ele devia estar lá, droga. Mas Tori tinha Beau e Quinn, e quem Ramie tinha? Toda a pesquisa que fez sobre o passado dela, quando estava virando o mundo de cabeça para baixo atrás da moça, mostrou que ela não tinha família, nenhum amigo íntimo, nem mesmo conhecidos. Ela não tinha ninguém...

“Quero seguir em frente com aquilo que falamos”, Caleb disse. “Estou voltando para casa e nós dois vamos abrir aquela empresa de segurança que comentamos, vamos começar nem que seja do zero. Tori nunca mais vai ser vítima de ninguém no que depender de mim. E, se com essa empresa pudermos ajudar outras pessoas, melhor ainda.”

“Vou fazer minha parte”, Beau disse. “Quero contratar só os melhores.”

“Concordo.”

“Então você está desistindo de encontrar Ramie?”, Beau perguntou.

Caleb hesitou antes de finalmente falar a verdade.

“Não. Ela queria ficar sozinha, em paz, e talvez seja isso o que eu deva fazer mesmo. Mas não posso deixar por isso mesmo. Você não viu Ramie, Beau, mas eu vi. E ela não tem ninguém na vida. Preciso encontrá-la e pelo menos garantir que ela fique bem. Não vou descansar enquanto não fizer isso.”

“Entendo. Todos nós devemos muito a ela, então eu também vou fazer qualquer coisa que puder para ajudar a encontrá-la.”

“Vamos começar a nova empresa”, disse Caleb. “E aí vamos atrás dela.”

CINCO

Um ano depois

Nunca baixe a guarda.

Esse sempre foi o mantra dela, mas agora era mais verdadeiro do que nunca. O medo era sua companhia constante. *Ele* tinha achado Ramie. De alguma forma *ele* a localizou e estava decidido a fazer dela sua próxima vítima.

Obsessão.

Ele estava obcecado por Ramie, a única pessoa que havia chegado perto de acabar com *ele*. Ela havia chegado perto, mas não o suficiente. O assassino escapou por pouco de ser preso, mas Ramie tinha levado a polícia até o local correto onde *ele* mantinha sua vítima. Ele tinha torturado a jovem por vários dias. Foram incontáveis dias de dor e sofrimento, nos quais brincou com ela, prometendo matá-la e depois adiando.

Antes de Ramie sumir do mapa, ele tinha *telefonado* para ela. E era por causa dele que Ramie fugia, porque ele sabia quem ela era, e também sabia que havia sido ela a responsável por ele ter perdido a presa. Por isso, Ramie tinha se tornado um alvo. E ele estava chegando perto...

Mas, como é que ele conseguia saber cada passo que ela dava?

Ele estava brincando com Ramie, estava mexendo com sua cabeça só para atormentá-la. A coisa estava chegando a tal ponto que Ramie nem estava mais conseguindo dormir à noite por causa do medo de que ele estivesse lá, esperando por ela. Ela estava mudando constantemente de lugar e nunca ficava no mesmo local mais de uma noite. E, mesmo assim, Ramie sentia que ele estava mais perto do que nunca...

Quando é que ele se cansaria de brincar de gato e rato e decidiria partir para o ataque? E o que ela faria nessa hora?

Ramie parou seu pequeno SUV no estacionamento do hotel de beira de estrada, em frente ao quarto número 6. Ela tinha reservado o quarto antes e saiu para comer alguma coisa e reconhecer as redondezas e sentir se havia algo estranho ou não. E se forçou a silenciar a própria mente, mandando o pânico

embora, para ficar mais atenta ao ambiente ao redor. Com um assassino em seu encalço, ela precisava se manter calma e com os sentidos aguçados para estar sempre um passo à frente de seu perseguidor.

Lentamente, ela colocou a mão na maçaneta da porta do quarto, e foi cuidadosa o bastante para não fazer nenhum ruído quando inseriu a chave na fechadura, para não chamar a atenção. Ramie retirou a mão repentinamente, como se tivesse se queimado. A súbita explosão de ódio e crueldade, junto com a risada maldosa de seu perseguidor a fizeram vacilar. Seus joelhos fraquejaram e ela se virou em desespero, preparando-se para fugir, quando a porta se abriu e algo sombrio e hostil a agarrou pelo pulso e a arrastou para dentro, enquanto ela tentava correr.

Ramie atacou com violência e resistiu. Ela sabia que, se ele conseguisse arrastá-la para o quarto, ela estaria morta se tivesse sorte o suficiente, pois sabia que sua morte não seria simples e nem rápida. Ela já tinha entrado na mente dele e sabia como pensava. De todas as fantasias doentias que ele realizou com suas vítimas, a dela seria a pior. Ramie tentou gritar, mas ele tapou sua boca com a mão livre, em um único movimento brusco. Ela cravou os dentes na carne suja e amarga da mão dele, e ele recuou dando um gemido agudo de dor.

“Sua putinha”, ele urrou com uma voz demoníaca e cheia de ódio, que causou calafrios na coluna de Ramie. “Você vai pagar por isso.”

Ramie se voltou para ele, olhando pela primeira vez para a personificação do mal, e lhe aplicou uma joelhada na virilha. Instintivamente, para se defender, ele deu uma bofetada nela com as costas da mão, o que fez o rosto de Ramie explodir de dor. Mas isso o fez afrouxar a pegada o suficiente para que ela conseguisse se livrar das mãos dele, e ela aproveitou o momento, sabendo que talvez não tivesse outra chance de fugir.

Ela nem pensou em correr até o carro. Não havia como chegar até o veículo e entrar nele a tempo sem ser capturada novamente. Então, ela simplesmente correu, deixando todas as suas posses para trás, e saiu em disparada na direção da avenida principal, sentindo mais dores pelo esforço excessivo em seu corpo já bastante dolorido.

Ela conseguia escutá-lo vindo logo atrás. Conseguia quase *sentir* a respiração dele na sua nuca. Pior ainda, Ramie sentia a presença opressiva em sua consciência, e agora podia ouvi-lo prometendo vingança. Ela já tinha visto na mente dele a morte longa e dolorosa que teria, e sabia que era isso mesmo o que aconteceria. Ele não iria descansar enquanto não conquistasse a glória definitiva: removê-la deste mundo. Saber disso deu a Ramie a energia que ela tanto

precisava para correr mais rapidamente. O sangue quente que escorria pelo seu queixo secava depressa contra o vento, e ela ia aumentando a distância do perseguidor.

Para onde ela iria? O que faria? Ramie não tinha nada com ela, e sua bolsa com o pouco dinheiro que restava havia ficado para trás. Ela deixou escapar um lamento enquanto corria ainda mais. Já estava chegando ao fundo do poço, e suas reservas já tinham minguado para quase nada. Ela já sabia que teria de ficar na cidade seguinte, correndo o risco de ele finalmente encontrá-la, porque ela precisaria ficar em um lugar por tempo suficiente para arranjar um emprego para, assim, refazer sua reserva de dinheiro e poder continuar fugindo. Mas havia o risco de acontecer exatamente o que já tinha acontecido: ser encontrada.

Ramie arriscou olhar para trás por cima do ombro e viu que o agressor tinha desistido. Não, não devia ser bem assim. Ele jamais iria simplesmente *desistir*. O que ele faria era apenas se retirar, para dar a ela a falsa sensação de segurança, e então atacar quando ela menos esperasse. Ele tinha a espantosa capacidade de conseguir rastreá-la, o que fazia Ramie pensar que ele também talvez tivesse habilidades sensitivas. De que outra forma ele seria capaz de antecipar seus próximos passos?

Será que ele estava perscrutando a mente dela como uma sombra, desde aquele dia angustiante quando eles se conectaram por meio da vítima? Será que ela tinha, de alguma maneira, criado uma conexão com a própria personificação do mal? Só Deus sabia que ela nunca conseguiu tirá-lo dos sonhos e de cada segundo que passava acordada. Seu único momento de alívio, por incrível que pareça – embora curto – foi quando Caleb Devereaux forçou a echarpe da irmã em suas mãos. Por uns poucos momentos, ela teve uma experiência que não envolvia o homem que a perseguia. Mas foi como trocar um inferno por outro.

Naquele dia sinistro, em uma montanha no Colorado, aconteceu o que nunca tinha ocorrido antes: Ramie desabou. Embora cada vez que usasse suas habilidades para localizar aqueles monstros causasse um efeito que vinha se acumulando lentamente ao longo do tempo, aquele dia foi a gota d’água. Talvez ela nunca mais se recuperasse, já que alguns ferimentos foram profundos demais. Foi muito forte e aconteceu cedo demais, logo após o último contato que tinha tido com sangue e morte. Ramie sentiu que alguma coisa dentro dela estava realmente errada quando rolou para dentro da mente de Tori Devereaux e passou por cada momento de horror que aquela jovem vivenciava.

Talvez aquilo só tenha sido mesmo a gota d’água. De qualquer maneira, após Caleb Devereaux sair para encontrar e ajudar a irmã caçula, Ramie nunca mais

foi a mesma. E talvez ela jamais voltasse a ser.

Será que a morte era tão ruim? Ela sentia como se morresse toda vez que entrava na mente de alguma vítima indefesa. A maioria das pessoas só encara a morte uma vez, mas Ramie já a havia encarado diversas vezes. Talvez, ela finalmente encontrasse a paz quando morresse. Só que isso significaria a vitória do homem que a perseguia, e ela se recusava a deixá-lo vencer. Ele não iria parar, pois acreditava ser um deus em sua mente doentia e transtornada. Mas enquanto ele estivesse focado nela, pelo menos as outras mulheres estariam livres do risco de se transformar em vítimas daquele sádico. Isso era motivo suficiente para Ramie continuar lutando.

Isso era motivo o suficiente para ela sobreviver.

Ela parou, e suas pernas se recusaram a dar mais um único passo. Havia um posto de gasolina logo em frente, e Ramie se apoiou nos joelhos respirando rápido. Ela começou a chorar, tomada pela sensação de um futuro sombrio. Não fazia a menor diferença ela se recusar a dar a vitória para aquele desgraçado. Não havia para onde ir. Não havia nenhum lugar para acolhê-la. Não havia nenhum porto seguro.

Então, o rosto de Caleb Devereaux apareceu na mente de Ramie, e as palavras que ele disse antes de sair voltaram a ressoar em sua cabeça. Havia arrependimento sincero em seus olhos quando ele percebeu as consequências do que tinha feito Ramie passar. *Eu vou voltar, Ramie. Pode contar com isso. Vou retribuir o que você fez, nem que seja a última coisa que eu faça na vida.*

Um ano antes, ele virou o mundo dela de cabeça para baixo e a obrigou entrar nesse ciclo interminável de fuga. Talvez agora ele fosse sua única salvação. Caleb estava em dívida com ela. Ramie tinha salvado sua irmã. Agora era hora de cobrar essa dívida. Ela não queria nem chegar perto dele, não queria se lembrar do quanto tinha sofrido por causa do que ele a tinha obrigado a fazer, mas Ramie não tinha nenhuma outra opção disponível. Caleb era sua última e única esperança. Ninguém mais seria capaz de entender. Quem iria acreditar nela? Caleb tinha testemunhado o preço que ela precisou pagar para salvar a irmã dele. Ele jamais seria capaz de contestar as habilidades dela.

Ramie não odiava Caleb pelo que ele tinha feito com ela, e talvez devesse odiar. Mas, se estivesse no lugar dele, será que ela agiria de maneira diferente se precisasse salvar uma vida? Não, ela não o odiava. Ela não conseguia sentir nada a não ser um cansaço esmagador e a sensação de que ela tinha perdido um pedaço importante de si mesma para os monstros que ela ajudava a colocar na cadeia. Eles se transformavam em parte permanente de Ramie, e estavam

gravados em sua própria alma. Eram manchas que jamais poderiam ser removidas dela.

Não, Ramie não conseguia sentir ódio ou ressentimento em relação a Caleb Devereaux, mesmo sabendo que se ele se recusasse a ajudá-la, ela estaria completamente condenada. Mas ela não seria capaz de condená-lo se ele não quisesse ajudá-la. Ela representava tudo o que, com certeza, ele e a irmã queriam esquecer. Se fosse ajudá-la, estaria reabrindo uma porta que havia sido fechada um ano antes.

Ramie fechou os olhos e retomou o fôlego após várias respirações ritmadas. Caleb *tinha* de ajudá-la. Ela não iria considerar nenhuma outra possibilidade, apenas precisava dar um jeito de entrar em contato com ele.

Primeiro, Ramie precisava de um lugar seguro para fazer um telefonema. Só que ela nem ao menos sabia *como* entrar em contato com Caleb. Ela tinha pesquisado sobre ele e sabia que era um homem bastante rico, de família tradicional e influente nos círculos da alta sociedade. Mas isso tornava as coisas mais difíceis e não mais fáceis, já que significava que conseguir acesso a ele seria muito mais complicado. Ela seria uma pessoa de sorte se conseguisse qualquer tipo de contato com ele. Pessoas como Caleb não atendem o próprio telefone, e talvez fosse preciso passar por vários intermediários antes. E depois do que aconteceu com a irmã, ele provavelmente tinha se protegido ainda mais que antes. Entrar em contato com ele seria mais ou menos como tentar telefonar para o presidente. Tudo o que Ramie podia fazer era torcer para dar certo. Ela precisava encontrar algum lugar para fazer a ligação. E, antes disso, ela precisava conseguir acesso à internet.

Pense, Ramie, pense! Use a cabeça para outra coisa além de entrar em contato com o mal.

A biblioteca, é óbvio.

Aliviada por ter conseguido algo que se assemelhasse a um plano, ela caminhou até o posto de gasolina e pediu orientações para chegar até a biblioteca local. Quando o frentista disse a ela que estava a cerca de três quilômetros de distância, Ramie desanimou. Era uma longa caminhada e ela precisaria correr para chegar lá antes que fechasse. Não havia como pedir um táxi, pois ela estava sem um centavo, e caminhar no campo aberto seria um risco enorme, porque provavelmente *ele* ainda estava lá fora em algum lugar, aguardando e observando. Não deveria estar muito longe. E talvez Ramie não tivesse uma segunda chance para escapar das garras dele, já que daquela vez ele certamente estaria esperando que ela resistisse.

Sabendo que estava apenas adiando o inevitável, ela confirmou o caminho com o frentista e partiu em uma caminhada acelerada, observando atentamente as redondezas para qualquer sinal de seu agressor. Ramie conseguiu chegar à biblioteca minutos antes que fechasse, e a onda de ar fresco que recebeu no rosto foi muito bem-vinda. Ela se sentiu desconfortável sob o olhar atento da bibliotecária, mas então lembrou que seu rosto estava manchado pelo sangue seco e também com um hematoma. Ela provavelmente parecia ser uma vítima de violência doméstica, o que explicaria o olhar de pena daquela senhora. Talvez aquilo ajudasse, e a bibliotecária concordasse em deixá-la usar o telefone para uma ligação.

Ramie acessou a internet de um dos computadores e fez uma busca por Caleb Devereaux. Ela viu que ele era dono de uma empresa de segurança, criada no ano em que a irmã dele foi sequestrada. Ramie não tinha como saber se conseguiria chegar até Caleb por meio da empresa, mas precisava tentar. No mínimo, poderia conseguir que enviassem uma mensagem até ele. Mas como ele poderia entrar em contato com ela? Ramie não tinha nenhum telefone ou residência... Não havia como Caleb ligar de volta. Ela fechou os olhos, tomada pelo desespero. Era tudo ou nada, e ela tinha uma única tentativa. Se não conseguisse falar com Caleb, Ramie não saberia mais o que fazer. Se não conseguisse falar com Caleb, ela iria morrer com certeza. Ramie memorizou rapidamente o telefone, se encheu de coragem e caminhou insegura até a mesa da bibliotecária.

“Senhora”, Ramie disse em voz baixa. “A senhora poderia me deixar fazer um telefonema? Estou sem nada. Minha bolsa e tudo o que eu tinha foi roubado.”

“Oh, pobrezinha! É por isso que seu rosto está assim? Você foi assaltada?”

Ramie assentiu com a cabeça, e não sentiu nenhum remorso pela mentira.

A bibliotecária pegou seu próprio telefone celular e entregou a ela, colocando sobre o balcão.

“Por que você não vai até aquele canto para fazer sua ligação? Tem um lugar lá para sentar”, a bibliotecária disse gentilmente. “Nós vamos fechar já, já, mas eu vou esperar até você terminar.”

“Muito obrigada”, Ramie disse com entusiasmo. “A senhora é muito gentil e agradeço muito por isso.”

A mulher apenas sorriu e gesticulou com o braço para ela ir fazer a ligação.

Ramie digitou os números enquanto caminhava até a cadeira no canto. Seu corpo todo estava dolorido, e ela estava tão cansada por causa de tantas noites

insones que mal conseguia ficar em pé. A ligação foi atendida no segundo toque por uma voz masculina e séria.

“Devereaux Security.”

“Preciso falar com Caleb Devereaux”, Ramie disse. “É uma questão de vida ou morte.”

O atendente hesitou, pensando em como isso tinha soado estranho e clichê. Todo mundo que queria falar com Caleb devia dizer a mesma coisa. Além disso, ela estava ligando para uma empresa de segurança. Todo telefonema que eles recebiam provavelmente era uma questão de vida ou morte.

“Seu nome?”

O homem parecia entediado, como se de fato ele recebesse esse tipo de ligação todos os dias. Ramie sentiu a garganta fechar de medo. *Meu Deus, não permita que esse homem me ignore.*

“Ramie St. Claire”, ela disse, tremendo tanto que seus dentes rangiam e tornavam suas palavras quase ininteligíveis. E logo agora, ela pensou, quando ela precisava soar o mais clara possível. Ramie cerrou a mandíbula e falou entredentes. “Como disse, é fundamental que eu fale com Caleb. Se você disser meu nome, ele vai atender a ligação.”

“Aguarde um instante, por favor.”

A chamada foi preenchida pelo som de uma entediante música de fundo, enquanto Ramie ficou lá sentada, aguardando e rezando, morrendo um pouco a cada segundo que passava. Ela já estava esperando havia vários minutos quando olhou com nervosismo para a mesa onde a bibliotecária certamente a aguardava encerrar a ligação. A mulher olhava para Ramie com ansiedade, o que só servia para deixá-la ainda *mais* ansiosa. O desespero chegou e se fez sentir sobre seus ombros, fazendo-a se curvar, quando percebeu que ninguém iria atender. Ela começou a baixar o telefone para encerrar a ligação quando uma voz diferente de homem surgiu na linha.

“Ramie? É você? Onde você está? Está tudo bem?”

Ela reconheceria aquela voz em qualquer lugar, já que a escutava com frequência durante os sonhos, em meio às vozes dos outros. Só que, por uma estranha razão, ela encontrava conforto na voz dele e não havia nenhum motivo para isso. Afinal, foi por culpa dele que ela estava à beira da insanidade. Ainda assim, o alívio que sentiu fez Ramie fechar os olhos com força e se perceber fraca e trêmula, a ponto de achar que iria desmaiar. Se não estivesse sentada, teria desabado por lá mesmo.

“Sim”, ela disse com a voz rouca. “Preciso de sua ajuda, Caleb. Você me

deve isso.”

Ramie não hesitou em fazer a exigência, afinal Caleb realmente tinha uma dívida com ela. E em se tratando de sua vida, Ramie não tinha motivos para se desculpar pelo próprio orgulho.

“Me diga onde você está”, ele falou firmemente. “Eu vou até aí agora mesmo!”

Ela apoiou a testa na mão livre, tentando organizar os pensamentos confusos. Ramie sentia o estômago queimar, em parte pelo medo, em parte pelo enorme alívio que sentia. *Ele disse que viria. Caleb não fez perguntas nem deu desculpas. Apenas disse... eu vou,* ela pensou.

Será que ela estava sonhando? Será que tudo aquilo era mais um sonho em que Caleb Devereaux e os demônios de seu passado se misturavam? Será que Ramie estava condenada a ser atormentada para sempre por tantas personificações do mal? Mas Caleb se destacava como a única coisa boa em um mar de medo e dor.

“Estou em Shadow, Oklahoma”, ela finalmente conseguiu sussurrar. “Tem alguém me... estou com problemas. Estou com *medo*!”

As palavras que saíram de sua boca eram tão confusas quanto seus pensamentos. Ramie não conseguia concatenar algo que fizesse sentido, não conseguia fazer a boca colaborar com seu raciocínio.

“Está bem, respire, Ramie. Se acalme um pouco e pense antes de falar, e aí me diga exatamente onde você está e o que está acontecendo.”

A voz de Caleb acalmava Ramie como se a tivessem enrolado em um cobertor quente. A segurança implícita nas palavras de Caleb era a melhor coisa que ela já tinha escutado na vida. Mas e se ele chegasse lá tarde demais?

“Alguém está tentando me matar”, ela sussurrou para que a bibliotecária não escutasse. “Eu quase não consegui escapar dele. Ele estava dentro no meu quarto de hotel, e assim que toquei na maçaneta eu sabia que ele estava lá. Precisei deixar meu carro, minha bolsa, tudo para trás. Eu simplesmente saí correndo. Não tenho nenhum lugar para ficar, não tenho nenhum dinheiro. Estou *apavorada*!”

“Vai ficar tudo bem”, ele disse com uma calma que ela, com toda a certeza, não tinha. “Vou arranjar um lugar seguro para você passar a noite e vou chegar aí o mais rápido possível.”

“Mas estou sem documentos”, ela disse, com o estômago doendo de pânico. “Não posso entrar em um hotel sem documentos e sem cartão de crédito. E estou com medo de ir para qualquer lugar porque ele pode estar lá me esperando.”

“Ramie, me escute. Eu *vou* cuidar de tudo. Já estou vendo o que posso fazer na cidade onde você está. Em que lugar você está agora?”

“Estou na biblioteca pública, mas eles já estão para fechar”, Ramie disse, olhando para a bibliotecária novamente.

“Está bem, preste atenção no que eu vou fazer... Vou mandar um carro até aí, e o motorista vai levar você para fora da cidade, para passar a noite em alguma cidade vizinha. O nome do motorista é Antônio. Não entre no carro com ninguém a não ser ele. Antônio vai dar um jeito de arrumar um hotel para você e fique quieta por lá até eu chegar.”

O alívio que sentia quase derrubou Ramie.

“Você entendeu, Ramie?”

“Sim”, ela sussurrou. “Quanto tempo até ele chegar aqui?”

“Dez minutos no máximo.”

“Como é possível você arrumar tudo isso rápido assim?”, ela perguntou espantada.

“É o meu trabalho”, ele respondeu lacônico. “Minha rede de contatos é bem extensa. Agora eu preciso desligar para falar com meu piloto. Estarei aí assim que possível.”

Ramie encerrou a ligação e caminhou lentamente até a mesa para devolver o telefone.

“Você está bem, querida? Deu tudo certo?”

Ramie assentiu, ainda atordoada.

“Alguém virá aqui me buscar.”

“Você quer que eu espere com você até chegarem aqui?”

Ramie nem se preocupou em fingir que não queria incomodar a mulher. Ela assentiu com entusiasmo.

“Muito obrigada mesmo, a senhora foi muito gentil comigo. Sim, eu vou me sentir muito melhor se a senhora esperar lá fora comigo. Me falaram que vão chegar em dez minutos, mais ou menos.”

A bibliotecária acariciou a mão de Ramie e sorriu de forma tranquilizadora.

“Vamos ficar aqui dentro até alguém chegar para pegar você. Eu tranco tudo aqui quando estivermos saindo.”

SEIS

Caleb estava completamente tenso quando o avião pousou no pequeno aeroporto municipal, a vinte minutos de distância de Shadow, em Oklahoma. Da mesma forma como tinha sumido repentinamente da face da Terra, Ramie reapareceu subitamente. E ela estava com problemas.

Caleb jamais tinha perdido a esperança de localizar Ramie para, de alguma maneira, recompensá-la pelo que ela tinha feito por ele e por sua irmã. Quanto mais o tempo passava, mais Caleb começava a aceitar o fato de que talvez jamais a encontrasse, mas ele ainda mantinha alguns investigadores e nunca economizou um centavo na tentativa de encontrar Ramie. Às vezes, para poder aliviar a própria culpa, Caleb dizia a si mesmo que ela não *queria* ser encontrada e que ele deveria deixá-la em paz como forma de reparar o que tinha feito. Mas, finalmente, ela acabou vindo até ele. Talvez agora ele conseguisse pagar sua dívida, no fim das contas.

O desespero que escutou na voz de Ramie continuava marcado em sua mente. Ele pôde perceber o medo que ela sentia, como se Ramie estivesse sentada à sua frente. Alguém estava tentando matá-la, mas quem? Caleb estava frustrado com a falta de informações, mas ele não seria capaz de arriscar a vida de Ramie fazendo-a responder perguntas enquanto estava em perigo, cujas respostas, de qualquer maneira, ele obteria logo mais. Caleb estava decidido a ir a fundo naquele assunto e a descobrir a real extensão do perigo que Ramie estava correndo; mas primeiro ele iria encontrá-la e depois faria o que fosse preciso para garantir sua segurança. Caleb não iria falhar com Ramie da mesma forma como tinha falhado com Tori.

Os instintos protetores de Caleb estavam aguçados. Tudo o que ele conseguia visualizar era o corpo frágil de Ramie encolhido no chão da cabana na montanha, sofrendo com o inimaginável. O choro silencioso de Ramie machucou a alma de Caleb e o deixou derrubado, junto dela, e com o coração partido. Ele faria qualquer coisa para mantê-la em segurança. Nenhum preço seria alto demais para zelar pela vida da mulher que passou o inferno para salvar sua irmã caçula.

No ano que passou procurando por ela, Caleb chegou a sentir que compreendia bem Ramie, ao menos tanto quanto se poderia compreender alguém que sempre teve uma vida solitária e isolada, até onde se sabia, embora todos os relatos sobre ela não passassem de rumores. Mas a imagem daquela mulher vulnerável e ao mesmo tempo inacreditavelmente forte ficou marcada em Caleb durante todos os dias, até que ela se tornou uma obsessão. Embora ela tivesse uma aparência frágil – e talvez fosse mesmo frágil –, nenhuma mulher que sofreu o que ela sofreu incontáveis vezes para salvar vítimas de crimes abomináveis poderia ser considerada qualquer coisa que não forte e resiliente.

Caleb ficou atormentado ao pesquisar caso por caso das vítimas que Ramie ajudou a salvar. Ele obteve uma perspectiva completamente diferente de quando tinha investigado a vida de Ramie para ver se ela poderia ajudar no caso de Tori. Agora ele sabia o que Ramie tinha sofrido em cada caso que ajudou. Caleb não tinha a menor ideia de como ela conseguia continuar oferecendo sua ajuda quando sofria tanta dor, mas isso certamente explicava como ela tinha chegado ao limite.

Ramie tinha um histórico de quase cem por cento de sucesso em ajudar a prender aqueles maníacos e degenerados. Houve apenas dois casos em que os monstros conseguiram escapar dela. Um havia ocorrido apenas seis meses antes de Ramie sumir e se esconder, o que tinha obrigado Caleb a entrar naquela busca desesperada por ela. O outro caso foi o do sequestrador de Tori, que ainda estava em liberdade. Ele ainda estava lá fora, fazendo novas vítimas entre as mulheres. Será que o caso de seis meses antes foi o que tinha causado o colapso mental de Ramie? Será que ela se sentiu culpada por não ter conseguido fazer prenderem o homem?

Caleb entrou rapidamente no carro que o aguardava, dando ordens precisas para que o motorista o levasse até o hotel onde Ramie estava. O que ela não sabia é que Caleb não tinha simplesmente a colocado em um hotel sem nenhuma proteção. Antônio e outros dois homens estavam estrategicamente posicionados ao lado do quarto e no saguão, de modo a poderem reagir imediatamente caso alguém tentasse entrar no seu quarto. Até Caleb ouvir da boca de Ramie com quem eles estavam lidando, ele não queria arriscar a vida dela de maneira nenhuma.

Vinte minutos depois, o carro que o levava parou sob o toldo do hotel, e Caleb saiu, caminhando rapidamente para dentro do edifício. Foi recebido por Antônio, que relatou que tudo estava tranquilo e que nada tinha acontecido desde que Ramie tinha chegado ao hotel.

Caleb conferiu as horas no relógio e viu que já eram mais de 2 horas da madrugada. Ele odiava a ideia de acordar Ramie, mas, de qualquer maneira, não acreditava que ela estivesse dormindo. Ela estava em pânico e assustada demais ao telefone. Caleb supôs que ela não dormia bem havia dias, se não fossem semanas.

“Mantenha sua posição e ordene aos outros dois homens que façam o mesmo”, Caleb disse enquanto caminhavam na direção do elevador. “Quero Ramie sob vigilância constante até eu a levar para fora daqui.”

“Sim, senhor”, Antônio respondeu com firmeza. “Não sairemos daqui até segunda ordem.”

“Eu agradeço por você ter agido com tanta rapidez neste caso”, Caleb disse.

Antônio assumiu uma expressão séria.

“Quem quer que seja o desgraçado, ele conseguiu botar as mãos nela por pelo menos alguns minutos. O rosto dela está bem machucado. Fico até surpreso que ela tenha conseguido escapar de uma situação dessas.”

Caleb imediatamente ficou furioso. Ramie mencionou rapidamente o encontro com o criminoso, mas ele não tinha parado para pensar que ela podia ter se ferido. Caleb meneou a cabeça, ainda incrédulo por alguém ser capaz de machucar uma mulher tão pequena e delicada.

Quando eles se encontraram pela primeira e única vez, ela parecia oca, quase como se estivesse doente havia tempos. Só agora Caleb entendia que o que Ramie tinha era muito pior e muito mais devastador emocional e fisicamente do que passar por um período doente. Pelo fato de ter contribuído com o fardo já insuportável dela, de ter aumentado ainda mais tudo o que ela tinha de suportar diariamente, de ter seu sono torturado por ter visto tanta maldade, tantas vezes, Caleb sentia-se culpado – e com um arrependimento sincero –, e isso o devorava por dentro todos os dias que ele passava sem conseguir localizar Ramie.

Nos piores dias, Caleb pensava se Ramie ainda estava viva. O desespero e a aflição que ele tinha visto no olhar dela, somados à sua expressão resignada e desanimada, o levavam a crer que ela poderia tentar de tudo para encontrar a paz. Ela poderia se matar.

Ramie criaria coragem para isso se ela não tomasse cuidado, se ela se tornasse negligente, se viver ou morrer simplesmente não importassem mais. A morte significaria a chance de escapar do inferno que era a sua vida cotidiana. E que diabos ele poderia fazer para ajudá-la a se curar? Se é que algum dia ela poderia *ser curada*. Caleb viu o estrago que os eventos do ano anterior tinham causado – e ainda estavam causando – na sua irmã, e ela felizmente só tinha

passado por aquilo uma vez, o que era mais que suficiente, mas Ramie havia sofrido esse tipo de horror não uma, nem duas, mas dezenas de vezes. Caleb não fazia ideia de como ela conseguia lidar com tudo aquilo sem enlouquecer.

Talvez ela já estivesse louca. Talvez ela jamais fosse capaz de voltar ao normal. Talvez não existisse nada que ele pudesse fazer a não ser assistir, impassível, a ela perder mais um pedaço de sua alma, até não sobrar mais nada além da mera casca de uma mulher que ela foi um dia.

Ramie tinha só 25 anos, e havia muita vida pela frente. No entanto, quando Caleb encarou aqueles olhos inexpressivos, sem vida, achou que ela parecia muito mais velha, muito mais acabada. Parecia que ela arrastava o peso de cem vidas, que tinha sofrido o que a maioria das pessoas não sofreria nem em *dez* vidas. Tudo isso abafava e sufocava qualquer fagulha de vitalidade que pudesse haver em Ramie.

A questão era que ela estava ajudando as vítimas desde quando era uma jovem garota, desde quando as preocupações de alguém de sua idade deveriam se resumir a tirar boas notas, sair com as amigas e arranjar um namorado. Com certeza, alguém nova e indefesa como ela não deveria se preocupar com a responsabilidade de ter nas mãos o destino e a vida de vítimas de sequestro. Caleb percebeu claramente que Ramie nunca teve infância e se viu obrigada a crescer e assumir responsabilidades adultas cedo demais.

Ele sentiu o coração partir de compaixão ao pensar na garota que Ramie um dia foi e também na mulher que ele poderia ter ferido de forma irreversível, no desespero de salvar *seu* ente querido. Será que Ramie já teve algum ente querido? Em tudo o que pesquisou, parecia que ela nunca teve uma família estável, jamais teve o amor incondicional de uma família e, com certeza, nunca soube o que era viver sem ter as responsabilidades sufocantes que ela precisou assumir tão jovem.

Caleb sentia-se exausto e culpado, porque sabia no fundo do coração, que se tivesse de fazer tudo de novo, ele não teria agido de outra forma. Se ele não tivesse encontrado Ramie exatamente quando a encontrou, sua irmã teria morrido no dia seguinte. Mas saber disso não tornava as coisas mais fáceis, e só aumentava a determinação de Caleb para garantir que Ramie não sofresse mais.

“Você está com a chave do quarto dela?”, Caleb perguntou, externando sua impaciência. Ele queria logo entrar para ver por si mesmo o quanto Ramie tinha se machucado.

Antônio fez uma careta e negou com a cabeça. “Ela não deixou. Estava assustada demais e obviamente não confia em mim, e não posso culpá-la por

isso. Ela se enfiou no quarto e duvido muito que vá abrir a porta. Eu queria carregá-la até dentro do quarto, mas ela deixou bem claro que eu não deveria tocá-la. Ela manteve distância de mim o tempo todo e se trancou assim que entrou no quarto."

"Droga!", Caleb sussurrou. "Bem, o quarto está registrado no nome dela, mas também no meu. Vou pegar uma chave na recepção."

"Não vai servir para nada se ela trancou a porta por dentro. No lugar dela, é o que eu teria feito também. Se uma pessoa está apavorada achando que alguém vai vir pegá-la e fazer só Deus sabe o quê com ela, não iria fazer a burrice de deixar esse tipo de brecha na recepção. A única chance que você tem de entrar é se ela deixar."

SETE

Ramie acordou bruscamente, pulando na cama, cheia de medo, e sentindo a adrenalina correr em suas veias. Ela escutou a batida firme na porta e ficou sentada na cama por um bom tempo. Segurando as cobertas com firmeza contra o queixo, ela olhava para a porta como se, a qualquer momento, ela fosse ser arrombada. E se *ele* a tivesse encontrado?

Ramie sentiu a boca ficar seca e não conseguia se livrar daquela sensação ruim.

Levou um bom tempo para que ela se lembrasse de onde estava e que Caleb tinha dito que chegaria logo que possível. Será que era ele? Ou será que era o homem de cujas garras ela mal tinha conseguido escapar poucas horas antes?

As mãos de Ramie tremiam, fazendo as cobertas balançarem como ondas no mar. Ela não conseguia pensar direito por causa do zumbido nos ouvidos e não queria abrir a porta sem saber o que a aguardava do outro lado. Então, ela se lembrou do olho mágico. Assim não precisaria destrancar a porta para ver quem estava lá.

Ramie saiu tropeçando da cama, quando ouviu baterem de novo. Mas dessa vez escutou uma voz vindo do outro lado.

“Ramie? Ramie, sou eu, Caleb Devereaux. Pode abrir a porta, você está segura agora.”

Em sua cabeça, ela percebeu quem era e reconheceu a voz, mas a afirmação de que ela estava segura não a reconfortava nem um pouco, porque ela sabia que não estava segura. Talvez jamais ficasse em segurança. Embora Ramie tivesse reconhecido a voz, ainda assim se aproximou da porta com cautela e ficou na ponta dos pés para conferir pelo olho mágico.

Ela viu Caleb parado no corredor, com uma expressão séria e com os cabelos desarrumados, como se tivesse saído apressado da cama para voar centenas de quilômetros até onde ela estava. Ela olhou para o relógio ao lado da cama e percebeu que, na verdade, ele nem mesmo tinha dormido. Ainda era começo da madrugada e ela tinha falado com ele poucas horas antes. Caleb realmente devia ter pegado o voo assim que desligou o telefone.

Ela franziu a testa e assumiu uma expressão carregada. Por que Caleb largaria tudo para vir atrás dela? Sim, Ramie disse que ele estava em dívida com ela, e teria dito qualquer coisa para conseguir a ajuda dele. Mas isso não significava que ele teria de aceitar o que Ramie estava pedindo. Ou, melhor dizendo, implorando desesperadamente. No entanto, ali estava Caleb, parado do outro lado da porta, aguardando que Ramie abrisse. Ela apenas precisava se livrar do objeto que lhe dava a ilusão de segurança: a porta de madeira sólida com tranca. Essa porta era extremamente difícil de ser arrombada por um único homem, caso ele quisesse invadir o quarto.

Por um momento, ela não conseguia fazer nem as próprias mãos colaborarem. Elas estavam tremendo quando Ramie tentou destrancar a porta. Ela se atrapalhou durante vários segundos, incapaz de abrir a fechadura corretamente. As mãos de Ramie transpiravam e suas pernas tremiam, e ela sabia o que isso significava. Já estava acostumada com os ataques de pânico, mesmo que tivessem começado apenas um ano e meio antes, quando o assassino escapou da polícia e deu início à caçada obsessiva por ela.

Quando Ramie finalmente conseguiu abrir a porta, sua respiração estava acelerada. Seu peito estava se contraindo dolorosamente enquanto ela tentava respirar, mas algo parecia impedir o oxigênio de chegar aos seus pulmões. Ela deu um passo rápido para trás quando Caleb surgiu no pequeno corredor do quarto. Ela continuou recuando e sua visão foi ficando turva, e as mãos mexeram-se agitadas pelo pânico.

Caleb olhou bem para Ramie e pronunciou todos os palavrões que sabia. Ele ficou de costas para ela apenas pelo tempo de fechar a porta, e quando se virou novamente, viu as pernas dela fraquejarem e ela cair de joelhos no chão, como fruta madura. Ramie caiu com as mãos na frente do corpo, tentando parar a queda, e o chão acarpetado abafou qualquer barulho. Caleb chegou ao lado dela rapidamente, apoiando o corpo de Ramie por baixo de seus braços e com suas mãos fortes. Ele a carregou sem fazer esforço e colocou Ramie com cuidado na beira da cama antes que ela voltasse a entrar em pânico, mas teve o cuidado de manter uma mão apoiando seus ombros, para tentar acalmá-la.

“Respire fundo, Ramie”, ele disse, com um tom de voz calmo e tranquilo. “Respire fundo senão você vai desmaiar.”

Ramie fechou os olhos, e lágrimas encharcaram seus cílios. Ela odiava se mostrar indefesa, mas isso parecia estar acontecendo com uma frequência cada vez maior. Controle era algo que ela valorizava, algo de que ela *precisava* para conseguir manter sua sanidade. No entanto, nos últimos meses, manter-se no

controle foi um luxo que Ramie não teve. Ela podia sentir-se perdendo sua sanidade um pouco a cada dia. Quando aquilo acabaria? Será que realmente acabaria algum dia para ela? A paz era um desejo muito fugaz e escorregadio. Tudo o que ela queria era poder dormir uma noite sem ser atormentada pelos monstros que tinha ajudado a colocar na prisão.

“Ramie, olhe para mim.”

A firmeza da ordem e o tom de comando na voz dele espantaram Ramie, que abriu os olhos e encarou Caleb com hesitação. Ele se ajoelhou diante dela, para que não precisasse dobrar tanto o pescoço para vê-lo, e pegou as mãos de Ramie, ignorando a reação dela ao seu toque.

Ramie se preparou para o impacto da onda de emoções que receberia. Ela iria sentir todo o lado sombrio de Caleb, o lado que ele escondia do resto do mundo. O dom dela era uma brincadeira cruel do destino, que parecia querer rir à sua custa. Porque Ramie só conseguia sentir o que havia de *ruim* nas pessoas, o mal que ficava escondido dentro delas. Ela só percebia maldade ou más intenções e jamais foi capaz de compartilhar o que havia de *bom*, como a felicidade que as pessoas sentiam, a alegria e a vontade de celebrar a vida. Ela só era capaz de ver o que elas tentavam esconder, o que jamais gostariam que os outros descobrissem.

Ramie era capaz de desenterrar os desejos mais sinistros e profundos das pessoas, como se, de alguma maneira, ela fosse a responsável por julgar e condenar o que havia na consciência delas. Não era um dom que ela queria ter e, com certeza, não era algo que ela tinha pedido para receber. Ela não era capaz de julgar os outros. Ramie queria apenas sobreviver, queria apenas *viver*. Ela gostaria de ser capaz de passar um dia comum, sem o peso esmagador de tanta maldade sobre ela. Será que era demais pedir por isso? Às vezes, ela sentia como se Ramie St. Claire já não existisse, como se ela tivesse *incorporado* o mal que vinha tentando exterminar com todas as suas forças.

Porém, quando Caleb apertou as mãos dele contra as dela, tudo o que Ramie pôde sentir foi uma decisão firme e inabalável. Não havia escuridão ou mal manchando sua alma. E não era como se ela tivesse percebido aquilo por um contato entre suas mentes. A firmeza de Caleb estava bem clara em seu olhar e em seu rosto. Qualquer idiota poderia perceber que ele era uma pessoa decidida, mas Ramie jamais tinha visto Caleb de forma diferente, já que ele foi capaz de localizá-la e foi impiedoso ao obrigá-la a encontrar e a ajudar a salvar a irmã dele.

Ramie deveria estar furiosa, berrando com ele por aquilo que havia sido a

maior das traições. Ele a tinha enviado de volta ao *inferno*. No entanto, ela não conseguia sentir nada além do torpor e da sonolência que estavam tomando conta de seu corpo a cada dia que ela ficava mais perto da *própria* morte, já que o homem que a caçava *iria* encontrá-la. Não era uma questão de *se* a encontraria ou não, mas de *quando*. E Ramie estava apenas adiando o inevitável, lutando para viver por mais um dia, torcendo para que cada dia não fosse o último. Não era possível continuar vivendo daquela maneira, com tanto medo... e conformada com aquilo. Ramie deveria se desprezar por aceitar que sua morte era certa, e isso era um sinal de fraqueza. Mas se ela realmente tivesse perdido as esperanças, não teria ligado para Caleb naquele momento de desespero. Ela não teria procurado alguém para ajudá-la e para protegê-la.

E se... e se Caleb pudesse realmente protegê-la? E se ele pudesse evitar que ela morresse de forma aterrorizante nas mãos daquele louco? Ramie tinha medo de ter esperanças, de se iludir com uma falsa sensação de segurança. Mas ela não conseguia evitar de sentir um breve lampejo de esperança bem no fundo da alma.

“Olhe para mim, fique aqui comigo. Respire fundo. Deixe o ar entrar pelo nariz e sair pela boca. Você consegue fazer isso.”

A pulsação de Ramie estava em ritmo acelerado, visível sob a pele. Ela olhava desamparada para Caleb, com uma única lágrima deixando um rastro quente sobre seu rosto, o que contrastava com o frio de gelar que ela sentia nas mãos dele.

“Não chore, Ramie”, ele disse com uma voz carinhosa. “Você está segura agora, eu garanto. Mas você precisa respirar fundo comigo, dessa maneira.”

Ramie observou Caleb inspirar profundamente algumas vezes e expelir o ar. Viu suas narinas alargarem e sentiu seu hálito quente no rosto. O ataque de pânico começou a aliviar... Aos poucos, os pulmões de Ramie, que estavam fechados, passaram a permitir a entrada de ar. Ela estremeceu, deixando a ansiedade sair de seu corpo.

“Devagar e sempre”, ele continuou com uma voz que a acalmava. “Você precisa respirar mais devagar.” Caleb ainda segurava suas mãos, e circulou gentilmente o pulso de uma delas com os dedos. “Sua pulsação ainda está rápida demais.”

Ramie ainda não tinha dito uma palavra a Caleb. A única pessoa que estava falando era ele. E agora que o ataque de pânico estava aliviando, ela não sabia o que dizer. Ele estava ali, tinha vindo, tinha atendido ao pedido dela por ajuda. O que ela diria a ele? Será que Caleb conseguiria acreditar nela?

O rosto de Caleb assumiu uma expressão séria, e seus olhos estavam

brilhando de raiva. Ramie se encolheu instintivamente quando ele levou a mão ao rosto dela. Caleb franziu ainda mais a testa com a reação dela.

“Eu não vou machucar você, Ramie”, ele falou em um sussurro.

Caleb tocou-lhe o canto da boca, onde havia um hematoma e sangue seco, que Ramie ainda não tinha limpado. O toque dele era infinitamente carinhoso, e novamente Ramie ficou surpresa pelo fato de sua mente não ter entrado naquele turbilhão instantâneo que normalmente acontecia quando as pessoas a tocavam.

Ah, ela conseguia perceber raiva. Era uma raiva agitada e profunda, mas ela sabia que estava direcionada para o homem que a atacou, para o homem que queria matá-la. Ramie não conseguiu sentir nada em Caleb, o que significava que ele não guardava nenhum segredo obscuro e não tinha nenhuma tendência violenta. Tudo o que ela conseguia sentir era o ódio voltado ao homem que a agrediu.

“Agora me conte o que você puder”, Caleb disse, sem demonstrar nenhuma impaciência em sua voz. “Você me disse que alguém estava tentando matá-la. Preciso saber de todos os detalhes para poder proteger você.”

Foi o jeito como ele falou *proteger você* que mexeu com as emoções dela. Ele não falou *ajudar você*, falou *proteger*, em um tom de voz possessivo, e que Ramie achou reconfortante. Pela primeira vez em mais de um ano, ela conseguiu experimentar um breve momento de conforto e... paz. A paz que ela queria sentir tão desesperadamente.

Eles estavam sentados em silêncio, e Caleb acariciava gentilmente o rosto de Ramie com os dedos, quando percebeu que ele aguardava a resposta dela. Ele esperava que ela dissesse algo e não que ficasse olhando para ele atordoada feito uma idiota.

Meu Deus, por onde começar?

Ramie sentiu o cansaço bater. A fadiga caiu pesada sobre ela, como se fosse uma onda quebrando em uma rocha. Os machucados e arranhões no coração e na alma doíam mais em Ramie do que os do seu corpo, causados pelo agressor algumas horas antes.

“Eu nem sei por onde começar”, ela sussurrou. “Parece tudo tão... maluco... Eu nem sei se acreditaria na minha história se acontecesse com outra pessoa.”

Os dedos de Caleb saíram do rosto dela e se voltaram para sua mão, acariciando o dorso em um movimento circular, para acalmá-la e relaxá-la. Depois, Caleb simplesmente entrelaçou as mãos dos dois e apertou seus dedos com gentileza.

“Comece por onde você quiser, eu vou escutar. E pode ter certeza de que vou

acreditar em você.”

Ela inspirou e expirou profundamente, balançando os ombros com o esforço.

“Um ano e meio atrás, eu ajudei a localizar a vítima de um sequestro. O que a pobre garota sofreu foi assustador.”

Ramie estremeceu só de falar naquilo. Apesar de todo o esforço que fazia para bloquear as cenas em sua mente, elas estavam sempre lá, e eram memórias cheias de sangue, dor e morte iminente. Aquelas memórias estavam vívidas como se tivessem acontecido no dia anterior e não há dezoito meses.

“E o que *você* sofreu junto também”, Caleb murmurou.

O olhar dele estava cheio de remorso, e seu rosto mostrava arrependimento sincero.

“Sim”, Ramie respondeu em um sussurro. “O que eu sofri junto também.”

“Continue”, Caleb a encorajou.

“O assassino nunca foi preso. E eu o chamo de assassino porque, apesar de ele não ter matado a vítima que eu localizei, houve outras, muitas e muitas outras. E eu só fui capaz de salvar uma delas.”

Ela fechou os olhos quando sentiu a dor por aquelas mulheres quase aflorando, com o pesar que ameaçava consumi-la. Depois, reabriu os olhos e focou o olhar em Caleb.

“É ele quem está tentando me matar e está me caçando já há meses. Foi por causa dele que me escondi, para que ninguém conseguisse me encontrar. Só que ele, de alguma maneira, consegue me achar, não importa onde eu me esconda. Ele sempre me encontra. Eu acho...”

Ela quebrou a conexão entre eles e baixou o olhar, porque naquele ponto a história ficava incomum. Caleb poderia achar que ela tinha ficado louca de vez.

“Você acha o quê?”, ele perguntou gentilmente.

“Eu acho que ele também tem habilidades sensitivas. Acho que é por isso que ele está obcecado por mim. Deve ser por isso que consegue me encontrar sempre, e é por isso que estou preocupada dia e noite. Juro que, às vezes, consigo sentir a respiração dele na minha nuca. Ele estava esperando por mim, dentro do meu quarto de hotel. Eu soube, logo que toquei a maçaneta, que ele tinha passado por lá, mas ele escancarou a porta e me agarrou antes que eu conseguisse correr.”

Caleb ficou com uma expressão feroz, sombria como uma nuvem de tempestade.

“Então você está fugindo faz um ano e meio?”, ele perguntou.

Ramie meneou a cabeça devagar.

“Não. Ele aguardou... Foi quando achei que tinha conseguido superar aquilo e, de certa maneira, ficar em paz, depois de ter passado por tudo aquilo para localizar a vítima, que ele entrou em contato comigo. Ele me telefonou. E não faço ideia de como conseguiu meu número. Na época, eu tinha uma residência fixa, mas nenhum número de telefone fixo, só um celular. E ele começou a me provocar, a dizer o que faria comigo e como minha morte seria lenta. Ele dizia que, no final, eu ia implorar para ele me matar e acabar com minha dor e sofrimento.”

“Que filho da puta!”, Caleb xingou.

Ele ficou em pé e começou a andar para um lado e para o outro perto do pé da cama. Então, parou por um breve momento e se voltou para Ramie novamente. Caleb tinha esfregado a mão impacientemente nos cabelos e depois segurou a própria nuca em um gesto de frustração.

“Eu obriguei você a sair”, ele disse com um tom de voz sombrio. “Você precisou ir embora por minha causa, porque temia que os outros também pudessem encontrá-la, já que eu a tinha encontrado.”

Ramie não iria mentir, mesmo que fosse para Caleb se sentir melhor. O tom de voz dela não indicava raiva ou ressentimento, apenas os fatos como aconteceram.

“Foi lá que fiquei pelo maior período de tempo. Acho que lá foi o único lugar onde ele não me achou, ou pelo menos não deu indícios de sua presença. Mas se eu estiver correta e ele for sensitivo, então iria acabar descobrindo. Ele gosta da emoção da caçada, é uma diversão para ele. Ele é um caçador de troféus, sabe, como aqueles caçadores ou pescadores que competem para bater o recorde um do outro. E quando alguém consegue, é uma emoção gloriosa, é uma adrenalina, e não há nada que se compare a isso. Ele vive para me provocar, e gosta de me fazer acreditar que escapei e estou a salvo, e, de repente, ele está lá. Ele quer me fazer sofrer, eu sou seu troféu”, ela falou sussurrando. “Eu sou o tipo de troféu que os caçadores gostam de emoldurar e colocar na parede, aquele que fica em um lugar de honra sobre a lareira.”

Caleb se ajoelhou diante de Ramie, pegou suas mãos e as uniu com as dele. Então a encarou, cheio de remorso no olhar.

“Me desculpe”, ele falou com a voz rouca. “Meu Deus, me desculpe, Ramie! Eu não sabia, não tinha como saber o que acontecia com você! Nem que eu acabaria colocando você nas mãos de um assassino...”

“Você pode dizer sinceramente que não teria feito exatamente a mesma coisa se *soubesse*?”

Para Caleb, a voz dela se assemelhava a gelo quebradiço depois de uma tempestade no inverno, embora isso fosse algo raro naquele lugar do sul, e também lembrava o som de galhos de árvores se partindo sob um peso grande demais para eles. Caleb se recusava a permitir que Ramie escapasse dele, como água por entre os dedos. Ele fechou a mão até formar um punho cerrado, como se quisesse evitar exatamente que aquilo acontecesse.

Caleb fechou os olhos e baixou a cabeça. “Não. Que Deus me perdoe, mas não, eu teria feito qualquer coisa para salvar minha irmã. Eu sei que você me odeia por isso, e você tem todo o direito de me odiar. Mas, como você mesma disse, eu tenho uma dívida com você, e pretendo quitá-la por completo.”

“Eu não odeio você”, ela disse com uma voz baixa. “Eu nem mesmo culpo você. No seu lugar, eu também teria feito a mesma coisa para salvar alguém querido.”

“Como é que você pode não me odiar quando eu praticamente causei sua morte? Quando eu a obriguei a sofrer tudo aquilo nas mãos de um psicopata? Você pode não me odiar, Ramie, mas eu com toda a certeza *me* odeio pelo que fiz.”

Ela esticou o braço e deslizou com gentileza sua mão pelo rosto de Caleb, até pegar o queixo dele. Caleb ficou visivelmente hesitante e segurou a respiração. Ele ficou tão imóvel que Ramie não conseguia nem ver se ele estava respirando.

O calor que Ramie sentia foi passando por sua mão e pelo braço, até chegar ao peito, como um verdadeiro incêndio. Ela afastou rapidamente a mão, assustada pelo jeito íntimo como tinha tocado Caleb. Mas ele pegou-a e a colocou sobre o próprio peito, prendendo-a com a sua.

“O desespero nos obriga a fazer o impensável. Como é que você pode se odiar por ter sido capaz de salvar sua irmã? Você se odiar não traz nada de bom para ela. Jamais deixe que Tori perceba seu arrependimento, porque foram as suas ações que a salvaram da morte certa. Tenho certeza de que sua irmã é grata por você ter salvado a vida dela.”

“Ela é grata a *você*”, Caleb disse bruscamente. “Minha irmã deve a vida dela a você!”

“Conseguir um refúgio para mim é pagamento suficiente, se você se considera em dívida comigo.”

“Pode contar com isso”, ele garantiu. “Você vai voltar para casa comigo, Ramie. Eu criei uma empresa de segurança com meus irmãos depois que a Tori foi sequestrada. Jurei nunca mais deixar a minha família sem a proteção adequada. Nós só contratamos os melhores homens.”

“Vou precisar dos melhores”, ela disse com a voz baixa, cheia de convicção. “Porque ele está a apenas um passo atrás de mim, não importa aonde eu vá, não importa o que eu faça. Enquanto ele não estiver morto, todas as mulheres que ele matar são de minha responsabilidade. Não consigo mais viver carregando essa culpa.”

Caleb disse um palavrão e colocou sua mão sob o queixo dela, segurando-o entre os dedos. O olhar dele penetrou fundo em Ramie.

“Eu vou proteger você, Ramie. Não faço promessas que não sou capaz de cumprir.”

OITO

Caleb observou uma infinidade de emoções rodopiarem nos olhos acinzentados de Ramie. As pupilas dos olhos dela estavam levemente dilatadas, o que fazia seus olhos parecerem enormes em seu rosto delicado. Ramie era magra, e talvez magra demais, porque as maçãs de seu rosto não eram nada carnudas. Ela tinha ombros estreitos e suas clavículas eram bastante pronunciadas, com um grande vão dentro delas.

Caleb conseguia pegar Ramie pelos pulsos com apenas o polegar e o indicador, e ele sentia seu corpo frágil. Era como se ela fosse quebrar, a menos que fosse tratada com o maior cuidado possível. E, ainda assim, ela era espantosamente linda. Ramie não era o tipo de mulher por quem ele normalmente ficaria atraído, mas Caleb percebeu que, de fato, sentia algo por ela. Só de pensar em outro homem causando mal a Ramie, isso deixava Caleb furioso, o que ia além do fato de que, para ele, nenhuma mulher deveria ser agredida por um homem. Isso tinha se tornado algo pessoal para ele. Era como se Ramie fosse sua esposa e ela tivesse sido agredida por outro homem.

Caleb não gostava da ideia de que Ramie pudesse, de alguma maneira, ainda se sentir culpada pelo assassino estar à solta, atrás de novas vítimas, e só Deus sabe quantas vítimas existiram e que ninguém nunca ficou sabendo ou que nunca foram descobertas. Se pudesse fazer alguma coisa, Caleb iria dar um jeito para Ramie parar de assumir aquela culpa idiota pelo fato de um homem escapar da polícia, dentre as dezenas que ela ajudou a prender.

Ele parou por um momento, com uma expressão séria, enquanto pensava no compromisso que desejava assumir. Sim, ele devia muito a Ramie e iria garantir a segurança dela, garantiria que ninguém jamais a machucaria novamente. Mas como se comprometeria com a difícil tarefa de tirar o sentimento de culpa dos ombros dela?

Era presunção e arrogância da parte dele achar que conseguiria acabar com a dor e com o arrependimento de Ramie. Mas se Caleb pudesse dar a ela um mínimo de paz de espírito ou qualquer coisa melhor que o inferno diário em que ela vivia, então ele moveria montanhas para tornar isso possível.

O rosto de Caleb ficou sério novamente quando ele analisou o sangue seco e o hematoma que tinham se formado ao redor da boca de Ramie. Ele soltou as mãos dela e as apoiou com cuidado no colo, antes de ficar em pé. Caleb, então, fez um sinal com o dedo.

“Não se mexa, eu volto em um instante.”

O medo instantâneo que viu surgir no olhar de Ramie deixou Caleb irado novamente com o desgraçado que estava infernizando a vida dela pelos últimos dezoito meses.

“Não vou sair do quarto”, ele disse carinhosamente. “Só vou até o banheiro pegar uma toalha quente para limpar o sangue e ver direito esse machucado.”

Ela levou a mão ao rosto, com uma expressão intrigada, como se tivesse esquecido que estava machucada. Ramie se encolheu de dor ao pressionar o hematoma com mais força do que deveria, então Caleb pegou e abaixou a mão dela, em uma ordem silenciosa para que ela parasse de se tocar e se machucar ainda mais.

Caleb foi rapidamente até o banheiro e ligou a torneira, deixando que a água esquentasse antes de encharcar e torcer uma toalha na pia. Ramie pareceu ficar aliviada quando ele saiu do banheiro, como se ela estivesse mesmo achando que Caleb iria sumir. Ele detestava ver o medo nos olhos dela e queria fazê-lo desaparecer, da mesma maneira como iria limpar a mancha de sangue em seu rosto. Mas Caleb sabia que iria levar tempo até Ramie confiar nele, não importava o que ele dissesse para tentar reconfortá-la. Então, de repente tinha ficado importante que Ramie *confiasse* nele, embora Caleb não soubesse exatamente por quê.

Talvez fosse porque Caleb acreditava que ele tinha a obrigação de quitar absolutamente todas as suas dívidas, não importava o preço. E Ramie já tinha sofrido demais por causa das ações dele um ano antes. Não havia como reparar completamente o que tinha feito, mas ele poderia ao menos pagar parcialmente a dívida que ele e sua família tinham com ela.

Só que aquele não era o único motivo para ele estar lá, a centenas de quilômetros longe da família, longe da irmã que ainda precisava demais de apoio emocional. Tori ainda estava completamente vulnerável. Ela era apenas uma sombra da pessoa que já havia sido um dia, alguém confiante e cheia de vida e energia. Aquele desgraçado tinha roubado tudo de Tori, e Caleb temia que ela jamais voltasse a ser a pessoa que era. Só aquilo já era motivo suficiente para Caleb querer matar o sequestrador, sem mencionar que *duas* mulheres tinham sofrido nas mãos dele.

Da mesma maneira que não desistiu quando estava procurando por Ramie, ele não iria desistir de encontrar o sequestrador da irmã e levá-lo à justiça. Caleb gostaria de matar o desgraçado com as próprias mãos, e não sentiria o menor remorso fazendo isso. Mas a morte era uma saída fácil demais para aquele louco. Caleb queria vê-lo vivendo no inferno atrás das grades todo dia, por muito tempo.

O rapaz então se ajoelhou novamente diante de Ramie, que tinha ficado completamente parada enquanto ele estava no banheiro. Ele começou a limpar gentilmente o sangue seco incrustado no rosto dela e deixou escapar um palavrão quando ela visivelmente se contraiu de dor.

"Me desculpe, não queria machucar você."

Ela meneou a cabeça. "Tudo bem, você não me machucou."

Ramie estava mentindo, mas Caleb não quis discutir. Ele chegou a ver a dor nos olhos dela por um breve instante, e fez questão de ser mais cuidadoso ao remover o restante do sangue.

Quando terminou, Caleb endireitou as costas e segurou o queixo de Ramie, inclinando a cabeça dela na direção da luz, para que pudesse avaliar melhor o hematoma.

"Não está tão ruim assim", ele disse. "Se você tivesse quebrado a mandíbula, o queixo estaria bem mais inchado. Mas ainda assim é bom ter cuidado. Se continuar doendo me avise, porque vamos fazer uma radiografia."

Ramie ficou corada e desviou o olhar, cheio de vergonha.

"Não tenho como pagar a radiografia", ela disse em voz baixa. "Não tenho plano de saúde e já faz tempo que não trabalho... desde que *ele* apareceu. Ele me tirou tudo, tirou minha casa, meu trabalho, minha paz. Desde que me liguei de forma irreversível a ele, não tive um único dia de paz. Ele me tirou... tudo", ela murmurou. "Eu só tinha mais alguns dólares, mas nem isso tenho agora. Precisei deixar para trás minha bolsa e meus documentos quando saí correndo do hotel. Agora estou sem nada. E estar sem documentos é como se eu nem existisse. Parece até que ele já conseguiu o que mais queria, que é me matar."

Caleb ficou carrancudo e foi tomado por uma fúria assassina. Não era só por tudo o que o homem havia feito com Ramie – persegui-la, caçá-la como um animal e ameaçar matá-la –, mas também pelo que tinha feito antes com ela.

"Você *jamais* vai ter que se preocupar com dinheiro – ou com plano de saúde – de novo." Caleb se surpreendeu por ter conseguido dizer as palavras sem soar furioso, porque sua mandíbula estava completamente cerrada de tanta raiva.

Ramie olhou surpresa para ele, com o rosto levemente ruborizado.

“Não preciso de sua caridade, Caleb. Você não me deve nada. Eu vou me virar, sempre me virei.”

Caleb explodiu antes que pudesse se controlar.

“Acontece que você não precisa de porcaria nenhuma de caridade. Você tem noção do quanto você poderia cobrar pelo que faz? A família das vítimas pagaria *qualquer* valor para encontrar a pessoa desaparecida.”

Ramie ficou com os olhos arregalados de espanto.

“Eu jamais poderia fazer isso! Seria o mesmo que fazer *chantagem*. ‘Ei, eu vou encontrar seu filho, esposa, mãe, qualquer ente querido, mas ah, olha só, meus serviços não são baratos!’ Você tem noção de como isso seria... *mercenário*... da minha parte? Eu não ia conseguir me olhar no espelho se aceitasse dinheiro que vem da violência e da morte. Pensar nisso me dá nojo!”

“Então você acaba sofrendo em silêncio, sozinha, sem ninguém para consolar *você*, enquanto as vítimas vão lá ficar junto da família e das pessoas queridas? Quem é que você tem, Ramie? Quem é que vai levantar você, quando você desaba e fica arrasada? Eu sei que dinheiro não é a solução para tudo, mas com certeza torna a vida mais fácil. E qualquer coisa é melhor do que ficar lutando pela vida sem dinheiro, tendo que fugir o tempo todo de algum demente assassino que quer acabar com você aos poucos, pedaço por pedaço, até não sobrar mais nada, até você não ter mais nenhuma saída.”

Ramie olhou atônita para Caleb, dizendo sem palavras que ele tinha tocado fundo nela. Caleb estava arrependido por ter sido tão direto. Suas palavras machucaram Ramie e a lembraram de forma bastante clara como sua situação era grave. E Caleb viu algo nos olhos dela que o deixou com vontade de enfiar a cabeça na parede.

Ele viu *derrota*.

Ele viu Ramie desistindo e aceitando que não havia esperança de mudar sua situação. Que droga, aquela não tinha sido a intenção dele! Caleb simplesmente queria deixar claro que ela não estava mais sozinha. Agora ela podia contar com alguém. Estar derrotada era não ter mais esperanças, e Ramie precisava de esperança mais do que nunca. Caleb queria dar a ela um porto seguro.

Qual foi a palavra que ela disse? Ela queria um *refúgio*. Caleb, com toda a certeza, iria conseguir qualquer coisa de que ela precisasse. E quanto a não querer saber da “caridade” dele, bem, Ramie ia precisar aceitar isso, porque não havia a menor chance de Caleb deixar ao acaso qualquer elemento da segurança, bem-estar e ajuda financeira de que ela tanto precisava. Quer gostasse ou não, agora Ramie estava completamente sob os cuidados e proteção dele. E isso

significava estar sob os cuidados em todas as áreas de sua vida, não apenas no bem-estar físico.

Caleb queria que Ramie confiasse nele, que acreditasse que ele iria cumprir sua promessa. Porque uma vez que Caleb assumisse um compromisso, ele *sempre* cumpria com sua palavra. Iria levar algum tempo até ela poder confiar totalmente nele, até acreditar que ele não iria traí-la. Isso era algo que não aconteceria da noite pra o dia, mas Caleb estava decidido a ganhar, aos poucos, a preciosa confiança de Ramie.

Ele queria ser alguém com que ela pudesse contar, talvez a única pessoa que não a desapontasse na vida. Ele iria se odiar se acabasse se tornando mais um na lista de pessoas que a decepcionaram, e que foram diminuindo cada vez mais a *capacidade* de ela confiar em outro ser humano. Isso tudo iria mudar, começando naquele momento.

Caleb tinha deixado o piloto de prontidão porque, assim que decidissem o que fazer, ele não estava disposto a ficar ali nem por um segundo a mais, com Ramie vulnerável a um ataque. Mas só porque ele estava decidido a assumir o controle não significava que ele não a manteria informada sobre os planos. É verdade que Caleb não iria aceitar um não como resposta, mas, por respeito a Ramie, ela saberia quais seriam os próximos passos, especialmente porque Ramie tinha medo do desconhecido, e Caleb sabia que ela ainda estava em dúvida se ele realmente seria capaz de protegê-la. Ramie não tinha como saber que ele estava disposto a usar todos os recursos disponíveis – independentemente do custo – para poder garantir a segurança total dela.

“Você ficou com alguma coisa sua?”, Caleb perguntou com tato, sabendo que Ramie era orgulhosa e poderia ficar envergonhada por sua situação atual.

Mesmo assim, ela ficou ruborizada, e novamente seus olhos se encheram de vergonha.

“Não”, ela sussurrou. “Tudo o que eu tinha estava no quarto do hotel, e eu larguei minha bolsa quando corri porque não queria nada que pudesse me atrapalhar enquanto eu fugia.”

“Isso foi inteligente”, Caleb falou com sinceridade. “Você fez a coisa certa, pode ter certeza. Nada é mais importante que a sua vida.”

Ela ficou obviamente espantada com a afirmação de Caleb, que segurou os palavrões que estava morrendo de vontade de dizer. Ramie reagiu como se fosse a primeira vez em que alguém deu importância à sua vida.

Será que as pessoas que ela já tinha ajudado demonstraram gratidão? Será que elas, como Caleb, não faziam ideia do que Ramie passava toda vez que

entrava na mente doentia de um assassino? Como é que Ramie pôde chegar a acreditar que sua vida não valia nada?

"Já que você não precisa fazer nenhuma mala, a gente vai sair daqui mais rápido", Caleb disse com naturalidade.

Novamente, a expressão de Ramie ficou confusa. "Aonde estamos indo?"

"Para casa, Ramie. Eu vou levar você para casa."

Os olhos de Ramie eram só tristeza e sofrimento. "Eu não tenho uma casa para ir."

"Você tem uma agora. Eu vou levar você para minha casa, que vai ser a *sua* casa agora. A segurança lá é bem forte desde que Tori foi raptada. Antes do sequestro dela, eu achava que a gente tinha um padrão alto de segurança, mas obviamente eu falhei nisso. Minha empresa contrata os melhores homens que o dinheiro pode pagar. Eles não são baratos, mas valem cada centavo para manter minha família – e agora você – em segurança."

Ramie olhou para Caleb cheia de espanto. "Quando liguei para você pedindo ajuda eu não esperava por isso, Caleb. Com certeza, não achei que você fosse me levar para sua casa. Só imaginei que você podia me dar algum tipo de proteção."

"E é exatamente isso o que eu pretendo fazer", Caleb disse calmamente. "Sua segurança estará garantida na minha casa. Lá é o lugar mais seguro para você ficar. Provavelmente, minha casa é mais protegida que o Fort Knox."

Ele sorriu quando disse isso, torcendo para que seu exagero melhorasse o humor de Ramie e quem sabe tirasse um pouco daquela tristeza quase imutável no olhar dela. Claro que Caleb estava exagerando só um pouco, porque, para uma pessoa normal, o nível de segurança deles era considerado extremo, mas ele preferia morrer a deixar alguém invadir sua casa ou raptar um dos membros da família novamente.

Como recompensa, Caleb viu um pequeno sorriso no rosto de Ramie e ficou fascinado pela covinha que apareceu em uma de suas bochechas. Ele jamais tinha visto Ramie sorrir. Mesmo o menor dos sorrisos já foi capaz de transformar suas feições completamente e varrer para longe o cansaço permanente por trás do rosto dela. De repente, ela parecia ser jovem e ter a idade que Caleb de fato sabia que ela tinha.

Mas que motivos ela teria tido para sorrir naquele um ano e meio que passou? Ou mesmo antes disso, já que ela estava sempre mergulhando em mentes cheias de maldade desde os 16 anos? Será que ela foi uma adolescente triste, como é triste hoje? É bem difícil manter o bom humor e conseguir sorrir quando você sabe que sua vida está em risco todo dia, a cada segundo.

Caleb adicionou isso à lista de coisas que se comprometeu a fazer por Ramie. Ele queria vê-la sorrir novamente, queria que fosse capaz de rir e levar a vida de forma alegre, em vez de somente sobreviver aos dias. A vida normalmente tem seus altos e baixos, mas a de Ramie parecia feita só de baixos e nenhum ponto alto para equilibrar. Poucas pessoas seriam capazes de sobreviver a uma vida assim, e no pouco tempo que ele teve de convivência com ela, foi capaz de perceber que a moça era uma sobrevivente. Ela era muito mais durona do que ele acreditava. Uma pessoa normal já teria sucumbido há muito tempo às pressões de tudo pelo que ela passou. Ou então teria desistido e facilitado as coisas para o assassino, aceitando que a morte era inevitável. Não importava o que Ramie falasse ou mesmo pensasse, Caleb sabia que ela era incapaz de desistir.

Então, o sorriso de Ramie sumiu e deu lugar à preocupação. “Não posso ficar com você lá para sempre, não posso me esconder para sempre. Eu me recuso a viver a vida assim. Prefiro morrer do que acordar todo dia pensando se vai ser meu último pôr do sol. Isso não é jeito de viver.”

Cada palavra dela estava carregada de tristeza. O sofrimento emocional de Ramie estava bem claro, como se ela carregasse uma placa enorme avisando a todo o mundo sobre esse fato. Isso fazia Caleb querer abraçá-la e reconfortá-la, ele queria poder oferecer algum tipo de alívio. Mas Ramie parecia extremamente receosa de ser tocada, e Caleb não queria que ela ficasse desconfortável perto dele. Mas ele certamente queria saber se ela o temia. Ele ficaria arrasado se ela achasse que *ele* poderia machucá-la de alguma maneira.

“Ramie, por que você tem medo que eu toque em você?”, ele perguntou gentilmente.

Ele manteve de propósito um tom de voz cauteloso e mais curioso, para não soar como se estivesse na defensiva e parecer que estava bravo por ela ter demonstrado medo dele. Deus sabia que ela tinha motivos suficientes para temer os homens. Ela já havia entrado na mente do que existia de pior no sexo masculino.

Ramie deu de ombros.

“Eu não gosto de ser tocada por ninguém. É uma reação instintiva evitar o contato com outros, porque, quando alguém me toca, eu vejo seus piores segredos. Eu vejo e sinto todo o mal que há nessa pessoa. Nunca vejo o lado *bom*, só o que há de pior. Se eu pudesse sentir nos outros a alegria, o amor, e quem sabe uma felicidade verdadeira, pelo menos *alguma coisa* positiva, então isso equilibraria as coisas e talvez eu pudesse lidar melhor com o lado sombrio que existe na alma das pessoas. Mas meu dom é a pior forma de maldição que

existe, porque só consigo ver o mal que as pessoas tentam esconder.”

Caleb ficou com a expressão preocupada e se sentiu desconfortável.

“E quando eu toquei você? O que você sentiu?”

Ele sabia que seu tom de voz mostrou que estava na defensiva, apesar de sua determinação para não soar dessa forma. Mas saber que alguém era capaz de captar coisas que ninguém mais conseguia deixava Caleb desconcertado. Ele não queria que Ramie tivesse acesso a seus pensamentos. Ele era impiedoso quando se tratava da proteção de sua família e era igualmente impiedoso no mundo dos negócios. Em ambos os casos, poderia ser malvisto por Ramie.

“Eu não consigo ler as mentes”, ela disse abatida, como se de fato tivesse lido a mente de Caleb, apesar de negar. “É difícil explicar. Não é como se eu captasse o pensamento exato, é mais uma coisa que eu sinto, não que eu sei. Eu consigo ver coisas, eventos, ações, mas não chego a realmente ler o pensamento das pessoas. Posso captar as emoções, mas só as negativas, nunca as boas. Talvez eu conseguisse lidar melhor com isso se fosse capaz de sentir a bondade nas pessoas. Talvez aí eu não fosse tão cética em relação à humanidade e pessimista em relação à nossa capacidade de fazer o mal, ou no mínimo de não sermos bons o suficiente. E se isso faz você se sentir melhor, ou ao menos achar que não o estou julgando, eu não captei nenhuma maldade em você, nada de ruim. Somente... determinação. E isso não é uma qualidade ruim, pelo menos não para mim. Mas até aí o que eu acho de você não deve ter a menor importância. Eu não sou ninguém para você e o que eu acho não deve nem passar pelos seus ouvidos.”

Caleb fechou a cara, porque a opinião de Ramie importava sim para ele. E talvez não devesse importar, mas para Caleb subitamente tudo se tornava importante, por saber que Ramie achava que ele era uma boa pessoa, apesar de seus pensamentos. E que, no fim, talvez ela fosse capaz de confiar nele.

“Seu dom não é infalível, então. Eu não sou um bom homem, Ramie. Na verdade, eu sou bem capaz de matar e machucar alguém sem hesitação, se eu achar que essa pessoa está ameaçando alguém importante para mim.”

“Mas você não percebe?”, Ramie perguntou com uma voz suave. “Proteger alguém do mal não é o mal em si. Você não se torna mal por querer castigar aqueles que representam uma ameaça verdadeira à sua família. Tudo o que captei de você foi uma firmeza inabalável, e eu não preciso entrar na sua cabeça para ver isso. Está bem claro no seu rosto e no seu olhar. Ninguém precisa ter o meu dom – ou maldição, melhor dizendo – para perceber o quanto você é decidido.”

“Mas você disse que conseguia captar violência. E meus pensamentos *com certeza* são violentos.”

Ramie sorriu, e aquele segundo sorriso que ganhou dela foi capaz de fazer Caleb perder a respiração. Ele conseguiu vislumbrar como era a verdadeira Ramie antigamente, antes de sua maldição arrastá-la para um caminho sem volta.

“O que eu capto é a verdadeira natureza das pessoas. Apesar de você ter pensamentos violentos, como vingança, represália e até assassinato, eles não fazem parte de sua essência verdadeira. Acho que poderíamos dizer que meu dom revela o verdadeiro coração da pessoa. Alguns são maus por natureza, outros são bons, mesmo que possam se desviar de sua natureza em certas circunstâncias. Mas eu consigo olhar através da fachada e chegar ao fundo da alma das pessoas, e a alma nunca muda, apesar de nossas ações e palavras às vezes indicarem outra coisa. A alma permanece constante. Algumas pessoas conseguem resistir à sua própria natureza, já outras acabam se entregando mais facilmente à escuridão que existe dentro de si e até a deixam assumir o controle.”

Ouvir Ramie explicar aquele dom inacreditável com a naturalidade de quem comenta a previsão meteorológica era espantoso para Caleb. Não era como se ele não acreditasse no dom dela, mas Caleb nunca percebeu a verdadeira extensão das habilidades de Ramie. Por desconhecimento, ele tinha assumido que era uma coisa simples, em que ela tocasse em um objeto da vítima e passasse a ser capaz de rastrear o caminho. Ele jamais tinha cogitado que as habilidades de Ramie pudessem ir tão longe e fossem tão profundas, quase em um sentido *espiritual*. Porque somente Deus supostamente conheceria o verdadeiro coração e alma de uma pessoa e poderia julgar suas intenções.

Caleb agora conseguia entender por que Ramie levava uma vida tão solitária. Ele compreendia por que ela era reclusa e evitava o contato com as demais pessoas. Como é que ela seria capaz de se proteger de outra forma? Se as pessoas descobrissem como o dom dela era poderoso, ela estaria em perigo constante. As pessoas são capazes de matar para silenciar a verdade sobre si mesmas. Não foi à toa que o pouco que ele conseguiu descobrir sobre a moça era muito baseado em rumores.

Caleb chegou a considerar Ramie egoísta, na época em que estava em uma busca frenética tentando encontrá-la para poder salvar Tori. Ele a considerou egoísta por se esconder e se recusar a ajudar as pessoas que tentavam encontrar um ente querido. *Meu Deus, como ele tinha sido babaca!* Agora que sabia o

preço que Ramie tinha de pagar toda vez que rastreava uma vítima, ele nem conseguia imaginar a razão de ela ter feito aquilo por tanto tempo. Mas agora que ele sabia que seu toque não causava mal a ela, ele a puxou cuidadosamente para junto de si, atento para qualquer sinal de que ela não rejeitasse o movimento. Mas ela não resistiu, e em vez disso se derreteu toda em seu abraço, e até colocou seu rosto no peito de Caleb, encaixando a cabeça confortavelmente sob o queixo dele.

A respiração de Ramie ficou acelerada, e seu peito se movia agitadamente enquanto estava encostado em Caleb. Ele a afastou de si rapidamente, achando que poderia estar causando mais um ataque de pânico nela, mas o que ele viu o deixou mais assustado ainda. Ela estava chorando! Era um choro silencioso, de soluços pesados e de partir o coração. As lágrimas rolavam pelo rosto dela, deixando-o encharcado. Era como se a última barreira tivesse sido superada, e algo tão simples como um abraço reconfortante tivesse resolvido o problema.

“Eu nem sei mais se não estou louca. Estou me sentindo... acabada”, ela disse, com as lágrimas caindo mais e mais enquanto ela falava. “Não sei se alguém vai conseguir me ajudar, nem se deveria. O homem que está me perseguindo é um completo sociopata. Ele não pensa em nada além de matar qualquer um que ele acredite ser um obstáculo ao seu objetivo final. Qualquer pessoa ao meu redor vai correr perigo. E não vou deixar sua irmã passar por aquele inferno de novo, não por minha causa.”

“Você esqueceu que ela escapou daquele inferno *por sua causa*?”, Caleb perguntou calmamente.

Ramie ficou em silêncio e não respondeu à pergunta dele, mas ela não tinha como negar que era verdade.

“E qual é o objetivo final dele, Ramie? Você disse que ele iria matar qualquer um que estivesse no caminho.” Embora tivesse uma ideia de qual seria a resposta, ele queria ouvir a confirmação da boca da moça. Apesar de ele *saber* a resposta e de essa ter sido uma pergunta boba.

“Eu”, ela sussurrou. “O objetivo final dele sou eu. E enquanto ele não me pegar, várias outras mulheres vão sofrer coisas pavorosas por minha causa. Como é que eu posso pensar em me salvar sabendo que outras mulheres vão morrer para que eu fique livre dele? Como vai ficar minha consciência com isso? Ele não vai parar de torturar e matar outras vítimas inocentes enquanto não atingir o objetivo final: me matar.”

NOVE

Caleb olhava para Ramie com uma expressão que era uma mistura de total descrença com *mas que diabos você está dizendo?*.

“Não é possível você acreditar que é, e será, culpada pela morte das outras vítimas daquele torturador. Você não é idiota, Ramie. Assumir essa culpa é idiotice, você sabe disso.”

Ramie pareceu ficar furiosa na mesma hora. Seu rosto ruborizou e ela assumiu um ar de impaciência, como se Caleb não tivesse entendido o que ela estava querendo dizer. *Ah, ele entendeu direitinho sim*. Só que aquilo não fez porcaria nenhuma de sentido para ele. Ela cerrou os punhos e pressionou um deles na coxa, e repetiu a ação enquanto falava.

“Se ele não estivesse tão focado em mim, e eu não fosse tão difícil de ser localizada, então ele não ficaria tão ansioso para encontrar uma próxima vítima. Quanto mais eu consigo me manter longe dele, mais frustrado ele vai ficando e aí passa a procurar substitutas para mim. Eu sou a única mulher capaz de escapar dele e despistá-lo. Mas não porque eu seja mais esperta ou porque consiga iludi-lo de alguma forma. Eu só tenho *sorte*. Acontece que minha sorte não vai durar para sempre. E parte de mim gostaria que ele me pegasse porque eu sei exatamente com quem estou lidando. E, se eu morrer, pode ter certeza de que vou levar ele para o inferno comigo.”

“Isso não faz o menor sentido”, Caleb respondeu, dizendo o que pensava. “Juro que quero dar um chacoalhão em você. Essa é a coisa mais imbecil que eu já ouvi na vida. Você não tem culpa pelos atos de um maluco. Você não é a responsável por ele torturar, destruir e matar as vítimas. Você realmente acredita que ele vai parar depois que pegar você? Sem chance! Ele vai começar a se achar invencível depois de ter matado a mulher que foi seu maior desafio. E eu aposto que é por isso que ele está tão obcecado por você. Porque as outras mulheres são fáceis, não representam nenhum desafio. Ele gosta da perseguição e do fato de você ser difícil de pegar. Se ele conseguir matar você, isso só vai aumentar o ego dele. Ele vai achar que é invencível, que é o deus do universo demente dele. Porque depois que pegar você, quais as chances dele fracassar

com a próxima vítima? Ele está obcecado por você porque você é o Santo Graal dele.”

Caleb sabia que sua lógica tinha sido convincente. Ramie franziu a testa e ficou com o olhar pensativo. A mão dela ficou parada, mas o punho ainda pressionava com força sua coxa. Ela mordeu o lábio inferior e deixou escapar um longo suspiro, fechando os olhos, com uma expressão de cansaço e estresse.

“Acho que nunca parei para pensar no que aconteceria depois que ele conseguisse me pegar.” Ramie acenou lentamente com a cabeça, abrindo os olhos e olhando para um ponto distante enquanto continuou falando. “Mas você tem razão. Acho que ele ia acabar ficando pior, ficando mais audacioso e confiante depois que acabasse de vez comigo. Eu sou uma pedra no sapato dele. Ninguém nunca chegou tão perto como eu de capturá-lo ou de descobrir quem ele é. E não parece haver um padrão que conecte as vítimas, não há semelhanças entre elas ou características parecidas. Não há nada além da ânsia que ele tem em torturar e humilhar as vítimas, até fazê-las desejarem a própria morte.”

“Você sabe o nome dele? Qualquer informação que ajude a identificá-lo?”

Ramie olhou para Caleb com impaciência. “Você não acha que se eu soubesse como encontrá-lo já não teria feito isso? Eu mesma o mataria, e que se danem as consequências. Faria qualquer coisa para eliminar a presença dele neste planeta. Eu aceitaria passar o resto da minha vida na prisão se isso significasse que nenhuma outra mulher seria torturada nas mãos dele.”

Caleb fechou a cara, não só pela convicção com que Ramie tinha falado aquilo, mas porque ele não entendeu.

“Mas você foi tão específica quando me passou as informações para encontrar minha irmã... Mesmo que o sequestrador dela também tenha conseguido escapar, foi por uma questão do acaso, porque a polícia invadiu o lugar quando o sequestrador tinha acabado de sair. E com tantos policiais ao redor da casa, ele iria perceber facilmente o que tinha acontecido quando voltasse.”

“Ele não é como os outros”, Ramie disse abatida. “Eu falei antes que ele pode ser sensitivo também, mas você provavelmente acha que eu sou louca.”

Caleb levantou a mão.

“Não acho você louca de jeito nenhum. Eu já acreditava nas suas habilidades antes de encontrar você.” Ele hesitou antes de continuar, porque as habilidades da irmã eram um segredo muito bem guardado na família, mas Caleb também achou que compartilhá-lo poderia ajudar Ramie a confiar nele, já que ele estaria mostrando primeiro que confiava nela.

“A Tori tem alguns dons também. É por isso que não tive dificuldade de acreditar nas suas habilidades. Apesar de que, mesmo que eu não confiasse abertamente no seu poder, você teve cem por cento de acerto em todos os casos em que ajudou.”

Ramie arregalou os olhos.

“Sua irmã é sensitiva?”

“De certa forma, ela é sim. Mas vamos voltar ao outro assunto. Por que você acha que seu perseguidor também é sensitivo?”

Ramie levantou da cama, como se ela não conseguisse mais ficar parada por nem mais um segundo. Ela parecia imitar o Caleb de alguns momentos antes, andando de um lado para o outro no quarto, com o rosto pensativo.

“Não existe uma outra explicação lógica.” Ela deu uma risada seca e irritadiça, que de forma alguma transmitia alegria. “O que você não sabe sobre minhas habilidades – uma das muitas coisas que não sabia ou não sabe – é que a conexão que estabeleço com a vítima e com o agressor não desaparece imediatamente.”

Caleb ficou pálido e o sangue sumiu de seu rosto.

“O que isso significa exatamente?”

“Significa que mantenho a conexão tanto com o assassino quanto com a vítima, às vezes por horas, às vezes por dias. Já no caso do homem que está me perseguindo, a nossa conexão nunca sumiu.”

“Meu Deus!”, Caleb sussurrou. “Então sua agonia vai ainda além daquilo que você tinha sofrido! Como é que você é capaz de sobreviver a isso tudo?”

Ramie deu de ombros, como se não fosse nada de mais, mas Caleb sabia que não era assim. Ele sabia quanto tempo tinha levado para Tori voltar a se parecer com a Tori de antigamente, e ela estava sofrendo as consequências do sequestro ainda depois de mais de um ano. E Ramie não sofreu as consequências somente uma vez, como as vítimas que ajudou. Ela teve de passar por aquele sofrimento várias e várias vezes, e agora estava dizendo que a ligação não sumia depois de se livrar do objeto que tinha tocado para ajudar a localizar a vítima.

Era insuportável pensar naquilo. Como ela sobreviveu por tanto tempo sem sofrer um colapso nervoso? Mas, pelo que tudo indicava, ela teve esse colapso um ano e meio atrás. E, logo em seguida, Caleb apareceu e a arrastou de volta à tortura de que ela desesperadamente tentava escapar.

Naquele instante, Caleb entendeu o que Ramie *não* estava contando a ele, ou que talvez ele não tivesse entendido até então. Os olhos dele se arregalaram por causa do choque.

“Você ainda tem uma ligação com ele.”

Ramie fechou os olhos e concordou com a cabeça, lentamente.

“Eu devo dizer que quem tem a ligação é ele, já que eu não consigo nem pista de onde ele está. Deus sabe o quanto tentei encontrá-lo. Mas ele está encravado na minha mente de alguma forma, e é por isso que acho que ele é sensitivo ou tem habilidades paranormais. Qual outra explicação você teria para a capacidade incrível que ele tem de saber cada movimento meu? E os sonhos...”

Ramie chacoalhou a cabeça e ficou em silêncio, mordendo os lábios.

“Que sonhos?”, Caleb quis saber.

“Ele está nos meus sonhos, mas não acho que sejam sonhos de verdade. Acho que são realidade, a realidade *dele*. É o jeito que ele tem de me provocar, de não me deixar nunca esquecer, de impedir de eu tentar me curar e seguir em frente. Eu acordo de noite suando e com a respiração completamente acelerada. É por isso que tenho ataques de pânico frequentes. É ele que está fazendo isso comigo, *tenho certeza*.”

Ramie observou Caleb, tentando saber o que ele estava pensando. Será que ele desconfiava de suas habilidades? Ou será que duvidava de sua sanidade mental? Nenhum dos dois. Caleb acreditava nela plenamente.

“Ele vive como uma sombra na minha mente. Está lá, mas não exatamente. Ele nunca está presente o tempo todo, só quando faz uma nova vítima e quer me mostrar o que está fazendo com ela. É uma forma de se gabar, de me dizer que ele nunca vai parar, e que eu não tenho o poder de derrotá-lo. Ele quer me fazer sofrer e tem conseguido isso”, Ramie disse com um tom de voz magoado, o que deixou Caleb com vontade de chorar por tudo o que ela sofria e continuava sofrendo.

Aquele desgraçado estava caçando e a matando enquanto perseguia Ramie de perto. E ainda compartilhava a dor e o sofrimento de suas vítimas com Ramie, sabendo que ela iria sentir o mesmo. Quanto mais Caleb descobria sobre as habilidades de Ramie e a mente doentia do seu perseguidor, mais ele ficava agoniado com a situação. Ele passava a temer mais pela vida dela e a ficar menos confiante na sua capacidade de cumprir a promessa de protegê-la.

“Como é que você soube que ele estava no seu quarto do hotel?”, Caleb perguntou curioso. “Se você não tem uma ligação com a mente dele, e é ele quem se liga a você, ele não seria capaz de chegar sem ser detectado? Ele não consegue controlar o que você pode ver da vida dele?”

Ramie concordou.

“Na maior parte das vezes, sim. Mas desta vez foi o mais perto que ele

chegou de mim, acredito. Ou então talvez ele tenha só me observado esse tempo todo, brincando comigo. Mas... quando toquei a maçaneta da porta do quarto, senti as marcas dele. Senti uma escuridão de ódio e violência que me deixaram atordoada. Eu estava tremendo, apavorada, e antes que conseguisse fugir, ele abriu a porta e me agarrou. Consegui resistir e escapar, mas acabei ficando com isso", Ramie falou, passando a mão de leve sobre sua mandíbula machucada.

A expressão de Caleb foi ficando ainda mais séria, mas ele tentou segurar a própria reação para que Ramie continuasse falando. Ele precisava saber exatamente quem eles estavam enfrentando, sem esbravejar e assustar ainda mais a garota.

"Você acha que sou louca por dizer que ele fala comigo nos sonhos e que isso não é só o medo se manifestando no meu subconsciente?", Ramie perguntou com uma voz incrédula.

"Ramie, pela centésima vez, eu não acho você louca. Seria o cúmulo da hipocrisia eu achar isso, considerando que sei que você e minha irmã possuem habilidades sensitivas. Então com certeza não é exagero dizer que é bem possível – até mesmo provável – que existam outras pessoas como vocês duas por aí."

Ramie hesitou por um momento, como se estivesse se preparando para o que iria dizer.

"Qual é a habilidade da sua irmã?"

Caleb não podia se negar a contar para Ramie – e a confiar nela –, quando exigiu que ela confiasse nele e que contasse tudo o que estava acontecendo. E iria contar, mesmo que isso significasse quebrar um juramento sagrado entre ele, Tori e seus irmãos.

"Ela tem visões do futuro, do que está por vir. Nem sempre o significado dessas visões fica claro. Às vezes, Tori não *entende* o significado, até acontecer aquilo que ela tinha visto. É algo bem perturbador para ela, porque ela acredita que poderia evitar que coisas ruins acontecessem."

"Isso deve ser mesmo muito frustrante", Ramie disse com compaixão. Seus olhos estavam tristes e mais escuros, como se sombras do passado estivessem correndo pela mente dela.

"Pelo menos, ela não precisa viver a dor e o sofrimento dos outros. Nesse ponto, ela tem sorte. Ao contrário de você, que sofre junto com cada vítima que está ajudando. Você vê tudo, *sente* tudo."

Ramie suspirou e sentou na ponta da cama, com uma postura derrotista.

"O que vamos fazer?", ela sussurrou. "Eu jamais deveria ter pedido sua

ajuda. Vou acabar colocando você e sua família em um perigo terrível, porque ele não vai parar enquanto não me pegar. Ele não dá o menor valor para a vida de ninguém, e qualquer obstáculo no caminho dele até mim é só uma pequena irritação para ele. É como uma mosca que ele vai acabar matando."

"Sim, com certeza você deveria ter pedido a minha ajuda", Caleb retrucou. "E eu vou ajudar você, Ramie. Vou protegê-la. Isso está além da dívida que eu e minha família temos com você. Não vou permitir que uma mulher inocente – não me importa quem seja – sofra com um destino pior que a morte."

Os olhos cinzentos e tempestuosos de Ramie brilharam com uma fagulha de esperança. Ela olhava para Caleb como se estivesse com medo de acreditar no inacreditável.

"Você pode confiar em mim", ele disse. "Você me tocou e conseguiu ver minhas intenções. Sabe que eu não sou... do 'mal'. Quero que saiba que jamais vou machucar você."

"Eu sei", Ramie sussurrou.

"Então, sugiro que a gente saia daqui rápido. Ele não está longe e, se realmente tiver uma conexão mental com você, vai saber que ainda está por perto. Quanto mais tempo ficarmos aqui, mais chances ele vai ter de nos encontrar."

Ramie estremeceu de medo e pânico, seus ombros e mãos tremiam. E então ela concordou com um aceno de cabeça.

Caleb pegou seu celular e fez uma série de ligações, uma delas para se certificar de que o piloto havia reabastecido o avião e estava pronto para partir a qualquer momento. Depois, ligou para Antônio e disse a ele para aguardar do lado de fora do quarto de Ramie. Assim, formariam uma boa barreira de proteção ao redor dela no curto trajeto do quarto até o carro que estava lá embaixo.

Quando terminou, Caleb simplesmente estendeu a mão para Ramie, mostrando que era hora de partir. Com uma inspiração profunda, ela segurou a mão de Caleb e permitiu que ele a ajudasse a se levantar.

"Você está pronta?", ele perguntou.

Ramie endireitou a postura com firmeza e assentiu. "Estou pronta."

"Então vamos", Caleb disse.

DEZ

Ramie analisou Caleb de onde estava sentada no avião. Ele parecia tenso e pouco à vontade, mas talvez porque ela estivesse trazendo à tona lembranças da tragédia que tinha ocorrido um ano atrás. Ramie se sentia péssima por fazer Caleb reviver tudo aquilo, mas ela estava realmente assustada. Ela sabia que tinha chegado a um beco sem saída e que seu perseguidor estava cansando do jogo. Ele já estava pronto para escrever o capítulo final de sua mórbida fantasia e matar Ramie.

Não, ela não conseguiu nenhuma leitura concreta do perseguidor, mas quando ele entrou na mente dela, Ramie sentiu frustração e impaciência. Foi assim que ela soube que ele tinha estabelecido uma ligação com ela, uma ligação que não conseguia controlar. E ele permaneceu por lá, uma sombra escura nos recantos mais profundos da sua consciência. Ele vivia para tornar a vida dela um inferno, para que ela sentisse medo durante todos os minutos do dia, fosse acordada ou dormindo.

Ramie nunca enfrentou nada parecido. Ela conseguia rastrear e sentir o mal, bem como a dor das vítimas, mas ninguém nunca teve tanto controle sobre sua mente. Jamais ela experimentou a sensação de desamparo – e abandono – que estava sentindo naquele instante. Ele controlava Ramie, mas não fisicamente, e sim *pela mente*. No dia em que Ramie ajudou a localizar a vítima dele, quando entrou na mente do perseguidor e da vítima, ele conseguiu assumir o controle dela. Foi uma inversão de papéis, porque normalmente era Ramie quem entrava na mente das pessoas, não o contrário.

Até onde chegavam os poderes psíquicos dele? Ele controlava suas vítimas com esses poderes? Como atraía as vítimas por meio do controle mental? Era por isso que ele ficava tão frustrado com Ramie, por não conseguir controlá-la tão facilmente como as outras vítimas? Era por isso que ele a via como o desafio maior, a vitória final?

E então Ramie teve um pensamento pavoroso. Ele foi capaz de rastreá-la, assim como tinha rastreado as outras mulheres. E se ele decidisse ir atrás da irmã de Caleb, que já tinha sofrido um horror inimaginável? E se ele fosse atrás de

Caleb e de seus irmãos? Será que Ramie estaria colocando todos eles em um terrível perigo simplesmente por estar junto deles?

“Que diabos está se passando pela sua cabeça?”, Caleb perguntou.

Ramie levantou o olhar e viu que ele a olhava atentamente com o rosto preocupado.

“Você parece estar morrendo de medo.”

“E se eu estiver levando comigo a dor e a morte para você, para sua família e para as pessoas que você ama?”, Ramie murmurou. “Você vai arriscar a vida da sua irmã, dos seus irmãos e a sua própria vida também ao me ajudar. Sua irmã vai lembrar de tudo o que sofreu quando olhar para mim. Será que ela está mentalmente preparada para isso? Não existe nenhum lugar seguro onde eu possa ir que esteja longe de você e da sua família?”

Estava claro que Caleb não tinha gostado do que Ramie havia dito, mas nenhum dos dois precisava encarar a realidade. Ela apreciou o fato de Caleb ter agido rapidamente após a ligação e ter feito tudo para protegê-la. Mas, para protegê-la, não era necessário que ele se envolvesse pessoalmente naquilo.

Ramie endireitou o corpo com uma expressão séria no rosto. “Pense bem, Caleb. Você não tem ideia do que ele é capaz de fazer. Você não viu nem sentiu o que ele fez com as vítimas, mas eu sim. Eu me lembro todo dia disso e sei que ele tem coisa muito pior planejada para mim. Nunca mais vou conseguir me olhar no espelho se você ou se sua família acabarem sendo vítimas acidentais da perseguição dele contra mim. Ou caso ele perceba que, machucando vocês, vai conseguir me atingir.”

Caleb estendeu o braço para pegar a mão dela, que sentiu o calor subir e aquecer seu corpo de forma inegável. Ramie puxou a mão de volta, assustada porque estava sentindo... desejo! Ela havia sentido a mesma coisa no hotel, mas não reconheceu o que era. Agora que já não estava mais em pânico como antes, Ramie conseguia ver que havia algo, desde o momento em que Caleb entrou no seu quarto.

A julgar pela reação dele, Caleb também estava ciente de que Ramie tinha sentido que havia algo entre eles. Apesar de não ter gostado de ela ter se retraído, ele recolheu sua mão de volta.

“Eu preciso que você confie em mim, Ramie. E eu entendo que no seu lugar é difícil confiar em alguém, porque você enxerga o mal que há nas pessoas. Mas você me tocou e não sentiu nada de ruim. Então espero que isso signifique que você *pode* confiar em mim. O melhor lugar para você ficar é na minha casa, onde eu posso garantir sua segurança. Eu tenho um aparato de proteção lá que

supera o da maioria das instalações do governo.”

Caleb suspirou diante do olhar cético de Ramie.

“Além disso, eu quero você comigo. Não teve um único dia neste ano que se passou em que eu não tenha pensado em você. E não é só culpa ou remorso pelo que fiz com você. Existe algo entre nós, algo que torna nossa ligação mais próxima do que a de dois simples conhecidos. Você sentiu e eu também. E eu gostaria muito que você confiasse em mim para vermos o que pode acontecer entre nós.”

Ramie ficou boquiaberta. Caleb estava se referindo a um possível *relacionamento*? Não é possível que ele tenha dito o que Ramie achava que ele estava dizendo. Para começo de conversa, ela não tinha relacionamentos. Aquilo era impossível quando se captava apenas o que havia de pior nas pessoas, nunca o melhor.

E ainda havia o fato de que eles nem mesmo se conheciam. Sua única conexão tinha sido um mergulho em sangue e violência, uma ligação que ela não desejava, mas foi forçada a aceitar. Aquilo certamente não servia como base para nenhuma relação, muito menos uma que a envolvesse.

No entanto, Caleb estava certo sobre ao menos uma coisa: Ramie tinha tocado nele e sentido seu coração, e ele não era uma pessoa ruim. Mas isso significava que ela poderia confiar nele? Ou que poderia baixar sua guarda a ponto de deixá-lo ver como ela realmente era por dentro? Será que Ramie poderia deixar Caleb atravessar as barreiras que ela havia erguido cuidadosamente ao redor de sua alma e de seu coração?

Às vezes, Ramie sentia como se tivesse se perdido anos atrás. Ou talvez ela jamais tenha realmente existido. Ela era incapaz de ter relacionamentos, era problemática demais. E quem seria capaz de amá-la ou de se importar com ela com toda a bagagem emocional que ela tinha? A pessoa precisaria ser masoquista para se interessar por alguém que era uma catástrofe ambulante.

“Sou incapaz de ter um relacionamento”, Ramie respondeu com a voz baixa e envergonhada. “Eu tenho problemas demais, problemas com os quais a maioria dos homens não tem a menor vontade de lidar.”

Caleb olhou para ela impaciente, com um olhar levemente irritado.

“Eu não sou como a maioria dos homens, Ramie. E, caramba, eu nem sei onde é que isso vai dar. Eu com certeza não sei responder isso. Tudo o que sei é que, quando olho para você, quando eu toco em você, alguma coisa acontece comigo. Eu me sinto revirar por dentro e de repente tudo o que quero é estar perto de você. Não sei explicar isso. Você não tem ideia de como eu me senti

quando percebi o que tinha obrigado você a fazer, quando descobri que você passou por exatamente tudo o que minha irmã passou, meu Deus! Saber que, para salvar minha irmã, acabei machucando uma pessoa inocente, isso assombrou minha cabeça por um ano. Você é a última pessoa que merecia o que eu fiz com você!”

Ramie virou o rosto quando sentiu as lágrimas encharcando os cílios. Por que ela não podia ser uma pessoa normal como todas as outras? Ela nunca tinha pedido para ter aqueles dons, que eram mais uma maldição. Às vezes, ela desejava que cada caso fosse o último, que, de alguma maneira, ela ficasse sobrecarregada e esgotada mentalmente, e perdesse sua habilidade de captar o mal.

Isso era egoísta da parte dela. Não era disso que Caleb a acusava no começo? De ser uma pessoa egoísta por não querer ajudar a encontrar a irmã dele? Mas Ramie não podia continuar fazendo aquilo para sempre, não quando cada vítima ainda estava gravada a fogo em sua memória, não com as memórias terríveis que nunca se apagavam.

E os sonhos que ela tinha, meu Deus? Não bastasse apenas o maluco que a provocava enquanto ela dormia, também havia todos os outros, uma ladainha interminável de sangue, dor e morte. Quando aquilo iria acabar? Será que algum dia acabaria mesmo?

Ramie olhou desamparada para Caleb, sem saber o que dizer a ele, como responder àquela declaração ardente. Será que ele simplesmente precisava ser absolvido pelo pecado que achava que tinha cometido contra ela? Será que Caleb estava sendo motivado pela culpa?

“Não vou forçar você a nada, Ramie”, Caleb disse com a voz grave. “Só quero a chance de provar a você que vale a pena explorar isso que pode haver entre nós. Nós não nos encontramos nas melhores das circunstâncias, mas isso não significa que não possamos criar um futuro melhor para nós.”

“Estou acabada”, Ramie falou com dificuldade. “Estou acabada por dentro, que é onde importa. Nem mesmo sei se consigo amar ou mesmo gostar de alguém. Não tenho noção do que pessoas apaixonadas fazem, como agem. Tudo o que sei tem a ver com violência e morte, disso eu entendo bem. Agora, do resto, de uma vida normal com um relacionamento normal? Eu não posso dar isso a você, e não é porque eu não queira. Meu Deus, eu daria qualquer coisa para ser capaz de experimentar tudo aquilo que as pessoas consideram normal na vida delas. Estou falando de felicidade, amor, relacionamentos, ou mesmo de *namorar*, puxa vida! Não sei como agir em situações que exijam intimidade ou

trato social. Por que raios você ia querer isso na sua vida?”

Caleb saiu do assento e se ajoelhou na frente de Ramie, para que seus olhares se encontrassem na mesma altura. Então, ele apenas a pegou pelo pescoço e a puxou para ele, pressionando seus lábios contra os dela.

Para Ramie, sentir aquele beijo foi como receber um choque elétrico. Ela foi tomada por desejo, lascívia e todas as coisas que jamais tinha sentido antes. Foi arrebatador. Ramie não sabia o que fazer. No entanto, ela não precisava saber. Caleb assumiu o controle, acariciando os lábios de Ramie com a língua, fazendo-os se abrir. E quando os lábios dela se abriram, a língua de Caleb entrou e tocou a língua de Ramie com sensualidade.

Ele a beijou vorazmente, sem parar, até que ela não conseguisse mais respirar. Ramie colocou as mãos no peito de Caleb, para tentar empurrá-lo para longe, mas, em vez disso, deixou as mãos lá, tocando aquela muralha de músculos. As mãos de Ramie estavam pegando fogo, aquelas mesmas mãos que ela usava para ler a mente das outras pessoas. Mas tudo o que ela conseguia sentir dentro de si era desejo e a decisão de não empurrar Caleb. Ramie contraía os dedos, cravando as unhas no peito musculoso de Caleb. Ela nunca antes experimentou algo tão simples e delicioso quanto tocar outra pessoa daquela maneira. Logo, ela se viu acariciando Caleb com a ponta dos dedos, em movimentos leves. Ele se contraía sob o toque de Ramie, dizendo, sem palavras, que estava gostando do toque dela, tanto quanto ela estava gostando do toque dele.

Ramie deveria parar com aquilo. Caleb era perigoso para ela. Ela soube daquilo instantaneamente, de que ele tinha o poder de se conectar a ela de uma maneira que ninguém tinha sido capaz antes. A pergunta era: ela queria se conectar a ele? Ela queria a chance de viver uma vida normal, de viver tudo aquilo que nunca pôde ter, como desejo, sexo, namoro, intimidade, *diversão*?

Não importava o que a mente de Ramie pensava, o coração dela dizia algo totalmente diferente. Em vez de empurrar Caleb e romper a ligação entre os dois, que estava cada vez mais forte, ela se entregou mais ainda a ele e, com alguma hesitação, começou a responder ao toque da língua dele com a sua própria língua.

Quando Caleb finalmente terminou o beijo e se afastou, seus olhos estavam semicerrados e brilhavam de desejo. Ramie, na mesma hora, sentiu a ausência do toque dele, e o calor que a envolvia como um abraço desapareceu, dando lugar ao frio da solidão. Aquilo era algo que, até aquele momento, jamais a tinha incomodado. Ela sempre viveu e sobreviveu no isolamento sua vida inteira, mas

agora Caleb a deixou pensando pela primeira vez que talvez existissem outras alternativas possíveis. Ele segurou o queixo de Ramie com carinho, obrigando seus olhares a se encontrarem. Os olhos dele queimavam e se iluminavam de sinceridade.

“Pode deixar que eu me preocupo com o que quero para minha vida”, ele disse, com o rosto expressando uma forte decisão. “Eu já sou bem crescido e posso suportar o que vier pela frente quando se trata de algo que eu quero.”

Ramie analisou Caleb e não respondeu a mais aquela declaração ardente. Ela sentia como se estivesse na corda bamba e que um passo dado em falso a faria cair de centenas de metros de altura. Ramie estava atordoada e respirava profundamente, sabendo que precisava agir com bastante calma.

“E o que você quer exatamente?”, ela sussurrou.

“Você, Ramie. Eu quero você!”

ONZE

Ramie ainda não estava acostumada a climas mais quentes e ficou surpresa por ainda estar tão calor em Oklahoma no mês de outubro. Ela sempre tinha escolhido regiões mais frias e secas. Ficar no Colorado teria sido bom, mesmo sabendo que ela não conseguiria suportar o inverno naquela cabana decrépita em que estava quando Caleb a encontrou. Por isso, ela não estava preparada para o clima úmido quando saiu do avião com Caleb, em um aeroporto perto de Houston. Ramie sentiu o ar quente e opressivo lá de fora atingi-la como se fosse um caminhão desgovernado, e ela ficou com dificuldade de respirar. Quando parou de andar tentando respirar melhor, Caleb parou junto, segurando com firmeza seu braço. Ele olhou para Ramie com preocupação.

“O que foi?”, perguntou.

Ramie olhou para Caleb com um sorriso sem graça. “É outubro.”

Caleb ficou intrigado, e seus olhos azuis expressaram ainda mais preocupação. Provavelmente, ele achava que o último fio de sanidade de Ramie tinha se rompido.

“Deveria estar mais frio”, Ramie continuou, ainda um pouco tonta por causa da umidade. “É difícil de respirar aqui.”

“Precisamos ir logo para o carro”, Caleb disse, ignorando os comentários breves de Ramie sobre o clima. “Você está exposta demais aqui.”

Caleb insistiu para que continuassem e, assim que ela entrou no carro, um ar seco e muito mais frio a envolveu. O ar-condicionado estava no máximo e Ramie emitiu um suspiro alto de alívio.

Caleb sentou ao lado dela, dando ordens para que o motorista partisse assim que a porta foi fechada. Ramie ficou olhando pela janela enquanto o carro se movimentava, observando a redondeza, mas sem prestar atenção de fato. Ela escutou Caleb fazer diversas ligações, claramente uma para um de seus irmãos, mas nem para isso ela conseguiu se atentar. Ramie não achava que seria possível, mas ela deve ter caído no sono porque, de repente, Caleb a despertou gentilmente.

“Ramie, estamos em casa”, Caleb disse.

Ela abriu os olhos sonolenta, e piscava enquanto tentava observar a redondeza. Ramie não sabia bem o que esperar, mas tudo aquilo parecia muito... normal.

Eles saíram ao sol, e Caleb a direcionou para a porta de entrada. Eles tinham parado o carro em um acesso circular que dava para a entrada principal da suntuosa residência. Era uma casa grande, de dois andares, que mais parecia um invasor gigantesco deitado sobre o terreno. Não havia nada além de árvores ao redor. Não existiam outras casas, o terreno era privado e afastado, mas Ramie só conseguia pensar que os intrusos teriam muitas opções para se esconder. Como eles poderiam saber se alguém estaria chegando perto?

Ela se sentiu desconfortável e começou a pensar se não teria sido idiota por confiar em Caleb Devereaux. Ela tinha tomado uma decisão em um momento de pânico, não havia nada mais que ela pudesse fazer. Mas, agora que o pânico tinha passado, Ramie temia ter cometido um grande erro.

“Ramie?”

Ela percebeu que tinha parado e estava resistindo aos esforços de Caleb para fazê-la entrar na casa. Cravou os pés no chão e tentou soltar o braço que ele segurava e começou a ficar apavorada, reconhecendo os sinais de um ataque de pânico iminente.

“Aqui não é seguro”, ela conseguiu balbuciar com a voz quebradiça. “É isolado demais, fechado demais. Como é que você vai saber se alguém estiver no bosque?”

A visão de Ramie ficou turva e ela começou a xingar violentamente, com o pouco fôlego que tinha por causa da respiração acelerada. Ramie não era de chorar, mas isso foi o que ela mais fez desde que Caleb reapareceu em sua vida. Com o pouco de sanidade que lhe restava, aquela perturbação emocional era exatamente a última coisa de que ela estava precisando.

Para seu completo espanto, Caleb não retrucou. Ele não tentou acalmá-la, mas simplesmente a pegou nos braços e caminhou com firmeza pela distância restante até a porta, que se abriu assim que eles se aproximaram. Então, Caleb passou por um homem que Ramie só podia imaginar ser um de seus irmãos.

“Caleb, pare”, Ramie pediu. “Me coloque no chão, por favor.”

Caleb a ignorou e a levou até a sala espaçosa, onde havia dois grandes sofás, um menor de dois lugares e duas poltronas. Ele colocou Ramie sentada no sofá menor e a segurou pelos ombros, com firmeza, obrigando-a a olhar para seu rosto.

“Respire fundo, Ramie.”

Caleb não estava sendo carinhoso como tinha sido antes. Não estava mais tão compreensivo. Ele parecia... irritado, impaciente. Parecia estar cansado por causa da falta de sono. Ramie sentiu-se envergonhada, pois sabia que estava parecendo ingrata e receosa.

“Fique calma”, Caleb ordenou, lacônico. “Você não pode perder o controle agora. Você está em segurança. Respire fundo, droga.”

As palavras de Caleb estalaram como um chicote e trouxeram Ramie de volta rapidamente. Ela ficou mais calma e a agitação que havia em sua cabeça foi amenizando. Caleb colocou na mão dela uma toalha fria, e Ramie a colocou no rosto, respirando fundo. Quando finalmente tirou a toalha do rosto, Ramie viu dois homens parados ao lado de Caleb, ambos com uma expressão indecifrável no rosto.

Que ótimo. Logo no primeiro encontro cara a cara com a família dele, ela agia feito uma louca varrida.

“Está tudo bem agora?”, Caleb perguntou com um tom de voz mais gentil que antes.

Ramie assentiu e fechou os olhos de vergonha.

“Ramie, pare”, ele disse com uma voz baixa. “Você não tem nada do que se envergonhar.”

“O que ela está fazendo aqui?”

Ramie direcionou o olhar para a porta, de onde vinha aquela voz feminina e exaltada, e viu uma jovem mulher parada ali, olhando para ela horrorizada. Sua voz era estridente, quase histérica.

Ramie não precisava que apresentassem a mulher para saber quem era. Ela a tinha reconhecido na mesma hora. Era Tori Devereaux, a irmã de Caleb. A mulher em cuja mente Ramie tinha entrado. A mulher com quem Ramie tinha sofrido junto.

“Você disse que ia ajudá-la, mas não trazê-la *aqui*”, Tori disse, elevando o tom de voz. “O que ela está fazendo aqui? Ela não pode ficar aqui, você precisa mandá-la embora.”

Tori chorava copiosamente, cheia de vergonha, enquanto encarava Ramie, que por sua vez fechou os olhos, incapaz de olhar Tori por mais de um segundo sequer. Ficou óbvio que os irmãos estavam completamente despreparados para o acesso de fúria de Tori. E, antes que pudesse esboçar qualquer reação, Tori se virou e saiu correndo.

Caleb parecia ter levado um soco no estômago. Seus dois irmãos pareciam igualmente atordoados.

“Eu vou atrás dela”, disse um dos irmãos com a voz baixa.

Ele saiu da sala, deixando Ramie sozinha com Caleb e o outro irmão. Ramie conhecia o nome dos integrantes da família, só não sabia quem era quem. Caleb era o mais velho, e Beau e Quinn eram os do meio, enquanto Tori era a caçula.

Ramie deduziu que foi Quinn quem saiu atrás de Tori e que era Beau, o Devereaux mais velho depois de Caleb, quem tinha ficado lá. Logo que Tori começou seu escândalo, Beau assumiu uma expressão contrariada. Ele olhava para Ramie como se ela fosse uma intrusa indesejável. E ela não podia culpá-lo.

“Me desculpe”, Caleb disse, obviamente espantado.

Ramie balançou a cabeça. “Não se desculpe. A reação dela não me surpreende.”

Beau ficou surpreso. “Por que você diz isso? Parece que você estava esperando isso dela.”

Ramie olhou diretamente para ele, e respondeu com a voz calma. “É porque eu sei, porque eu vi tudo. É porque eu sou a única pessoa, além dela e do sequestrador, que sabe exatamente o que ela sofreu. Você e seus irmãos não viram, vocês sabem apenas o que ela disse ou decidiu compartilhar com vocês. Ela se sente envergonhada e humilhada porque eu a vi no fundo do poço e vivi isso com ela. Eu não poderia esperar que ela me estendesse um tapete de boas-vindas, já que, enquanto eu estiver aqui, vou ficar trazendo à tona tudo o que ela está tentando esquecer com tanto esforço. E não ajuda o fato de eu saber de tudo, ao contrário de você e dos outros irmãos.”

“Meu Deus”, Caleb disse, passando a mão nos cabelos. “Eu nunca nem tinha pensado nisso...”

“É melhor eu ir”, Ramie disse e se levantou de repente do sofá. “Está bem claro que eu não preciso ficar aqui, já que vou fazer mal a ela. Eu nunca devia ter ligado para você, me desculpe.”

“Eu discordo”, Beau falou com franqueza, surpreendendo Ramie com sua resposta. Do jeito que ele olhou para ela desde que Tori começou a dar o escândalo, Ramie achava que ele queria se livrar dela o mais rápido possível. “Acho que você ficar aqui é exatamente o que a Tori está precisando. Você tem razão, não sabemos de tudo o que aconteceu com ela, nem há como compreendermos tudo o que ela passou. Mas você sabe e compreende. Eu sei que ela não vai gostar, mas já mimamos e paparicamos demais a Tori nesse ano que passou, e acho que estamos fazendo mais mal a ela desse jeito, embora seja nosso instinto tentar protegê-la e paparicá-la. Talvez seja hora de ela começar a se virar.”

“A nossa família já usou demais a Ramie”, Caleb respondeu com frieza. “Não quero que ela seja usada de novo. Nem como muleta para Tori, nem por nenhum outro motivo. Eu garanti a ela proteção e segurança, então, sim, Ramie vai continuar aqui. Mas não porque vamos usá-la como algum tipo de ajuda para a recuperação de Tori.”

Beau pareceu surpreso com a forma veemente como Caleb falava e alternava seu olhar entre Ramie e Caleb.

“Ela vai me odiar”, Ramie disse calmamente. “Ela não vai conseguir ficar na mesma sala que eu. Toda vez que olhar para mim, Tori vai saber que eu sei de tudo aquilo que ela está tentando esquecer. Eu sei das coisas que ela não compartilhou com vocês e nem com ninguém. E ela vai me odiar com todas as forças por isso.”

“Que bom”, Beau disse sem demonstrar compaixão. “Então pelo menos ela vai voltar a ter algo de humano dentro de si. Porque agora estou aceitando *qualquer* emoção vinda dela, até ódio ou raiva. Qualquer coisa é melhor que a apatia e a falta de vida que estão tomando conta da alma da minha irmã neste último ano. Você não merece ser alvo da raiva da minha irmã, Ramie, mas essa foi a primeira vez em que vi uma fagulha de vida vinda dela. Ela vive em um estado de torpor já há um ano, e eu e meus irmãos não sabemos mais o que fazer, além de observá-la morrer um pouco mais a cada dia. Se ver você aqui a faz sentir alguma coisa, então não quero que você vá embora.”

Caleb meneou a cabeça, e sua frustração e dor eram palpáveis naquela sala cheia de tensão no ar.

“Não foi por isso que eu a trouxe aqui. Nós temos uma dívida com ela, todos nós. Existe um maluco por aí que está perseguindo Ramie já há um ano e meio. Ele quase a pegou ontem. Ramie não está aqui para Tori descarregar a raiva dela, droga! Nós estamos em dívida com ela, então você e Quinn tratem de manter Tori longe de Ramie.”

Beau ficou em silêncio, com a boca fechada, apertando os lábios. Caleb pôs a mão no ombro de Ramie e gentilmente a fez se sentar no sofá novamente. Então, ele se voltou para Beau.

“Ramie acha que aqui não é seguro e está preocupada com o isolamento e com o bosque. Ela acha que nunca vamos saber se alguém estiver por lá.”

Ramie percebeu que Beau ficou espantado com o que Caleb disse, já que ele olhou para ela como se estivesse duvidando do que Caleb tinha acabado de dizer.

“Então antes de mostrar à Ramie o quarto dela, onde ela vai poder ter o descanso de que tanto precisa”, Caleb prosseguiu, “você e eu vamos mostrar por

que não há motivos para ela se preocupar.”

DOZE

Ramie apoiou a cabeça no travesseiro sem dificuldade, já fechando os olhos. Ela se sentia absorvida pela cama, e parecia estar enrolada em um abraço confortável, sem querer prestar atenção em mais nada a não ser na sensação de segurança e bem-estar. Porque se ela se permitisse pensar em qualquer outra coisa, sua sanidade iria escorregar de suas mãos.

Caleb e Beau a levaram antes para uma sala no andar principal da casa, que continha todo tipo de equipamento eletrônico e monitores de câmeras. Todo ângulo da propriedade podia ser visualizado em tempo real. Havia sensores remotos por todo o terreno e um alarme soaria se qualquer pessoa chegasse perto da casa. E, se alguém entrasse no bosque ao redor da casa, os alarmes também seriam ativados.

Havia ainda um “quarto do pânico” no andar térreo, à prova de fogo e impenetrável, abastecido com água e comida suficientes para suportar qualquer desastre natural, ou até mesmo um apocalipse zumbi.

Ramie segurou a risada que veio de repente dentro de seu peito. Com certeza não tinha graça nenhuma na situação dela, nem em ideias absurdas como a casa poder resistir a um apocalipse zumbi, mesmo que fosse verdade. O mais importante é que a casa era à prova de balas. Ou à prova de dementes assassinos e ensandecidos. Ninguém conseguiria nem mesmo espirrar no bosque sem que Caleb e seus irmãos ficassem sabendo. Isso deveria acabar com qualquer preocupação de Ramie; no entanto, lá estava ela, deitada em uma das camas mais confortáveis em que já havia estado, exausta e, ainda assim, incapaz de relaxar e pegar no sono. Ramie simplesmente não conseguia se livrar do medo, não importava o quanto seu coração soubesse que estava segura. O coração e a mente dela não entravam em um acordo, o que só aumentava a sensação de que ela estava perdendo cada vez mais sua saúde mental.

Pior ainda, a caminho do quarto que Caleb tinha reservado para ela, eles passaram pelo quarto de Tori, e o som do choro dela deixou Ramie cheia de tristeza e com uma dor no peito por causa do transtorno que sua presença estava causando. Ela não podia culpar Tori por reagir daquele jeito quando se viu cara a

cara com alguém que sabia tudo o que ela tinha passado. Não havia nada de errado com a negação dela, cada um tinha seu jeito de lidar com o trauma. Só Deus sabia como Ramie foi capaz de aprender a lidar com os traumas ao longo dos anos. Isolar cada pesadelo e deixá-lo em um canto esquecido pode não ser o jeito mais saudável de superar tragédia após tragédia, mas esse foi o único jeito que ela encontrou para sobreviver.

Em algum momento, as muralhas iriam ruir e Ramie acabaria botando para fora tudo aquilo que estava guardando dentro de si, como um vulcão em erupção. Mas, até que esse dia chegasse, ela teria de... lidar com os traumas, assim como Tori estava lidando com o trauma dela, ou não. Não era função de Ramie nem sua responsabilidade ajudar a curar a irmã de Caleb. Mesmo que quisesse ajudar, ela não saberia nem por onde começar.

Ramie colocou a mão na testa, com os olhos ainda fechados e, cansada, se aplicou uma massagem nas têmporas, tentando aliviar a tensão e a dor que sentia. Quando é que ela iria parar de fugir? Será que algum dia poderia parar de fugir e levaria a vida normal, a vida banal, que ela queria tão desesperadamente?

Se você acha que está segura – que algum dia vai estar segura – e livre de mim, você é uma mulher bem idiota. Não existe nenhum lugar para se esconder onde eu não vá te encontrar. E, quando eu te encontrar, você vai sofrer. Você vai implorar para morrer, e talvez, se você se comportar, eu tenha piedade e te mate rápido.

Ramie se levantou na cama, gritando e rompendo o silêncio que envolvia o quarto. Ela olhou rapidamente para todos os cantos do quarto, piscando rapidamente para se adaptar à escuridão, acreditando que veria o perseguidor ao lado da cama, ao lado dela.

Ela devia sair correndo, mas estava paralisada, incapaz de se mover, incapaz de respirar. O pavor que sentia era tão grande, que Ramie estava se sentindo esmagada, como se uma mão de verdade estivesse apertando seu pescoço.

Quando a porta do quarto abriu, Ramie gritou de novo, e rolou rapidamente para o outro lado da cama. Ela fez um barulho seco quando caiu no chão, e sentiu a cabeça doer. Então, apoiou as mãos no chão e ficou de joelhos, pronta para lutar por sua vida. Ramie sabia que não estaria segura ali. Idiota, idiota, idiota!

Como um animal selvagem, ela assumiu uma postura defensiva, respirando acelerado enquanto analisava as opções que tinha para escapar. Ele estava bloqueando a porta, então de repente o quarto ficou todo aceso, o que a cegou temporariamente. Ela escutou alguém chamar seu nome ali por perto, e virou-se

agitada para olhar para um lado e para o outro, no quarto bem iluminado, tentando desesperadamente ver de onde vinha a voz. Ela sentiu mãos fortes a agarrarem na altura dos ombros e começou a se debater, em um instinto de autopreservação. Ramie não estava pronta para morrer.

“Caleb, que diabos está acontecendo?”

Ramie olhou para a porta aberta e viu Beau Devereaux parado lá, vestindo apenas uma cueca estilo boxer e mais nada. Quinn chegou com uma aparência preocupada e abatida e empurrou Beau para o lado rapidamente.

“Meu Deus, isso não vai ajudar Tori”, Quinn falou.

Ramie olhou para cima, já sentindo o pavor lentamente ceder. Caleb estava ajoelhado a apenas trinta centímetros diante dela, descabelado e com os olhos injetados. Assim como Beau, ele estava apenas de cueca boxer e também estava igualmente claro que ele tinha despertado do sono pelos gritos de Ramie.

Ramie fechou os olhos, e a vergonha ficou maior que o medo.

“Vão dormir”, Caleb ordenou aos irmãos. “Eu cuido disso. Vejam se está tudo bem com Tori.”

Ramie prendeu a respiração enquanto os irmãos saíam de cena lentamente, ambos com uma expressão contrariada. Eles não tentavam esconder a irritação e compreensão era última coisa que havia em seus rostos. Não importava o que Beau tinha dito mais cedo, ele obviamente estava arrependido de suas palavras agora.

Os irmãos sumiram da vista e fecharam a porta devagar. Ramie percebeu que estava cravando as unhas nas palmas das mãos, deixando marcas na pele. Ela se obrigou a relaxar as mãos e fechou os olhos, porque não queria olhar para Caleb e ver a mesma expressão que tinha visto no rosto de Beau e Quinn.

“Eu não sou louca!”, Ramie sussurrou. “Não sou!”

Ela nem mesmo tinha percebido que estava batendo na coxa com o punho ou que lágrimas escorriam por seu rosto em silêncio. Um soluço baixo finalmente se fez ouvir, e foi um som horrível, um que Ramie jamais gostaria que se repetisse, porque era um som que lembrava derrota. Era como se aquele desgraçado tivesse vencido.

“Eu não sou louca!”, ela disse novamente, com raiva, desafiando Caleb a retrucá-la, a julgá-la.

Caleb se levantou em silêncio de onde estava, se inclinou para baixo, e simplesmente levantou Ramie. Ele a colocou com cuidado na cama e então se sentou ao seu lado e a abraçou.

Ramie inspirou e o cheiro de Caleb estava marcado nela. Ramie estava

respirando... Caleb. Era como se as peças do quebra-cabeça, uma por uma, lentamente estivessem se encaixando e se posicionando ao redor dela.

“Eu não acho que você é louca”, Caleb sussurrou no ouvido dela. “Mas eu quero saber o que aconteceu. Você não se assusta fácil, Ramie. Então, para gritar desse jeito você deve ter se apavorado de verdade com alguma coisa.”

Ramie arregalou os olhos e ficou boquiaberta enquanto olhava para Caleb como se ele tivesse enlouquecido de vez.

“Não me assusto fácil? Você inventou isso agora, de improviso, para me acalmar e passar a mão na minha cabeça dizendo que fui uma boa menina?”

“Hã... não sei qual é a resposta certa para esse tipo de pergunta, então vou apenas reafirmar minha opinião de que você não se assusta com facilidade.”

Ramie fungou e limpou o rosto molhado de lágrimas nos travesseiros macios onde sua cabeça deveria estar, se não fosse pelo psicopata que a perseguia e a aterrorizava.

“Estou apavorada”, Ramie disse sem fazer cena. Ela falou aquilo de forma direta, como se fosse dizer algo óbvio. Mais ou menos como dizer que o céu é azul exceto nos dias em que está cinzento, e que ele às vezes fica escuro e também nublado.

O tom de voz de Caleb estava irritado, embora ele continuasse segurando Ramie com firmeza contra seu corpo. Ramie estava totalmente aninhada nele, e o corpo de Caleb cercava o dela e lhe propiciava um porto seguro. Ela reconheceu o que estava sentindo, que era um doce alívio. Porque, enquanto Caleb a mantivesse naquele abraço, nada nem ninguém poderia machucá-la.

“O que deixa você apavorada, Ramie?”, Caleb perguntou carinhosamente. “Você viu nosso sistema de segurança. Nós contratamos alguns dos militares mais inteligentes dos Estados Unidos. Comparado a eles, um cara qualquer na rua, igual o vagabundo que está atrás de você, fica parecendo uma criança no jardim de infância. Aliás, aposto que as meninas do jardim de infância dariam cabo dele rapidinho. Você já viu essas meninas? Vou dizer pra você que elas são assustadoras de verdade. Eu tiro o chapéu para qualquer um que sobreviva a um dia inteiro cercado por tantas meninas *e* meninos de 5 e 6 anos.”

Caleb fez uma pergunta, mas não deu chance para que Ramie respondesse. Ele continuou falando, desviando a atenção dela do susto que tinha acabado de levar, e preenchendo o buraco com histórias bobas de crianças no jardim de infância. Ele estava dando tempo a Ramie para que ela pudesse responder do jeito que quisesse, em vez de ser forçada e pressionada. Caleb recentemente precisou desenvolver esse tipo de paciência com Tori. Os irmãos tinham ficado

frustrados com a falta de comunicação com ela porque queriam respostas para tudo. E não imaginam o que poderia acontecer se eles tivessem sido capazes de conseguir qualquer informação inteligível dos sonhos confusos de Tori.

Ramie bocejou e Caleb ficou mais próximo de repente, juntando mais os travesseiros que ficavam entre a cabeceira da cama e as costas dos dois. Então, ele puxou Ramie para junto de seu corpo e ela ficou aconchegada ao corpo dele, sentindo aquele calor que a tranquilizava. Ela tinha sentido o frio na espinha na hora em que Caleb abriu a porta do quarto de hóspedes, que ficava no outro lado do corredor, longe do quarto dos irmãos Devereaux, e que tinha seu próprio banheiro ainda por cima. Mas ela não gostou do quarto. Ele era... frio, estéril. Falando francamente, aquele quarto a deixava apavorada.

Caleb roçou os lábios no cabelo de Ramie. “O que aconteceu, Ramie? Você teve um pesadelo?”

“Você vai acabar achando – tendo certeza – que sou louca. Você vai ter certeza disso, assim como eu estou começando a ter”, ela sussurrou.

Enquanto ela estava enrolando para responder a pergunta de Caleb, o quarto pareceu ficar cada vez mais frio. Ramie tremia, e seus dentes batiam de um jeito nada atraente, mas, naquele momento, ela não estava nem aí para aquilo. Ela só queria se aquecer.

“Você está morrendo de frio!”, Caleb disse incrédulo. “Será que está doente? Por que raios você não me disse nada? Eu posso chamar um médico aqui para ver você.”

Ramie levantou a mão. “Não estou doente e não estou louca. Isso é tudo de que tenho certeza na minha vida neste exato momento.”

“O que você estava sonhando?”, Caleb perguntou, deixando claro o assunto para que ela não enrolasse mais.

“Não foi um sonho”, ela sussurrou. “Eu nem mesmo estava dormindo ainda. Eu estava cansada e pensava que essa era a melhor cama que já deitei em meses. Em muitos e muitos meses. Estava deitada olhando para o teto, tentando fazer o cérebro desligar. Minha cabeça estava doendo um pouco e eu comecei a massagear as têmporas para tentar relaxar. E aí...”

“E aí o quê, Ramie?”

Ela hesitou, pensando em até que ponto poderia levar as coisas com Caleb, até onde ela poderia confiar nele. E se Caleb a entregasse? E se ele fizesse um acordo perverso em que entregaria Ramie de bandeja em troca da segurança permanente de Tori? Talvez eles quisessem usá-la como boi de piranha, para que ninguém da família pudesse ser ligado com a – ou responsabilizado pela – prisão

de um homem.

Caleb olhava para Ramie com aqueles olhos azuis que às vezes pareciam ter um tom de gelo glacial, como se ele pudesse ser capaz de congelar alguém com o olhar. A pele de Ramie ficou arrepiada, como se ela já não estivesse com frio o bastante. Como se ele percebesse o frio que ela sentia, ou talvez tenha notado o fato de que a cama toda estava tremendo com Ramie, Caleb puxou o cobertor sobre os dois e a abraçou novamente, para que não houvesse espaço entre eles.

A pele de Ramie sentiu o calor dele, e ela se aqueceu de dentro para fora. Ela odiava o fato de sua camiseta servir de barreira entre sua pele e a pele de Caleb, por isso ela colocou as mãos sobre o peito dele, entre os dois, ignorando a reação dele ao seu toque frio. Aos poucos, os dois foram relaxando, à medida que o calor do rapaz foi passando ao corpo dela.

Os lábios dele, tão próximos dos dela, eram provocantes. A respiração dos dois se misturava e o lugar estava tão silencioso que Ramie conseguia ouvir as batidas do coração dele. Ela sentia as batidas na ponta de seus dedos.

“Me beije”, ela pediu com gentileza. “Me faça esquecer.”

Os lábios se tocaram com ternura, apenas um contato de leve, mas que aqueceu o coração dela.

“Esquecer o quê, Ramie? Você precisa falar comigo. Não posso ficar sem saber das coisas se eu quiser proteger você.”

O momento entre os dois se foi e o frio retornou. Ramie sentiu um gelo percorrer sua coluna e então se deitou, puxando as cobertas até o queixo. Ela olhava para o teto às cegas, sentindo o corpo forte de Caleb, que estava deitado ao seu lado.

“Ele falou comigo”, ela disse em voz baixa. “Eu não estou louca. Não é meu subconsciente, nem projeção de medo, paranoia ou manifestação dos meus temores. Ele tem uma ligação comigo, é assim que sempre consegue me achar. É assim que ele sabe onde estou agora.”

Caleb ficou tenso ao lado de Ramie, que pôde vislumbrar, pelo canto dos olhos, que o rosto dele estava tão tenso quanto o resto de seu corpo. O que ela não viu nele, no entanto, foi ceticismo. E ela ficou tão aliviada por isso que sentiu a cabeça ficar leve, quase uma tontura. Foi como se ela tivesse recebido uma injeção de álcool ou de outra droga potente direto na veia.

“Você acredita em mim”, ela disse maravilhada. “Você *acredita* em mim!”

Caleb deslizou sua enorme mão sobre a barriga de Ramie, com os dedos bem abertos, e subiu até tocar o queixo dela com carinho. Ele virou o queixo dela para seu rosto, para que os olhares dos dois se cruzassem. O olhar dele estava

intenso e sério. O azul de seus olhos estava mais vívido e escuro, mas já não era mais frio como de costume. Era um azul mais... quente e carinhoso. Não era um olhar que ele direcionaria para um desconhecido, tampouco para alguém que ele considerasse uma ameaça ou mesmo para alguma amizade não muito próxima. Era um olhar íntimo, e a expressão de Caleb transmitia sinceridade por todos os ângulos.

“Eu acredito em você, Ramie.”

Ela fechou os olhos, e dessa vez não tentou segurar as lágrimas que enchiam seus olhos e caíam pelo rosto deixando uma trilha quente. Caleb acreditava nela!

“O que ele disse para você?”, Caleb perguntou com uma voz séria.

A raiva que havia na voz dele trouxe a atenção de Ramie de volta para suas emoções. Ela rapidamente enxugou as lágrimas com as costas da mão e se virou lentamente para o lado, ficando novamente de frente para ele.

“Ele sabe onde estou. Ou pelo menos sabe como o lugar se parece. Ele me disse que eu era uma mulher bem idiota se achava que todas essas medidas de segurança iam impedir que ele me pegasse. Também falou que não existe lugar onde eu possa me esconder em que ele não vá me achar, e que minha morte não vai ser rápida e indolor, a menos que eu seja uma b-boa g-garota. Aí ele vai pensar se me m-mata rápido ou não.”

Ramie mal conseguiu pronunciar as últimas palavras. Era como se o seu peito estivesse sendo enterrado sob uma tonelada de cimento.

“Não estou pronta para morrer, Caleb”, ela sussurrou. “Achei que eu estava, mas desisti. Tenho vergonha de admitir, mas preciso ser honesta com você. Eu fiquei conformada com minha própria morte. Até mesmo achei que era isso o que eu queria, que talvez assim eu finalmente encontraria paz. Mas quando fui confrontada com a morte, quando ele me pegou em frente ao meu quarto no hotel, eu me vi resistindo. Eu fugi e não desisti. Então, liguei para você, porque era minha única esperança. Não tenho mais ninguém, nenhum parente, ninguém que se importe comigo. Percebi que não estou pronta para morrer, apesar de eu achar que estava, e de ter me tornado uma chorona. E não importa também que eu não tenha nada nem ninguém como motivo para viver. Eu só não estou pronta para morrer.”

Caleb levou sua mão ao rosto de Ramie, depois colocou os dedos entre seus cabelos e a puxou, para que seus lábios se unissem. Seus narizes se encontraram, até ele achar o melhor ângulo para que suas bocas se encaixassem. Então, a língua de Caleb cobriu a de Ramie, saboreando-a e apreciando-a.

A respiração dos dois se tornou ofegante e quebrou o silêncio do quarto. Os

únicos sons audíveis eram as curtas inspirações de ar, o som das bocas que se encaixavam sensualmente e o barulho ofegante das respirações aceleradas. A mão de Caleb deslizou carinhosamente dos cabelos de Ramie para sua nuca, e então desceu para seus ombros e depois parou sob seu braço. Caleb espalmou a mão sobre a lateral do corpo dela e roçou seu mamilo com a ponta dos dedos. Então, ele levantou sua camiseta até que pudesse agarrar seus seios.

Quando sentiu o toque de Caleb em sua pele, Ramie soltou um gemido leve, rompendo mais uma vez o silêncio do ambiente. Ela ficou tensa por um instante, temendo ter estragado o momento novamente, mas Caleb a pegou de forma ainda mais firme e mais possessiva.

Ele acariciou sua cintura e suas costas e deslizou Ramie para baixo de seu corpo, sem parar de beijá-la. O corpo de Caleb, quente e musculoso, pressionava Ramie e se movimentava no mesmo ritmo das batidas do coração dela. Ela fechou os olhos e se entregou à atração magnética que havia entre eles, uma ligação que existia desde que tinham se encontrado pela primeira vez.

Ramie explorou as costas musculosas de Caleb com as mãos, depois os ombros, e então desceu até a cintura. Caleb contraiu os músculos ao toque de Ramie e sua respiração ficou mais acelerada e ofegante entre os lábios dela. Ele roçou sua ereção na virilha de Ramie, esfregando o clitóris dela sob o tecido fino da calcinha com tanta volúpia e pressão que foi suficiente para ela explodir de prazer. Em seguida, tirou as mãos de Ramie de seu corpo e entrelaçou seus dedos aos dela, apoiando as mãos na cama, logo acima da cabeça da moça. Com as mãos unidas, a boca de Caleb deixou a boca de Ramie e desceu para seu queixo e depois para o pescoço. Ele, então, sussurrou em seu ouvido:

“Você tem alguém por quem viver, Ramie. Você tem a mim.”

TREZE

Quando Ramie acordou, na manhã seguinte, imediatamente levou os braços para trás procurando por Caleb, querendo confirmar que ele estava lá. Quando não encontrou nada, franziu a testa e virou o rosto por cima do ombro. Ele não estava lá, e parecia que tinha saído já havia algum tempo, porque o travesseiro e a cama estavam sem as marcas de seu corpo. Será que ele havia saído e ido para o próprio quarto depois que ela pegou no sono?

Ramie virou o rosto quando a luz do sol a atingiu com toda a intensidade por meio de uma fresta nas cortinas. O sol estava alto o bastante para indicar que já não era mais tão cedo. Ela olhou para o relógio ao lado da cama e confirmou que, de fato, estava tarde. Ficou deitada na cama pensando nos eventos da noite anterior, e em Caleb na sua cama, com os braços em volta de seu corpo, lhe dando apoio e conforto. A intimidade tinha camuflado as coisas entre eles, e Ramie estava inquieta e apreensiva com aquilo. Ela estava se sentindo incompleta e insatisfeita de um jeito que jamais tinha se sentido antes.

Ramie não fazia ideia do que estava acontecendo entre Caleb e ela, e nem tampouco fazia ideia se ela queria que algo acontecesse entre os dois. Mas estar tão perto de um outro ser humano – ainda mais sendo um homem – era uma experiência nova para ela, e da qual ela gostou e muito.

Ramie tirou o cobertor de cima do corpo e colocou os pés no chão, e então parou. Para onde ela iria? Ela não precisava ir a nenhum lugar, e também não poderia perambular pela casa de Caleb como se fosse a dona. Será que ela deveria simplesmente ficar no quarto ou será que talvez esperassem que ela saísse de lá em algum momento?

O estômago de Ramie roncou e resolveu a questão para ela. Ela estava morrendo de fome.

Foi até o banheiro e ligou o chuveiro, deixando a água gelada o suficiente para acordá-la de uma vez. Quando entrou debaixo d’água, Ramie deu um gritinho. Estava congelante o bastante para lhe dar um choque nos sentidos, o que a deixou mais desperta e atenta, como ela queria. Ela não se demorou sob o chuveiro gelado e lavou rapidamente os cabelos e o corpo. Enrolou uma toalha

na cabeça e outra ao redor do corpo e então voltou para o quarto.

Na mesma hora, ela sentiu frio. Parecia estar ainda mais frio que debaixo do chuveiro... Por que estava tão frio assim naquele quarto? O resto da casa não estava daquele jeito.

Eu estou aqui.

Ramie prendeu a respiração e ficou completamente imóvel, sentindo o estômago se revirar e os pelos do corpo se arrepiarem. Ela balançou a cabeça. Não, não iria permitir que ele a perturbasse. Ainda assim, vestiu-se com rapidez e penteou os cabelos molhados, depois jogou a toalha no chão e saiu correndo do quarto.

No momento em que saiu de lá, sentiu o calor a envolver no corredor. Inspirou profundamente, sentindo o ar quente entrar. Ela queria ficar o mais longe possível daquele quarto horrível. Na metade do corredor, parou de correr e se obrigou a, no mínimo, manter as aparências, embora por dentro ela estivesse quase histérica. Ela não tinha prestado muita atenção quando Caleb apresentou o andar térreo da casa no dia anterior. A única coisa da qual conseguia se lembrar com clareza era a sala, onde havia todos aqueles monitores de vigilância. Daquele ambiente ela se lembrava nos mínimos detalhes.

Ramie sabia que a sala de estar ficava à direita, e virou para a esquerda no corredor que havia depois que desceu a escada. Passou pela sala de segurança, depois pelo quarto do pânico e finalmente chegou à cozinha. Quando ela passou meio hesitante pela porta, Tori a olhou cheia de raiva de onde estava sentada, na ilha central da cozinha. Sem dizer uma palavra, a irmã de Caleb se levantou, derrubando um copo, e saiu andando, deixando o irmão ali, pasmo e com um olhar assustado.

“Ela não me quer aqui”, Ramie disse a ele o óbvio.

Caleb se virou para ela, mas não a olhou diretamente nos olhos. “Não”, ele concordou em voz baixa. “Ela não quer.”

“Vocês discutiram sobre mim, sobre eu estar aqui.”

Novamente Ramie falou o óbvio, mas ela falou em voz alta, para que Caleb percebesse as consequências da sua presença. Ela não poderia continuar ali. Ele não conseguiria cumprir uma promessa feita à custa de sua família. Ninguém deveria ser obrigado a fazer aquele tipo de escolha.

Caleb assentiu sem dizer nada, confirmando o que Ramie havia dito.

“Então eu vou embora”, Ramie disse sem hesitar.

“Não!”, Caleb retrucou, com a expressão contrariada. “Você não vai para lugar nenhum. Não existe essa opção!”

Ramie se surpreendeu com a firmeza dele. “Eu estava com fome”, ela disse em voz baixa, tentando mudar de assunto.

“Mas é claro, me desculpe. Eu devia ter mandado alguma coisa para você, assim você não precisaria descer as escadas para... isso”, ele disse, gesticulando na direção da irmã que tinha acabado de sair.

Ramie não suportou ver a tristeza nos olhos daquele homem. Ela chegou perto dele e pegou sua mão, olhando-o nos olhos.

“A culpa não é sua, Caleb. Você não pode assumir a responsabilidade disso, de nada disso. Nem por ela, nem por mim. E você não precisa ficar em dúvida sobre em qual lado ficar, ao lado da sua irmã ou de uma estranha.”

O olhar de Caleb subitamente brilhou de raiva e sua mente transbordou de fúria. Foi tão intenso que Ramie largou a mão dele para quebrar a ligação entre eles.

“Você não é uma estranha”, ele disse bruscamente. “Você não é uma qualquer, Ramie. Você é alguém importante para mim. Você é muito importante, então pare de me dizer o que eu tenho ou não de escolher. E pare de me dizer o que eu tenho de sentir.”

“Eu não estou... sinto muito...”, Ramie respondeu em voz baixa.

Ela virou as costas para Caleb, com o coração tão acelerado que ela conseguia ouvir e sentir sua pulsação. Ela não sabia o que dizer e nem o que responder ao que ele tinha dito.

“É isso?”, ele perguntou. “Você está pedindo desculpas... por quê, Ramie? O que você fez de errado? Você sente muito porque eu me importo com você? Sente muito porque você ainda está viva? Você pelo menos sabe por que está se desculpando?”

Ramie se virou de volta e ficou parada, apoiando a mão na cadeira. “Eu não sei”, ela falou com sinceridade. “Não tenho as respostas para nenhuma dessas perguntas. Não estou querendo deixar você nervoso, Caleb. Deus sabe o quanto sou grata...”

Caleb fez um movimento com a mão como se estivesse rejeitando as palavras de Ramie. “Não quero saber da sua gratidão, pode guardar para você. Eu também não quero que você fique aí se desculpando por qualquer coisa.”

“Então, o que você *quer*?”, Ramie explodiu. “O que você *quer*? Porque eu não sei e também não sou boa com esse tipo de joguinho e adivinhações.”

Caleb subitamente ficou na frente de Ramie de novo, irradiando energia em ondas. Ele estava com a mandíbula cerrada, e a expressão em seu rosto era dura como pedra, se mostrando irritado.

“Você não entende mesmo, não é?”

“O quê? O que eu não entendo?”, ela gritou com ele. “O que você acha que eu tinha de *entender*? Porque eu não sei! Tudo o que sei é que estou trazendo mais dor e sofrimento para uma família que já sofreu demais.”

Ramie desabou quando o choro acumulado no peito, que apertava sua garganta, saiu de uma vez, com violência. Seus ombros chacoalhavam e ela cobriu o rosto com as mãos.

“O que eu não entendo?”, ela sussurrou, com o rosto colado na camisa dele. “Porque eu acho que estou vendo a situação exatamente como ela é.”

Caleb pegou Ramie pelos ombros e a afastou o suficiente para que eles se olhassem nos olhos.

“Que eu quero *você*.”

Ramie olhou para Caleb em silêncio, enquanto as palavras dele varavam a grossa parede de desespero e isolamento ao redor dela. Ela ficou tão imóvel que acabou percebendo que tinha prendido a respiração, então finalmente soltou um longo suspiro.

“Você não entende que eu quero você!”, Caleb repetiu. “Não entende que imaginar você nas mãos de um psicopata me deixa apavorado. Não entende que você é importante para mim. E não entende que, não importa o quanto minha irmã odeie que você esteja aqui, eu não vou deixar você sair da minha vida. E isso não tem nada a ver com a dívida que eu e minha família temos com você, nem com a obrigação de retribuir o que você fez um ano atrás. Isso não tem nada a ver com você ter salvado Tori. Eu não vou deixar você ir embora, porque eu quero que fique. Sei que nunca teve ninguém que lutou por você, Ramie, mas você tem alguém agora. Você tem a mim!”

“Ninguém nunca me quis”, Ramie sussurrou. “Eles queriam o que eu sou capaz de fazer, o que minhas habilidades podem trazer, mas nunca quiseram a mim. Você sabe como é sentir isso?”

A expressão de Caleb suavizou-se, e seu olhar se entristeceu, não por piedade, já que isso realmente teria deixado Ramie maluca, mas por compreensão.

“Não somos tão diferentes quanto você pensa”, ele disse em voz baixa. “Eu sou um Devereaux. E as pessoas... as mulheres, elas querem o que esse nome carrega com ele: dinheiro, poder, prestígio. Mas elas não querem o *Caleb*. Querem só o *Devereaux*.”

Ramie ficou chocada com a compreensão daquele fato e corou de vergonha. Ela era tão autocentrada, tão acomodada na própria autopiedade, que nunca

conseguiu enxergar além de seus próprios problemas. Caleb achava que ela era egoísta antes, quando não sabia como os poderes dela funcionavam. Ele não estava errado, Ramie era mesmo egoísta. E aquela não era uma revelação agradável. Ela tinha passado a vida toda esperando pelo pior e sempre aceitado aquilo. Ela nunca havia lutado por uma vida melhor e nem esperava conseguir algo a mais. Como ela poderia ter esperanças de conseguir algo a mais se ela não lutava por isso?

Ramie passou tanto tempo se lamentando de como a vida era injusta e de como ninguém queria saber da pobrezinha dela, que se permitiu sufocar a própria alma. Ninguém fez isso com ela, a não ser ela mesma. Porque era fraca e jamais tinha ocorrido a ela querer mais do que a vida oferecia! Ou então ir atrás da felicidade em vez de esperar que ela caísse feito mágica no seu colo, a ficar chafurdando na sua própria infelicidade por uma década.

Mas ali, naquele exato momento, e bem diante dela, estava alguém que afirmava que se importava com ela e não com as habilidades dela. E ele não estava pedindo nada em troca. Ramie seria uma idiota se virasse as costas para ele, mesmo que ficar significasse colocá-lo em perigo, e junto com sua família inteira. Talvez, juntos, eles conseguissem enfrentar o perigo.

“Eu quero você, Ramie”, ele disse carinhosamente. “Eu, Caleb, quero você. Não me importa qual seja seu sobrenome.”

CATORZE

Caleb olhou para Ramie e viu o medo e a fragilidade em seus olhos, e se espantou com como deveria ser difícil para ela abrir o próprio coração. Sua expressão misturava dúvida e angústia, o que não era exatamente o tipo de reação que um homem gostaria de ver no rosto da mulher que desejava. Mas Ramie não era como a maioria das mulheres, que jamais tinham passado pelo que ela passou.

Ele pegou nas mãos dela, e sabia que ela havia cortado a ligação entre os dois. Mas ele estava mais calmo agora, e queria que ela visse – e soubesse – que não havia nada a temer nele. Ela estremeceu quando ele a puxou para si, trazendo seu corpo com suavidade contra o dele. O cabelo dela ainda estava um pouco molhado e cheirava a madressilva. Caleb queria levá-la para a cama naquele exato momento. Ele queria passar o dia inteiro fazendo amor com Ramie, mostrando a ela, sem palavras, a ligação cada vez mais forte que existia entre os dois.

Em vez disso, ele acariciou os cabelos encaracolados da moça com um movimento tranquilo, para acostumá-la com o toque de outra pessoa, mais especificamente com o toque de um homem que não tinha a menor intenção de machucá-la. Naquela hora, ocorreu a ele que talvez a única experiência de Ramie com sexo tenham sido os crimes degradantes cometidos contra as várias mulheres que ela ajudou. E se esse era o caso, então ele precisaria tratá-la com extremo cuidado. Nada de apressar a intimidade física e emocional com Ramie antes de ela estar pronta. Sim, Caleb queria que Ramie pudesse contar com ele, e também que ela confiasse nele. Mas ele não queria agir como muleta para ela e ser apenas uma forma de auxílio. Ele queria ser muito mais que isso.

Ele a beijou na cabeça e continuou acariciando sua nuca e suas costas, entrelaçando os dedos nas mechas emaranhadas do seu cabelo. Caleb estava simplesmente curtindo a sensação de ter Ramie em seus braços, de tê-la em sua casa e de saber que ela estava segura, e não lá fora, sozinha e vulnerável, sabendo que poderia ser morta a qualquer momento. Isso não era maneira de viver e, com certeza, não era jeito de morrer. Graças a Deus, Ramie havia ligado

para ele, ou então Caleb estaria até agora procurando por ela, ou pior, ela poderia estar nas mãos do perseguidor, sofrendo torturas inomináveis.

Ele fechou os olhos quando pensou naquilo e inspirou profundamente, para não transmitir sua raiva para Ramie novamente. Aquela casa já tinha ira e animosidade demais do jeito que estava. Caleb nunca tinha parado para pensar que Tori poderia se opor com muita firmeza à presença de Ramie lá. Ele só entendeu essa possibilidade depois que Ramie explicou o que poderia se passar na cabeça dela. Ele odiava se sentir tão desamparado. Se ele cedesse à irmã, então Ramie iria sofrer e poderia até morrer. Ela *iria* morrer. Se ele batesse o pé e insistisse, como tinha feito, então causaria um grande atrito com Tori, algo que talvez jamais pudesse se resolver.

"Quero que você lute por seu direito de estar aqui", Caleb sussurrou.

Ramie ficou tensa e se afastou, olhando para Caleb com aqueles enormes olhos cinzentos e atormentados, que pareciam grandes para o rosto dela, e que viram dor e violência demais.

"Eu sei que não é fácil o que estou pedindo", ele continuou. "Você não merece ser hostilizada por Tori e não merece que meus irmãos olhem para você com desaprovação. Mas estou pedindo que você fique, por mim. E você não me deve nada. Deus sabe o quanto *eu* devo a você. Mas estou fazendo esse pedido, mesmo assim."

"O que exatamente você está querendo que eu seja?", Ramie perguntou com a voz rouca. "Amiga? Amante?"

"Sim e sim", Caleb respondeu em voz baixa. "E mais que isso, muito mais. Mas a gente chega lá com o tempo. Por enquanto, sim, quero que seja minha amiga e mais para a frente, amante. Depois disso? Vai ser o que você quiser, o que você precisar. Só rogo a Deus para ser capaz de dar o que você precisa."

"E quanto ao que você precisa?"

Caleb olhou para Ramie momentaneamente desconcertado com a pergunta dela. Do que ele precisava? Ele precisava de muitas coisas, sobre as quais não tinha controle. Para um homem acostumado a estar no controle de cada aspecto de sua vida, era assustador perder o controle das coisas de repente. Isso o fazia se sentir fraco, em um momento em que a família precisava da força dele mais do que nunca.

"Eu preciso... de você", ele disse finalmente. "Preciso que Tori consiga dormir à noite. Preciso que meus irmãos parem de se culpar pelo que aconteceu com ela. Preciso que aqueles animais que aterrorizaram Tori e você sejam presos e condenados. Eu preciso de muitas coisas, mas a única coisa em que tenho

algum tipo de influência é você e sua presença na minha vida. Então, me dê isso, pelo menos. Se eu não puder ter mais nada, me dê isso."

"Está bem", Ramie falou em voz baixa, quase sussurrando. "Vou ficar, vou tentar. Ando fugindo há muito tempo e não sei agir de outra forma, Caleb. Não sei como é ser normal. Não me deixe estragar as coisas desta vez, eu preciso que você acredite em mim mesmo que eu mesma não consiga acreditar."

Caleb segurou a mão de Ramie com mais força, e com a outra mão ele a pegou pelos ombros, fazendo-a balançar suavemente, tentando passar para ela toda sua força de vontade e determinação. Então ele se inclinou na direção dela e beijou sua testa, sentindo seu cheiro.

"Não vou deixar você fugir, Ramie. Nunca mais. Quero você aqui comigo e, se você tentar fugir, eu vou atrás de você. Sempre."

Ele observou Ramie lentamente compreender o significado de suas palavras e viu um olhar assustado, mas também cheio de esperança. Talvez ele finalmente estivesse conseguindo mexer com ela. *Meu Deus, como ele queria isso.*

"Agora, vamos arranjar alguma coisa para você comer", Caleb falou. "Depois que você fizer uma refeição decente, vamos sentar com minha equipe de investigadores para tentar ter uma ideia sobre com quem estamos lidando aqui."

QUINZE

Tornar-se caçadora era uma ideia assustadora para alguém que estava sendo caçada. Ramie tinha passado muito tempo fugindo, tentando evitar que fosse capturada, mas agora, subitamente, ela se viu no ataque, indo atrás do homem que queria matá-la, mais que qualquer outra coisa. Será que tinha sido loucura concordar em ficar parada no mesmo lugar por um tempo? Ela não deveria estar em constante movimento, sempre um passo à frente do perseguidor?

Ramie esfregava as mãos sem parar sobre as coxas, no tecido gasto e surrado de sua calça jeans. A calça estava com alguns rasgos e tinha aquele visual que as pessoas buscam em calças novas e caras. Mas, para Ramie, era apenas o resultado de não ter dinheiro para roupas novas.

“Ramie?”

A voz de Caleb a trouxe de volta, e ela se virou para ele, um pouco sem graça. Ela sentia a pressão de um iminente ataque de pânico, mas estava decidida a não perder o controle e se exaltar na frente das pessoas que ele tinha contratado para pegar o homem que a perseguia.

“Desculpe. Você pode repetir a pergunta?”

Caleb suspirou, mas pelo menos não parecia bravo. Ele estava com uma expressão de compreensão, como se tivesse percebido que Ramie estava chegando ao seu limite; então, sentou-se ao lado dela no sofá e segurou sua mão, entrelaçando seus dedos. Talvez tivesse feito aquilo para que ela pudesse captar um pouco de sua firmeza e determinação. Essas qualidades certamente lhe seriam úteis.

“Consegue descrever o homem que atacou você?”, Caleb perguntou.

Ramie não dizia nada. Apenas franzia a testa e cerrava os olhos enquanto focava totalmente no objetivo de recuperar o rosto do perseguidor em meio às suas memórias fragmentadas.

“Vai ser útil se conseguirmos um retrato falado dele”, disse gentilmente a mulher que tinha se apresentado como Eliza. “Se espalharmos o rosto dele por aí, mais cedo ou mais tarde vamos conseguir localizá-lo.”

Ramie engoliu em seco. Será que ele estava observando a mente dela até

mesmo naquele momento, vendo o que ela estava vendo e ouvindo o que ela estava ouvindo? Qual a utilidade de planejarem armadilhas para pegar o perseguidor se ele sabia de tudo porque estava o tempo todo na cabeça dela?

Era por isso que Ramie não deveria saber dos planos. Ela se levantou do sofá rapidamente quando percebeu aquilo e começou a falar com Caleb assim que ele a pegou pelo braço, completamente confuso.

“Eu não posso saber o que vamos fazer”, ela balbuciou. “Porque, se eu souber, ele vai descobrir. Você precisa me deixar de fora disso. Não posso ver nem ficar sabendo de nada.”

“Opa, calma aí”, disse Dane Elliot, um dos especialistas em segurança de Caleb, gesticulando com as mãos de forma apaziguadora. Ele queria que Ramie se acalmasse, porque achou que ela estava se exaltando e agindo como uma palerma. Na verdade, Ramie estava finalmente sendo inteligente.

“Ele está aqui”, ela disse, olhando para todas as pessoas na sala. “Ele tem uma ligação psíquica comigo. É como se houvesse alguém olhando por cima do meu ombro o tempo todo. Ele tem uma visão completa de tudo o que eu vejo ou faço. Então, vocês entendem que não adianta nada planejar as coisas, porque ele vai saber exatamente o que vamos fazer?”

Caleb falou um palavrão e veio um burburinho das pessoas na sala. Todas elas provavelmente achavam que Ramie tinha enlouquecido. Ela não fazia ideia se Caleb tinha contado um pouco sobre ela, se elas sabiam que havia propriedades psíquicas no meio daquela história.

“Não posso ficar aqui. Me desculpem”, Ramie sussurrou.

Ela se virou e saiu da sala. Sentia uma mão invisível que apertava seu pescoço e a asfixiava, impedindo que ela conseguisse respirar direito. Era como se seu peito estivesse sendo esmagado sob o peso opressivo do mal. Ramie entrou atabalhoada no banheiro do andar térreo e rapidamente ligou a torneira de água fria. Molhou seu rosto e se apoiou na bancada com os cotovelos, cobrindo os olhos com as mãos enquanto a água ainda corria da torneira com toda a força. Colocou as mãos ao redor do pescoço, como se quisesse tirar a mão invisível que estava ali. O pescoço doía como se ela realmente estivesse sendo asfixiada.

“Ramie? Está tudo bem? Que diabos está acontecendo?”, Caleb perguntou.

Ele esticou o braço ao redor dela e desligou a água, e depois a pegou pelos ombros e lhe deu uma leve chacoalhada. Ela fez um sinal com a mão para que ele parasse, enquanto se esforçava para achar as palavras certas em meio à sensação de aperto no pescoço.

“Preciso aprender a superá-lo”, ela conseguiu dizer. “Preciso fechar as portas

para ele, tenho que melhorar minha noção de quando ele está dentro de mim, e preciso ser capaz de mantê-lo fora. Ou talvez ele esteja na minha cabeça o tempo todo. Eu não sei. E por que eu não sei?"

"Ele... está aí... neste exato momento?", Caleb perguntou, olhando através de Ramie.

Era como se ele estivesse procurando pelo perseguidor dentro dela. Caleb parecia analisar o olhar e o rosto de Ramie em busca de sinais de uma dupla personalidade, em que uma metade era um psicopata degenerado que atacava mulheres. Ou talvez Caleb achasse que ela estava possuída por um demônio. Não parecia que ela já tinha explicado o que estava acontecendo a ele.

Ramie não conseguia suportar o desgosto – ou a preocupação – no olhar de Caleb.

"Você acha que eu sou louca não é?", ela murmurou. "Talvez eu *seja* louca."

"Mas que droga, não! Não acho que você seja louca!", Caleb respondeu frustrado. "Só quero saber com quem eu estou falando, se é com você ou com o maníaco que está tentando te matar!"

"Ele é só um observador passivo", Ramie explicou, ou tentou explicar. Como ela seria capaz de explicar o inexplicável? "Ele tem uma espécie de periscópio que dá acesso ao meu cérebro. Ele consegue ver o que eu vejo e ouvir o que eu escuto. Ele fica sabendo o que eu sei. É por isso que ele me disse ontem à noite que eu não estou segura aqui. Que nem toda a sua segurança ia conseguir mantê-lo longe de mim. Ele sabe de tudo."

"Como é que isso acontece?", Caleb perguntou. "Já aconteceu antes? Você consegue bloquear o acesso?"

"Ah, meu Deus, e você acha que eu não tentei? Acha que quero ele na minha cabeça o tempo todo? Acha que eu gosto de estar vulnerável todos os dias, a todo instante, porque ele enxerga tudo o que eu estou vendo?"

"Claro que não", Caleb amenizou a situação. "Mas deve haver uma maneira de impedir o acesso dele. Precisamos trabalhar o controle dos seus pensamentos. Você precisa aprender a esvaziar sua mente, a deixá-la em branco. É uma terapia que Tori fez quando era mais nova. Uma das muitas coisas que tentamos para fazer as visões dela desaparecerem. De alguma maneira, acho que isso vai ajudar mais você do que ajudou Tori."

A cabeça de Ramie estava pulsando e doendo, e parecia que ia explodir a qualquer minuto. Sua pressão sanguínea deveria estar nas alturas. Ramie massageava, distraída, a testa, enquanto tentava organizar os pensamentos. A explicação de Caleb fazia sentido. Mas como aplicar aquilo na prática? Ela não

estava preparada para resistir a uma invasão mental. Ela nunca achou que pudesse ser vítima de algo assim. Era sempre Ramie a invasora, penetrando na mente dos outros. Mas mesmo ela não tinha controle sobre o período que a conexão poderia durar.

Talvez fosse apenas isso o que seu perseguidor estivesse fazendo. Não era como se ele pudesse entrar e sair da mente dela à vontade. Ele tinha achado uma forma de impedir que a ligação se quebrasse. Antes, normalmente a conexão de Ramie com o agressor e com a vítima desaparecia, após um período que podia variar de horas a dias, e dava lugar a um silêncio mental. Mas, nesse caso, a ligação com ele nunca desapareceu. Era como na história de João e Maria, com o rastro de migalhas de pão. Ramie estava deixando um rastro atrás de si por todo canto por onde passava desde que estabeleceu a ligação com ele, um ano e meio antes.

"Ramie?"

Espantada, Ramie virou o rosto e viu Eliza parada na porta.

Eliza voltou-se para Caleb. "Posso falar com Ramie por um momento?"

Caleb franziu a testa e olhou na direção de Ramie, querendo saber a resposta dela. Ela concordou com a cabeça, e então Caleb saiu.

"Eu estarei aqui ao lado", Caleb disse em voz baixa.

Ramie ficou tensa quando Caleb sumiu de vista. Ela odiava já estar bastante dependente dele, e também o fato de que se sentia segura somente quando ele estava por perto.

"Você precisa nos ajudar a pegar esse cara", Eliza disse com firmeza.

Ramie balançou a cabeça. "Você não está entendendo. Eu estou colocando você em perigo... Todos vocês. Caleb, a família dele, Tori."

Eliza a encurralou com um olhar firme. "O que estou entendendo é que há um monstro à solta atacando mulheres, e você é a única pessoa que pode pará-lo."

Ramie fechou os olhos, tirando Eliza de vista e tirando tudo de vista enquanto tentava abafar seus pensamentos para deixar a mente vazia, um grande buraco negro. Era isso o que ela precisava conseguir.

"Ele pegou outra mulher", Eliza disse em voz baixa.

Os olhos de Ramie se arregalaram. "O quê?"

"Nós acreditamos que ele pegou", Eliza se corrigiu. "As provas indicam isso. Ou foi ele ou foi algum imitador muito bom."

O coração de Ramie disparou, e sua pulsação fez um barulho ensurdecedor nos ouvidos. "Não, meu Deus, não!"

Ela não percebeu que tinha falado alto até ouvir o som da própria voz atormentada. Ela olhou para Eliza, sabendo que tinha somente uma escolha. A coragem superou o medo e o desespero. Ramie não o deixaria vencer, não o deixaria controlar todos os aspectos de sua vida.

Eliza tinha razão. Ramie era a única que poderia pará-lo, a única que conseguiria pôr um fim à dor e ao sofrimento de incontáveis mulheres. Havia chegado a hora de parar de ser uma vítima e dar o troco. Não havia nada que Ramie pudesse fazer para apagar as memórias e o sofrimento que ela e as outras mulheres passaram, mas ela poderia garantir que nenhuma outra mulher tivesse que passar por aquilo novamente.

Ramie se sentiu calma e preenchida pela paz, tão doce e sofrida. Com uma expressão firme, olhou Eliza nos olhos e viu que ela percebeu o que iria acontecer.

“Você consegue me arrumar algum objeto da vítima?”, Ramie perguntou.

DEZESSEIS

Caleb ouviu as palavras de Ramie no corredor e quase caiu de costas.

“Não!”

A reação dele foi explosiva. Ele voltou correndo para o banheiro onde estavam Ramie e Eliza, balançando a cabeça agitado e cravando o olhar em Ramie.

“De jeito nenhum!”, Caleb esbravejou. “Nem mesmo *pense* nisso, Eliza! Se você tentar isso, está demitida. Sua função é proteger Ramie, não fazê-la sofrer mais!”

Eliza contraiu os lábios e ficou em silêncio. Então, virou-se para Ramie e lhe dirigiu um olhar que deixou claro que esperava que ela fizesse Caleb recuar.

Ramie estava com um olhar assustado, lábios trêmulos e a respiração acelerada. Ela parecia uma presa sendo perseguida por um predador. E era como se soubesse que estava prestes a ser atacada.

“Eu preciso fazer isso, Caleb”, Ramie disse sem exprimir emoção, com um olhar cansado e resignado.

“Não!”, Caleb disse enfático. “Você não precisa fazer. Por que você precisa passar por esse tipo de tortura de novo?”

Uma lágrima escorreu em silêncio pelo rosto de Ramie, e seus olhos pareceram entorpecidos enquanto ela olhava para ele.

“Eu preciso”, Ramie repetiu. “Você sabe disso, Caleb. Não há outra alternativa. Eliza tem razão, eu sou a única que pode parar aquele cara.”

Caleb se exaltou e apontou sua raiva para Eliza.

“Você não deveria ter dito nada disso para ela! Eu não contratei você para isso. Você e Dane estão fora deste caso! *Saiam* da minha casa!”

Ramie viu Eliza contrair as feições ainda mais e seu rosto mostrava irritação. Ela mordia os lábios e parecia querer dizer algo desesperadamente, mas se segurou. Só que havia algo em Eliza que fez Ramie parar para pensar. Ela não parecia ser o tipo de mulher convencida, controladora e indiferente aos outros, que só se importava com seu trabalho e nada mais. Não foi isso que Ramie viu nela.

“Pode dizer o que você esta pensando, Eliza”, Ramie a encorajou. “Já que vai ser demitida mesmo, você não tem nada a perder falando abertamente, não é? E, por favor, vamos deixar Dane se pronunciar para ele não entrar nessa roubada com você.”

Dane não tinha gostado da afirmação de Ramie sobre a “roubada”, mas, ao mesmo tempo, estava claro que ele estava completamente ao lado de Eliza. Ele ficou atrás dela em um gesto de apoio. Os dois estavam olhando para Ramie, e então Dane balançou a cabeça ao perceber algo.

“Não é Ramie que precisamos convencer, Lizzie”, ele disse com uma voz baixa e carinhosa. “Ela está do nosso lado. É Caleb quem quer nos demitir.”

Se havia uma coisa que Ramie percebeu rápido sobre Eliza é que ela não era o tipo de mulher que simplesmente abaixava a cabeça e aceitava ordens sem questionar. Não quando ela sabia que sua forma de lidar com os fatos era muito melhor.

Eliza se aproximou de Caleb, com Dane logo atrás dela, mas Ramie teve a impressão de que ele estava lá mais para proteger Caleb da fúria de Eliza do que para apoiá-la. Eliza colocou o dedo no rosto de Caleb, fazendo-o andar para trás até ficar de costas para a parede.

“Não venha nos falar sobre não forçar as pessoas a fazer as coisas contra a sua vontade. Ou você já se esqueceu de que sabemos tudo sobre sua visita inesperada a Ramie St. Claire e que você não aceitou um não como resposta e a forçou a descer ao inferno? Ao inferno de Tori, mais especificamente! Então, aqui você teve duas mulheres sofrendo com o mesmo ataque, mas somente um agressor e uma ocorrência. Claro que podemos pegar o desgraçado pelo que ele fez com Tori. Temos provas, amostras de DNA, e ele vai ser preso. É só uma questão de tempo. Mas não podemos fazer absolutamente nada com ele pelo que ele fez com Ramie”, Eliza disse com uma voz sombria. “Absolutamente porcaria nenhuma.”

“Não importa”, Ramie rapidamente interveio. “Desde que ele seja punido, não importa por quem e pelo quê.”

“E você vai conseguir lidar com isso, Ramie?”, Dane perguntou gentilmente. “Sabendo que não vai haver justiça pelo que ele fez com você? Por tudo o que você sofreu?”

“Eu já lido com isso a minha vida toda, nada vai mudar. Ninguém sabe realmente como funcionam minhas habilidades. As pessoas vão embora empolgadas porque estão com esperança. Elas nunca param para ver o que deixaram para trás, então nunca *sabem* que tem mais uma mulher sofrendo.”

“*Eu* sei”, Caleb esbravejou. “Eu sei *exatamente* o que acontece com ela, e não vou permitir que Ramie passe por isso de novo. É humilhante e degradante. Nenhuma mulher jamais deveria participar das fantasias dementes de um maluco contra a sua vontade, sem seu consentimento, sem que ela saiba o que vai acontecer!”

Ramie meneou a cabeça com firmeza, e seus olhos estavam cheios de vida pela primeira vez. “Mas desta vez *vai* ser de acordo com minha vontade e com meu consentimento, Caleb. Estou *escolhendo* lutar contra isso. É o que eu já devia ter feito durante todos esses meses em que passei acovardada por aí, morrendo de medo de cair nas mãos dele. Isso não é jeito de viver. *Não posso* mais viver a vida assim.”

As palavras de Ramie estavam carregadas de desespero. Nessa hora em que ela baixou a guarda, Caleb pôde enxergar tudo por trás das barreiras de proteção de Ramie, que àquela altura já estavam bem debilitadas. Ela estava realmente chegando ao fim da linha. Da maneira como Ramie pensava, ter ido para lá era só uma forma de adiar o inevitável: encontrar a morte e também a paz.

“Deve ter um outro jeito”, Caleb insistiu. “Um que não faça você voltar para o inferno. Pense no que vai acontecer com você, Ramie. Você vai ficar fraca e indefesa depois de passar por mais traumas inimagináveis. E é nessa hora que ele vai atacar. Quando você estiver no fundo do poço, vulnerável e incapaz de reagir.”

“O que não posso fazer é ficar aqui tapando os olhos e os ouvidos para não descobrir que tem mais alguém sofrendo torturas horríveis por causa de... mim. Talvez você possa viver com isso na sua consciência, mas eu não posso. Não sou assim. Durante todos esses anos, eu já sabia onde estava me metendo, quando comecei a ajudar a polícia a localizar vítimas. Eu era só uma adolescente desesperada para tentar encontrar meu lugar no mundo. Minha única ‘família’ veio por meio do sistema de adoções e, acredite em mim, eles não tinham o menor interesse em cuidar de uma garota que podia encontrar assassinos. Eles morriam de medo de mim, mas me acolheram por causa do dinheiro que recebiam do governo por terem me adotado. Eles só me davam o mínimo necessário. Eu tinha dois pares de roupas, um casaco para quando esfriava, um par de chinelos para os dias quentes e um par de botas com meias para quando estava frio. Nada disso servia direito em mim porque meus pais adotivos compravam minhas roupas nos brechós do Exército da Salvação. Mas, para os filhos verdadeiros deles, eles compravam até a lua, nada era caro demais. Eu nunca vou esquecer uma das minhas irmãs...”, Ramie disse cheia de sofrimento.

“A Becky. Ela era uma criança muito querida, muito mais nova que eu. Ela não entendia que aquele não era meu lugar e aquela não era minha família. Becky ficava brava porque eu nunca ganhava as mesmas coisas que os outros, ela não entendia por que eu não recebia os mesmo presentes.”

“Meu Deus”, Caleb falou. “Não quero ouvir o resto dessa história. Pode parar, querida. Não faça isso com você. Isso já não importa.”

“Eu quero ouvir”, Eliza interveio, ignorando o olhar furioso de Caleb.

Ramie continuou falando friamente, como se estivesse repetindo uma história que ouviu no noticiário da TV que não tivesse nenhuma ligação com ela.

“Minha mãe adotiva deixou bem claro que eu não era sua filha verdadeira e não era irmã de verdade de suas filhas. Meu pai adotivo nem mesmo se dava ao trabalho de falar sobre isso porque para ele eu simplesmente nem existia. As únicas vezes em que ele falava de mim, não comigo, vejam só, era se o dinheiro do governo demorava para entrar na conta. Nessa hora, ele ficava batendo o pé pela casa reclamando do fardo que era ter de alimentar mais uma boca quando os próprios filhos dele estavam passando necessidade, e não uma garota de rua que contava mentiras para ganhar a simpatia dos policiais.”

“Mas que horror”, Caleb reclamou bravo. Ele olhou para Dane e Eliza, irritado por eles terem feito isso com Ramie. Era como arrancar o esparadrapo de um machucado, fazendo-o sangrar novamente.

Ramie estava revisitando seu passado, remexendo antigas dores e decepções. Ela ficou com um olhar distante e cheio de tristeza.

“Becky desapareceu um dia quando estava voltando da escola. Ela voltava comigo às vezes, apesar de ser proibida de fazer isso. Gostava de segurar minha mão e sorrir para mim. Eu era bem mais velha que ela, mas Becky parecia estar decidida a cuidar bem de mim mesmo assim. Eu sempre ficava espantada por algo tão bom ter vindo daquela família tão ruim. Becky era um amor, não era nada parecida com meus pais adotivos e os outros filhos deles. Naquele dia, estava frio, então eu estava caminhando com um passo rápido, apesar de estar sem pressa para chegar em casa. Assim que entrei pela porta, meu pai me pegou pelos ombros com força e me machucou. Eu sempre fui franzina.”

Os rostos de Caleb e Eliza foram se fechando em uma expressão furiosa. Dane só balançava a cabeça, murmurando Deus sabe lá o quê. Ele parecia tão irritado quanto os outros dois.

“Eu sabia que ele estava fazendo uma cena, mas ainda não entendia o porquê daquilo e nem sabia o que ele tinha feito. Ele me acusou e disse à polícia que eu tinha ameaçado Becky. A polícia acreditou nele, é lógico.”

Ramie parou e ficou em silêncio por um longo momento. Aquela história era obviamente um dos muitos demônios do seu passado.

“Ele não acreditava nas minhas habilidades. Se acreditasse, ele teria feito de tudo para esconder seus pensamentos nojentos. Primeiro fiquei chocada, depois fiquei apavorada. Tudo o que eu sabia era que precisava fugir e ficar o mais longe possível do mal que existia naquela casa.”

“Ele machucou você?”, Caleb perguntou em um tom de voz ameaçador.

Ramie olhou para ele bastante surpresa.

“Isso não importa agora, Caleb. Tudo isso aconteceu há dez anos. Eu já não sou mais uma adolescente assustada.”

“Não, você agora é uma adulta bem assustada”, Eliza disse, gentilmente.

Ramie engoliu em seco e não retrucou a afirmação de Eliza. Ela parecia estar com frio e suas mãos tremiam bastante.

“Ramie?”, Caleb perguntou com carinho. “O que aconteceu em seguida? O que aconteceu com Becky?”

“Ele me tocou”, Ramie conseguiu dizer. “Não me molestou, mas ele me agarrou pelos ombros, para fazer a ceninha na frente da polícia, para representar o papel do pai desesperado, achando que a maluca da filha adotiva adolescente machucou a filhinha dele. E eu conseguia ver tudo o que ele queria fazer, eu conseguia ver todas as fantasias doentias e degeneradas que se passavam na cabeça dele. Ele não fazia ideia de que, assim que me tocasse, eu iria sentir tudo o que ele queria fazer comigo, em detalhes. Foi como se tivesse realmente acontecido. Eu me senti violentada, como se aquilo tudo tivesse acontecido mesmo.”

“Eu vou matá-lo!”, Caleb disse com tanta raiva que parecia querer queimar tudo ao redor.

“O que aconteceu com Becky?”, Eliza insistiu, obrigando Ramie a voltar ao assunto.

A voz de Eliza estalou como um chicote sobre Ramie, que obedeceu. Caleb ficou irado com aquilo e levantou a mão para acabar com tudo, mas Dane fez um sinal com a cabeça.

“Espere”, Dane disse em voz baixa.

Ramie ficou parada como uma estátua, completamente imóvel. Caleb pegou uma de suas mãos e ela se contraiu com o contato. Os dedos de Ramie estavam gelados e ela sentiu o braço inteiro ficar arrepiado. Recolheu a mão, como se tivesse se queimado, e ficou massageando distraidamente a mão que Caleb tinha segurado, como se ele a tivesse machucado.

“Havia um policial que parecia não ter me julgado e condenado. Ele ficou em silêncio, olhando para mim e para meu pai. Eu acho que ele sabia, ou então suspeitava. Ele me puxou para um canto, dizendo que precisava me fazer umas perguntas. Quando estávamos sozinhos, ele me contou que tinha pesquisado sobre mim e que achava que eu poderia ajudar a encontrar Becky. Ele disse que se eu ajudasse a encontrá-la, ele me conseguiria uma nova família, uma boa família.”

“Ele chantageou você”, Eliza disse com espanto.

“E você concordou”, Caleb disse com uma voz sombria.

Ele sentiu o estômago revirar e, quando trocou olhares com Eliza e Dane, viu que eles também sabiam onde a conversa ia terminar. Isso o deixava mal. Caleb faria qualquer coisa para apagar o passado de Ramie, mas não havia o que fazer. O estrago já estava feito e talvez ela jamais se recuperasse.

Ramie assentiu com um movimento lento.

“Sim, eu concordei. Claro que concordei. Eu precisava provar que não tinha nada a ver com o sumiço dela.”

Ela fechou os olhos, com uma expressão visível de dor no rosto. Suas pernas bambearam e Caleb a segurou pelo braço, logo acima do cotovelo, dando apoio para que continuasse em pé. Dessa vez, Ramie não fugiu do contato com ele, porque Caleb estava mais calmo. Ele precisava tomar mais cuidado para controlar os pensamentos e não machucar Ramie com suas emoções.

“O pai de Becky disse que tinha encontrado a mochila dela na rua a caminho da escola. Ele falou que tinha encontrado depois que ele ficou preocupado por ela não ter voltado. Realmente não acreditava nas minhas habilidades, ou jamais teria me dado a mochila. Ele me chamava de golpista, de exploradora de pais desesperados para encontrar os filhos perdidos e de pessoas atrás de entes queridos. Eu nem precisava tocar na mochila para saber que ele tinha feito algo horrível. Aquele policial também sabia disso. Mesmo assim, eu não estava preparada para o que vi. Eu peguei a mochila e imediatamente me inclinei e comecei a vomitar. E continuei vomitando até achar que aquilo não ia mais parar.”

Ramie ficou em silêncio, com um olhar assustado e a garganta pulsando, como se ela estivesse tentando segurar o vômito naquela mesma hora.

“O que você viu?”, Eliza incitou novamente.

Ramie umedeceu os lábios. Seu rosto estava branco e ela estava tremendo mais ainda. Eliza rapidamente molhou uma toalha com água fria, a torceu e deu para Ramie colocar no rosto. Ela apoiou a mão no ombro de Ramie com um

carinho maternal, embora a diferença de idade entre as duas fosse pequena. A jovem levou alguns momentos para se recompor. Ela respirava fundo e seu peito subia e descia em um ritmo acelerado, como se ela estivesse engolindo a própria sensação de enjoo. Então, Ramie sentou-se na tampa do vaso sanitário fechado, e esfregou o rosto com as duas mãos.

“Eu estava apavorada demais para delatá-lo. Eu tinha muito medo do que ele poderia fazer comigo. O policial percebeu, no entanto. Ele sussurrou para mim, de modo a evitar que meu pai escutasse, e tudo o que ele me perguntou foi: ‘Onde?’. Eu falei para ele onde minha irmã estava, mas sabia que eles iam chegar tarde demais. Ele tinha deixado Becky lá para morrer, e eu não tinha tempo para salvá-la. Às vezes, me pergunto se ela só não sobreviveu por tempo suficiente para alguém descobrir o que ele tinha feito. Ela era tão nova, tinha um coração tão bom. Como é que podia ser filha de gente tão ruim?”

Caleb pegou a mão de Ramie, se ajoelhou na frente dela e a beijou na cabeça, sem se importar com a presença de Eliza e Dane.

“Sinto muito, querida.”

Ramie passou os braços por trás do pescoço dele e se agarrou a Caleb. Ele se aproximou, tocando a testa de Ramie com a dele e a abraçou.

“Eu preciso fazer isso, Caleb”, Ramie sussurrou. “Não só por mim, mas por você também. E por Tori, e pela mulher que está sofrendo agora enquanto discutimos sobre o destino dela. Eu preciso fazer isso. Não vou conseguir viver com minha consciência tranquila se ela morrer sem que eu tenha feito algo para ajudá-la.”

Caleb fechou os olhos, sabendo que Ramie estava certa, mas odiando a situação ao mesmo tempo. Ele se virou para Eliza e Dane, que estavam parados na porta.

“Podem fazer a ligação”, ele disse lacônico.

“Acho que isso quer dizer que não estamos demitidos”, Eliza sussurrou ao passar por Dane e seguir pelo corredor.

DEZESSETE

Ramie estava sentada na beirada do sofá, olhando concentrada para a frente. Ela estava esfregando as pernas com as mãos e depois cruzava os braços, abraçando a si mesma e cravando as unhas na carne. Estava tão nervosa que nem mesmo percebia que se balançava para a frente e para trás. Caleb se sentia impotente, incapaz de proteger Ramie das consequências do que ela estava prestes a fazer.

Ramie mordeu os lábios e seu olhar mostrava dúvida. Ela olhou para Eliza.

“Como é que você sabe que existe mais uma vítima?”

Caleb não gostou quando viu Eliza trocar com Dane um olhar de preocupação.

“Essa é uma boa pergunta”, Caleb disse calmamente. “Acho que vocês esqueceram quem é que paga seus salários aqui.”

“Ele está provocando você”, Eliza disse sem demora. “Ele mesmo avisou. Quer que você saiba disso para tentar rastreá-lo. A nova vítima é a mensagem que ele está mandando a você.”

Caleb ficou exaltado. “Ela não vai fazer isso. Você está louca? Está preparando uma armadilha. Ramie, você não pode fazer isso.”

“Quando ele avisou?”, Ramie perguntou. “Como ele deu o aviso? Como vocês sabem que é ele?”

Dane ficou tenso. “Esta manhã. Ele ligou para a polícia de Houston e deixou uma mensagem para você.”

Ramie olhou chocada para Dane.

“É por isso que eu queria alguém para fazer o retrato falado dele”, Eliza disse. “Para podermos enviar para a imprensa e colocar na internet. Assim, as pessoas vão começar a procurar por ele. Houston é uma cidade grande e nem mesmo sabemos se ele está aqui, mas ele ligou para a delegacia do centro e disse para avisarem Ramie St. Claire que ela não vai conseguir se esconder dele para sempre, e que ele estava esperando por ela. E, até lá, ele tinha encontrado uma pessoa para passar o tempo.”

“O detetive Ramirez queria trazer Ramie para a investigação”, Dane disse.

“Nós falamos para ele que estamos protegendo você e que a intenção dele é fazer você sair do seu esconderijo.”

“Você precisa derrotá-lo nesse joguinho que ele está fazendo”, Eliza disse olhando com firmeza.

Ramie lentamente virou a cabeça na direção de Caleb, com um olhar cheio de dúvida. A dúvida não era se ela iria fazer aquilo ou não. A dúvida era se ele estava com ela nessa ou não, se ele iria apoiá-la ou não. Caleb sentou-se ao lado dela e passou a mão sobre sua perna até pegar em sua mão. Ele entrelaçou seus dedos e apertou sua mão para lhe passar confiança, embora confiança fosse a última coisa que estivesse sentindo naquele momento.

Caleb não sentia tanto medo – nem se sentia tão desamparado – desde o dia em que Tori foi sequestrada. Ele não estava acostumado a ter tão pouca influência e controle sobre o ambiente e sobre as pessoas ao seu redor. A vida toda ele esteve no comando das coisas, mas, no último ano, isso tudo se inverteu.

“Eu estarei aqui, Ramie”, ele murmurou. “Não vou sair para lugar nenhum. Mas você precisa me prometer uma coisa.”

“O quê?”, ela perguntou, sem tirar os olhos do rosto de Caleb.

“Eu não sei bem como dizer o que estou pensando, porque não entendo direito como seus poderes funcionam, mas se a coisa ficar feia, me prometa que você vai voltar. Não fique ali com ele. Volte para *mim*.”

Ramie respirou fundo. “Vou tentar.”

Caleb não gostou de como Ramie estava insegura e incerta quando disse aquilo, e gostou menos ainda de ver como ela estava com medo. A voz dela estava hesitante, e seus lábios, levemente trêmulos. Ramie mordia a boca e mastigava seu lábio inferior com nervosismo. Caleb puxou o lábio preso e acariciou a pele machucada. Depois, ele se aproximou e beijou de leve a boca de Ramie.

“Eu vou ficar aqui o tempo todo.”

Ramie fechou os olhos e mostrou sentir alívio. Ela se inclinou na direção de Caleb e apoiou a testa contra a dele. Caleb segurou a cabeça de Ramie e levou seus lábios para mais um beijo na testa dela. Eles permaneceram sentados dessa maneira por vários minutos, e a respiração dos dois se misturou e se confundiu. Caleb acariciou o cabelo de Ramie, para confortá-la, ou talvez para confortar a si mesmo.

“Que raios está acontecendo aqui?”

Caleb se virou e viu Quinn parado na porta da sala de estar, com Beau vindo logo atrás para ficar ao lado dele. Os dois estavam com a cara fechada, e Beau

olhava alternadamente para Caleb e para Ramie. Seu rosto ficou ainda mais carrancudo quando percebeu o ambiente pesado na sala.

“Caleb?”, Beau perguntou. “Acabei de sair do quarto de Tori. Ela está irritada. Você devia subir lá para falar com ela.”

Caleb sentiu Ramie ficar tensa e falou um palavrão em voz baixa. Beau e Quinn não queriam Ramie lá, pois isso deixava Tori muito alterada. Mas não havia a menor chance de ele deixar Ramie suportar aquele fardo sozinha, e especialmente quando ela estava prestes a entrar na mente de uma vítima e de um assassino.

Eliza se levantou e ficou entre eles, de braços cruzados, como se quisesse proteger Ramie do olhar de desaprovação dos irmãos de Caleb.

“A polícia está chegando”, Dane interrompeu ao olhar para o celular. “Você precisa deixá-los passar pela segurança da entrada.”

Ramie pareceu se encolher ainda mais perto de Caleb.

“Que diabos a polícia de Houston está fazendo aqui?”, Quinn perguntou. “Estamos fora dos limites da cidade.”

“Ramie está ajudando a polícia”, Caleb disse calmamente. “Pode liberar a entrada.”

Beau ficou analisando Ramie em silêncio por um tempo, e depois se voltou para Caleb. “Se é tão difícil assim, então porque ela está concordando em fazer isso de novo?”

Pelo canto do olho, Caleb pôde ver Ramie ficando alterada. Ela cerrou os punhos e ficou olhando para o chão, tão quieta que ele não conseguia nem ouvir sua respiração. Finalmente, ela levantou a cabeça, e Eliza deu um passo para o lado, para que Ramie pudesse encarar os irmãos.

“Acho que vai ser bom para você julgar o quanto é difícil para mim”, ela disse calmamente.

“Eu vou lá abrir a porta”, Quinn disse e se afastou.

“Você precisa dar um tempo, Beau. Vocês dois”, Caleb disse com raiva. “Tori não é a única vítima aqui.”

“Que estranho, tenho certeza de que Ramie não estava nem um pouco perto do cativeiro de Tori. Talvez você tenha se esquecido das prioridades, mas Quinn e eu não”, Beau retrucou com um tom igualmente raivoso.

“Chega, vocês dois”, Eliza entrou no meio. “Ramie não é um pedaço de carne para ser disputada a tapa por dois cachorros. E, Beau, Tori não é a única mulher que sofreu. Há muitas e muitas outras por aí, e Ramie quer que a justiça seja feita para todas elas. Incluindo sua irmã.”

Ramie olhou para Eliza com gratidão. Ela estava com a mandíbula cerrada, e se recusava até mesmo a olhar para Caleb. Que droga. Antes que Caleb pudesse responder ou amenizar as coisas com Ramie, Quinn voltou para a sala com dois homens atrás dele.

Ramie ficou pálida e fechou os olhos. As mãos dela tremiam sobre o colo. Caleb deslizou a mão até o pulso de Ramie e fechou os dedos sobre seu punho.

“Você não estará sozinha desta vez, Ramie”, ele garantiu.

DEZOITO

As mãos de Ramie estavam encharcadas de suor, assim como seus lábios. Ela respirava de forma afoita, com o peito pesado, e o ar que entrava queimava seus pulmões. Ela não conseguia acreditar que iria passar por aquilo de novo, voluntariamente, após jurar nunca mais fazê-lo. Ela se sentia como uma atração de circo, como se os expectadores aguardassem que cada um fizesse sua performance. No mínimo, as coisas iriam acontecer do jeito dela. Ninguém mais iria dar as ordens por lá.

A mandíbula de Ramie estava tão contraída que seus dentes doíam. Ela mal conseguiu cumprimentar os dois detetives que tinham acabado de se apresentar. Caleb estava impaciente e nem um pouco disposto a prolongar o assunto. Ele passou a mão nos cabelos e segurou a nuca enquanto ouvia os policiais explicarem a ligação que tinham recebido do homem que estava perseguindo Ramie.

Ela se desfocou do que as vozes diziam. Havia uma risada sinistra ecoando em sua mente, e ela não tinha certeza se era apenas sua imaginação ou se o perseguidor estava se divertindo à custa dela. Quando percebeu que todos esperavam que ela canalizasse o assassino bem ali, na sala de estar, para que todos assistissem, ela fez um sinal de negação com a cabeça. Um dos detetives segurava uma pequena bolsa e queria que ela a pegasse. Ramie se recusou, e olhava para aquela bolsa como se ela fosse uma víbora. Ela sabia que, assim que tocasse o objeto, seria arrastada para o abismo. E daquela vez ela não sabia se conseguiria voltar.

“Ramie?”, Eliza a chamou calmamente. “Me diga como você quer fazer isso. É você quem manda.”

A boca de Ramie estava seca e ela teve dificuldade para engolir. Ela assentiu para mostrar que estava ciente disso, mas não se moveu na direção do detetive, que segurava a bolsa. Ela estava suja de terra e sangue. Ramie ficou olhando para a bolsa, e sentia o medo apertar seu peito e fazer seu estômago revirar.

Caleb a puxou nos braços, deixando-a de costas para o resto da sala, protegendo-a daquela visão. Ele lhe deu um beijo na cabeça e a envolveu com

braços fortes e implacáveis. Ela ficou lá em silêncio, absorvendo um pouco da força de Caleb e se preparando para o ataque que viria. Então se aprontou, afastou-se de Caleb e voltou-se para os dois detetives.

“Não aqui”, ela disse em voz baixa. “Dê a bolsa para Caleb, vou fazer isso lá em cima.”

O detetive Ramirez trocou um olhar com seu colega e pigarreou.

“Isso aqui é uma prova. Eu gostaria que ela não saísse do meu alcance.”

“Você quer encontrá-la ou não?”, Ramie retrucou sem rodeios.

Beau e Quinn tinham a mesma expressão de desprezo em seus rostos, mas Ramie não se permitiria ficar constrangida por causa deles. Ela precisava ser forte e impiedosa, ou então jamais sobreviveria àquilo.

“Todo mundo para fora daqui”, Caleb disse secamente.

Eliza hesitou, olhando para Caleb. “Você quer que eu fique?”

“Não”, Ramie disse em voz baixa. “Só o Caleb. Ele já viu antes e sabe como é.”

Caleb estremeceu, e seu olhar estava cheio de arrependimento. “Podem ir”, ele falou baixo. “Eu cuido dela.”

“Eu gostaria de filmar isso”, o detetive Briggs disse.

“Definitivamente não”, Caleb respondeu antes que Ramie também pudesse reclamar. Ela estava horrorizada e espantada com aquele pedido. A última coisa que gostaria era ver sua fragilidade transmitida para todo lugar. Bastava um único vazamento para a mídia e o vídeo viralizaria no YouTube e no Facebook.

Ramie sentiu um frio na espinha, assim como tinha sentido no andar de cima, naquele quarto para onde ela não desejava voltar. Ela contraiu a mandíbula para que os dentes parassem de bater. Todo mundo iria pensar que ela era louca ou estava doente. Lá fora, a temperatura devia estar a mais de 30 graus, em pleno outubro. Como é que as pessoas aguentavam aquele calor por tanto tempo?

Caleb percebeu o que estava acontecendo. No entanto, observou o braço de Ramie ficar todo arrepiado. Ele franziu a testa e fez um gesto para que os outros deixassem a sala, conforme tinha orientado antes.

“Está tudo bem?”, Caleb perguntou. “Talvez você não devesse fazer isso mesmo.”

“Só quero acabar logo com isso”, Ramie disse entredentes.

A cabeça de Ramie tinha começado a doer bastante. Ela também estava se sentindo nauseada, embora ainda nem tivesse estabelecido uma conexão com assassino e vítima.

“Rápido, por favor”, ela disse.

Caleb disparou ordens aos ocupantes da sala, e Ramie saiu de perto dele para sentar-se no sofá, inclinada para a frente, observando o chão. Caleb tocou o ombro dela e chegou à nuca, acariciando os cabelos da moça por entre seus dedos, para acalmá-la.

Ela olhou para cima e viu a pequena bolsa nas mãos de Caleb. O rapaz ficou olhando para ela, prendendo a respiração e imaginando quais horrores estariam dentro dela. Então se agachou e ficou apoiado em um joelho na frente dela, sem entregar a bolsa ainda. Ela ficou esfregando as mãos nas pernas, sentindo a textura do jeans gasto sob a ponta dos dedos. Inspirou profundamente e pegou a bolsa de maneira hesitante. No mesmo instante, foi consumida pela escuridão. Atordoada, ela se viu em um turbilhão, com gritos tão altos que quase ficou surda.

O cheiro de sangue era insuportável, metálico e ácido. O odor queimava suas narinas e agredia seus outros sentidos. Ela sabia com toda a certeza que era tarde demais para a vítima, que jamais chegou a ter alguma chance de sobreviver. Houve um breve momento de consciência na mente de Ramie. A vítima achava que já estava morta e que aquela súbita onda de calor em sua mente era um anjo. Ramie não quis contrariá-la e tentou reconfortar a mulher agonizante da melhor maneira que conseguiu.

“Não vou deixar ele escapar disso que fez”, Ramie sussurrou para a vítima. “A justiça vai ser feita.”

“Obrigada”, a mulher respondeu.

A cabeça de Ramie explodiu e ela se viu engolida pela escuridão. Era uma maldade tão forte e intensa, que ela se sentiu sugada por um buraco negro.

“Eu estava esperando por você”, ele murmurou. “Estava me divertindo um pouco até você chegar. Agora que está aqui...”

“Não!”, Ramie gritou assim que os olhos da mulher ficaram opacos quando morreu.

A risada dele ecoou na mente perturbada de Ramie. Onde ela estava? E por que não tinha voltado? A vítima já estava morta, não havia mais uma ligação ativa com Ramie.

“Eu vou continuar sequestrando essas mulheres”, ele sussurrou com uma voz suave. “Você não tem como me impedir, mas você pode se entregar a mim em troca delas. Você conseguiria me manter entretido, Ramie, ela não conseguem. São fracas demais, desistem rápido demais.”

“Eu vou matar você”, Ramie respondeu com a voz baixa, mas irada.

Ele riu de novo e Ramie sentiu a ponta dos dedos dele roçarem sua pele.

Aflita, ela tentou romper a conexão que a prendia a ele. Sua cabeça e seu pescoço pulsavam violentamente, enquanto tentava reagir. Ela sentiu dor e não conseguiu respirar. Havia muito sangue cobrindo suas mãos e suas roupas. E ela olhou para a mulher, para todo aquele sangue que saía do seu corpo ainda quente.

“Ramie! Ramie! Que droga, volte para mim!”

Alguém estava chamando por ela, bem longe dali. Aquilo serviu para acordá-la e Ramie percebeu que tinha parado de lutar. Ela estava lentamente sendo afastada de Caleb e morrendo inexplicavelmente. Alguém a estava chacoalhando. Caleb gritava para que ela não fosse embora. Frio, Ramie estava com muito frio.

Ela flutuou, e parecia pairar no ar. Seu corpo estava muito leve. Ramie abriu os olhos e ela pôde olhar para o rosto da morte. Ele era estranhamente bonito, e não se parecia em nada com o demônio que ela sempre imaginou. Parecia inofensivo e tinha um rosto que mais parecia uma obra de arte.

Os dentes dele brilhavam, eram perfeitos, branquíssimos. Esse não era um homem que passava despercebido. Ele chamaria a atenção onde quer que fosse. Como é que não foi pego até agora?

“As pessoas enxergam o que elas querem ver, Ramie”, ele falou, e seu hálito batia quente no rosto dela. Ele inclinou a cabeça para um lado e para o outro, deslizando o dedo graciosamente pelo queixo de Ramie. Seu sorriso era gentil, quase um afago, e estava irradiando satisfação... vitória! Ramie piscou e fechou os olhos, procurando dentro de si forças para reagir. Ela abriu os olhos e o encarou, hipnotizada por aqueles olhos azuis surpreendentes.

“Vá se foder!”, Ramie disse com frieza.

Ele tropeçou para trás e a expressão do rosto dele ficou cheia de fúria. Ramie se viu subitamente livre, e todo aquele peso opressivo tinha sumido. Era como se ela tivesse sido sugada para dentro da água e foi solta de repente. Ela subiu rapidamente para a superfície, e nadou de volta para a consciência.

E para Caleb.

Seus olhos se abriram, e Ramie viu Caleb quase encostando seu nariz no nariz dela, com as mãos ao redor do seu rosto, gritando com a voz rouca para que ela voltasse e não deixasse o desgraçado vencer.

“Ramie?”

Ela estava ofegante, desfaleceu e caiu no chão, escorregando dos braços de Caleb. E ficou deitada lá arfando, fraca e vulnerável, encolhida e estremecendo com convulsões. Os outros entraram correndo na sala, fazendo barulho e

correndo até eles. Caleb se inclinou na direção de Ramie, que estava de olhos fechados e sentindo um imenso alívio.

“Ah, meu Deus! Ramie, achei que tinha perdido você”, ele gritou.

“Foi isso que você fez com ela?”

A voz abalada e chocada chamou a atenção de Ramie, que viu o rosto de Tori entrando e saindo de foco. Ela estava parada no meio dos dois irmãos, assustada e estarrecida, e tinha um olhar arrependido.

“Você fez isso com ela para conseguir descobrir onde eu estava?”, Tori perguntou.

Caleb segurou Ramie pelos ombros, com as mãos trêmulas, e a pegou nos braços. Ele apertou o rosto de Ramie contra seu peito e acariciou os cabelos dela, beijando sua cabeça.

“Sim, eu fiz isso com ela”, Caleb disse cansado. “Que Deus me perdoe, mas eu fiz isso com ela.”

Ramie estava desfalecida nos braços de Caleb. Ela não tinha forças nem mesmo para se sentar e não conseguia abrir os olhos. Estava chorando copiosamente e soluçava contra o peito dele.

“Você sabe onde ela está?”, perguntou o detetive Briggs. “Conseguiu localizar a vítima?”

“Não chore, Ramie”, Caleb falou. “Por favor, não chore. Você está comigo. Está tudo bem!”

“Ela está morta”, Ramie conseguiu dizer. “Ele a matou assim que estabeleci uma conexão. Ele só estava esperando isso para matá-la.”

O detetive Ramirez falou um palavrão. Eliza se ajoelhou ao lado de Ramie e de Caleb, e olhou para ela com piedade.

“Onde Ramie? Você consegue nos dizer onde ela está? Não deixe que ela tenha morrido em vão. Se você puder nos dizer onde ela está, talvez a gente consiga pegá-lo.”

Como se estivesse entorpecida, Ramie deu os detalhes da localização com uma voz completamente sem vida, assim como a vítima. Beau olhou para Ramie com um olhar que parecia ser de remorso. Quinn abraçou Tori, que estava tremendo e chorando em silêncio, da mesma maneira que Ramie. As duas mulheres trocaram olhares em um momento de cumplicidade mútua, antes de Tori virar o rosto, completamente perturbada. Ela saiu correndo da sala e Quinn ficou xingando.

“Como é que você teve coragem de fazer isso com ela?”, ele disse, levantando o tom de voz contra Caleb. “A última coisa de que Tori precisa é ver

isso, bem na casa dela!”

Ramie baixou a cabeça e virou o rosto para os irmãos de Caleb. Ela estava completamente exausta e foi na direção do vazio, sem se importar com mais nada. Havia paz no silêncio e era o que Ramie desejava. Ela queria ser engolida pelo abraço firme do vazio. Estava cansada e havia dor demais no presente. Então Ramie simplesmente se deixou levar e ser engolida pelo vazio.

Caleb sentiu Ramie ficar completamente desvanecida. O medo tomou conta dele e o deixou irracional.

“Ramie merece ser tratada melhor por você”, Caleb gritou. “Não importa o que você ache que ela fez, ela não merece ser julgada. Eu a mandei para o inferno para salvar Tori e isso sempre vai estar entre nós. E agora ela voltou porque é a única pessoa que pode parar um psicopata sanguinário. E qual é o seu *problema* para tratar tão mal essa mulher? Que diabos ela fez além de tentar sobreviver e não enlouquecer?”

Quinn ficou de olhos arregalados com o discurso inflamado de Caleb. Beau fechou a cara, e seu rosto implacável estava com uma expressão cheia de culpa.

“Ela está... viva?”, Beau perguntou inquieto.

Os dois detetives pareciam preocupados e imediatamente começaram a se aproximar de Ramie. Caleb a abraçou, protegendo-a de todo mundo.

“Que diabos aconteceu aqui?”, detetive Briggs perguntou.

“Ela quase morreu. Foi isso que aconteceu”, Caleb disse irritado. “Vá, encontre a vítima. Faça o seu trabalho e encontre o cara, para que Ramie possa ficar em segurança. Não faça ela ter sofrido tudo isso à toa.”

O detetive Ramirez já estava ao telefone, distribuindo ordens para a central.

“Deixe-me dar uma olhada nela, Caleb”, Dane disse preocupado. “Ela está respirando?”

Caleb tirou o cabelo do rosto de Ramie e aproximou-se dela, de modo a poder sentir o sopro da respiração de Ramie em seu pescoço.

“Ela está viva”, Caleb disse lacônico. “Eu vou levá-la para cima.”

Caleb se levantou lentamente, tomando cuidado com a carga preciosa que carregava. Ajeitou Ramie nos braços e caminhou rapidamente para as escadas, com o rosto dela ainda colado em seu peito. Ele estava com o coração acelerado, ainda sentindo muito medo. Ele tinha vivido sem medo a maior parte da vida. Somente no ano anterior ele se viu vulnerável e pôde saber o que era viver amedrontado a cada minuto do dia. Caleb odiava o medo, que para ele era algo inútil e que só atrasava a vida. No entanto, ao se preocupar com alguém, ele descobriu que viveria o resto da vida com medo, porque algumas coisas não

podiam estar totalmente sob seu controle.

Caleb carregou Ramie para o quarto dele e a colocou com cuidado na cama. As mãos e os pés dela pareciam pedras de gelo, e sua pele estava tão gelada que parecia azulada. Ele puxou as cobertas e se deitou na cama junto dela, trazendo o corpo dela para perto dele, tentando dar seu calor a ela. Ramie nem mesmo chegou a se mexer, e respirava tão levemente que Caleb precisava, de tempos em tempos, conferir para ver se ela estava mesmo respirando.

Que diabos ele iria fazer? Caleb jamais tinha se sentido tão desamparado na vida. Ele podia gastar todo o dinheiro que pudesse que o problema não iria sumir. O dinheiro havia muito tempo tinha perdido qualquer valor intrínseco para ele, e era apenas uma ferramenta como qualquer outra, que tornava a vida apenas mais confortável. O dinheiro com certeza não resolvia todos os problemas na vida e nem o tornava imune à dor e às dificuldades.

Caleb sentiu o cheiro dos cabelos de Ramie, fechou os olhos e pensou no que poderia fazer para a dor dela desaparecer. Ela então murmurou algo ininteligível e se aconchegou com mais firmeza nos braços dele, um pequeno gesto que lhe foi bastante reconfortante. Ele relaxou e pôde sentir um breve momento de prazer por ter Ramie aninhada em seu corpo.

Ele estaria ali quando ela acordasse, para que não despertasse sozinha e assustada. Não importava quanto tempo ela dormisse, ele estaria ali, com ela nos braços, quando abrisse os olhos novamente.

DEZENOVE

Eram quase 2 horas da madrugada quando Ramie finalmente começou a se agitar. Caleb tinha ficado deitado com ela durante toda a tarde e a noite, preocupado com o fato de que ela tinha ficado desacordada por tanto tempo. Na hora em que sentiu Ramie se mover, Caleb acordou e olhou para o relógio ao lado da cama, e viu que ele tinha acabado de cair em um sono leve.

Quando a viu, deixou escapar um suspiro de alívio dos lábios. No mesmo instante, ele segurou o rosto de Ramie e inclinou a cabeça para beijá-la. Ela ficou tensa ao contato com ele, que podia praticamente ouvir tudo o que estava acontecendo na mente dela àquela hora: ela estava se lembrando da angústia pela qual tinha passado e, de repente, tinha percebido onde estava. O corpo de Ramie estremeceu com um soluçar silencioso. Caleb ficou com o coração partido ao ver como ela parecia derrotada e sem esperança.

“Você não está sozinha, Ramie”, ele sussurrou no ouvido dela.

“Ele a matou. Oh, meu Deus, Caleb! Ele a *matou* e a usou como isca para me atrair...”

“Shhh, calma, querida. Não foi sua culpa.”

Ramie acariciou o peito dele e beijou seu pescoço. Caleb sentiu as lágrimas no rosto dela e secou uma delas com um beijo.

“Me faça esquecer”, ela disse com a voz trêmula. “Por favor, eu não aguento mais. Ela não sai da minha cabeça. E tudo o que sei é que fracassei com ela.”

Caleb deu um pequeno chacoalhão em Ramie, posicionou-se na altura dos seus olhos e a encarou com seriedade.

“Você *não* fracassou com ela, Ramie. Se você quer colocar culpa em alguém, então culpe a pessoa certa, que é o desgraçado que está perseguindo você.”

Ele massageou as costas dela por dentro da roupa e chegou até a nuca. Depois, foi deslizando vagarosamente os dedos por sua barriga e subiu de novo, tocando de leve em seus seios. Caleb beijou Ramie, abafando seus soluços e tirando seu fôlego, deixando-a com a respiração acelerada. Com os polegares, ele roçou seus mamilos, tocando-os até ficarem rígidos. Ramie abraçou Caleb pela cintura, alisando suas costas, e logo ele a colocou embaixo dele e começou

a tirar a camiseta dela.

A pele de Caleb estava ardendo de desejo. Ele sentia imensa necessidade de tocar e acariciar Ramie. E nunca tinha sido tão paciente e carinhoso, e nem mesmo estava certo se ela sabia o que tinha pedido a ele, mas não pretendia se aproveitar dela. Ele deu tempo para Ramie dizer não, e para mudar de ideia, e depois chegou a pensar se deveria dizer não por ela, ou se ela iria odiá-lo por tentar fazer amor com ela.

“Ramie querida!”

Os lábios de Ramie roçaram o pescoço de Caleb e chegaram até sua orelha, e ela mordiscou o lóbulo, fazendo a pele dele se arrepiar inteira.

“Me diga que você quer isso”, ele disse com a voz rouca. “Quero que você tenha certeza. Eu já fiz o bastante para você me odiar.”

“Eu não odeio você”, ela murmurou de volta. “Eu tenho certeza e você não precisa continuar se justificando, Caleb. Estou com muito frio, continue me esquentando, por favor!”

Ele afastou as pernas de Ramie com os joelhos, e se esfregou sobre o tecido fino da calcinha dela. Ramie estremeceu quando os dedos de Caleb mergulharam por dentro do elástico da calcinha e chegaram até seus pequenos lábios. Ela estava úmida, mas ainda não lubrificada o suficiente para recebê-lo.

Caleb tirou a camiseta de Ramie e sua camisa, enquanto se abraçavam e se entrelaçavam. Havia uma urgência no ar, embora ele tentasse desacelerar o ritmo. Caleb não queria exagerar, não queria que Ramie fizesse algo de que pudesse se arrepender depois. Mas, ao mesmo tempo, ele a desejava com um desespero que nunca tinha sentido por nenhuma mulher antes. Era difícil controlar os próprios impulsos, e ele não estava acostumado a se segurar, pois nunca precisou fazer isso antes.

Mas Ramie era especial, e muito delicada. Caleb a tocava como se fosse algo precioso e vulnerável. Ele deslizou muito suavemente sua língua sobre a pele macia dela. O sabor de Ramie era doce em sua boca. Passou por seu abdômen e tocou com a ponta da língua ao redor dos seus mamilos, e sugou seus seios, no começo bem suavemente, mas depois com muita firmeza e força. Ramie ficou ofegante e se contorceu toda, se entregando cada vez mais à boca de Caleb.

“Oh, Caleb, mais!”, ela pediu.

Ramie nunca mais teria de pedir nada que ele pudesse dar.

“Você tem certeza, Ramie? Avise antes de eu entrar em você. Eu quero que você tenha certeza que quer mesmo, senão eu paro agora. Você só precisa me dizer não.”

Ela colocou os dedos nos lábios de Caleb, e se contraiu toda sob o corpo dele.

“Eu preciso de você!”

Aquele pedido simples e elegante o deixou desarmado. Havia tanta vulnerabilidade nas palavras dela, e isso fez Caleb a desejar mais e mais, e ainda assim ele se seguraria por ela, para protegê-la e não machucá-la. Ele já a havia machucado demais, duas vezes já eram suficientes, e jamais se esqueceria disso.

Ele foi traçando uma trilha de beijos descendo por entre os seios de Ramie, ao mesmo tempo em que baixou as mãos para tirar sua calcinha. Ramie arqueou as costas, apoiando-se na cama para ajudar Caleb a puxar a peça de roupa pela perna. Ela afastou as coxas e Caleb pôde sentir sua fragrância, o que fez seu corpo todo pulsar mais ainda de desejo.

Louco para sentir o sabor de Ramie, Caleb colocou sua boca nos seus pequenos lábios e começou a chupá-la até chegar ao clitóris. Ramie enterrou os dedos nos cabelos de Caleb e segurou sua cabeça com firmeza, enquanto ele a sugava por inteiro, saboreando-a de dentro para fora.

Caleb precisava possuí-la. Ele já estava chegando muito perto de gozar e ainda nem estava dentro dela. Seu pau já estava escorregadio, com a cabeça lubrificada. Caleb o posicionou na entrada de Ramie, fazendo os lábios dela se afastarem com a grossura de seu membro. Mas ele tinha de dar mais tempo para ela se preparar. Lentamente, ele começou a ir cada vez mais para dentro dela, abafando seus gemidos com sua boca, em beijos suaves. O som da nova experiência de Ramie, junto com a lubrificação súbita que cobriu seu pau quase fizeram Caleb gozar ali mesmo. Fazendo um grande esforço, ele recuou e se segurou com firmeza, deixando apenas a cabeça dentro dela.

“Agora!”, ela exclamou. “Agora, Caleb!”

Ele deu uma estocada firme, penetrando fundo e com força. Ramie gritou e Caleb a beijou, permanecendo parado dentro dela, enquanto ela estremecia de leve sob ele. Lá dentro, ela estava quente e lubrificada, envolvendo-o como uma luva de veludo. Ramie puxava Caleb com força para si, trazendo-o mais fundo ainda.

Ele se entregou ao abraço dela, e os gemidos de Ramie foram ficando cada vez mais altos. Caleb fechou os olhos quando seu corpo começou a se contrair por inteiro, e ele começou a ver estrelas. Passou a fazer movimentos de vai e vem rápidos e fortes, e a sensação era tão deliciosa que era quase impossível de aguentar, Era tanto prazer que ele gemia entre os dentes.

O corpo de Ramie se encaixava perfeitamente sob o de Caleb. Ela arfava e

gemia na sua boca, com a respiração acelerada. Com os dedos cravados nos ombros dele, Ramie se curvava e seus gemidos quebravam o silêncio do ambiente. Caleb puxou Ramie pelos cabelos e inclinou a cabeça dela para trás enquanto devorava sua boca, consumindo-a como alguém obcecado. Havia uma necessidade violenta que o dominava e corria por sua coluna e por suas veias como uma droga poderosa.

Então, ele penetrou fundo e permaneceu lá, apertando com força seu quadril contra o dela, e os dois começaram a se mover juntos de forma selvagem. Caleb mal percebeu que não tinha colocado camisinha. Ele nem tinha pensado nisso, mas agora era tarde demais. Seu orgasmo veio como um furacão, como uma tempestade fora de controle. Ramie apertou o rosto contra o pescoço de Caleb e se segurou com firmeza, e seu corpo estremeceu violentamente quando seu orgasmo chegou em ondas.

Caleb nunca tinha sentido nada tão bonito em toda a sua vida, e nem jamais havia tido algo tão precioso em suas mãos antes. Ele sussurrou o nome de Ramie várias e várias vezes, dominado pelo poder do prazer simultâneo que tiveram.

O corpo dele desacelerou, e Caleb se moveu sobre Ramie como ondas no oceano. Ele não conseguia se saciar. Ele ainda estava ereto e cheio de desejo, mesmo depois de gozar e se deleitar com o clímax. Caleb pegou Ramie nos braços e rolou para colocá-la por cima.

Ela se esparramou sobre ele, deixando os cabelos caírem como uma cortina sobre o peito largo de Caleb, que segurava o rosto de Ramie nas mãos para beijá-la. As línguas dos dois se misturavam, assim como seus corpos tinham feito: se contorciam e reviravam, quentes e molhadas.

Lentamente, Ramie baixou a cabeça, tocando com a testa o peito de Caleb, sentindo o queixo dele bater no topo de sua cabeça. Ele ainda estava dentro dela, bem profundamente. Ramie se movimentava ritmadamente em volta de seu pau, extraindo as últimas gotas de esperma para dentro dela. Caleb nunca tinha se sentido tão completo em toda a vida, e ele não fazia ideia de como Ramie estava se sentindo.

Ele puxou uma mecha de cabelo dela e abriu a mão, acariciando-a. Ramie respirava fundo, com dificuldade, e seu corpo todo cobria Caleb como uma toalha. O corpo dela era quente e macio, muito feminino e delicado. Caleb não conseguia parar de tocá-la e acarinhava sua pele clara com a ponta dos dedos, o que fazia Ramie estremecer por onde ele tocava. A pele dela se arrepiava e os pelos se eriçavam. Caleb pressionou sua boca no pescoço dela, se aconchegando com seus lábios.

“Eu machuquei você?”, ele murmurou.

Ela fez um grunhido baixo e balançou a cabeça, sinalizando um não e esfregando gentilmente o pescoço no queixo dele.

“Eu nunca imaginei que pudesse ser assim”, Ramie disse maravilhada. A voz dela tinha falhado e ela levantou a cabeça para olhar Caleb nos olhos.

Ele deslizou as duas mãos para baixo, para segurar a bunda de Ramie, que ainda estava montada sobre ele, contraindo-se em volta de seu pau com pequenos tremores, que pareciam choques elétricos para Caleb. As mãos dele estavam paradas sobre o traseiro redondo dela. “Eu não coloquei camisinha, me desculpe. Eu me empolguei tanto na hora que não usei proteção.”

Ramie estremeceu mas não disse nada na hora. Caleb sentiu a vagina molhada dela apertar seu pau, que começou a ficar duro novamente. Ele não tinha usado camisinha na primeira vez, mas não cometeria o mesmo erro novamente. Gentilmente, ele virou Ramie para que eles ficassem de lado. Ela se aninhou no corpo dele, e fechou os olhos quando sentiu Caleb sair de dentro dela. Ele imediatamente sentiu falta do calor de Ramie.

“Você deve estar com fome”, ele disse. “Você não comeu nada desde o café da manhã.”

Ramie deu de ombros delicadamente.

“Não acho que iria conseguir comer, mesmo que estivesse com fome.”

“Você não pode se dar ao luxo de pular refeições”, ele justificou. “Você precisa começar a se cuidar melhor, Ramie. Se você não fizer isso, eu vou fazer!”

De repente, do nada, ela soltou uma pergunta que os levou de volta à realidade.

“Eles encontraram a vítima?”, Ramie perguntou calmamente. “A polícia o pegou?”

Caleb ficou tenso e apertou o abraço em Ramie, como se quisesse protegê-la. “A polícia encontrou a vítima. E não, eles não o capturaram.”

Ramie suspirou profundamente. Ela respirava com dificuldade e de forma barulhenta.

“Ele vai continuar matando”, ela disse atormentada. “Ele me quer em troca de mais vítimas no futuro.”

“Não!”, Caleb exclamou cheio de medo. “Nem pense nisso, não vai haver troca nenhuma. Nada de acordos nem de negociar com um louco. Você vai ficar aqui comigo, onde eu tenho certeza de que você está segura e bem protegida.”

“Não posso me esconder para sempre”, ela reclamou.

“Não pode?”, Caleb duvidou. “Eu tenho mais recursos do que você imagina. Posso garantir que ele nunca vai chegar até você.”

“Mas a que preço? Quantas mulheres mais vão precisar morrer por causa da obsessão que ele tem comigo? Talvez a gente devesse conversar com a polícia sobre fazer uma negociação, um esquema para prendê-lo. Precisamos dar o que ele quer.”

Caleb entrou em pânico e não conseguiu nem mesmo respirar. Ele estava abraçando Ramie com tanta força que era capaz de a estar machucando. Ele tentou relaxar, mas seu estômago estava queimando de raiva.

“Não vai haver troca nenhuma”, ele disse lacônico.

“Não é você quem vai tomar essa decisão.”

“O diabo que não! Um de nós dois aqui precisa pensar direito e você com certeza não é. Você não está nisso sozinha, Ramie, e não existe a menor chance de eu deixar você se oferecer como um cordeiro em sacrifício para aquele psicopata demente que só quer ver você morrer. Não vamos nem discutir isso. Se eu tiver de amarrar você na porcaria dessa cama e ficar te segurando, é o que vou fazer, e não vou ter o menor arrependimento depois.”

“O que podemos fazer, então?”, Ramie perguntou frustrada. “Não posso mais viver assim, Caleb. Ainda consigo sentir o cheiro do sangue, posso senti-lo nas minhas mãos, e me lembro da hora em que ele a matou. Para ele é só um jogo de xadrez. Ele é frio e calculista, e gosta de matar. Ele se vê como o deus do próprio universo dele e não vai parar por nada.”

Caleb beijou a testa franzida de Ramie, tentando aliviar sua preocupação.

“Se você morrer, isso não vai salvar ninguém.” Ela segurou a respiração, enquanto Caleb continuou sem parar. “Você acredita de verdade que ele vai parar com você? Ele sempre vai precisar dessa sensação, de um desafio maior.”

Ramie soltou um lamento de frustração.

“Ele provavelmente já está caçando a próxima vítima, mas vai continuar me provocando até conseguir o que quer.”

“Eu não estou nem aí para o que ele quer”, Caleb disparou, abraçando Ramie com mais força. “Eu não vou entregar você nem deixar que você aceite ser isca em uma armadilha que pode não funcionar. Vamos descobrir um outro jeito.”

“Não existe um outro jeito”, ela disse em voz baixa. “Você e eu sabemos disso. Eliza e Dane sabem disso. A polícia também. Até quando você acha que eles vão ficar assistindo a um maluco matar mulheres até decidirem me entregar de bandeja para ele?”

“Se eu precisar tirar você dessa região, eu tiro”, Caleb disse, cerrando a

mandíbula. “Isso não está aberto para discussão, Ramie.”

Ela se encostou melhor em Caleb e então soltou um longo suspiro. “Não podemos fazer isso, Caleb. É loucura.”

Caleb fechou a cara, e foi sentindo sua frustração ficar cada vez maior. “Nós já falamos sobre isso, eu pedi para você ficar. Para lutar por seu direito de ficar aqui, de ficar comigo, de lutar por mim. Se eu estou disposto a fazer sacrifícios, você também não deveria estar?”

Ramie se apoiou sobre o cotovelo e puxou o lençol para cobrir os seios.

“Em qualquer outra época, eu teria dito sim. Se nós tivéssemos nos encontrado... antes. Talvez então a gente tivesse uma chance. Mas, do jeito que as coisas estão agora, isso não tem a menor possibilidade de dar certo. Que tipo de vida você vai ter comigo se eu tiver de viver escondida, incapaz de enfrentar o assassino? Vou fazer sua família se lembrar o tempo todo do que aconteceu com Tori.”

“Cale a boca”, ele respondeu rudemente. “Eu nunca disse que tinha todas as respostas. Mas acontece que eu acho que vale a pena lutar por você. Não vou desistir de você.”

“Meu Deus, Caleb. Não é que eu não queira você ou não queira lutar por você, ou por nós, que seja. Eu só estou tentando explicar como a vida vai ser, não só para você, mas para sua família também. Não posso viver escondida pelos próximos cinquenta anos.”

“Não vejo por que não”, Caleb retrucou.

Ramie deitou a cabeça no peito de Caleb, pressionando a testa contra a pele dele. Caleb suspirou e levou sua mão até os cabelos dela, massageando a nuca de Ramie distraído.

“Eu sinto por você algo que jamais senti por nenhuma outra mulher, e quero explorar esse sentimento. Quero ver aonde ele vai nos levar. Tudo o que sei é que não posso e não vou abrir mão de você, nem por Tori e nem por meus irmãos, e muito menos por um maníaco homicida. Como falei, não tenho todas as respostas... ainda. Mas isso não significa que vou desistir de nós e entregar você de bandeja para o sacrifício.”

Ramie olhou em silêncio para Caleb, que podia vê-la perplexa, tentando processar tudo o que ele tinha acabado de dizer.

“Apenas aceite isso”, Caleb disse. “Você não vai me convencer do contrário, nem vai me dizer o que eu devo ou não sentir por você. E pode também aceitar o fato de que vou bater o pé quanto a isso, quer você goste ou não. Agora, vou descer e preparar algo para a gente comer. Depois, vamos voltar a dormir e, de

manhã, vamos sentar com Dane e Eliza para pensar em mais possibilidades. E mais uma coisa, Ramie", ele continuou, puxando o cabelo dela para que fosse obrigada a olhar para ele. "Pode se acostumar a ficar na minha cama porque, de agora em diante, é aqui que você vai dormir."

VINTE

Tori sentou-se na cama, depois de acordar assustada. Seu coração tinha disparado e seu pulso estava tão acelerado que ela se sentia fraca. Ela se arrastou para fora do leito, com as cenas ainda vívidas em sua mente. Tori ainda conseguia ouvir o disparo da arma, sentir o cheiro de sangue e ver o rosto de seu carrasco quando ele tinha apontado a arma para ela.

Ela foi para o banheiro lavar o rosto com água gelada. Então, olhou-se no espelho e se espantou com como estava pálida e magra. Um ano tinha se passado, era hora de seguir em frente. Era hora de parar de ter medo da própria sombra e voltar a viver. Será que aquele sonho foi uma visão ou apenas um pesadelo? Ele parecia real demais, era muito nítido e vívido para ser um sonho. Sonhos normalmente são confusos e parecem mais colagens de imagens aleatórias.

Tori ficou parada por um momento, pensando com a testa franzida. Ela não reconhecia de onde o tiro tinha sido disparado. Com certeza, não era lá, nem em nenhum outro lugar que ela conhecesse. Se o sonho fosse uma visão profética, não seria muito difícil evitar o lugar, já que ela nunca saía de casa. Ela estava assustada demais para sair, fosse com alguém ou sozinha. Especialmente sozinha.

O que tinha acontecido com a vida dela? O que tinha acontecido com ela? Tori já não reconhecia a garota que via no espelho. Estava apática e letárgica, assustada e tímida. Estava longe de ser a mulher que ela era um ano atrás, antes de descer ao inferno.

Como Ramie conseguia fazer isso? Como ela conseguia suportar aquele tipo de coisa tantas vezes? Tori se arrependeu por ter ficado com raiva dela e a tratado tão mal. Mas pensar que alguém pudesse ter visto a humilhação por que passou era demais para ela suportar, no entanto. Ela cometeu uma grande injustiça com Ramie St. Claire, mas não conseguia sentir compaixão suficiente para amenizar sua atitude com aquela mulher tão frágil.

Tori ficou parada no banheiro por um bom tempo antes de voltar para o quarto. Ela se deitou na cama, puxou as cobertas até o pescoço, e ficou deitada

lá, trêmula, com o estômago se revirando.

Uma hora mais tarde, desistiu. Ela precisava fazer um assalto à geladeira, um bem-vindo – e necessário – passeio noturno, que ela não mencionava aos irmãos. Entre as rondas dos irmãos e dos homens que faziam a segurança da casa, Tori fazia a sua própria ronda, mexendo em certos objetos, para que ela percebesse quando alguém tocasse neles. Seus irmãos iriam pensar que ela estava louca, clinicamente insana, se soubessem o quanto Tori estava obcecada com a ideia de alguém invadir a casa e sequestrá-la de novo. Ela se escondia muito dos irmãos, e isso era apenas mais uma coisa em uma longa lista de coisas que eles não precisavam saber, porque só iriam se preocupar ainda mais com ela.

Tori não iria conseguir dormir aquela noite. Assim como em muitas outras noites no ano anterior, ela ficaria acordada, olhando para o teto e tentando apagar da mente coisas que gostaria de esquecer. Pelo menos, fazer um lanchinho noturno não era uma coisa tão estranha assim, se ela fosse vista andando com comida e café na mão. Por mais que quisesse deixar o passado para trás e ficar no canto onde bem entendesse, Tori odiava ficar sozinha. Só que ela estava perto de pessoas que faziam psicanálise com ela, sempre sabendo do que ela precisava ou o que ela queria. Essas pessoas não faziam a menor ideia.

Tori só queria ser uma pessoa normal para poder pensar nas coisas que as jovens da idade dela se interessam, como o primeiro emprego depois da faculdade, ou saber que estão prontas para encarar o mundo, morar sozinhas e fazer as próprias escolhas.

Mas não Tori que, aos 23 anos, não estava preocupada com nada dessas coisas. Não que ela não pensasse nisso de vez em quando.

VINTE E UM

Ramie abriu os olhos devagar e suspirou, espreguiçando-se como um gato ao lado de Caleb. Sua mente estava limpa e isso era uma novidade. Não havia resquícios de violência e morte, apenas uma calma abençoada. Talvez ela devesse agradecer a Caleb por isso. Tinha pedido para ele fazê-la esquecer de tudo aquilo, mas não acreditava que alguém fosse mesmo capaz de aliviar sua alma.

“Bom dia!”, Caleb disse quando beijou a testa de Ramie.

Ele a abraçou e a puxou para perto de si. Ramie deslizou a mão sobre o abdômen definido de Caleb, subiu ao peitoral forte e parou sobre o coração. Sentir as batidas do coração de Caleb lhe dava conforto.

“Bom dia!”, Ramie respondeu.

“Preciso sair por algumas horas”, Caleb disse com um tom de desculpas na voz. “Preciso cuidar de algumas coisas. Tenho uma reunião com meu advogado para assinar vários documentos das empresas. Eu vou voltar assim que puder.”

“Não pare com sua vida por minha causa”, Ramie disse com firmeza. “E não coloque seus negócios em risco porque precisa cuidar de mim 24 horas por dia.”

“Odeio falar isso para você, querida, mas minha vida já está parada por sua causa.”

Apesar de sentir uma pontada de mágoa ao ouvir isso, Ramie ficou contente com a convicção com que Caleb disse aquilo. Ela sabia que era besteira – e até perigoso – ter esperanças de viver uma vida normal. A vida dela jamais seria normal, o que não significava que ela não poderia almejar isso.

“Vou trabalhar com o perito em retrato falado da polícia enquanto você estiver fora”, Ramie disse em voz baixa.

Era ridículo ter medo de colocar o rosto dele no papel, mas era assustador mesmo assim. Caleb abraçou Ramie.

“Se você preferir me esperar voltar, posso ficar com você enquanto fala com o perito.”

Ela negou com a cabeça.

“Não. Isso precisa ser feito o mais rápido possível, já devia estar pronto.

Talvez, se eu não fosse tão medrosa, a gente tivesse salvado a última vítima dele.”

“Pare com isso”, Caleb disse com uma voz séria. “Não comece com isso de novo, Ramie. Você não tem culpa de nada, e não quero nem que pense isso, muito menos que diga algo assim.”

Não importava o quanto Caleb estivesse convencido, Ramie não achava o mesmo. Ela odiava ser tão impotente, odiava ser tão incapaz de fazer qualquer coisa para impedir que ele fizesse uma próxima vítima. Só Deus sabia quantas mulheres ele já tinha matado. Mas Ramie ficou em silêncio, não queria discutir com Caleb, já que ele estava todo decidido a não fazê-la se sentir culpada.

Caleb puxou Ramie para perto de si e lhe deu um beijo.

“Vou tomar um banho para poder ir logo e voltar o mais rápido possível. Eliza e Dane vão ficar com você até eu voltar. Você não precisa se preocupar com Tori e nem com meus irmãos. Já dei ordens para Dane manter você longe deles.”

Ramie se segurou para não responder ao que tinha acabado de escutar. Caleb não tinha a intenção de magoá-la, mas como ela não ficaria triste quando as pessoas mais importantes para ele a queriam fora e longe dali? Ela roçou o peito de Caleb com a boca e o abraçou com força.

“Volte logo”, disse. “Já estou com saudades.”

E era verdade. Saber que Caleb não estaria lá com ela, protegendo-a, deixava Ramie ansiosa. Mas ela precisava se manter focada para ajudar a colocar um psicopata atrás das grades.

Ela rolou para sair da cama, arrastando o lençol junto. Quando ficou em pé, percebendo que estava nua – assim como Caleb – Ramie se enrolou no lençol. Caleb saiu da cama, e Ramie notou a ereção dele, que não tinha nada de matinal.

Ela cobriu os seios com o lençol enquanto Caleb deu a volta na cama para ficar na frente dela. Ele pegou a ponta do tecido e puxou até Ramie soltá-lo e deixá-lo cair aos seus pés. O olhar cobiçoso de Caleb fazia sua pele queimar. Ele pegou Ramie pelos ombros e a abraçou. Ela sentiu o choque do calor da pele dele em contato com a sua, que estava fria. As enormes mãos de Caleb deslizaram para cima e para baixo sobre as curvas de suas nádegas, e a apertaram, espremendo-as possessivamente.

“Achei que você tivesse de ir”, ela sussurrou.

“Eu tenho. Mas acontece que nós dois precisamos tomar banho, então por que não resolver de uma vez só dois assuntos?”

Ramie estremeceu levemente, e seu coração ficou acelerado. Os lábios de

Caleb encontraram os dela em um beijo ardente. Ele pegou Ramie pelos cabelos e os puxou de leve, para inclinar o queixo dela no ângulo perfeito para as bocas dos dois se encaixarem. Caleb começou a empurrá-los para o banheiro, sem parar de beijar Ramie. Quando entraram, ele acendeu a luz e então a levantou e a colocou sobre o tampo do balcão, entre as duas pias.

O pau dele estava duro, quase tocando o umbigo, e ele ligou o chuveiro apressadamente. Caleb se voltou para pegar Ramie e ela pôde sentir a ereção dele pressionando sua barriga, quando a pegou nos braços mais uma vez.

Ramie suspirou e apoiou a cabeça no ombro de Caleb. Ele roçou os lábios no pescoço dela e foi mordiscando até chegar à orelha. Novamente, ele carregou Ramie, que cruzou as pernas ao redor da cintura dele, para ficar mais firme. Segurando-a com um braço, Caleb colocou a mão debaixo do chuveiro para conferir a temperatura. Claramente satisfeito com a água, ele entrou no chuveiro e colocou Ramie no chão. Ainda assim, ele continuou abraçando-a com um braço só, enquanto pegava o xampu com a outra mão.

Então ele a ensaboou da cabeça aos pés, acariciando-a até ela ficar maluca de desejo. E ela estava excitada a ponto de perder a cabeça. O vapor do chuveiro encharcava a pele dos dois, e Caleb a colocou novamente sob o chuveiro para enxaguar o sabão. Nem cinco minutos depois, ele fechou com firmeza a válvula do chuveiro e saiu do box em poucos segundos, colocando-a sobre o tampo do balcão e afastando suas pernas, encaixando nela seu pau duro, com um movimento suave. Caleb entrou fundo e com força, e Ramie foi consumida por ondas de puro prazer. Ela jogou a cabeça para trás, batendo no espelho sobre a pia. Os cabelos molhados de Ramie estavam jogados sobre seu corpo e ela arqueava os seios, para que a boca de Caleb os encontrassem com mais facilidade.

Ela apoiou as mãos no tampo do balcão e se segurou na borda, para ter mais firmeza enquanto ele continuava a penetrá-la. Então, ele saiu de dentro dela rapidamente, com a cara tensa e quase falou um palavrão. Caleb estava ofegante e as veias em seu rosto estavam saltadas.

“Não pare!”, Ramie pediu. “Não, Caleb, você não pode parar agora!”

“Esqueci a porcaria da camisinha de novo”, ele reclamou. “Me dá um minutinho!”.

Pareceu uma eternidade o tempo que ele levou para abrir uma gaveta e rasgar a embalagem da camisinha. Ele se ajeitou entre as pernas de Ramie e a penetrou novamente, e os dois gemeram. Ela o abraçou pelo pescoço e o puxou para beijá-lo. Já houve um homem como Caleb na vida de Ramie antes? Ela nunca sentiu

antes aquela adrenalina de desejo puro e cheio de tesão.

“Meu Deus, olha o que você faz comigo, Ramie”, Caleb disse entredentes. “Você me faz esquecer de tudo, eu só quero estar dentro de você e nunca mais sair!”

Caleb deslizou as mãos por trás de Ramie e a puxou para cima, cravando seus dedos na carne dela, marcando-a como sua. O corpo dela sugou o pau duro de Caleb, puxando-o cada vez mais fundo.

“Você também me faz esquecer de tudo”, ela gemeu.

Ela arranhou as costas dele, que grunhiu de prazer. Ele ficou ainda mais duro dentro dela, e o vai e vem ficou mais forte e mais rápido, até que o único som que se ouviu foi o da carne batendo contra carne. O espelho ficou completamente embaçado por causa do chuveiro quente e da respiração ofegante dos dois. Ramie se inclinou para trás, apoiando a cabeça no espelho novamente. Ela segurou Caleb pelos braços quando seu orgasmo veio, fazendo-a contrair e tensionar cada músculo de seu corpo.

Ela gozou de um jeito tão explosivo que ficou com a visão embaçada e parecia estar flutuando fora do próprio corpo. O nome de Caleb saía repetidamente dos lábios dela, até que ele próprio chegou ao orgasmo também. Ele estremeceu contra o corpo dela, e a segurou com tanta força que quase a machucou, mas era reconfortante para Ramie saber que estava completamente protegida nos braços dele.

Caleb estava com a respiração acelerada e completamente ofegante, e ambos tentavam recuperar o fôlego. Ele tirou uma mecha de cabelo molhado da testa de Ramie e deu um beijo no lugar onde estava o cabelo.

“Eu sei que você provavelmente não está pronta para ouvir isso, Ramie, mas eu não estou me apaixonando por você. Eu já *estou* apaixonado por você!”

Ramie congelou e segurou a respiração. Ela ficou em pânico e não conseguia fazer a boca ajudar. Será que Caleb iria ficar bravo por ela não conseguir dizer o mesmo? Por ela ficar apavorada com a ideia de ser amada e estar apaixonada?

Ramie estava marcada para morrer. Ela não podia se dar ao luxo de se envolver emocionalmente, porque o resultado final disso seria apenas dor. Ela não queria que Caleb a amasse porque ele se machucaria se algo de ruim acontecesse com ela.

“Caleb...”

O nome dele foi tudo o que ela conseguiu dizer. Ele carinhosamente colocou um dedo nos lábios dela.

“Não”, ele disse. “Está tudo bem, Ramie. Eu posso esperar até você estar

pronta. Apenas saiba que você é amada e não está sozinha. Por enquanto, isso basta.”

VINTE E DOIS

Finalmente, sua presa estava à vista. Ele sorriu devagar e satisfeito ao ver Caleb Devereaux entrar no prédio que reunia todas as suas empresas. Ele achava especialmente interessante a recém-fundada empresa de segurança. Será que Devereaux honestamente acreditava que seus especialistas em segurança eram páreo para o gênio dele?

Rindo consigo mesmo, ele balançou a cabeça e se agachou para aguardar Devereaux sair do prédio. Ele era um homem paciente, e a paciência era sempre recompensada. Sempre. A paciência era uma virtude, de acordo com a Bíblia.

"Estou indo atrás de você, Ramie", ele disse cantarolando, com uma voz suave.

A mente dele estava impregnada com imagens de Ramie St. Claire sendo castigada por atrapalhar suas missões. Era o dever dele livrar o mundo dos fracos e pecadores. Mas Ramie tinha colocado todos os investigadores da polícia atrás dele e o feito perder um tempo valioso. Ele precisou bater em retirada e ficar escondido, para iludir os outros e lhes dar uma falsa sensação de segurança. Todos pensaram que ele parou com a limpeza, mas a verdade é que apenas tirou um período sabático.

Ele riu de novo. Um período sabático do pecado, isso até que soa bem.

Ramie St. Claire não era seu único foco. Ele era perfeitamente capaz de dividir a atenção, especialmente quando se tratava de sangue novo. E havia sangue novo esperando por ele. Ele lambia os beiços e esfregava as mãos com a expectativa. Assim que terminasse o trabalho ali, iria cuidar de sua última conquista. Ramie ficaria satisfeita, sem dúvida, por ele ter outra vítima, porque isso significava que ela ainda estaria a salvo dele. Mas, em breve, muito em breve, todas as peças se encaixariam, e Ramie seria castigada por seus pecados.

Ele ficou atento quando viu Caleb Devereaux saindo do edifício comercial, e começou a andar rapidamente para a frente, com um passo vacilante e roupas sujas e gastas. Não havia nada em sua aparência que indicasse quem ele era. Era bem cuidadoso e sabia ser mais esperto que os outros. Ninguém descobriria quem ele era.

Seu coração estava acelerado e sentia a adrenalina correndo nas veias quando Caleb Devereaux se aproximou. Caleb não o viu. Homens como Caleb nunca reparam nos menos afortunados. Ele passava pelos outros como se não existissem em seu mundo privilegiado. Essa falta de visão iria custar caro a Caleb. No momento certo, ele tropeçou e se jogou bem na frente do milionário. Levou os braços para cima, como se tivesse tentando segurar em algo para não cair. Pegou Caleb pelo braço e caiu com um joelho no chão.

“Senhor, está tudo bem?”, Devereaux perguntou preocupado.

Ele sentiu um frio na espinha de surpresa com a reação de Caleb. Parou um momento e trouxe a atenção de volta para sua função. Devereaux o ajudou a se levantar enquanto ele o segurava pelo pulso.

“O senhor está precisando de atendimento médico?”, Devereaux perguntou, preocupado.

Ele meneou a cabeça e falou: “Não. Obrigado, senhor. O senhor foi muito gentil, mas estou bem, só tropecei. Desculpe o incômodo.”

“O senhor não me incomodou”, Devereaux disse gentilmente.

Para a surpresa dele, Devereaux puxou um maço de dinheiro e tirou várias notas de vinte. Caleb segurou o dinheiro diante dele, como que pedindo que pegasse. Aquilo era melhor ainda. Agora ele tinha algo que passou pelas mãos de Devereaux e carregava todas as impressões dele.

“Deus o abençoe”, disse para Devereaux com uma voz grave, que mais parecia a voz de alguém idoso, o que combinava com sua aparência. Então se virou e começou a ir embora, tomando cuidado para manter o disfarce de um mendigo idoso. Ele sorria e sentia a adrenalina correr em suas veias, dando uma sensação de euforia que só poderia ser superada quando ele colocasse as mãos em Ramie St. Claire.

VINTE E TRÊS

“Os olhos não são bem assim”, Ramie disse, sentindo a frustração fazer sua cabeça doer. Ela esfregou as mãos no rosto e fechou os olhos momentaneamente. Tentou relaxar e permitir que sua mente se focasse na aparência de seu perseguidor. Porém, toda vez que tentava recordar do rosto dele, tudo o que vinha era um grande borrão.

Seu cérebro pulsava de dor. Quanto mais ela tentava se lembrar daquele rosto, mais sua cabeça latejava. Era como se uma veia fosse estourar a qualquer momento.

“Você precisa de um tempo?, Dane perguntou.

Ele ficou obviamente preocupado quando a olhou. A julgar pela reação dele, Ramie devia estar com uma aparência péssima, e mesmo que não chegasse nem perto de indicar o quanto estava se sentindo mal, sua expressão de “parece que vi uma assombração” se encaixava bem no caso dela.

“Podemos parar por alguns momentos”, Eliza disse gentilmente. “Talvez seja bom sair para respirar um pouco de ar fresco. Você quer beber alguma coisa?”

“Minha cabeça”, Ramie gemeu, sentindo a dor logo que disse essas duas palavras. Ela colocou as mãos nas têmporas e massageou-as com a ponta dos dedos.

“Está tudo bem aí?”, Dane perguntou. “O que tem com sua cabeça?”

“Enxaqueca.” Foi tudo o que ela conseguiu dizer. Sua própria voz soava tão alta dentro da cabeça, que parecia que ela estava gritando consigo mesma.

Eliza olhou preocupada para Dane.

“Você tem algum remédio que costuma tomar?”, Dane perguntou. “Ou prefere chamar um médico para vir ver você?”

Ramie franziu a testa. Uma de suas pálpebras se contraiu em espasmos, um dos sintomas de suas enxaquecas. Qualquer exposição direta à luz do sol ou a ambientes muito iluminados tornava as contrações ainda mais intensas.

“Os médicos não fazem consultas em casa e, se eu sair daqui para ir a um pronto-socorro, isso pode levar horas, e vai demorar ainda mais para conseguirmos um esboço do rosto para distribuir por aí. Para a próxima vítima

dele, cada minuto é importante.”

Dane deu de ombros. “Os médicos fazem consulta na sua casa quando você é Caleb Devereaux.”

“É verdade”, Ramie murmurou, massageando as têmporas com um movimento circular. “E eu tinha meus remédios, que usava pouco desde que não pude mais contar com meu médico de costume. E também não posso ir ao pronto-socorro dos hospitais para pedir remédios para enxaqueca. Acabei perdendo tudo o que eu tinha quando fugi do meu perseguidor em Oklahoma.”

“Vou ver com a Tori se ela tem algum remédio para você”, Dane disse, com uma voz e um olhar gentis.

Ramie ficou pensando em como a aparência dela devia estar ruim para Dane e Eliza ficarem preocupados daquele jeito com ela. Depois, quando parou para pensar no que ele tinha acabado de dizer, Ramie fez uma careta e negou com a cabeça. A última coisa que ela queria era colocar Tori no meio daquilo. Era melhor para todo mundo que a irmã de Caleb continuasse ignorando tudo o que acontecia atrás das paredes de seu quarto.

“O médico de Tori deu a ela um remédio depois do que aconteceu no ano passado, porque ela tem dores de cabeça insuportáveis toda vez que tem visões e sonhos. O remédio pode deixar você um pouco baqueada, mas isso não seria tão ruim”, Dane disse sinceramente. “Eu acho que descansar um pouco faria bem a você em vez de continuar sofrendo desse jeito, como agora.”

Ao dizer isso, Dane se levantou do sofá e fez um gesto para o perito, que pacientemente mexia e refazia o retrato falado toda vez que Ramie mudava de ideia.

“Vamos parar por cinco minutos. Vou pegar alguma coisa para aliviar a dor de cabeça dela. Não há motivos para colocar mais pressão em Ramie agora. Alguns minutos a mais não vão fazer diferença, se ele já decidiu ir atrás da próxima vítima.”

Uma risada de escárnio ecoou pela mente de Ramie e ela fechou os olhos. Suas mãos estavam trêmulas. Ela não iria permitir ser desestabilizada por ele. Ele não estava lá dentro *de fato.*

A enxaqueca ficou mais intensa, e a pressão que sentia dentro da cabeça fazia Ramie achar que ela ia explodir em pedaços. Era como se alguém estivesse perfurando seu crânio.

Tarde demais...

Aquele pensamento flutuou pela mente da moça, fazendo-a se questionar se aquilo era uma manifestação de seus piores medos ou se o assassino realmente

conseguia se comunicar com ela por meio da ligação entre os dois. Claro que aquilo não era apenas sua imaginação. Ramie não era idiota e, quando ele disse que não havia um lugar seguro para ela se esconder, tudo ficou claro como o dia. Ela não era uma pessoa histérica por natureza, embora qualquer um que a conhecesse agora iria achar que ela era alguém completamente louca.

Dane não esperou que Ramie aceitasse ou recusasse a oferta dele e simplesmente saiu da sala. Como demorou para reaparecer, Eliza ficou preocupada e conferiu o relógio. Ela batia o pé no chão com impaciência, e olhava para Ramie, como se quisesse se desculpar.

“Sei o quanto isso deve ser difícil para você, Ramie. Ou talvez eu não saiba mesmo. Não vou ser condescendente a ponto de dizer que sei o que você está passando. Não vou dizer que vivi algo parecido com o que você passou. Mas consigo *imaginar* como deve ser assustador e também consigo imaginar que eu não teria a mesma coragem que você para seguir em frente.”

Ramie deu uma risada áspera e ardida, que arranhava como palha de aço sendo esfregada sobre sua pele.

“Assustador? Com certeza. Corajosa, eu? Não mesmo. Se não fosse por Caleb, eu ainda estaria escondida por aí, tentando apagar meus rastros e rezando para que cada dia não fosse o último. Se eu fosse corajosa... ou algo parecido...”, Ramie disse com um tom de desdém. Ela parou por um momento e engoliu em seco. Então, encarou Eliza. “Se eu fosse corajosa, então todas as mulheres que ele matou enquanto tentava me pegar ainda estariam vivas. Se eu fosse valente, teria enfrentado aquele cara muito antes, em vez de agir como uma criança assustada afundando minha cabeça na areia.”

Ela levantou a mão quando Eliza começou a retrucar na mesma hora.

“Não gaste sua saliva”, Ramie disse, tomada pelo cansaço. “Eu não falei isso para você ficar com pena de mim ou tentar me convencer de que a culpa não foi minha. Não quero, nem espero, que os outros aprovem meus atos. Pensando racionalmente, sei que não posso ser culpada pela ação de outra pessoa. Mas, ao mesmo tempo, se eu tivesse tentado confrontá-lo em vez de passar o último ano fugindo com medo da própria sombra, talvez ele estivesse na prisão agora. Ou então talvez estivesse morto. E todas aquelas mulheres que morreram ainda estariam vivas, aproveitando a vida com suas famílias, com seus filhos...”

“Ou talvez você estivesse morta e ele estivesse por aí atrás da próxima vítima, ainda matando inocentes porque não há ninguém para pará-lo. Há muitos poréns, Ramie. Muitos ‘e se’ e outras possibilidades. Você esquece que salvou um monte de vítimas. Você salvou Tori da morte certa. A polícia chegou lá

poucas horas antes do horário em que o sequestrador pretendia matá-la, isso sem contar as outras vítimas que você ajudou. Todas elas estariam mortas sem sua intervenção. Pense nas vidas que você *salvou*, não nas que não conseguiu!”

Dane voltou nessa hora, com uma garrafa de água na mão e a cara fechada. Os olhos dele brilhavam de raiva e Ramie percebeu Eliza franzir a testa. Obviamente, elas tinham reparado a mesma coisa, e Ramie não precisava tocar em Dane para saber que ele estava irritado.

“O que foi?”, Ramie perguntou calmamente.

Dane a ignorou e entregou o remédio. Ramie olhou para ele com hesitação, sabendo que provavelmente ficaria entorpecida dentro de alguns minutos. Ela era bastante sensível a qualquer medicamento que alterasse o nível de consciência de alguma maneira, mesmo que fosse um remédio fraco. Ela ficava muito vulnerável quando estava sob efeito de remédios e não conseguia controlar ou orientar os pensamentos, não havendo nenhuma barreira para protegê-la. Pelas experiências que teve no passado, ela sabia que as lembranças e sonhos de vítimas antigas correriam livres por sua mente, e ela seria incapaz de controlar os próprios pensamentos. Ramie estremeceu, e sentiu a pele ficar toda arrepiada.

“Tome isso, Ramie”, Dane insistiu.

Embora ele não tivesse sido nem um pouco ameaçador e tivesse falado com uma voz abafada, em respeito à sensibilidade ao som causada pela dor de cabeça, Ramie pôde sentir uma determinação firme para que ela engolisse o comprimido. Com um suspiro, ela deixou que Dane colocasse o remédio em sua mão, mas ainda assim ela parou quando ele lhe entregou a garrafa de água.

Ramie foi varrida por emoções. Ela se contraiu de surpresa com a força das impressões contidas em um pequeno comprimido. Mas Tori – e Dane – tinham tocado a pílula e os vestígios do breve encontro dos dois foi transferido para Ramie. Dane analisou com um olhar atento a reação dela. Ele mordeu os lábios, como se tivesse percebido o que aconteceu e não tivesse gostado nem um pouco. Ela mal conseguia ouvir os xingamentos que ele falou em voz baixa.

“Antes de você ficar irritada, saiba que já passou da hora de alguém parar de passar a mão na cabeça dela e trazê-la de volta para o mundo real, onde as coisas não giram em torno de uma única pessoa”, ele disse.

Estava claro que Tori e Dane discutiram por algum motivo. Foi por ela? Foi porque ele queria trazer alívio para a mente dela, exaurida pela enxaqueca e pelo peso psíquico de tantas almas que a arrastavam para lá e para cá, exigindo justiça pelo que fizeram com elas?

O peso daquela situação deu a Ramie o tão necessário impulso para enfrentar a missão que ela tinha à frente. Se todo mundo achava Tori insensata e intratável, então o que deviam achar dela? Tori tinha mais razões para estar com raiva do mundo do que Ramie. Afinal, não importava que Ramie tivesse compartilhado o que aconteceu com ela, ainda assim isso não era o mesmo que estar lá, sofrendo em pessoa, incapaz de fazer qualquer coisa. E ainda havia o fato de Ramie ter se escondido e não estar disposta a colaborar, só dando a informação que Caleb queria depois de ter sido obrigada.

Ela engoliu a pílula, fazendo uma careta quando a sentiu passar pela garganta. Ela nunca conseguiu engolir remédios direito. Mesmo depois de adulta, ela costumava esmagar os comprimidos até virarem um pó fino, que misturava com um pouco de água. Ela precisou de alguns goles de água para fazer o comprimido descer totalmente e depois se recostou no sofá, voltando a atenção novamente para o desenho. Dentro de uma hora, ela não acreditava que seria mais capaz de lembrar com precisão dos detalhes necessários para o retrato ficar correto. Cada minuto que o assassino caminhava livre significava mais um minuto que a vítima dele passaria sofrendo coisas inimagináveis.

O esforço que Ramie precisou fazer para engolir o remédio fez sua nuca doer mais. O estômago dela ficou agitado e ela começou a respirar fundo pelo nariz para tentar amenizar a náusea. Ela sentia como se o crânio tivesse pequenas fraturas, que iam trincando e se abrindo cada vez mais, como se fossem uma teia de aranha no seu cabelo. Ela se contraía, sentindo o estômago se revirar mais uma vez. Ramie engolia a própria saliva insistentemente, forçando-se a segurar o remédio no estômago e não vomitar.

Dane soltou um palavrão. “Chega, é o bastante por ora. Ela não vai conseguir fazer isso. Isso não está fazendo bem para ela, e Caleb vai me matar se a gente deixar que Ramie continue assim.”

O perito pareceu ficar um pouco surpreso, mas deu de ombros, como se não se importasse nem um pouco. Isso enfureceu Ramie. Foi uma reação impensada, e ela sabia disso. Mas ela estava a ponto de explodir e o infeliz perito estava no caminho dela. A raiva era uma emoção mais aceitável que o medo, e não a tornava fraca, apenas a deixava mais impetuosa e instável quando explodia de fúria.

A apatia do perito irritava Ramie, a fazia sentir que ninguém se importava com todas as mulheres que foram feitas vítimas. Ou que ninguém se importava com o inferno que ela passava toda vez que ajudava uma delas. Aquilo fazia Ramie se sentir desprezada e ignorada, assim como as vítimas tinham sido

esquecidas e se transformado em apenas mais uma estatística triste, que crescia mais a cada dia.

“Você realmente quer carregar o peso da próxima vítima na sua consciência?”, ela perguntou com um voz fria, olhando para o perito. Ela continuou encarando-o com frieza até ele se mostrar inquieto diante de seu olhar. O perito ao menos teve a decência de se mostrar constrangido, mas ele não se atreveu a encarar o olhar de Ramie. Com uma interjeição de desprezo, ela olhou para Dane. “Nós vamos parar só depois de deixar o retrato do jeito certo e nem um minuto antes disso.”

Eliza pegou e apertou a mão de Ramie em uma demonstração silenciosa de apoio. Ramie estremeceu na mesma hora e se preparou para a avalanche inevitável. Eliza olhou assustada para ela e rapidamente tirou a mão, como se ela tivesse esquecido sobre a habilidade da moça de ler as pessoas por meio do toque, e tivesse segredos que gostaria que permanecessem escondidos. Ramie tomou cuidado para controlar a expressão no seu rosto, forçando-se para não demonstrar nenhuma reação ao ser inundada por toda a raiva implacável que existia por trás do rosto calmo de Eliza. Era uma fúria tremulante, como uma nuvem negra que carrega a tempestade.

Isso gerou uma sobrecarga sensorial em Ramie. Suas pupilas se contraíram e dilataram em poucos segundos. A sensação era de estar bem no meio de uma avalanche e saber que não havia saída. Tudo o que restava era esperar ser engolida pela parede branca de neve.

“Não toque nela”, Eliza disse bruscamente.

Ramie presumiu que ela estivesse falando com Dane que, de alguma maneira, estava para tocá-la, talvez para acalmá-la.

“Não”, Ramie sussurrou. “Não me toque, por favor.”

Ramie inclinou-se para a frente, dobrando o corpo, empurrando a onda de emoções ambíguas para o mais longe possível da tempestade. Ela fechou os olhos e encolheu os joelhos, trazendo-os para perto do queixo, e começou a fazer um movimento de vai e vem, em uma tentativa de aliviar as pontadas que sentia na mente. Durante vários minutos, ela ficou se balançando, tocando os joelhos com a testa, abraçando as próprias pernas, formando uma barreira contra todos que estavam na sala. Era um gesto de autoproteção, apesar de nunca funcionar, já que não havia defesa contra o violento ataque mental que ela sofria.

Ramie estava controlando a respiração, decidida a retomar o controle dos próprios pensamentos. A última coisa que ela queria era que Caleb voltasse e visse aquilo. Ele não poderia ser sua muleta para sempre, ela precisava aprender

a lidar com a situação. E a antiga defesa que usava – a negação – já não era mais uma opção. Ela sabia bem demais o que aconteceria, compreendia muito bem as consequências que viriam se ela fechasse os olhos para a realidade, o que teria amplas implicações. Mulheres morreriam, famílias seriam destruídas e crianças teriam pela frente um futuro sem a mãe.

"Os olhos estão errados", Ramie finalmente balbuciou. "O nariz precisa ser mais achatado e largo, e os olhos mais afastados e mais arredondados nos cantos."

Dane olhou para Ramie com respeito, e ela conseguiu sentir a aprovação que vinha dele, enquanto ele estava parado em pé, quieto, apenas observando. Eliza pareceu se tranquilizar, e então voltou sua atenção para o perito.

Ramie franzia a testa enquanto pensava, quando o perito mostrou o novo esboço. Ela observou o rosto, procurando por sinais que indicassem maldade. Mas ele parecia... normal, acima da média. Assim como tinha acontecido antes, quando ela o encarou nos olhos, Ramie ficou espantada em como ele parecia bonito e saudável. Não havia nada por fora que indicasse o demônio que existia por trás daquela fachada reluzente.

"É ele", Ramie disse em uma voz sufocada.

VINTE E QUATRO

Quando Caleb entrou na sala, parou subitamente e soltou a maleta de couro, que caiu fazendo um grande barulho no chão. O único outro som na sala estava vindo de Ramie. Ela estava tentando se controlar estoicamente, e isso tornava as coisas piores, porque ela lutava uma batalha perdida. Emitia um pequeno som, que mais parecia algo vindo de um animal ferido e estava abraçando com força as próprias pernas, com o rosto escondido entre os joelhos. Fazia um movimento para a frente e para trás, e suas mãos estavam brancas, tamanha a força com que se agarrava. Havia marcas de arranhado e pequenos hematomas nos seus braços, causados por ela mesma.

Caleb analisou a sala, percebeu o clima pesado entre Dane e Eliza e viu a confusão no rosto do perito.

“Que diabos aconteceu aqui?”, Caleb perguntou.

Sem esperar por uma resposta, cruzou a sala e ficou de joelhos na frente de Ramie, que se balançava no sofá.

“Ramie?”, ele perguntou com uma voz carinhosa.

Havia algo na postura dela que indicava completa fragilidade. Ramie não levantou a cabeça, seu cabelo estava todo desarrumado e seus olhos se escondiam por trás dos joelhos. O restante do seu rosto estava oculto atrás da coxa.

Caleb chegou furioso perto de Dane e Eliza, ambos com o rosto preocupado, observando Ramie com atenção.

“O que vocês fizeram com ela?”

“Ela identificou o assassino”, Eliza disse com a voz baixa. “O perito conseguiu o rosto dele, então já podemos distribuir o retrato falado pelos canais apropriados e quem sabe alguém, em algum lugar, consiga reconhecê-lo.”

Caleb voltou o olhar para o desenho que estava na mesa de centro, na frente de onde o perito estava sentado, e franziu a testa ao analisar o retrato falado do assassino.

Ele parecia ser a última pessoa capaz de cometer atrocidades, mas, até aí, não era sempre assim com a maioria dos assassinos seriais? Caleb se lembrou de

vários casos famosos em que o criminoso era a pessoa mais comum e sem graça possível, sem nada em sua aparência que pudesse dar indícios da violência dos crimes cometidos.

“Eu dei a Ramie um dos analgésicos de Tori”, Dane disse. “Ela estava com uma enxaqueca terrível e eu temia que ela fosse acabar tendo um troço. Se ela não melhorar logo, vai precisar tomar mais um. Ela estava sofrendo muito e precisava de algum alívio.”

Caleb bufou e se voltou para Ramie. Ele não podia levá-la a um hospital, nem mesmo a uma clínica particular. Sem chance de ele correr o risco de deixá-la exposta ao perigo. Enquanto ela estivesse ali, dentro da fortaleza impenetrável que ele e os irmãos criaram, Ramie estaria em segurança.

“Se ela não melhorar logo, vou trazer um médico para vê-la.”

Dane assentiu. “Eu disse isso, mas não acho que ela acreditou em mim. Você vive em um mundo completamente estranho para ela. Ramie levava uma vida bem espartana e não sabe que as coisas podem ser de outro jeito. Ela fica abismada com sua riqueza, com suas conexões e seu poder. Isso se ela for mesmo capaz de compreender a dimensão do mundo onde você vive.”

Caleb pegou uma das pequenas mãos de Ramie, e gentilmente acariciou os dedos dela para restaurar a circulação do sangue.

“Meu mundo é o seu também, Ramie. Talvez não fosse antes, mas agora é.”

Ramie olhou assustada para Caleb, que se assustou com as feições duras do rosto dela. Ramie não retrucou nem confirmou o que Caleb tinha acabado de dizer. Ela apenas o encarava com um olhar vazio, como se ainda estivesse tentando compreender o significado daquela promessa feita em voz baixa. Então, para a surpresa dele, ela o abraçou pelo pescoço e escorregou do sofá para se sentar no chão com ele. Colocou a cabeça no seu peito, e ele pôde sentir o corpo da moça tremendo incontrolavelmente.

Caleb acariciou os cabelos dela, sem dizer uma palavra, já que ele sentia que Ramie precisava de silêncio – e de carinho.

“Ele estava aqui”, ela sussurrou de forma que somente Caleb a escutasse. Ela falou tão baixo que ele precisou se esforçar para entender o que ela dizia. Quando conseguiu compreender o que ela estava tentando dizer, sentiu o sangue gelar. Ele a afastou gentilmente de seu peito e segurou o queixo com as duas mãos para poder ver os olhos e o rosto dela.

“O que você quer dizer com isso, Ramie?”

“Eu o ouvi.”

A voz dela trazia frustração e fervia de impaciência. Ramie sabia que seu

perseguidor nunca iria desistir. Ele demonstrava ser bastante paciente, sobrevivendo à perseguição e manipulando Ramie como um marionetista controla sua marionete.

Ele simplesmente estava aguardando o dia em que ela cometeria um erro fatal.

“Não consigo continuar assim. Não quero viver desse jeito, sempre fugindo. Quero ter o que todo mundo tem, quero ter família e amigos. Eu vivi sozinha a vida inteira, mas não quero continuar sozinha para sempre.”

Caleb tocou o rosto dela e colocou uma mecha de seu cabelo atrás da orelha.

“Você não vai estar sozinha de novo, querida. Você tem a mim, você tem minha família.”

Ramie estremeceu com a menção da família dele. A família de Caleb jamais seria a dela, porque havia dor e ressentimento demais. Ela sempre estaria lá para se lembrar do que aconteceu com Tori. Não havia como apagar aquilo, não havia como melhorar as coisas. Tori teria – assim como Ramie – de carregar aquela cicatriz emocional para o resto da vida.

“Ramie, olhe para mim”, Caleb disse com a voz firme.

Ela obedeceu por instinto, antes que pudesse pensar sobre aquilo ou sentir-se envergonhada. Os olhares deles se cruzaram e ela viu muita sinceridade nos olhos dele. Ele estava implorando, pedindo por compreensão, mas dividido: de um lado estava sua família, e do outro, o que assumiu quando prometeu protegê-la.

“Minha família é sua família, com nossas rusgas e tudo mais. Eles não são pessoas sem compaixão. Ainda estamos tentando nos recuperar do sequestro de minha irmã e eu ainda estou abalado pelo que obriguei você a fazer. Eles só precisam de tempo e, apesar de não ser justo com você, porque você não fez nada para merecer a antipatia deles, o tempo vai mudar a opinião deles sobre você. Neste momento, meus irmãos estão agressivos e sentindo-se culpados, porque eles acham que fracassaram com Tori, mas não é aceitável que eles ou eu descontemos nossa raiva em você. Estou quase a ponto de implorar para você a chance de provar o que estou dizendo.”

O coração de Ramie doía e a respiração dela ficou subitamente acelerada. Sua pulsação disparou diante daqueles olhos azuis e intensos que acariciavam sua pele como pinceladas finas, feitas uma a uma delicadamente, tentando chegar à perfeição.

“E quero deixar mais uma coisa clara”, ele continuou, sem esperar ou talvez sem *desejar* ouvir a resposta dela. “Não quero saber de você tentar rastreá-lo. O

risco é grande demais e eu não quero perder você.”

Ramie colocou um dedo na frente dos lábios de Caleb, para que ele parasse de falar. Ela deixou ali a ponta do seu dedo por um tempo e depois começou a deslizar pelo contorno da sua boca.

“Não importa como eu me sinta quando ele faz isso, ele não tem como me pegar, não por telepatia. Eu só preciso me lembrar disso quando for tomada pelo pânico. Ele está usando nossa ligação para tentar me assustar e me intimidar. Ele quer me ver vacilar e cometer um erro fatal, mas não vou deixar isso acontecer. Eu levei muito tempo para perceber isso e, de fato, *pensar* em vez de reagir automaticamente, mas se ele pudesse me causar algum mal físico, ele já teria feito isso. Sem querer, eu o acabei ajudando a me perseguir, com minhas reações histéricas e precipitadas.”

Caleb não pareceu ficar muito feliz ao ver Ramie firme e decidida. Dessa vez, ela parecia uma mulher convincente e razoavelmente inteligente, em vez de agir de forma destrambelhada como de costume. Caleb estava agitado e passava a mão nos seus cabelos curtos.

Antes que ele pudesse retrucar, Ramie pegou a mão de Caleb e a apertou, entrelaçando seus dedos. Pela primeira vez, ela tentou reconfortá-lo, da mesma maneira que ele tinha feito tantas vezes com ela. Ramie ficou maravilhada pelo fato de que conseguia tocar Caleb, quando antes ela era incapaz de tocar qualquer pessoa sem um sofrimento insuportável. Ela precisava ser forte e criar coragem em vez de ser um ser humano patético que estava desperdiçando sua vida. Por alguma razão, Deus deu a ela um... dom especial? Ramie não conseguia chegar a acreditar naquilo, mas ela tinha uma habilidade e agora era hora de fazer bom proveito disso.

“Ele me falou tarde demais, logo depois de Dane ter comentado que alguns minutos a mais não fariam diferença se ele já tivesse decidido ir atrás da próxima vítima.”

Caleb arregalou os olhos de espanto e depois ficou preocupado ao olhar para Dane e Eliza.

“Ele já está com a próxima vítima”, Ramie disse suavemente. “Ou pelo menos ele já tem um novo alvo ativo. Suspeito que ele esteja lá fora agora, perseguindo uma mulher desavisada. Talvez o plano dele já esteja em ação. Se ele se mantiver fiel ao padrão de sempre, ele vai me avisar, ele quer que eu saiba. E ele vai continuar a me castigar, fazendo vítima após vítima até eu desabar por fim.”

Caleb meneou a cabeça, mordendo os lábios.

“Você não vai desabar”, ele disse com convicção. “Aí é que está o erro dele, e eu espero que seja aí onde ele cometa o erro de vir atrás de você.”

Ramie deu um sorriso sem graça.

“Queria ter tanta confiança quanto você de que não vou desabar.”

“Não vou deixar você desabar”, Caleb disse carinhosamente, apertando as mãos de Ramie para reconfortá-la. “Você nunca mais terá de se preocupar que ninguém a ama. Você jamais vai ficar sozinha de novo, se eu puder impedir.”

A completa convicção no tom de voz de Caleb, junto com o amor, carinho e atenção em seu olhar, fizeram Ramie sentir bastante confiança. Caleb a beijou, ignorando completamente os outros ocupantes da sala. Foi um beijo lindo e carinhoso, tão precioso e doce, que Ramie sentiu-se totalmente querida. Eles respiravam em sincronia, um na boca do outro. Alguém tossiu discretamente e chamou a atenção de Caleb, que se virou e encarou de forma fulminante e o perito em retrato falado.

“Você pode sair agora”, Caleb disse secamente. “Se o retrato estiver pronto, Dane vai lhe mostrar a saída. Nós cuidaremos do resto.”

O perito se levantou, como se não aguentasse mais esperar para ir embora da casa de Caleb. Ele enfiou a prancheta e os lápis na mochila e saiu apressado na direção da porta, sem esperar que Dane fosse na frente.

Caleb voltou sua atenção para Ramie. Ele acariciou o rosto dela com o polegar, com um toque quente, o que foi um bálsamo para o nervosismo que ela sentia.

“Ele vai avisar, assim como fez da última vez”, Ramie disse. “Desta vez, estaremos esperando, então nossa reação deve ser mais rápida. Talvez isso nos dê alguma vantagem e a gente consiga localizá-lo antes que seja tarde demais.”

“Ele não tem como tocar nela aqui”, Eliza disse. “Aqui é o melhor lugar para Ramie estar, se ela pretende criar uma ligação com o assassino.” Ela hesitou por um momento e então olhou para Ramie. “Eu andei fazendo uma pesquisa sobre habilidades psíquicas. A maior parte disso não passa de hipóteses, é bom dizer, já que não há nenhum caso documentado de telepatia. Mas um pesquisador afirmou que é possível, hipoteticamente, que alguém que consiga vislumbrar a mente de outra pessoa estabeleça uma ligação mais permanente. O que é, e acredito que vocês dois vão concordar comigo, exatamente o que nosso assassino fez com Ramie.”

“Aonde você quer chegar?”, Caleb perguntou.

Ramie continuou em silêncio, pensando nas palavras de Eliza. Ela tinha uma boa ideia do que Eliza estava sugerindo e isso a deixava furiosa, porque ela

mesma nunca tinha pensado nessa possibilidade. Mas, para analisar as próprias habilidades, era preciso assumi-las primeiro, mesmo que em pequena escala, e Ramie jamais tinha chegado perto de aceitar seus poderes. Ela passou a vida inteira combatendo os demônios que poderiam salvá-la agora.

“Estou sugerindo que, como ele e Ramie já compartilham uma trilha mental, e que ele é capaz de entrar na mente dela para obter informações... então Ramie pode ser capaz de fazer o mesmo com ele.” Eliza observou Caleb atentamente, porque, sem dúvida, estava preocupada com a reação dele. Mas, em vez de explodir, ele se virou e olhou para Ramie com curiosidade.

“Você consegue fazer isso?”, ele perguntou, com ceticismo estampado no rosto.

“Eu não sei”, Ramie respondeu com sinceridade. “Nunca tentei isso, nem nunca *quis* tentar. Sou capaz de estabelecer uma trilha mental até a vítima ao tocar um objeto que pertenceu a ela, então é possível afirmar que eu seria capaz de entrar na mente do assassino tocando um objeto que pertenceu a ele.”

Caleb suspirou e balançou a cabeça.

“E aí é que está o problema. Você não vai conseguir rastreá-lo se não tiver nada que ele tocou.”

“Não é bem assim”, Eliza murmurou.

Caleb levantou a cabeça e franziu a testa ao olhar para Eliza.

Eliza brincou com um lápis que o perito tinha esquecido e puxou o retrato falado para mais perto de si, estudando-o com atenção.

“Não sei como isso poderia afetar Ramie”, Eliza disse após um momento de hesitação. “Nós não temos estudos de caso nem pesquisa para nos basearmos nessa situação. As discussões e especulações giram em torno de uma situação hipotética de uma pessoa ter um dom psíquico específico. Claro que todos nós sabemos que isso é um fato, apesar de não termos uma prova real. Mas, e se Ramie visitasse a cena do crime? Se ele mantém o mesmo *modus operandi*, então ele deve ter deixado na cena do crime um item que pertenceu à vítima, como se fosse um convite ou até mesmo um desafio para Ramie ir atrás dele. O que também significa que ele estava no lugar, e que tocou em *algo* no ambiente. Ninguém consegue ser cuidadoso a ponto de não deixar um rastro. E Ramie não precisa de um objeto tangível, ela é capaz de obter informação quando toca alguém ou algo com que outra pessoa teve contato.”

“Sem chance de eu arriscar Ramie e levá-la para algum lugar onde o assassino possa estar perto”, Caleb disse, meneando a cabeça com veemência. “E não é só isso. Se ela criar uma ligação com o assassino *e* com a vítima, pense no

que isso ia fazer com ela. Ramie vai sofrer tudo o que a vítima passou, mas também vai viver a tortura, a dor e a morte por meio dos olhos do assassino. Vai ser como se ela mesma tivesse matado a vítima. Não podemos colocar mais esse peso nos ombros dela. Pode ser o fim da linha para ela."

Incrível como eles discutiam tranquilamente a sanidade de Ramie, ou a falta dela. Ela sabia que Caleb, do fundo do coração, só queria seu melhor – que era vê-la totalmente protegida – mas ela também sabia que essa poderia ser a única chance de derrubar aquele monstro.

Em vez de sentir medo, Ramie sentia correr em suas veias uma expectativa, uma espécie de *empolgação*. A voz dela, quando decidiu falar, foi forte e convincente, uma fagulha que ela sentiu pela primeira vez em muito tempo. Ramie, subitamente, viu-se imbuída de esperança, até agora algo sobre o qual ela se recusava até mesmo a pensar.

"Caleb, isso pode dar certo."

Caleb virou a cabeça, obviamente surpreendido. Ramie estremeceu ao ver como ele ficou surpreso por vê-la cogitar qualquer coisa que não fosse se esconder ou sair correndo, uma arte em que ela havia se aperfeiçoado nos últimos dezoito meses. O fato de ele olhar incrédulo para ela só provava o quanto Ramie era covarde.

"Não!", Caleb disse por fim. "Nem mesmo pense nisso, Ramie! Tem um milhão de coisas que podem dar errado em um caso desses. Não vou arriscar! Não vou arriscar sua vida ou aceitar negociá-la por outra!"

"A ideia é boa e você sabe disso!", Ramie argumentou. "Se fosse qualquer outra pessoa que não eu, se sua empresa de segurança tivesse sido contratada para proteger alguém como eu, você não ia pensar duas vezes, porque sabe que você iria garantir proteção máxima. Nunca ouviu o ditado que a melhor defesa é o ataque? Está na hora de eu parar de fugir e começar a caçá-lo, assim como ele me caçou durante todos esses meses. Ele não vai esperar por isso. Ele já está bem familiarizado com a forma como eu ajo, mas enquanto ele mantiver seu *modus operandi*, nós estaremos em vantagem."

"Isso é loucura", Caleb reclamou.

"Acho melhor não entrarmos no assunto do meu equilíbrio mental ou da falta dele", Ramie disse secamente.

Caleb estremeceu e olhou para ela como se pedisse desculpas.

"Ramie não vai estar sozinha ou desprotegida", Dane interrompeu da porta da sala de estar. Ele caminhou até onde os outros estavam sentados e parou ao lado de Caleb, analisando o seu humor. "O assassino seria um idiota se voltasse

até a cena do crime. Além disso, ele não tem como saber que Ramie vai estar lá.”

Caleb balançou a cabeça, com um olhar furioso. “Vocês estão delirando que ele não vai saber! Se ele consegue entrar na mente de Ramie a hora que quiser e consegue ver o ambiente ao redor, ele vai saber *exatamente* onde ela está e o que está fazendo. Por que a gente não pinta um alvo na testa dela e a amarra em uma árvore de uma vez então?”

“E é aí que nós entramos”, Eliza disse em um tom calmo e apaziguador. “Vamos colocar nossa melhor equipe nisso e garantir que estamos completamente preparados. Ela vai entrar, vai ver se capta qualquer coisa e saímos de lá, torcendo para poder pegar o desgraçado antes que ele mate mais uma mulher inocente.”

“Concordo”, Ramie disse com firmeza.

Ela se levantou de seu assento no sofá, mas ficou parada. Ramie falou um palavrão de frustração, porque tudo começou a girar na hora em que ela levantou. Ela não tinha sentido os efeitos do analgésico que Dane tinha dado a ela até aquele momento. Estava zonza, e a marreta que martelava sua cabeça cedeu lugar a uma dor difusa na nuca.

“Você está bem?!”, Caleb perguntou preocupado.

“Estou bem, Caleb”, Ramie confirmou. “Acho que o remédio está fazendo efeito, só isso.”

No rosto de Caleb só se via apreensão e aflição. “Acho que você precisa ir se deitar um pouco. Deus sabe que você vai precisar estar bem descansada se formos mesmo cogitar esse plano de merda para deixar você ir atrás daquele psicopata.”

Ramie encarou Caleb e se aproximou dele, andando alguns passos até onde ele tinha parado da última vez em que saiu andando em círculos. Ela entrelaçou os dedos com os dele e apertou sua mão, em um esforço para consolá-lo.

Caleb estava irradiando tensão, a sua mente era uma massa confusa de pensamentos caóticos e medo. Ramie conseguia sentir como ele estava apavorado por algo poder dar errado e ela acabar morrendo.

“Eu preciso fazer isso, Caleb, você sabe. Não gosto nem um pouco da ideia de mergulhar em uma infinidade de medo, dor, sangue e violência, mas, se eu não impedi-lo, quem vai? A polícia sempre diz que, cedo ou tarde, ele vai tropeçar e cometer um erro, mas esse cara até agora não cometeu nenhum, e nem vai. Ele é bom demais. Ele é o tipo mais perigoso de assassino que existe: frio, calculista, paciente e metódico em tudo o que faz. Se precisar esperar cinco anos,

ou mesmo dez, ele vai aguardar até que eu estrague tudo e cometa algum erro ou então que eu baixe minha guarda. E eu não quero viver os próximos cinco a dez anos olhando constantemente por cima do ombro e permitindo que o medo me controle. Estou envergonhada por ter demorado tanto para chegar a esta conclusão. Muitas mulheres precisaram morrer para que eu chegasse a este ponto, mas isso é algo com que terei de viver para o resto da vida. Acabar com ele de vez vai ajudar muito a aliviar o peso do fardo que eu carrego."

O rosto de Caleb se suavizou e seus olhos perderam aquele brilho duro. "Querida, você não tem como salvar todas elas."

Ele acariciou os cabelos de Ramie, alisando-os para trás, e colocou as mãos no rosto dela. Os olhos dele eram de um azul tão rico que Ramie sentia como se estivesse se afogando no oceano. Eram olhos cheios de amor, mas também havia neles um pouco de medo, medo por ela, medo de perdê-la.

"Tenho medo de perder você também", ela murmurou. "Você consegue entender isso? Você está preocupado comigo e com o que vai acontecer se eu cair nas mãos dele, mas eu fico preocupada que você ou Tori, ou seus irmãos ou mesmo Dane e Eliza acabem pagando o preço por me protegerem. Ele é impiedoso e insensível, o assassinato e a morte são uma forma de diversão para ele. Ele acredita que é superior aos outros e é por isso que está obcecado, porque ele não me superou e eu cheguei bem perto de derrubá-lo. Ele considera isso o pior dos insultos."

"Inacreditável", Eliza disse incrédula. "Você o descreveu perfeitamente, e com as mesmas palavras que o FBI usou no perfil que fez dele."

"Precisamos entregar o retrato falado para a polícia e para a mídia", Dane disse. "Quanto antes pudermos avisar o público e torná-lo ciente do fato de que um assassino está atuando na área metropolitana de Houston, mais cedo iremos prendê-lo. Talvez a gente dê sorte e consiga pegá-lo antes que ele escolha a próxima vítima."

"Faça isso então", Caleb disse. "Vou levar Ramie para cima, para que ela possa descansar até a dor de cabeça passar."

VINTE E CINCO

“É agora que eu digo: ‘desculpe, querido, estou com dor de cabeça?’”, Ramie perguntou com a voz pastosa.

Ela deu um longo bocejo, abrindo a boca até não poder mais, antes de voltar a apoiar o rosto no peito nu de Caleb, aninhando-se sonolenta nos braços dele. Ele riu baixinho, acariciando as curvas do corpo dela de cima para baixo.

A pele de Ramie era macia como a de um bebê. Parecia seda. Caleb estava apreciando o simples prazer de tocá-la, de tê-la em seus braços e em sua cama. Ele virou a cabeça o suficiente para que seus lábios tocassem a testa de Ramie.

“Vou deixar você escapar com essa desculpa. Mas só desta vez, hein?”, ele disse brincando.

De repente, Caleb percebeu que no espaço de poucos momentos, tudo ficou quieto e em paz, sem intromissões vindas do mundo exterior. O clima de intimidade envolvia os dois como um abraço carinhoso.

“Como está sua cabeça?”, Caleb perguntou enquanto passava os dedos pelos cachos do cabelo dela que estavam caídos sobre os ombros. “Já melhorou?”

Ramie bocejou de novo e assentiu, esfregando a bochecha no peito de Caleb para cima e para baixo.

Ele gostava de tê-la em seus braços, toda quente, carinhosa e contente. Ali era o lugar dela, quer ela soubesse disso ou não. Caleb sabia ser um homem paciente quando a recompensa valia a pena, e ter o coração e a confiança de Ramie valiam toda a paciência que ele precisaria ter para conseguir consolidar o novo relacionamento dos dois.

“Tem certeza de que quer fazer isso, Ramie?”, ele perguntou com a voz baixa.

Ramie ficou absolutamente imóvel ao lado dele. Ela nem mesmo parecia estar respirando. Caleb retomou a carícia no corpo dela em uma tentativa de aliviar a tensão súbita que se formou no ar.

“Sim. Não...”, ela hesitou e então suspirou por um bom tempo. “Sim, droga. Bem, isso não é exatamente verdade. Não sou uma idiota completa. Eu não *quero* fazer isso, mas não tenho escolha. Eu *preciso* fazer, é essa a diferença.”

“Você é uma mulher bem corajosa e altruísta”, Caleb disse, falando com toda a sinceridade.

Ramie estalou a língua, discordando.

“O que é isso de me chamarem de corajosa de repente? Eliza disse essa mesma bobagem hoje mais cedo. Por acaso pareço alguém destemida? Eu estou *apavorada*”, ela disse, elevando a voz em um tom.

Caleb tentou acalmá-la acariciando-a, fazendo sua mão deslizar pelas curvas do corpo dela, mas ela já estava irritada com o que ele tinha dito.

“Eu não tenho nada de valente, corajosa, e nem de especial”, ela falou com franqueza. E não disse aquilo com exaltação, como se estivesse querendo discutir com Caleb. Foi mais uma afirmação casual, algo que refletia como ela se via realmente. Caleb apenas gostaria que ela visse em si o mesmo que ele. Ele a via daquela forma positiva não por desejo, volúpia e nem amor. Independentemente do relacionamento dos dois, ou dos sentimentos que ele tinha por ela, as ações de Ramie eram perfeitamente coerentes com a avaliação que Caleb fazia do seu caráter.

“Passei a vida toda solitária e com medo”, ela disse com uma voz carregada de dor. “Fugindo e me escondendo de quem e *do quê* eu sou. Cansei dessa vida, Caleb. E antes de argumentar comigo se eu devo ou não seguir com nosso plano, você precisa levar em conta primeiro que você é a razão para eu não querer mais ser aquele arremedo de mulher fraca e assustada que fui por tanto tempo. Você é a razão para eu querer ser... *uma pessoa melhor*. Você merece uma pessoa melhor. *Eu* mereço ser alguém melhor. Qualquer relacionamento que nós possamos ter não tem a menor chance de dar certo, a menos que eu recupere o controle da minha vida. Por melhor que seja escutar que você vai me proteger e cuidar de mim, quanto tempo acha que vai levar até você se tocar de que fez um péssimo negócio? Você vai perceber que nós não temos um relacionamento em que os dois lados contribuem, mas sim que eu sou uma sanguessuga dependente me aproveitando de você. Não é possível que você ache que vai ser feliz com uma mulher assim. Você é forte demais para querer isso, sua personalidade é forte demais para querer uma companheira tão fraca. Você vai é acabar se tornando uma espécie de figura paterna para dar conta de toda a dependência que eu mostrei até agora.”

Ramie tinha direcionado tanto desprezo e depreciação para si mesma que ele estremeceu com a força e a veemência das palavras dela. Ela estava fervilhando de raiva, tremendo da cabeça aos pés, e fechou a mão que estava apoiando no peito dele em um punho cerrado.

Por mais que Caleb quisesse assumir o papel que ela descreveu, ele sabia que seria tremendamente injusto com ela. E com certeza Ramie não estava fazendo justiça à sua inteligência e determinação. Fazia parte da natureza de Caleb assumir o controle e colocá-la em um ambiente onde ela estaria em segurança. Mas isso não era mesmo uma boa forma de viver. Ele estava começando a entender a frustração dela, e percebia que ela estava chegando ao limite. Talvez já estivesse chegado. Os instintos de proteção de Caleb eram muito fortes, não só quando se tratava de Ramie, mas em relação à família dele também. A ideia de abrir mão do controle e deixar as coisas rolar ia contra tudo o que ele era. Mas se ele não aprendesse a fazer exatamente isso, ele provavelmente acabaria perdendo Ramie. Talvez não exatamente agora, mas cedo ou tarde ela acabaria ficando cansada de estar sob o controle e o domínio dele.

"Eu entendo", ele murmurou. "Eu entendo mesmo, Ramie. Mas vamos ter de concordar em discordar quando você diz que não é forte nem corajosa. Nesse ponto, eu me recuso a aceitar qualquer outra coisa. Não conheço ninguém, nenhum homem, mulher ou criança que seria capaz de suportar tão estoicamente tudo o que você sofreu nos últimos dez anos."

Ramie levantou o rosto, e olhou para Caleb com aqueles olhos cinzentos tomados por emoções fortes.

"Mas é exatamente isso, Caleb. Eu não suportei estoicamente nada. Meu Deus, como eu gostaria de ter conseguido fazer isso ou mesmo ser *capaz* disso. O problema é que eu sinto demais, eu absorvo demais. Já perdi a conta do quanto isso me magoou. E logo quando finalmente chego a um ponto em que as coisas parecem que vão ficar mais ou menos normais de novo, eu sou arrastada de volta a um mundo de dor, morte e *tristeza*."

Caleb acariciou os cabelos de Ramie, massageando a cabeça dela por entre as mechas em uma tentativa de acalmá-la.

"Shh, eu entendo, querida. Mas pare de ser tão dura com você mesma, isso não ajuda em nada. Eu prefiro conversar sobre o fato de você ter acabado de admitir que eu sou a razão para você querer mais e melhor da vida", Caleb disse, tentando melhorar o clima.

"E quero mesmo, e você é a razão, sim", ela sussurrou. "Mas tenho medo de sonhar, nunca tive sonhos bons, Caleb, só pesadelos. Só queria ter algo bom e maravilhoso, pelo menos uma vez."

Ele pegou Ramie pela cintura e a rolou para baixo de seu corpo. Os dois se beijaram com voracidade, com a língua de Caleb sobre a de Ramie, saboreando-a. Quando Caleb afastou a cabeça e terminou o beijo, os dois ficaram se olhando.

“Eu vou te dar sonhos bons, Ramie, e vou te apoiar nos sonhos ruins. E nós vamos ter sonhos bons juntos.”

O olhar de Ramie era firme e ia fundo buscar e conferir dentro dos olhos de Caleb, checando a veracidade do que ele tinha acabado de dizer. Então, a expressão no rosto dela se suavizou e um pouco da escuridão que havia em seu olhar foi embora, como se a luz do sol estivesse atravessando as nuvens escuras de chuva.

“Sonhos bons”, ela sussurrou. “Gosto disso.”

Ele inclinou a cabeça para beijar Ramie. Enquanto a beijava, sua mão entrou por baixo da camisa dela, subiu pela barriga e pegou em seu seio. Ele roçou o bico com o polegar, até que ficasse duro. Gentilmente, Caleb tirou o resto da roupa dela e então tirou as próprias roupas, para depois cobrir o corpo de Ramie com o dele.

“Esta noite, quero que você sonhe só comigo”, ele murmurou entre beijos. “Quero que você vá dormir se sentindo amada e protegida, porque eu te amo e quero proteger você, querida.”

Ramie se entregou ao corpo de Caleb, sedenta pelo toque e pelo calor dele. Ela o abraçou por trás dos ombros e o beijou de volta, respondendo com paixão e com beijos cada vez mais intensos.

“Eu preciso tanto de você, Caleb!”, ela disse com a voz cheia de desejo.

“Eu preciso demais de você também. Você precisa acreditar nisso, Ramie, mesmo que não acredite em mais nada!”

“Eu acredito”, ela falou, com a voz carregada de emoção. “Faça amor comigo, mostre o que você sente por mim.”

Os beijos de Caleb ficaram mais vigorosos e ardentes, e ele se ajeitou sobre Ramie, afastando suas coxas com os joelhos. Inclinou-se sobre seus seios, chupando seus mamilos, até fazer seu corpo todo estremecer. Beijou seu pescoço, mordiscando até subir para a orelha, deixando-a toda arrepiada. Caleb não deixou nenhuma parte de seu corpo sem receber seu toque amoroso, demorando o tempo necessário, o que fazia com que ela se sentisse muito desejada.

Então, para a surpresa de Ramie, ele a virou de barriga para baixo e começou a beijar suavemente sua nuca. Caleb desceu lambendo e chupando suas costas, o que a fez se contrair incontrolavelmente. Mordiscou sua bunda, sugando de leve cada ponto que lambia. Caleb então pegou um travesseiro e o colocou sob Ramie, elevando seu quadril e facilitando o acesso ao seu sexo.

Brincou ali com seus dedos por um tempo, deixando Ramie maluca. Caleb

alternava seus toques, ora acariciando os pequenos lábios úmidos, ora pressionando gentilmente seu clitóris inchado, ora colocando seu indicador dentro dela e tocando seus pontos mais sensíveis. Ela estava ficando completamente louca com as carícias, que agarrava o lençol para se segurar com o turbilhão de sensações de prazer que invadiam seu corpo.

Ramie deu um pequeno gemido quando Caleb a levantou um pouco mais para encaixar nela seu pênis e, lentamente, com cuidado, a penetrou. Ela o sentia muito maior nessa posição e ele precisou de várias tentativas até entrar completamente. Ramie gemeu mais ao sentir a plenitude do membro de Caleb preenchendo-a, percebendo como ela tinha se alargado para acomodar o pênis rijo inteiro dele. Quando estava todo dentro dela, ele parou.

“Está tudo bem?”, ele perguntou preocupado.

“Sim, meu Deus, sim! Por favor não pare!”

“Não tenho a menor intenção de parar”, ele disse, com esforço.

Caleb saiu de dentro dela e então, lentamente, a penetrou novamente, fazendo-a gemer de novo. Ela precisava de mais, muito mais. Ela não queria que ele fosse carinhoso naquele momento, queria receber tudo o que ele podia lhe dar. E não queria ser tratada como algo frágil.

Ramie arrebitou mais a bunda, tentando dizer a Caleb, sem palavras, o que ela queria, o que ela precisava. E ele respondeu ao seu pedido silencioso e começou com um vai e vem mais fundo, mais forte, até a necessidade dela se tornar um desespero tangível. Cravou seus dedos nos quadris dela, levantando-a para receber mais estocadas. Ele começou a se mover mais rápido e com mais fúria, levando os dois à beira da loucura.

“Quero você comigo, Ramie.”

“Eu estou aqui com você!”, ela gemeu. “Por favor, Caleb, não me faça esperar, eu já estou lá.”

As palavras de Ramie o fizeram penetrá-la cada vez com mais força, a ponto de levá-la para perto da cabeceira da cama, com o corpo inteiro tremendo com a força de suas estocadas. Ela começou a ter espasmos incontroláveis e gritou quando gozou com uma força que ela jamais tinha experimentado. Logo depois dela, Caleb caiu para a frente e cobriu Ramie com seu corpo, pressionando-a com firmeza pelas costas com seu calor e com seus músculos. Os dois estavam exaustos e ofegantes.

Por fim, Caleb rolou para o lado, livrou-se da camisinha e pegou sua amada nos braços, acariciando seu corpo enquanto os dois ainda estremeciam com os resquícios do orgasmo. Ele beijou a testa, os olhos, o nariz, a bochecha e,

finalmente, a boca de Ramie, mas com a língua mais retraída e com movimentos muito mais carinhosos do que tinha feito poucos momentos antes.

“Eu te amo tanto!”, ele disse com uma voz cansada. “Eu espero que um dia você também possa me amar, Ramie. Mas estou disposto a esperar o tempo que for preciso e nunca vou desistir de você. Vou esperar pela eternidade se for necessário.”

Ramie se aninhou no abraço de Caleb, e apoiou o rosto no peito dele, desejando por tudo no mundo que ela conseguisse logo falar as palavras que ele queria ouvir, especialmente agora, quando ele parecia tão vulnerável. Mas ela não iria falar por falar. Não enquanto ela não pudesse se entregar por inteiro a ele, totalmente curada e capaz de retribuir tudo o que ele tinha dado a ela.

***

O quarto estava escuro e Tori podia sentir que não estava sozinha, mas não fazia ideia de onde estava. Sentia-se assustada demais para fazer algum barulho, então se encolheu toda, rezando para ninguém vê-la ou ouvi-la. O cheiro de sangue irritava seu nariz e incomodava seus sentidos. Ela engasgou, o cheiro era forte demais. Estava bem familiarizada com cheiro de sangue, especialmente o dela própria.

Colocou a mão sobre a boca, quando sentiu o estômago se revirar novamente. Inspirando profundamente em silêncio, ela fechou os olhos e tentou respirar em meio à náusea. Então escutou um som perto dela. Tori se obrigou a abrir os olhos e, lentamente, observou as redondezas. Ficou preocupada quando percebeu que não reconhecia o ambiente. Piscando, ela notou uma sombra a alguns metros de distância, e se esforçou para reconhecer quem ou o que estava naquele lugar com ela.

A sombra chegou mais perto. Ela suspirou quando percebeu que era seu irmão e ficou tão aliviada que chegou a ficar zonza. *Oh, meu Deus, ela tinha ficado tão assustada!* Mas Caleb estava ali, ele estava com ela e não deixaria ninguém machucá-la.

Ele deu mais um passo na direção dela e as sombras subitamente desapareceram ao redor dele. O coração de Tori disparou acelerado dentro do peito e sua boca abriu em um grito silencioso, como em um sonho, ao ver, horrorizada, a cena macabra que estava diante de si. Caleb estava encharcado de sangue, que cobria suas mãos, manchava o peito e respingava por toda a barriga. Os olhos deles estavam vazios e ocos, como piscinas de gelo sem alma.

Tori gritou de novo e de novo, tomada pelo desespero e pelo pânico. Ela fechou os olhos em uma tentativa de bloquear a visão de Caleb ensanguentado,

mas era como se aquela imagem estivesse queimada em sua retina, porque a cena continuava vívida mesmo com os olhos fechados, tanto quanto estava com os olhos abertos. Sua cabeça começou a mexer para trás e para a frente, e ela percebeu que alguém a estava *chacoalhando* e chamando por ela com preocupação.

“Tori! Tori, acorda, droga!”

Ela empurrou a pessoa que a chacoalhava, e o fez com tanta força que caiu para trás. Bateu a cabeça na cabeceira da cama e ficou atordoada. A dor a tirou do estado de paralisia e, na mesma hora, ela rolou para fora da cama, pronta para fugir. *Ninguém jamais a sequestraria de novo, nunca mais. Ela preferia morrer!*

Quando ela sentiu mãos fortes a agarrarem pelo braço de novo, Tori partiu para o ataque e deu um soco. A dor no punho e o palavrão que escutou indicavam que ela tinha acertado uma mandíbula bem firme.

“Droga, Tori, que inferno. Acorda! É *Dane*, pelo amor de Deus.”

Os joelhos de Tori fraquejaram e ela caiu, batendo no chão e fazendo um grande barulho. Novamente, ela escutou um palavrão, mas as mãos que a tocavam eram gentis e não ameaçadoras. Aqueles dedos tiraram com cuidado os fios de cabelo de seu rosto e os colocaram atrás das orelhas, e então dedos quentes limparam as lágrimas que caíam em silêncio por seu rosto.

Tori estremeceu e gritou com o esforço que fez quando tentou deslizar para trás no piso do chão de madeira, parecendo um animal selvagem encurralado. Ela tirou o cabelo do rosto, para que pelo menos pudesse se defender.

“N-não me t-toque!”

Ele a soltou imediatamente, levantando as mãos para o alto, de forma que ela as visse facilmente. Tori olhou para Dane assustada, com os resquícios daquela visão terrível ainda rodeando-a como um fantasma em sua mente. Ela escutava o coração bater disparado e piscava os olhos tentando se focar no ambiente.

“Eu vou acender a luz, ok, Tori?”

O tom tranquilo na voz dele ajudou a acalmá-la. Lentamente, a névoa vermelha foi se dissipando e o corpo ensanguentado de Caleb já não estava diante dela quando abria os olhos.

“Dane?”

A voz nervosa e trêmula fazia Tori parecer uma garotinha assustada e não a mulher adulta que viu a dura realidade que existe além da vida privilegiada que ela levou por vinte e três anos.

“Sim, Tori, é Dane. Você está bem agora?”

Os olhos de Tori se encheram de lágrimas e ela começou a soluçar, quando

sentiu o alívio bater.

“Oh, meu Deus, Dane! Você precisa ir ver como Caleb está. Acho que ele está *morto*!”

Dane levantou a cabeça com espanto e apertou os olhos ao encarar Tori, o que fazia suas feições duras ficarem ainda mais assustadoras que de costume.

“Do que você está falando?”, ele perguntou bruscamente. “Fale comigo, Tori! Você teve uma visão?”

Tori ficou boquiaberta, olhando para Dane completamente chocada e receosa.

“Do que você está falando?”, ela murmurou.

“Eu sei”, ele disse. “Eliza também, mas ninguém mais sabe, nem mesmo os outros seguranças e capangas dos seus irmãos. Agora me diga o que houve, Tori. Caleb está em perigo?”

Tori esfregou o rosto, e seus olhos ardiam como se tivessem jogado areia neles.

“Não sei”, ela disse frustrada. “Desde... *ele*... não sei mais o que é visão e o que é só um pesadelo que tive por causa do que aconteceu comigo. Ah, meu Deus, achei que já tinha superado isso! Achei que tudo ia ficar bem, mas eu juro que estou ficando louca. Na outra noite sonhei que alguém tinha dado um tiro em mim. E agora sonhei que Caleb estava todo ensanguentado.”

Cuidadosamente, Dane a puxou em seus braços, trazendo-a para perto de si devagar, como se ele tivesse medo que Tori pudesse se assustar e ficar e histérica.

“Shhh, Tori. Você não está ficando louca. Você passou por um grande trauma físico e emocional. Esse tipo de coisa não passa em uma semana, um mês nem mesmo em um ano. Leva bastante tempo, mas você vai conseguir superar isso.”

“Você acredita nas minhas habilidades?”, ela deixou escapar, olhando para Dane com os olhos semicerrados.

Dane sempre deixou Tori intimidada e, se ela fosse admitir a verdade, ele a apavorava completamente. O rosto dele tinha feições severas e isso o deixava com uma aparência extremamente perigosa. E ele nunca deixava escapar o menor detalhe das coisas.

Dane com certeza jamais a tratou como se ela fosse um objeto frágil, como todos os outros. Não que Tori criticasse os demais, porque ela incitava esse tipo de atitude, já que era mais fácil assim. Se ela desse a impressão de que poderia desabar a qualquer momento, ninguém a pressionaria, ninguém a obrigaria a fazer o que ela não quisesse.

Somente Dane não parecia se preocupar se a deixava irritada ou não. Ele a mandava parar de agir como uma criança mimada e parar de tratar Ramie como se ela fosse o inimigo. E Ramie não era o inimigo, mas fazia parte do passado de Tori. Ela era a única pessoa que sabia como Tori havia chegado perto de perder sua própria alma.

Ela se sentiu envergonhada do fundo do coração e estremeceu ao se lembrar daqueles dias terríveis.

"Por favor, vá ver se está tudo bem com Caleb", ela pediu.

"Está tudo bem com ele", Dane a acalmou.

"Como é que você sabe?", Tori perguntou, com a raiva tomando o lugar da profunda tristeza que ela sentia.

"Porque ele foi para o quarto com Ramie algumas horas atrás", Dane disse. "E tudo está na maior tranquilidade por aqui. Ninguém consegue andar dentro desta propriedade sem a gente saber. Acredite em mim quando digo que ele está bem."

"E se aquilo foi uma visão?", ela sussurrou, exprimindo seu maior medo. "E se os dois sonhos foram visões? E se Caleb e eu formos morrer? Eu não quero morrer, Dane. Já quis uma vez, mas não agora. Estou apavorada com a ideia de que posso morrer antes de fazer qualquer coisa com minha vida. Nunca tive que fazer nada por mim mesma, e isso nunca me incomodou até que percebi o quanto meus irmãos me protegiam e me resguardavam. Você tem noção do ridículo que é eu não poder ir a um restaurante ou ver um filme sem um exército de seguranças? Quem é que vive desse jeito?"

"Tudo o que sei é que, pelo menos esta noite, nada vai acontecer com nenhum de vocês dois", Dane disse tranquilamente.

Por alguma razão, Tori encontrou conforto no fato de que Dane não prometeu que nada jamais iria acontecer com eles, apenas que não iria acontecer nada naquela noite. Se ele tivesse dito qualquer outra coisa, Tori saberia que ele estava apenas falando por falar, na tentativa de acalmá-la. Era por essas e outras que Dane era a única pessoa que não pisava em ovos para lidar com Tori. Todos os outros pareciam decididos a protegê-la da menor irritação, como se o estado mental dela fosse tão frágil que qualquer estresse a levaria a um colapso nervoso. E talvez ela realmente *estivesse* perto de um colapso.

Como é que Ramie conseguia passar por aquilo tantas vezes? Uma vez já foi terrível o bastante. Tori mal tinha escapado com vida, embora sua alma tivesse ficado despedaçada. Mas como suportar aquelas atrocidades inúmeras vezes? Quem conseguiria ser tão abnegada assim? Tori com certeza é que não era. E ela

sabia que não estava sendo justa com Rami; ela reconhecia isso. Mesmo que não conseguisse se obrigar a aceitar a presença dela ali sem reclamar, ela a fazia se lembrar de tudo o que mais queria esquecer.

Tori piscou quando percebeu que ela e Dane estavam sentados no chão ao lado de sua cama, com o lençol e o edredom emaranhados, caindo do colchão. Ela subitamente sentiu-se muito exposta e vulnerável, e odiava se sentir assim mais que qualquer outra pessoa. Mas ela também não queria agir como louca na frente de Dane e deixar claro o fato de que sua sanidade estava por um fio.

“Me desculpe”, Tori falou em voz baixa. “Não quis acordar você. A visão – sonho, o que quer que fosse – me assustou. Foi tão... *real!*”

“Não é preciso se desculpar.”

Aquele evento tinha se encerrado. Dane se levantou e estendeu a mão para ajudá-la a se erguer. Tori fingiu que não viu e se virou para pegar o lençol e cobrir o corpo.

“Você vai ficar bem ou quer que eu fique aqui com você? Podemos ir para a sala se você quiser ficar em um lugar mais claro.”

Tori fez uma careta e meneou a cabeça.

“Não, estou bem. Mesmo. Você devia voltar a dormir. Imagino que o dia vai ser cheio amanhã. Obrigada.”

“De nada”, ele disse após uma breve pausa.

Dane pareceu ficar analisando Tori, talvez para decidir se ela estava falando a verdade. Obviamente, ele ficou satisfeito por ela ficar bem, porque ele saiu em direção à porta. Na porta, Dane se voltou para ela, com a mão na maçaneta.

“Durma bem, Tori. Tente não matar ninguém nos seus sonhos.”

Tori ficou boquiaberta de surpresa quando percebeu um brilho de provocação nos olhos dele e o tom brincalhão em sua voz. Dane tinha senso de humor. Quem diria?

***

Ele abriu os olhos e olhou para o teto, sem enxergar nada. Sem fazer um único som, saiu da cama e caminhou automaticamente até o closet. Com movimentos precisos e calculados, pegou uma calça jeans, uma camisa polo bem passada e se vestiu em silêncio no escuro.

Ele sentiu uma sensação de perigo, que foi logo abafada quando se virou para caminhar de volta à cama, onde Ramie estava dormindo. O olhar dele parou em Ramie e hesitou por um segundo antes de continuar caminhando. Uma forte

dor de cabeça o pegou desprevenido. Ele cerrou a mandíbula com força e um nervo pulsava em sua bochecha.

Ele caminhava com passos relutantes, como se estivesse enfrentando uma batalha para não deixar o quarto – para não abandonar Ramie –, e saiu cheio de hesitação para o corredor. Após passar pela porta, os passos começaram a ficar acelerados, a distância para Ramie parecia o afetar cada vez menos, até que ele finalmente conseguiu andar com facilidade. Desceu as escadas, parando embaixo para olhar furtivamente para a direita e depois para a esquerda.

A casa estava na mais completa quietude. Sob um silêncio perturbador, ele se dirigiu até a sala de monitoramento audiovisual, que ficava ao lado do quarto do pânico, onde as câmeras de vigilância controlavam o terreno. Digitou o código de segurança no painel de madeira que havia na parede. Assim que entrou na sala, foi direto para a série de monitores no canto esquerdo. Conferiu os monitores um por um até que encontrou o monitor que estava buscando. Em seus lábios apareceu um sorriso involuntário, que vinha com a sensação de algo muito errado, e acabou parecendo mais uma careta que qualquer outra coisa.

Te peguei...

Essas palavras foram sussurradas em sua mente, e a elas se seguiu uma distante risada triunfal. Sentiu um frio na barriga, junto com um mau pressentimento. Os músculos de seu pescoço se contraíam em espasmos e suas pálpebras ficaram pesadas e ele começou a piscar os olhos.

Errado, estava tudo errado. No entanto, ele estava impotente para fazer qualquer coisa senão obedecer à poderosa compulsão que o controlava. *Ele não tinha controle sobre a própria mente.*

Ele estava em meio a uma batalha entre duas forças de vontades. Uma era a dele próprio, enterrada sob essa criatura que ele não reconhecia e não sabia que existia. A outra estava cravando seus dedos gelados em seu coração. Ele suava na testa, e seu coração batia aceleradamente, pulsando forte no pescoço. O cabo de guerra silencioso pelo controle de sua consciência estava no auge. Ele estava sendo puxado em direções opostas. Seu coração disparou, sua respiração ficou ofegante e o suor em sua pele brilhava sob a fraca luz dos monitores.

Ele sentiu o peito doer quando finalmente deu as costas para o estrago que tinha causado. Deixou a sala de segurança sem fazer barulho, assim como tinha entrado. Momentos mais tarde, já tinha se despido cuidadosamente e arrumado as roupas do jeito que estavam. Então, voltou para a cama com Ramie, cobrindo o corpo de ambos cuidadosamente com o lençol e com o edredom. Parte de seu subconsciente foi tomado de desânimo, enquanto a outra parte desejava saborear

a vitória e dormir.

Sua mandíbula estava contraída a ponto de chegar a doer, seu pescoço e suas têmporas estavam pulsando, suas pálpebras pestanejavam, até que finalmente se fecharam. Ele ouviu uma risada novamente à distância, que foi ficando cada vez mais fraca, até que Caleb apagou e entrou em um sono agitado.

VINTE E SEIS

Caleb parecia não ter dormido nada na noite anterior e estava quieto e retraído desde que ele e Ramie levantaram da cama. Entretanto, ninguém mais lá parecia especialmente empolgado. O ambiente na cozinha estava repleto de tensão, com um silêncio abismal.

A situação estava desgastando todos eles. Dane e Eliza pareciam esgotados, Tori estava pálida e apática, e ela ficava sentada como se estivesse entorpecida à mesa do café da manhã. Quinn e Beau sentaram-se um de cada lado dela, e comiam em silêncio, sem voltar a atenção para ninguém em particular.

Ramie suspirava e mexia na comida de seu prato com o garfo perfurando um pequeno monte de ovos mexidos. Seu estômago estava ruim, então ela tentava passar o tempo brincando com os alimentos enquanto esperava alguém pôr fim àquele silêncio constrangedor. Ela batia com o garfo no prato, fazendo um barulho alto, quando o telefone de Dane tocou. Ramie olhou para ele na mesma hora, sentindo uma angústia no peito. Só porque o telefone tocou não significava que o pior tinha acontecido. Dane recebia ligações o tempo todo. Como chefe de segurança de Caleb, era a função dele garantir que tudo corresse bem. Somente Dane se reportava diretamente a Caleb, enquanto todos os demais funcionários respondiam a ele.

Dane ficou tenso quando viu o número que estava chamando. Tentou esconder sua reação, mas Ramie percebeu que ele cerrou a mandíbula, e o súbito desgosto nele era algo quase tangível e se transferia dele para os outros como eletricidade.

Trêmula, Ramie desceu da banqueta e instintivamente foi para perto de Caleb, procurando se abrigar atrás daquele corpo muito maior que o dela. Ela estava completamente abalada e pegou a mão de Caleb sem pensar, preparando-se para o pior.

“É ele”, ela disse em voz baixa, virando o rosto para cima, para olhar Caleb nos olhos. Mentalmente, ela gritava para ele dizer que ela estava enganada, mas ela sabia que era verdade. Conseguia enxergar isso no reflexo dos olhos de Caleb também. Ramie sentiu a náusea se acumular em seu estômago e passar a se

espalhar pelo corpo. Ela estava salivando e engolindo compulsivamente para segurar o vômito. O pesadelo estava para começar de novo.

“Ele fez outra vítima, não é?”

Caleb abraçou Ramie fortemente com um dos braços, enquanto sua outra mão estava entrelaçada com a dela, e os dois aguardavam pela revelação que Dane faria. O corpo todo de Ramie estava trêmulo, seu rosto estava pálido e sem cor, e seus olhos pareciam estar enormes em seu rosto delicado. Como diabos queriam que ele deixasse Ramie sair da segurança de seu lar sem saber que raios aguardava por ela na cena do crime? Se é que existia uma cena de crime...

Dane estava falando em voz baixa e o rosto raivoso. Ele estava xingando sem parar e Caleb abraçou Ramie com mais força. Se não tivesse cuidado, iria acabar machucando-a. Aliviou um pouco o aperto, mas assim que fez isso, Ramie se aproximou mais e se moldou novamente ao corpo dele. Caleb a deixou lá, satisfeito por tê-la aninhada em seus braços.

Dane desligou o celular e estava com um olhar resignado. “Ele está ficando mais ousado”, Dane falou preocupado. “Ligou de novo, e desta vez falou para a polícia o nome da mulher e o endereço, e pediu para mandarem lembranças a Ramie St. Claire. E que, se ela quiser negociar uma troca, a qualquer hora, ele estará disposto a ser clemente com sua nova vítima.”

Ramie ficou imóvel ao lado de Caleb, e o único sinal de vida que ela emitia era o som leve de sua respiração. Ela inclinou a cabeça para cima, lentamente, buscando o olhar de Caleb.

“A gente precisa ir”, ela sussurrou. “E agora, enquanto o jogo ainda está só começando. Vamos antes que ele tenha tempo de colocar o plano dele em ação.”

Caleb nunca se sentiu tão inseguro na vida. Estava claro que ele era a única pessoa que se opunha a Ramie tentar entrar na mente do assassino, em vez de deixar acontecer o contrário. Ele olhou para Dane e Eliza e fez uma pergunta: “Quem vocês chamaram para isso?”

Ramie pareceu ficar confusa, franzindo a testa a ponto de unir as sobrancelhas. Será que ela realmente achava que Caleb iria enviá-la a um território desconhecido sem estar acompanhada por homens com poder de fogo o suficiente para invadir um pequeno país?

“Tenho uma equipe de seis homens reunida. Se você quiser mais reforço, posso conseguir. Mas, neste caso, menos gente é melhor. Não pretendemos chamar muito a atenção, e se estivermos andando por aí com uma dúzia de agentes de segurança, junto com Eliza e eu, além de você e Ramie, todo mundo vai nos notar”, Dane disse.

Caleb permaneceu em silêncio por um tempo, enquanto avaliava a situação. Ele confiava na opinião de Dane e de Eliza também nesse assunto. E, até então, ele diria a qualquer um que tinha confiança absoluta na capacidade dos dois de proteger quem quer que fosse. Mas ele nunca teve nenhum envolvimento pessoal com essas questões antes. Somente para Tori Caleb tinha destacado alguém para protegê-la, além dele ou dos irmãos, e mesmo naquele caso, ele somente confiava em Dane e Eliza. Tori não saía muito, então ela nunca precisava de nada além da proteção mínima. Caleb fez uma careta ao perceber como Tori saiu pouco de casa no ano que se passou desde o sequestro e o estupro que ela sofreu. A questão fundamental era se ele confiava em sua equipe multimilionária de agentes de segurança, todos especialistas em proteção pessoal e serviços de guarda-costas, para proteger Ramie a qualquer custo.

Caleb poderia ficar louco pensando demais naquilo. Ele encarou Eliza, que o olhava de volta sem perder a calma, completamente despreocupada com a aparente hesitação dele. *Que se dane!* Caleb tinha feito de tudo para garantir que ele e os irmãos contratassem somente as melhores pessoas. Beau tinha supervisionado a maioria das contratações, embora nenhuma decisão fosse tomada sem a concordância de Caleb e Quinn.

“Vocês vão assumir a liderança nisso, Dane e Eliza”, ele disse, dirigindo-se a ambos. Caleb jamais desrespeitava Eliza colocando Dane como o superior dela. Eliza era tão capaz quanto Dane, e sabia manter a cabeça fria sob pressão tão bem quanto ele. Os dois formavam uma excelente dupla, e ambos eram líderes por natureza. “Estou confiando em vocês dois para garantir que nada aconteça a Ramie”, ele disse em voz baixa. “Peguem quantos agentes vocês acharem que vão precisar. É por isso que pago um salário mensal a meus funcionários, em vez de pagá-los por serviço. Não quero meus homens fazendo bico para ganhar um dinheiro a mais. Quero lealdade incondicional e que eles estejam aqui sempre que eu precisar deles para um serviço.”

“Ela vai ficar em segurança total”, Dane disse.

Embora estivesse falando para Caleb, Dane olhava o tempo todo para Ramie, como se estivesse tentando dar a ela a mesma garantia que estava dando para Caleb. Ramie assentiu em reconhecimento à promessa dele, mas estava tensa e trêmula ao lado de Caleb.

“E em que momento vamos?”, Caleb perguntou.

“Agora”, Dane respondeu. “O detetive Briggs quer se encontrar conosco lá na cena do crime, onde ele está com o detetive Ramirez. Isso vai nos dar um pouco de tempo. Não é muito, mas pode ser o bastante. Ninguém no

departamento de polícia vai ficar empolgado por ver civis em uma cena de crime ainda não periciada, mas, a esta altura, eles estão dispostos a usar todas as cartas da manga.”

Ficou implícito o fato de que eles provavelmente duvidavam da veracidade das habilidades de Ramie, embora os dois detetives tivessem visitado a casa de Caleb e testemunhado a precisão de Ramie para localizar o corpo. Provavelmente, os detetives Briggs e Ramirez acreditavam na capacidade de Ramie, mas eles eram os únicos, em um departamento repleto de céticos. E os dois detetives possivelmente não queriam alardear o fato de que estavam envolvidos na visita que Ramie iria fazer a uma cena de crime não isolada.

Caleb precisou conter suas esperanças, que estavam cada vez maiores. Quantas vezes a polícia teve uma cena de crime completamente isolada e intacta, sem que parentes ou conhecidos preocupados com a vítima invadissem e contaminassem a área antes de perceber o que aconteceu e chamar a polícia?

“Quem vai ficar aqui com Tori?”, Quinn perguntou. “Com certeza, não é uma boa ideia deixar a casa tão desprotegida levando tantos homens com você, Caleb.”

“Dane já cuidou disso também”, Caleb disse calmamente.

Então, ele se virou para Ramie, enquanto os demais se preparavam para partir. Caleb a pegou nos braços e a virou para olhá-la de frente, com a maior seriedade. Ele segurou o rosto de Ramie com as duas mãos, acariciando as maçãs do rosto dela com os polegares.

“Me prometa, Ramie. Me prometa que você vai seguir as ordens o tempo todo e não vai fazer nada além disso. Não tente ser nenhuma heroína, ok?”

Ramie sorriu de leve, com pesar.

“Nós já discutimos sobre eu não ser especialmente corajosa ou heroica. Então, deixe-me dizer que, apesar de eu não ser nada dessas coisas, também não sou idiota. Não tenho a menor intenção de fazer nada que coloque a mim ou qualquer outra pessoa em risco.”

“Então vamos agora!”, Dane disse.

VINTE E SETE

Ramie estremeceu quando estacionaram em frente a um enorme trailer, que parecia estar caindo aos pedaços. Eles estavam ao norte de Houston, bem nas cercanias de uma comunidade rural onde as casas eram bem espaçadas umas das outras, e os amplos terrenos eram usados para agricultura e pecuária. Tinham levado quase uma hora para chegar lá, embora a distância não fosse tão grande assim. Ficaram bastante tempo presos no trânsito intenso da área de Woodlands, e tudo o que Ramie conseguia pensar era que o assassino tinha feito aquilo de propósito.

Nada do que ele fazia poderia ser considerado acaso. Ele pensava em tudo, nos mínimos detalhes, e se planejava para todo tipo de eventualidade. Por que então ela se deu ao trabalho de ir? Ela já sabia que era tarde demais para a vítima, sabia que o assassino estava brincando com ela, em uma tentativa de fazê-la cometer um erro. As mulheres que ele tinha sequestrado não passavam de simples objetos que ele usou para torturar Ramie, nada além disso. O único crime que elas cometeram foi serem alvos fáceis. O assassino não teria escolhido alguém que se mostrasse um desafio para ele, já que não estava atrás dessas pessoas. Ele queria um alvo fácil para poder agir rápido e fazer a polícia envolver Ramie.

Na verdade, ela, Caleb, a equipe de segurança e a polícia estavam todos sendo manipulados por ele como marionetes, obedecendo a cada puxada nos cordões. Ramie nem mesmo conseguia imaginar quantos recursos estavam sendo gastos na caçada àquele maluco, nem o custo envolvido, tanto financeiro como psicológico.

Os dois detetives pareciam abatidos, como se não dormissem direito havia várias noites. Dane e os homens que ele comandava estavam com uma aparência focada, cheia de determinação. Havia no ar uma expectativa pairando sobre as pessoas que estavam no jardim da frente, e Ramie percebeu que todas aquelas pessoas estavam olhando com ansiedade... para ela. Ela estava sob pressão, e as expectativas e exigências que ela carregava nos ombros pesavam sobre seu corpo e sua alma. Ela caminhava a passos arrastados, quando foi se aproximando

da minguada varanda de entrada do trailer. Seus pés pareciam tão pesados, como se os sapatos fossem feitos de chumbo.

“Eu posso entrar?”, Ramie perguntou, olhando assustada para todas as pessoas que a encaravam.

Ela sentia como se todos aqueles olhares estivessem deixando marcas em sua pele, e estava incomodada por ser analisada pelas pessoas. Ramie olhou para Caleb, em um pedido silencioso de ajuda. Será que esperavam que ela fosse atuar como uma atração de circo na frente deles, encenando um crime brutal para o entretenimento da audiência?

“Detetive Briggs?”, Caleb disse, elevando o tom de voz para ser ouvido. “Se você quer que Ramie entre, então o resto do pessoal precisa se afastar e dar espaço a ela. Você já verificou o trailer? Está seguro para ela entrar?” Ao falar, Caleb colocou o braço na frente de Ramie, como que para protegê-la do que quer que estivesse lá dentro. Detetive Briggs assentiu com um movimento curto.

“Entendo que não podemos pedir para você tocar em nada, já que seu dom se manifesta por meio do tato, mas se você puder se limitar a tocar apenas o que for necessário, talvez a gente consiga coletar impressões digitais ou amostra de DNA.”

Ramie sabia que aquela possibilidade era muito pequena. O assassino estava cada vez mais esperto, e não mais descuidado, ao intensificar a escala de seus crimes. A maioria dos assassinos provavelmente acabava perdendo o controle ao longo do tempo, ao se convencer de que eram invencíveis. Mas não este. E Ramie descobriu que esse tipo de assassino era o mais assustador de todos. O que podia ser pior do que um homem impossível de ser encontrado ou preso, que estava livre para matar e torturar à vontade? Como qualquer mulher poderia se sentir segura novamente com homens como aquele à solta? Ele poderia ser seu vizinho, frequentar a mesma igreja, poderia ser um professor na escola local, ou até mesmo um pastor.

Não havia limites para as possibilidades, e Ramie já sabia que o assassino tinha uma aparência... normal. Ele era até mesmo bonito, arrumado e bem vestido. Ele tinha movimentos precisos e era meticuloso na forma como se vestia. A maioria das mulheres não veria o menor problema na aparência dele e, provavelmente, se sentiria confortável em sua companhia. Ele era, sem dúvida, charmoso e simpático. Que mundo era esse em que monstros desse tipo estavam à sua espreita quando você menos esperava?

“Vou levá-la para dentro”, Dane disse. “Eu, um dos nossos homens e um dos homens da polícia. Toque no mínimo possível, mas o quanto for necessário,

Ramie. Nós queremos pegar esse cara de vez agora.”

Ramie assentiu, tremendo com o esforço.

“Não sem mim”, Caleb reclamou.

Ramie se virou, apoiando os dedos no pulso de Caleb.

“Vai ser mais fácil se você não for junto. Eu preciso me concentrar. A coisa pode... ficar bem feia.” Ela fez uma careta e levantou os olhos para o rosto dele. “Você não vai gostar, talvez até mesmo interrompa ou interfira no trabalho.”

“Com certeza”, Caleb disse enfático. “Assim que a coisa ficar complicada lá dentro, eu tiro você de lá na hora.”

Ramie gentilmente meneou a cabeça.

“Não, nós precisamos pegá-lo dessa vez. Preciso olhar para além das aparências, preciso enxergar além do que ele quer que eu veja, e descobrir o que ele não quer que eu veja. Ele é esperto demais para vacilar e cometer um erro.”

Antes que Caleb pudesse retrucar, e porque ele iria discutir com ela sobre aquilo sem parar, Ramie se virou e correu na direção dos degraus de madeira que davam em um pequeno espaço quadrado. O degrau de baixo quebrou assim que ela apoiou seu peso nele, e ela jogou a mão para pegar o corrimão, evitando sua queda. Dane a segurou pelo outro braço.

“Você está bem?”, ele perguntou.

Ramie ouviu um ruído explodir dentro de seus ouvidos, como se uma centena de trens cargueiros colidissem a mais de cem por hora. Ela bambeou e então caiu de joelhos, com o braço esticado para cima, porque ela ainda estava segurando com força o corrimão de metal. Uma sucessão de cenas confusas e caóticas surgiu piscando como luzes em sua mente. As imagens estavam emaranhadas e bagunçadas, sem uma lógica ou razão aparente. Ela sentiu como se estivesse sendo estrangulada pelo medo. Não o medo dela, mas o medo da vítima.

Ela sentiu dor, também vindo da vítima.

Sentiu o gosto da vitória, vindo do assassino.

Sentiu contentamento e satisfação, também do assassino.

Ramie focou no assassino, lamentavelmente tendo de ignorar os gritos da vítima, que pedia por ajuda e justiça. Ela sabia, assim como sabia com a vítima anterior, que era tarde demais. Não havia motivo para focar a energia na vítima, quando ela precisava de toda a sua força para penetrar no labirinto que cercava o assassino, um psicopata muito inteligente e ardiloso. Cada imagem que piscava em sua mente era como uma foto que registrava um crime hediondo, momento a momento. Ela estudava e rapidamente absorvia cada imagem, como se estivesse

folheando um álbum de fotos antigas, de memórias passadas. Só que aquelas imagens não seriam guardadas, nem relembradas.

Sob a fina camada das imagens, que contavam passo a passo o que o assassino tinha feito com a vítima, havia uma imagem envolta por uma névoa, que Ramie não conseguia distinguir o que era. Ela se concentrou mais, tentando focar naquela imagem. Toda vez que ela tentava penetrar além daquela fachada cuidadosamente montada, sua cabeça doía e a náusea a sufocava. Aquilo tudo era um disfarce. Apesar da dor intensa e da náusea insuportável, Ramie sentia uma fagulha de empolgação, uma fagulha que não poderia ser apagada pelo assassino. Se antes Ramie ficaria bloqueada com a visão macabra de sangue, morte e sofrimento, agora ela se preparava e se forçava a seguir adiante. Ele estava escondendo traços de... um de seus pensamentos? Era algo que ele não queria que ela visse?

Ramie sentiu o gosto de vitória, que lhe deu uma força que ela não imaginava que tinha. Sua cabeça doía tanto que ela temia que fosse ter um derrame. Esfregou o rosto com as mãos, tentando tornar nítida a memória embaçada que estava estrategicamente escondida por trás das imagens da vítima ensanguentada, com os olhos turvos, ciente de seu destino. Então Ramie sentiu cheiro de sangue, e o sentiu em suas mãos. Ficou preocupada, porque não era o que ela estava vendo. Levou um tempo até perceber que era ela quem estava sangrando, por ambas as narinas. A pressão dentro de sua cabeça estava ficando cada vez maior, e a dor era insuportável. No entanto, Ramie se recusava a recuar e a voltar. Não quando ela estava tão perto de... algo. Ela só não fazia ideia de quê.

Naquela guerra silenciosa entre duas forças de vontade, Ramie estava decidida a sair vencedora daquela vez. Ela não iria fracassar. Mas que droga, o que ele queria esconder?!

Então, as imagens que cobriam o segredo se espatifaram, e os estilhaços de dor insuportável cravaram no crânio dela. Mais sangue quente escorreu por suas narinas, mas ela ignorou, sabendo do que se tratava. Ela ficou completamente imóvel, sem nem mesmo respirar, enquanto aguardava que as peças do quebra-cabeça se encaixassem. E elas se encaixaram, assumindo uma forma bem diante dos olhos dela, até que se tornaram uma única imagem, que pairava no ar na sua frente. Foi como abrir uma cortina para ver o impensável.

Ah, meu Deus!

“Não!”, ela gritou. “Para trás! Corram para trás! Tem uma bomba!”

VINTE E OITO

Caleb gelou quando o grito de Ramie rompeu o silêncio. Houve uma fração de segundo em que todos pareceram imóveis, com uma expressão de “mas que porra é essa?” no rosto. Então, todos saíram correndo em direções aleatórias, rolando e mergulhando em busca de proteção. Para o horror de Caleb, Ramie tropeçou e caiu, na pressa de descer as escadas quebradas de madeira do trailer. O tempo pareceu correr mais devagar enquanto ele gritava o nome de Ramie e corria desesperadamente até ela, mergulhando para cobri-la com seu corpo.

Caleb pegou Ramie pelo pulso, puxando o corpo dela para junto de si, para depois se virar e correr para trás do Hummer que os tinha levado até a cena do crime. E então, uma explosão chacoalhou o solo. Uma bola de fogo alaranjada irrompeu ao redor deles, com tamanho calor que chegava a queimar a pele. O próprio ar parecia estar pegando fogo, e o cheiro da fumaça sufocou Caleb, que não conseguia respirar. Destroços caíam do céu sobre eles, crivando os carros e as partes expostas do corpo de todos, como uma tempestade vinda das profundezas do inferno.

“Ramie!!”, Caleb gritou.

Eles tinham se separado na explosão. A fumaça era tão espessa que ele não conseguia enxergá-la. Caleb tateava o chão ao seu redor freneticamente, na frente, dos lados e atrás de si. Ramie estava sob o corpo dele, mas a explosão jogou Caleb a alguns metros de distância dela. Então, ele escutou uma tosse, mas não sabia de quem era.

“Caleb!”, Dane gritou.

“Estou aqui!”, ele gritou em resposta. “Não estou encontrando Ramie!”

“Aqui!”, Ramie disse com a voz rouca.

Caleb seguiu o som da voz dela, engatinhando no chão até esbarrar na moça, quase passando por cima dela. E ficou furioso quando viu que um pedaço de madeira em chamas a tinha atingido bem no meio das costas. Caleb tirou a madeira de cima dela e a rolou rapidamente de barriga para cima.

“Ramie, graças a Deus! Você está bem? Droga, não estou conseguindo ver nada.”

“Estou bem”, ela disse com a voz fraca. “Ou pelo menos acho que estou. Não estou conseguindo sentir nada neste momento.”

Caleb ficou preocupado com sua voz débil. Ele a abanou para tirar a fumaça da frente e colocou a mão na testa dela, aproximando-se para enxergá-la melhor.

“Não se mexa!”, ele disse com preocupação. “Não sabemos se os seus ferimentos são graves.”

Caleb pensou que não deveria tê-la virado de costas com tanta força, mas ele estava desesperado para ter a certeza de que Ramie estava respirando, de que ela estava *viva*. Quando a fumaça começou a se dissipar, Caleb pôde ver melhor a área e observou, horrorizado, o terreno onde ficava o trailer. Um dos carros, que tinha estacionado perto demais da casa, estava virado de lado. Havia homens caídos por toda parte. O local mais parecia uma zona de guerra que tinha acabado de ser bombardeada. Havia árvores em chamas, e a força da explosão desbastou o capim alto que havia ao redor do trailer e estourou as janelas dos carros por ali. Uma árvore foi derrubada e caiu sobre um dos SUVs.

“Preciso de ajuda aqui!”, Eliza berrou. “Homem ferido!”

“Vá ajudá-la!”, Caleb gritou para Dane. “Eu cuido de Ramie!”

Onde diabos estavam todos os demais? Com corpos espalhados por todo o canto, era impossível saber quem estava bem e quem não estava. As pessoas começaram a se mover, e podiam ser ouvidos muitos gemidos, resmungos e palavrões. Para o alívio de Caleb, ele escutou o detetive Ramirez chamando urgentemente reforços e ambulâncias, passando a localização deles para a central. O detetive Briggs se arrastou até Caleb, que estava encolhido protegendo Ramie com seu corpo. Ele sangrava pela testa e tinha um grande machucado na mandíbula. Ele cuspiu sangue no chão e então perguntou: “Ela está bem?”

Caleb olhou para ele com atenção.

“Acho que ela está muito melhor que você. É melhor você se deitar, cara. Você está sangrando, e até um leigo como eu sabe que isso não é bom.”

“É só um lábio cortado”, Briggs disse com desprezo. “Precisamos pegar esse filho da puta. Agora ele está planejando acabar com uma unidade inteira da polícia?”

Caleb emitiu um som em concordância. Ao olhar para baixo, para Ramie, as mãos dele começaram a tremer. Ele a tocou no rosto e então foi descendo por seu corpo, procurando por qualquer ferimento que exigisse atenção imediata.

Meu Deus, como ele chegou perto de perdê-la. Se ela não tivesse tocado no corrimão...

Ele fechou os olhos, incapaz de seguir pensando naquilo. E Ramie não teria

sido a única a morrer. Graças a ela, todos pareciam ao menos capazes de se mover. Dane se agachou ao lado de Caleb por um breve momento, avaliando a situação de Ramie.

“Ela está em choque”, Dane disse preocupado. “Vou ajudar Lizzie a fazer a triagem do resto do pessoal, para colocarmos os casos mais urgentes na frente, quando as ambulâncias começarem a chegar.”

Caleb assentiu. Ele também estava em choque. Ele não conseguia fazer suas mãos pararem de tremer. Toda vez que tentava tocar Ramie para se certificar de que ela estava viva, ele precisava recuar, ou corria o risco de machucá-la ainda mais com suas mãos trêmulas e total falta de jeito.

Depois que Dane sumiu, os olhos de Ramie se mexeram, e ela virou o rosto de leve para poder enxergar Caleb.

“Vá ajudar os outros, Caleb”, ela sussurrou. “Eu estou bem, juro. Não estou nem mesmo sentindo dor.”

“Acho que você está mais ferida do que imagina”, Caleb respondeu. “Seu rosto está todo ensanguentado e eu não consigo descobrir de onde o sangue está vindo.”

Ramie ficou surpresa e então levou a mão ao rosto, passando sobre o nariz e a boca. Quando ela fez aquele movimento, sua mão também ficou coberta de sangue.

“Meu Deus”, Caleb disse. “Está decidido. Você vai na primeira ambulância.”

Ramie negou com a cabeça e Caleb esbravejou de novo, imediatamente segurando o rosto dela, para que não pudesse mover o pescoço de novo.

“Fique parada, Ramie”, ele ordenou. “Não temos como saber se você machucou a coluna ou não.”

“Não foi a explosão”, ela disse, com a voz mais alta e firme dessa vez.

Caleb olhou intrigado para ela. “Não foi o quê?”

“O sangue”, Ramie respondeu pacientemente. “Não estou sangrando por causa da explosão.”

“Então foi por quê?”

“Meu nariz estava sangrando”, ela disse. “A dor era horrível.” Ramie fez uma careta, como se estivesse lembrando o quanto a dor era intensa. “Eu precisei me esforçar muito para enxergar além das imagens que ele queria que eu visse. Eu estava com medo achando que poderia ter um derrame ou um aneurisma, ou que minha cabeça ia explodir com a pressão. Nunca senti uma dor de cabeça como aquela. Meu nariz começou a sangrar sem parar. Eu devia estar de costas para você, porque não tinha como não perceber. E então, quando a dor tinha

chegado a um ponto insuportável, eu consegui ver a bomba por meio dos olhos dele.”

Caleb xingou com todas as suas forças.

“Agora *chega*. Você parou com isso. Não vou deixar que se arrisque mais. Estou pouco me lixando se isso significa que você vai passar o resto da vida se escondendo. Pelo menos você ainda vai *ter* uma vida. Você não pode continuar com isso, Ramie. Até mesmo você precisa concordar com isso.”

“Eu estava com tanto medo, Caleb”, Ramie disse com uma voz atordoada, que indicou a ele que ela nem escutou o que ele tinha acabado de dizer. “Meu Deus, achei que todos vocês iam morrer.”

E isso deixou Caleb mais irritado ainda. Ele estava furioso, contraindo a mão em punhos cerrados, porque ele não queria correr o risco de machucar Ramie se tentasse tocá-la.

Ramie não falou que o medo dela era de que *ela* morresse. Não, a única preocupação dela era com as outras pessoas. Caleb já estava em pânico o suficiente pelos dois, mas quando é que Ramie ia começar a se preocupar mais com ela mesma, se nem Caleb conseguia fazê-la dar valor à própria vida?

As sirenes tocavam ao longe, e foram se aproximando cada vez mais, até que estavam quase tocando dentro do ouvido de Caleb. Ele permaneceu de joelhos, analisando o estrago nas redondezas para garantir que todos fossem socorridos. Os dois detetives tinham assumido a responsabilidade de entrar no trailer, enquanto os homens de Caleb tinham caído atrás de Ramie. Para o alívio de Caleb, ele viu o detetive Ramirez inclinado sobre um de seus policiais caídos, mas então sentiu o sangue gelar quando percebeu que o homem que Ramirez tentava ajudar não estava se mexendo.

“Ramirez!”, Caleb gritou. “Ele está bem?”

“Está respirando”, Ramirez respondeu em um tom de voz irritado. “Está inconsciente e sangrando sem parar. Ele acabou sendo ferido pelos estilhaços.”

Caleb praguejou, ficando mais irado a cada segundo que passava. Médicos saídos de três ambulâncias correram pela área, enquanto diversos carros da polícia pararam ali perto.

“Caleb, como ela está?”, Eliza perguntou, ajoelhando-se ao lado dele.

“Estou bem”, Ramie disse com a voz fraca. “Mas minha cabeça está doendo pra caramba.”

Eliza ficou preocupada.

“Alguma coisa acertou você? Ou você bateu a cabeça quando caiu?”

“Nada a acertou”, Caleb disse entredentes. “Ramie quase teve um aneurisma

com o esforço que fez para enxergar a imagem da bomba que estava escondida por trás das besteiras que ele queria que ela visse.”

“Então foi assim que você descobriu?”, Eliza murmurou. “Eu vi que seu nariz começou a sangrar, mas não sabia se isso era normal ou não.”

“Isso não costuma acontecer”, Ramie falou sonolenta.

“Querida, fique acordada”, Caleb alertou.

Ele trocou um olhar preocupado com Eliza, que estava analisando Ramie atentamente.

“É meio difícil dormir quando a cabeça dói tanto assim”, Ramie balbuciou.

Caleb esticou a cabeça, procurando às pressas por um médico disponível. Ele estava começando a ficar extremamente preocupado. Ramie tinha que receber atendimento médico, quer ela achasse que precisava ou não.

“Você sabe que vão achar que sou louca se você me internar e explicar quais os motivos que fizeram meu nariz sangrar e minha cabeça doer”, Ramie reclamou.

“Isso é algo a se pensar”, Eliza murmurou.

“Sem chance de eu deixar de levar Ramie ao hospital só porque ela vai precisar explicar porque a cabeça está doendo”, Caleb retorquiu. “Eles não precisam saber que ela não machucou a cabeça na explosão. E como é que nós sabemos que *não foi* esse o caso?”

Eliza levantou a mão.

“Não estou discutindo isso. Esse assunto é entre vocês dois. Com certeza uma receita para analgésicos não vai fazer mal a Ramie, depois das dores de cabeça que ela teve.”

Caleb odiava a ideia de Ramie passar por qualquer tipo de sofrimento. Era insuportável pensar que, até aquele momento, ninguém jamais tenha estado ao lado dela quando ela sofria.

“Não é normal a dor de cabeça causar sangramento no nariz”, ele disse irritado. “E se uma veia estourou no cérebro? Com o tipo de dor que ela estava descrevendo e o estresse mental que ela sofreu, com certeza isso é possível.”

Eliza deu de ombros e se levantou, gesticulando para um dos médicos.

“Acho que a melhor forma de descobrirmos isso é levando Ramie para o hospital, para verificarem a cabeça dela”, Eliza disse.

“Traidora”, Ramie resmungou.

Por alguma razão, aquela reclamação em tom de brincadeira fez Caleb relaxar, talvez pelo fato de Ramie ter tornado leve uma situação tumultuada. De qualquer maneira, Caleb sentiu sua força ir embora, e ele precisou se sentar.

A adrenalina que tinha lhe dado força e foco sobre-humanos até poucos momentos antes se foi em um instante, e Caleb se sentiu velho e cansado demais, incapaz até mesmo de se levantar. Mesmo depois de Ramie ter sido colocada em uma maca com o pescoço imobilizado, ele continuou onde estava, com as mãos tremendo.

“Vamos lá, eu ajudo você a se levantar”, Eliza disse, com gentileza. “Você precisa ir para o hospital com Ramie.”

Caleb olhou para Eliza, sentindo o estômago se revirar tanto que ele achou que iria vomitar ali mesmo.

“Ela quase morreu”, ele falou.

“Todos nós quase morremos”, Eliza o corrigiu. “Mas estamos vivos, graças à Ramie, que nos avisou a tempo.”

“Caleb, cadê você?”

A voz preocupada de Ramie fez Caleb agir. Ele aceitou que Eliza o ajudasse a se levantar para não correr o risco de passar vergonha e cair de boca no chão. Depois ele foi até a maca, ao lado de Ramie e lhe deu um beijo na testa.

“Estou bem aqui, querida. Agora vamos levar você até o hospital para eu poder ter a certeza de que está tudo bem.”

VINTE E NOVE

Quando recebeu alta do pronto-atendimento, depois de fazer uma bateria de exames para descartar qualquer lesão grave, incluindo uma tomografia da cabeça, por insistência de Caleb, Ramie estava exausta e sentindo os efeitos da explosão. Seus únicos ferimentos foram hematomas leves e a sensação de ter sido atropelada por um trem. O corpo dela doía e era difícil se mexer, e seus músculos reclamavam ao menor movimento.

Caleb parou em uma farmácia 24 horas para pegar os remédios prescritos para ela, já que era de madrugada, e Ramie achou que ele devia ter assustado o pobre farmacêutico com o jeito dele, porque voltou com os remédios em questão de poucos minutos.

“Ele provavelmente achou que você era um viciado em remédio tarja preta”, Ramie disse, divertindo-se com a ideia, enquanto eles seguiam seu caminho.

Caleb olhou sério para ela, e Ramie riu da cara que ele fazia, o que só o fez Caleb ficar ainda mais bravo.

“Que bom que você acha isso muito engraçado”, ele murmurou. “Você esqueceu que podia ter morrido hoje, ou melhor, ontem? Seja lá quando foi isso.”

“Mas eu não morri”, ela respondeu gentilmente. “E você poderia ter morrido também, mas eu não estou aqui dando uma bronca em você por ter se colocado em perigo. Você não precisava ter ido e sabe disso. Eu precisava ir, mas você não.”

“Pode parar por aí”, Caleb reclamou, com uma expressão tão azeda quanto estava seu humor. “Juro por Deus que vou colocar uma mordaça em você, se falar mais uma vez que eu devia abandonar você à própria sorte, sem me importar para onde estava indo e com os perigos que ia correr.”

“Eu estou apenas mostrando a hipocrisia que é o fato de você ficar bravo comigo por eu quase ter morrido quando você quase morreu também.”

“Eu não estou bravo com... tá bom, talvez eu esteja bravo”, Caleb reclamou. “Me dá um tempo, eu estava apavorado, tá?”

“Eu também fiquei apavorada”, Ramie disse e pegou a mão de Caleb. “Você

tem ideia do pânico em que entrei quando percebi que tinha uma bomba lá dentro e eu não sabia se ia dar tempo de avisar todo mundo?”

“Eu sei, querida, me desculpe. Não consigo lidar muito bem com essa sensação de impotência e, neste momento, é assim que eu me sinto. Não estou acostumado a ter outras pessoas controlando minha felicidade, meu humor ou minhas decisões. Mas você...”

“Eu o quê?”, Ramie perguntou.

“Você tem o controle total sobre minha felicidade, meu humor e as decisões que eu tomo”, Caleb disse sem rodeios.

“Ah, o maníaco por controle que existe dentro de você não gosta nada disso, hein?”

Caleb olhou torto para Ramie novamente.

“Como eu queria que você parasse de levar isso na brincadeira. Você não está ajudando.”

Ramie sorriu para Caleb, ignorando sua carranca.

“Um de nós não pode ficar levando as coisas tão a sério o tempo todo. Senão nós dois vamos ficar malucos.”

Caleb passou com o carro pelo portão, no final da tortuosa entrada que levava à sua casa, e Ramie percebeu que todas as luzes da propriedade estavam acesas.

“Parece que eles estão nos esperando”, Ramie murmurou.

“Não é todo dia que o irmão deles se explode todo e volta para contar a história”, Caleb disse. “Ou você achou que eles iam dormir e conversar comigo sobre isso no café da manhã?”

“Não custa ter esperanças”, ela disse em voz baixa. A última coisa que Ramie gostaria àquela hora era ser o alvo da raiva e das reprimendas deles pelo fato de Caleb quase ter morrido por causa dela.

Caleb estacionou o carro na garagem e então olhou para o para-brisa trincado, balançando a cabeça. Todos os carros no local da explosão sofreram danos. Um dos SUVs da empresa de Caleb sofreu perda total ao ser atingido por uma árvore. A explosão do dia anterior causou um sério estrago na frota de veículos dele.

Ramie gemeu de dor quando começou a descer do assento do passageiro.

“Você fique quietinha aí”, Caleb ordenou.

“Sabe de uma coisa? Você precisa melhorar essa sua atitude, Caleb”, ela reclamou. “Vai doer se você me pedir para fazer alguma coisa em vez de me dar ordens?”

Caleb apareceu logo atrás dela, e então simplesmente a carregou nos braços e se dirigiu para a porta de entrada da casa.

“É que eu gosto muito mais de sair dando ordens.”

Ramie bufou. “Gosta, é? Não consigo entender por que você ainda é solteiro.”

Caleb parou assim que entrou na casa, com uma carranca estampada no rosto.

“Eu não sou solteiro”, ele resmungou. “E você também não é.”

Ramie levantou uma sobrancelha quando ele voltou a caminhar na direção da sala de estar. “Eu não sou? Você não é?”

“Apenas fique quieta, Ramie”, Caleb disse em um tom mais sério.

Ramie suspirou e então relaxou nos braços dele. Ela estava se segurando para não cair na gargalhada porque, primeiro, Caleb iria ficar mais irritado e, segundo, ele ficaria pensando que ela tinha algum problema, para conseguir rir em uma hora daquelas.

Mas o que Ramie podia fazer, no entanto? Os últimos dezoito meses de sua vida foram uma calamidade, cheia de desastres e escapadas por pouco. Ou Ramie ria ou começava a chorar para não parar mais, e, embora Caleb se irritasse por ela ficar rindo, ele se assustaria se ela ficasse histérica e começasse a se debulhar em lágrimas. Deixar Caleb irritado parecia ser dos males o menor, e Ramie se divertia provocando-o, porque ele não tinha o menor senso de humor. Ela também não achava que tinha, mas qual a outra explicação para achar graça no fato de que ela tinha quase sido incinerada pela explosão de uma bomba?

Caleb colocou Ramie sentada no sofá, e foi então que ela viu os irmãos dele, os três, do outro lado da sala, com expressões que misturavam preocupação e cansaço. Tori parecia estar bastante aliviada. E, por alguma razão, Ramie finalmente perdeu o controle e começou a rir.

“Mas o que é isso?”, Beau perguntou.

“Você acha isso engraçado?”, Quinn disse com uma voz incrédula.

Caleb bufou exasperado, mas quando olhou para Ramie, seu rosto mudou e perdeu qualquer expressão de raiva.

“Que merda”, ele murmurou.

“Qual é o problema dela?”, Tori perguntou ríspida. “Ela está bem?”

“Não”, Caleb respondeu em voz baixa. “Ela não está bem.”

“Não fique bravo, Caleb”, Ramie disse com um toque estranho em sua voz. Parecia que estava engolindo algo ou fazendo algum outro barulho que ela mesma não conseguia identificar. “Eu preciso rir, senão vou começar a chorar.”

“Querida, você já está chorando”, Caleb disse gentilmente.

“Estou?”

Ramie levou a mão ao rosto, e ficou surpresa por ver que estava molhado. Ela então reparou melhor no ruído estranho que emanava de seu peito e sua garganta, e descobriu o que era: ela estava *soluçando*.

“Ela está histérica”, Beau disse desnecessariamente.

“Puxa, como é que você percebeu isso?”, Caleb retrucou.

“V-voce r-realmente p-precisa aprender a se c-controlar, Caleb”, Ramie conseguiu dizer entre um soluço e outro.

Ramie estava sentindo um aperto no peito, que chegava a machucá-la. Ela estava zonza e enxergando mal.

“Alguém pegue água para ela”, Caleb pediu para ninguém em particular.

Tori saiu apressada da sala e Caleb se ajoelhou diante de Ramie.

“Ah, querida”, ele disse sem o menor traço de raiva e irritação em seu rosto e em seu olhar. “Eu estou bem”, ele disse, notando corretamente a origem do descontrole nervoso de Ramie. “Eu queria que você fosse preocupada assim com seu próprio bem-estar, mas vamos fazer um acordo. Você se preocupa comigo e eu me preocupo com você.”

“F-fechado”, ela disse, com os dentes batendo com muita força.

Tori correu de volta para a sala com um copo de água na mão, e o entregou para Caleb. Ela estava com o rosto preocupado de verdade ao olhar para Ramie.

Caleb rasgou a embalagem da farmácia e pegou um dos frascos. Ramie não fazia ideia do que o médico do PA tinha receitado a ela. Foi Caleb quem conversou o tempo todo com ele, porque ela estava incapacitada de se concentrar em qualquer assunto no período – aparentemente uma eternidade – em que ficou no pronto-atendimento.

“Você consegue engolir isso?”, Caleb perguntou, entregando à Ramie um pequeno comprimido alaranjado.

“O que é isso?”

“Algo para fazer você se acalmar e dormir. Pode tomar”, Caleb disse com firmeza.

Ele cutucou os lábios de Ramie para que ela abrisse a boca e colocou o comprimido com cuidado na sua língua. Ramie na mesma hora fez uma careta e se contraiu toda quando sentiu o horrível gosto amargo do remédio.

“Vou levá-la para cima”, Caleb disse, olhando por cima dos ombros. “Nós conversamos pela manhã. Não faço ideia do que iremos fazer agora, mas eu não quero saber de Ramie envolvida mais nisso. Ela podia ter morrido hoje.”

“Assim como você”, Beau disse em voz baixa.

Caleb olhou para Tori, que estava pálida como um cadáver, com os olhos arregalados de medo, e depois se virou novamente para Ramie.

“Me dá um só um segundinho, querida.”

Caleb se levantou e estendeu os braços para Tori, que correu até ele se atirou em seu peito. Ela o abraçou com força, com o rosto colado no pescoço dele.

“Eu estou bem, Tori”, Caleb a acalmou. “Todos nós estamos precisando de um bom descanso, e amanhã de manhã vamos decidir o que fazer.”

Ramie sentiu uma pontada de desconforto no peito. As palavras de Caleb lhe soaram tão sinistras, que era como se ele fosse discutir um assunto muito grave com os irmãos.

“Cadê Dane e Eliza?”, Quinn perguntou bruscamente. “Alguém do nosso pessoal sofreu um ferimento mais sério?”

“Estão todos bem”, Caleb respondeu. “Eles estão ajudando a organizar o local e a coletar as provas. Não acredito que a polícia vá compartilhar informações importantes conosco, então fiz questão de colocar nosso pessoal na cena do crime.”

Caleb deixou Tori se afastar, apertando a mão dela antes que ela saísse de seu alcance. Então, ele gentilmente ajudou Ramie a se levantar, como se ela fosse a coisa mais frágil do mundo. A julgar pela forma como todos os outros olhavam para ela, Ramie já parecia um caso perdido, o que tornava Caleb o único relativamente são. Ainda assim, ela não conseguiu evitar fazer um pedido de desculpas. Ramie olhou para os irmãos de Caleb e depois para Tori.

“Eu sinto muito mesmo”, ela disse em voz baixa, limpando o rastro de lágrimas idiotas que não paravam de correr por seu rosto.

“Se eu fizesse ideia ou soubesse que as coisas sairiam de controle e iriam ficar tão perigosas para Caleb – e para vocês –, eu nunca teria ligado para ele.”

Caleb ficou tenso de raiva e sua mandíbula chegou a inchar com a força com que ele cerrou os dentes. Beau olhou para Ramie por um longo tempo, e a expressão no rosto dele era suave, quase como se estivesse pedindo desculpas.

“Fico feliz por você ter ligado, Ramie. Acredito que meu irmão precisa tanto de você quanto você precisa dele. Com certeza você não tem culpa nenhuma pelas ações de um assassino frio e calculista.”

Ramie sorriu para Beau, embora ela não conseguisse enxergá-lo direito por causa das lágrimas. Ela bem que poderia parar de chorar, pelo amor de Deus.

“Obrigada”, Ramie falou com sinceridade.

“Acho que todos nós estamos devendo um pedido de desculpas a você”,

Beau disse, olhando também para Quinn e Tori. “Mas vamos pedir nossas desculpas quando você estiver em condições de ouvir.”

TRINTA

Caleb pegou Ramie pela cintura e lentamente subiu com ela pelas escadas. Assim que chegaram ao topo, ele a pegou nos braços e a carregou até o quarto. Ele se inclinou sobre a cama e a apoiou cuidadosamente, e então se sentou na beirada, ao lado dela, limpando mais lágrimas que corriam por seu rosto.

“Que casal nós formamos, não?”, ele perguntou com um suspiro.

“Não sei por que não consigo parar de c-c-chorar”, Ramie disse batendo os dentes.

A mandíbula dela estava tremendo, e novas lágrimas não paravam de correr por seu rosto, chegando até os cabelos. Caleb baixou a cabeça e lhe deu um beijo carinhoso na testa. Sem dizer uma palavra, Caleb começou a tirar a roupa de Ramie, embora sua pele estivesse fria como gelo e ela estivesse toda arrepiada.

“Que frio”, ela reclamou.

“Eu sei, querida. Me dá só um minutinho que eu já vou esquentar você.”

Ramie ficou em silêncio, deixando escapar um soluço enquanto tentava claramente engolir o choro. Quando terminou de tirar a roupa dela, Caleb rapidamente tirou a sua também e entrou na cama com Ramie, puxando-a com firmeza para junto de seu corpo, para começar a aquecê-la.

Ramie suspirou, meio zonza, e depois bocejou enquanto se aninhava no peito de Caleb. Ele torcia para que o remédio estivesse fazendo efeito e que ela pegasse logo no sono.

“Caleb”, Ramie sussurrou.

“O que foi, querida?”

“Eu percebi uma coisa hoje.”

“Ah, é? O quê?”

Ramie hesitou por um momento, apoiando o rosto no peito nu de Caleb, respirando suavemente sobre ele.

“Percebi que eu amo você.”

Caleb sentiu o coração disparar e o pulso ficar acelerado. E também sentiu uma nova torrente de lágrimas molhar seu peito.

“Ramie? Querida, por que você está chorando assim? Ei...”, ele disse

tocando o queixo dela e levantando seu rosto. Os olhos dela estavam encharcados de lágrimas. Essa não era exatamente a reação que Caleb gostaria de ver nela quando Ramie admitisse que o amava também. “O que tem de errado? Por que você ficou mal com isso? Quero que você saiba que estou muito, muito feliz com o fato de você me amar também. Eu ia odiar estar sozinho nessa.”

“Porque isso me deixa assustada”, ela falou sem rodeios. “Quando você não tem ninguém, não tem como se machucar. Se alguma coisa acontecer com você, eu não vou suportar, Caleb. Eu nunca amei ninguém na vida antes e vou te dizer que é uma droga.”

Ele riu suavemente com o tom de lamentação com que Ramie disse aquilo, pegou-a nos braços e a abraçou com força. Em seguida, beijou-a no topo da cabeça e sorriu, com o rosto nos cabelos dela.

“Concordo. Amar é mesmo uma droga”, ele disse, ainda sorrindo.

“Se eu não estivesse tão dolorida, eu pularia agora mesmo em cima de você, mas vou precisar repetir a desculpa da noite passada: desculpe, querido, estou com dor de cabeça.”

“Desta vez passa. Mas só desta vez, hein?”

“Caleb?”

“Sim, querida?”

“Eu te amo de verdade!”

Caleb a abraçou firmemente, incapaz de controlar sua vontade de apertá-la com toda a força possível.

“Eu te amo também, Ramie.”

“Caleb?”

Ele deu risada.

“O que foi, sua bobinha?”

“Esse remédio que você me deu me deixou tonta.”

“Estou vendo”, ele notou lacônico. “Durma, querida. Eu estarei aqui quando você acordar, prometo.”

“Estou com medo de fechar os olhos”, Ramie sussurrou.

“Mas por quê?”, Caleb perguntou.

“E se eu acordar e você não estiver aqui e eu descobrir que tudo isso não passou de um sonho?”

Novamente, ele levantou o rosto de Ramie pelo queixo e a beijou apaixonadamente. Por vários e longos momentos, Caleb não fez nada além de beijá-la. Não foi um beijo com intenções sexuais e ele gostava disso. Era apenas

um beijo doce e inocente, entre dois amantes que precisavam ser reconfortados.

“Isso parece só um sonho para você?”, ele sussurrou em sua boca.

“Se for, então não quero acordar nunca mais.”

“Nem eu, querida. Nem eu.”

Caleb a segurou em silêncio, e ficou simplesmente acariciando as costas dela com a mão. Ramie suspirava satisfeita e ficou imóvel junto de Caleb. Ele continuou fazendo carinho nela, até ter a certeza de que ela estava dormindo.

Muito tempo depois de ela ter entrado em um sono profundo e sem sonhos, Caleb ainda estava ali, acordado e com Ramie em seus braços, com o corpo dela perfeitamente encaixado ao seu.

“Proteja as pessoas que eu amo”, ele sussurrou. “É apenas isso que eu peço.”

TRINTA E UM

A explosão abalou a casa inteira, tirando Caleb do sono profundo em que se encontrava. Ele se levantou assustado, sentindo o coração disparar.

“Mas que porra foi essa?”

Caleb balançou a cabeça para acordar, certo de que ele teve um pesadelo em que perdia Ramie na explosão. Mas não. Aquilo foi alto demais, real demais. Ele sentiu um frio na espinha e se virou desesperadamente para Ramie, tentando acordá-la do sono induzido por remédios.

Beau entrou no quarto, abrindo a porta com toda a força.

“Acorda!”, Beau gritou. “Precisamos sair. A casa está pegando fogo.”

Caleb se levantou, levando junto com ele o corpo adormecido de Ramie.

“Vamos lá, querida. Preciso que você acorde. Vamos, Ramie. Acorde!”

“Cadê Quinn e Tori?”, Caleb perguntou. “Que diabos está acontecendo, Beau?!”

“Não temos tempo para perguntas”, Beau gritou. “Precisamos sair agora! Quinn foi pegar Tori.”

Caleb colocou Ramie nos ombros e saiu correndo na direção do corredor, e viu Quinn conduzindo Tori na direção das escadas. Ele subitamente parou, puxando Tori para trás de si, e logo depois a empurrou na direção do quarto de Caleb, que ficava bem no fim do corredor.

“As escadas e o quarto do pânico já eram!”, Quinn disparou. “Vamos ter que sair por uma janela.”

“Nós estamos na porra do segundo andar!”, Beau reclamou.

Caleb não perdeu tempo discutindo a logística da coisa. Ele já estava conseguindo ver as chamas chegando na escada. Para seu pavor, o teto despencou na outra ponta do corredor, onde ficavam os quartos de Quinn e Tori, e a fumaça saiu esvoaçando pelo buraco.

“Filho da puta”, Caleb esbravejou. “Todo mundo pro meu quarto, agora!”

Beau encaminhou seus irmãos mais novos para o quarto de Caleb. Tori estava claramente em choque, com o olhar arregalado e assustado.

“Vá para a janela, Quinn”, Beau ordenou. “Caleb está com os braços

ocupados. Vamos precisar dar o melhor e torcer para não quebrarmos o pescoço pulando para fora daqui.”

“Deixe que eu vou primeiro”, Quinn disse em voz baixa. “Posso tentar aliviar a queda de Tori e Ramie.”

“Não, espere!”, Caleb disse. “Vamos parar e pensar um pouco antes que a gente acabe se matando nessa. Podemos subir no telhado pela janela do meu quarto, e de lá descemos até o telhado da garagem, que só tem um andar, e a altura é muito menor para pularmos.”

“Vamos assim, então”, Beau falou. “Não temos muito tempo antes que a casa toda fique em chamas.”

Quinn abriu a janela e saiu para o telhado, apoiando-se no beiral.

Beau ajudou Tori a passar pela janela e Quinn estendeu a mão para que ela tivesse apoio para não cair.

“Vá você”, Caleb orientou Beau. “Eu preciso entregar Ramie a você. Ela está completamente apagada.”

Beau passou pela janela depois de Tori e, após se certificar de que ela estava em uma posição segura no telhado, ele se virou para dentro da casa e pegou Ramie com cuidado por baixo dos ombros. Caleb passou as pernas dela para fora, e Beau foi arrastando Ramie pelo telhado em direção à garagem.

Caleb já estava sentindo o calor das chamas. Tudo o que havia abaixo deles talvez já tivesse sido consumido pelo incêndio, e era só uma questão de tempo até o telhado onde estavam desabar.

“Quinn, você fica com Tori”, Caleb disse. “Beau e eu vamos ter que nos virar com Ramie.”

Eles se moveram pelo telhado o mais rápido que conseguiam. O rosto de Caleb estava encharcado de suor e ele temia muito pelo que poderia acontecer com sua família. Uma hora antes, ele tinha rezado para que sua família ficasse sempre em segurança, e naquele momento segurança parecia a coisa mais distante do mundo. E então, ele ficou paralisado por conta de mais um temor.

“Todo mundo parado”, Caleb ordenou.

“Que diabos você está fazendo, Caleb?”, Quinn perguntou.

“Não sabemos se aquele desgraçado está lá embaixo ou como ele conseguiu plantar uma bomba na casa. Até onde sabemos, ele pode estar esperando para nos matar assim que descermos do telhado.”

Tori choramingou, mas Caleb não tinha como tranquilizá-la naquela hora. Não quando o que ele afirmava podia ser a mais absoluta verdade.

“Preciso voltar e pegar a arma no meu criado-mudo”, Caleb disse. “Ninguém

sai daqui até eu voltar.”

“*Corre!*”, Beau pediu.

“Caso algo aconteça comigo”, Caleb disse com segurança e seriedade, “você e Quinn levem Tori e Ramie para algum lugar seguro e não esperem por mim.”

“Cala a boca e anda logo!”, Quinn reclamou.

Caleb desceu o telhado inclinado escorregando o mais rápido que conseguiu, e pulou para dentro da janela se segurando no beiral. O quarto já estava sendo tomado pela fumaça e, com certeza, não levaria muito tempo para o incêndio consumir a casa inteira, incluindo todo mundo no telhado.

Ele abriu a gaveta do criado-mudo, pegou sua pistola e um pente de munição, carregou a arma e a engatilhou. Depois, saiu de volta para o telhado e foi se arrastando para encontrar os outros. Juntos, foram caminhando bem devagar até onde o telhado terminava, em cima da garagem. Quinn desceu primeiro e então Beau ajudou Tori na beirada do telhado, segurando as mãos dela enquanto ela balançava os pés sobre Quinn.

“Pode soltar”, Quinn avisou. “Eu pego ela.”

Tori fechou os olhos e pulou onde Quinn estava.

“Me dá um dos braços dela”, Beau disse. “Vou ajudar a descer Ramie até Quinn”.

Colocando Ramie no meio deles, Caleb e Beau seguravam Ramie pelo pulso e a guiavam até Quinn, que estava pronto para segurá-la. Beau e Caleb desceram o telhado em seguida, segurando-se na beirada e depois se jogando por alguns metros até o teto da garagem.

Caleb conferiu as opções que eles tinham e decidiu que descer pelo lado esquerdo era a única rota possível. A rampa de concreto na frente da garagem e o passeio no lado direito impediam que eles fossem capazes de descer do teto até o chão com segurança. Novamente, Quinn foi o primeiro a descer. Caleb colocou Ramie no chão, rezando para que ela não acordasse e entrasse em pânico, correndo o risco de escorregar e cair, enquanto ele ajudava Beau a descer Tori até o chão.

Depois de descer a irmã em segurança, Caleb e Beau pegaram Ramie pelas mãos e cuidadosamente colocaram as pernas dela sobre a beirada e foram aos poucos empurrando-a para a frente, tomando cuidado para que ela não caísse rápido demais. Nessa hora, Ramie acordou e abriu os olhos, quando estava a alguns metros acima da cabeça de Quinn. Ela gritou e começou se debater, esperneando e se contorcendo em pleno ar.

“Ramie! Ramie!”, Caleb gritou. “Pare! Você precisa parar. Estou aqui com

você. Está tudo bem, mas você precisa parar de se debater.”

Ramie ficou imóvel, choramingando com os lábios trêmulos.

“Caleb?”, ela disse com dificuldade. “Isso é um sonho, né? Me diga que isso é um sonho.”

“É só um sonho, querida”, Caleb a acalmou. “É um pesadelo. Feche os olhos e ele vai acabar logo, logo.”

Ramie relaxou seu corpo e parou de resistir e, assim que ela fez isso, Caleb e Beau a soltaram e ela caiu nos braços de Quinn, derrubando os dois no chão.

Depois que Beau desceu, Caleb jogou a arma para o irmão. Em seguida, ele colocou as pernas para fora e foi descendo, pendurando-se na beirada, até poder se soltar, rolando assim que caiu no chão para absorver um pouco do impacto. Ele ficou momentaneamente sem fôlego, e estava bem ofegante. Imediatamente, Caleb seguiu agachado até onde Ramie e Quinn estavam caídos, com os braços e pernas entrelaçados.

“Quinn, está tudo bem aí?”, Caleb perguntou.

“Sim, só perdi um pouco o fôlego. E a Ramie?”

“Posso abrir meus olhos agora?”, Ramie perguntou em voz baixa.

“Sim, querida, abra os olhos. Precisamos sair daqui.”

“O que está acontecendo, Caleb?”

A voz trêmula de Ramie deixou Caleb com o coração apertado. A última coisa que ele queria era lhe contar o que tinha acontecido.

“A casa está pegando fogo e precisamos sair pela minha janela”, Caleb disse calmamente.

“E os outros, como estão?”, Ramie perguntou, ao se levantar. Ela balançou a cabeça diversas vezes para tentar clarear a mente da névoa induzida pelo remédio.

“Tori, Beau e Quinn estão aqui. Todo mundo está bem.”

“Eliza e Dane?”, ela perguntou ansiosa.

“Eles não estão aqui esta noite. A equipe iria voltar de manhã para discutirmos os próximos passos. Somos só nós e precisamos dar o fora daqui.”

“Ele está *aqui*?”, Ramie sussurrou.

Caleb sabia exatamente quem era *ele*.

“Não sabemos”, Beau interveio. “Mas não iremos nos arriscar. Vamos levar você e Tori para algum lugar seguro.”

“E vocês também”, Ramie destacou.

“Sim, nós também”, Caleb concordou.

“Não podemos usar nenhum dos nossos carros”, Beau disse. “Não sabemos

se ele colocou uma bomba neles também.”

“Como é que ele conseguiu enfiar uma bomba dentro dessa casa?”, Caleb reclamou.

“Não sabemos o que foi que ele fez”, Quinn disse em voz baixa. “Não sabemos que merda aconteceu aqui, ele pode muito bem ter disparado uma bazuca na gente. Tudo o que sei é que houve uma explosão e a casa agora está em chamas. Não temos a menor ideia de onde ele possa estar neste momento, então eu sugiro que a gente dê o fora daqui o mais rápido possível.”

“Eu sou a favor disso”, Beau disse.

Caleb viu Ramie caminhar para perto de Tori, que estava tremendo da cabeça aos pés, e gentilmente pegar e apertar a mão dela. Para a surpresa de Caleb, Tori olhou para Ramie com gratidão e continuou segurando a mão dela quando todos saíram rapidamente na direção do bosque que ficava ao redor da casa.

TRINTA E DOIS

“Isso já foi longe demais”, Caleb disse friamente. “Quero esse filho da puta morto, e não me interessa se isso vai ser feito dentro da lei ou não.”

Dane estava na cozinha de Eliza, preparando café para os dez homens que estavam na casa dela. Além de Caleb e os irmãos, Eliza e Dane, também estava uma das equipes de seis homens que trabalhavam na empresa dos Devereaux. Eles contratavam somente os melhores e agora era hora desses homens fazerem o que sabiam melhor: matar um assassino.

Antes que alguém pudesse dar uma resposta a Caleb, Eliza entrou na cozinha e Caleb imediatamente se virou para ela.

“Como eles estão?”, ele perguntou em voz baixa.

Ramie e Tori tiveram uma madrugada complicada. Eles precisaram caminhar pelo bosque em meio à escuridão, e Ramie estava apavorada com a ideia de que pudessem estar sendo seguidos ou caçados. O menor barulho as deixava de cabelos em pé. A jornada foi tão estressante que, quando eles conseguiram chegar a um local onde Caleb conseguiu ligar para Dane ir buscá-los, todos estavam completamente exaustos. Caleb não sentiu o menor remorso por ter dado à Ramie um remédio para evitar seu ataque de pânico, que era iminente. Ela já estava tendo taquicardia quando Dane chegou. E Tori estava tão abalada quanto ela, e passou o tempo todo perto de Ramie, preocupada com o seu estado.

“Ramie finalmente concordou em ir se deitar e tentar descansar um pouco”, Eliza disse com seriedade. “E ela só aceitou porque Tori não queria ficar sozinha e pediu para ela não sair do quarto.”

Caleb bufou de raiva. Quando é que as pessoas que ele amava iam parar de sofrer? Quando elas iam ficar em segurança, se é que era possível ficar realmente em segurança? Ele passou a mão no cabelo, agitado.

“Obrigado, Eliza.”

“Não precisa agradecer. Agora, já temos um plano de ação pronto?”

“Estou preparando um esconderijo para eles ficarem esta noite”, Dane disse. “Vou precisar da tarde toda para ajeitar os sistemas de vigilância e segurança. Até lá, acho que eles deviam ficar escondidos aqui.”

Eliza assentiu.

“Vamos dividir a equipe em duas, com três pessoas em cada uma, para trabalhar em dois turnos de doze horas”, Dane continuou. “O primeiro turno fica das 7 horas da noite até as 7 horas da manhã de amanhã. O segundo turno segue das 7 da manhã às 7 da noite.”

Caleb não conseguia suportar a ideia de ficar parado, deixando sua equipe de segurança cuidar dele e dos seus irmãos enquanto ele mesmo não fazia nada. Ele estava irritado e pronto para acabar com aquele desgraçado com as próprias mãos. E se o olhar furioso e assassino dos irmãos indicava alguma coisa, eles estavam tão irados quanto Caleb. Para o inferno com as regras e com a lei. Se Caleb pusesse as mãos nele, ele seria um homem morto.

“Vou checar com a polícia e combinar o horário para você fazer seu depoimento”, Dane disse a Caleb. “Por ora, não quero que nem mesmo a polícia saiba onde você está.”

“Não adianta nada se esconder se o psicopata ainda tem uma ligação com Ramie”, Eliza destacou. “Ele não vai saber o tempo todo onde vocês estão?”

“Talvez você pudesse mantê-la sedada até matarmos o desgraçado”, Beau falou sério.

“Pelo amor de Deus, não vou deixar Ramie dopada para ela não entregar nossa posição”, Caleb disse com desprezo.

“Não”, Eliza disse pensativa. “Mas a gente poderia dar um jeito de fazer com que ela não saiba onde vocês estão.”

Dane apontou o dedo para Eliza. “Isso é perfeito. Não sei por que raios não pensei nisso antes.”

“Porque as mulheres são mais espertas?”, Eliza brincou.

“Espertinha”, Dane retrucou.

“O que vocês estão sugerindo?”, Caleb perguntou, impaciente.

“Estou sugerindo vendá-la”, Eliza falou. “Assegure-se de que ninguém fique conversando na frente dela. Mantenha Ramie quieta e no escuro, e o assassino também vai ficar sem saber das coisas. Ramie não vai poder transmitir para ele o que ela não sabe.”

“Isso é verdade”, Caleb disse lentamente. “A velocidade com que as coisas estão acontecendo me leva a crer que não devemos passar mais tempo aqui além do absolutamente necessário. Ele mostrou que sabe agir rápido. Se deixarmos Ramie no escuro, então nada nos impede de ir para o esconderijo enquanto você ainda estiver instalando os sistemas de vigilância, certo?”

“Correto”, Dane confirmou.

“Então é melhor irmos agora, porque ela está dormindo”, Caleb disse. “Se a transferirmos agora, ele não vai ver nada além do quarto onde a deixarmos no esconderijo.”

“Se sairmos agora, então a equipe que entra amanhã precisa cobrir o esconderijo até as 7 da noite”, Eliza disse.

“Deixe conosco”, respondeu Eric Beckett, parte da equipe de segurança presente no local.

“Vou arrumar algo para você vendar os olhos de Ramie”, Eliza disse. “Lembre-se de explicar a Ramie, quando acordar, que ela precisa manter a mente o mais vazia possível. Quanto menos esse babaca souber, mais seguros vão estar todos vocês.”

“Eu vou mantê-la ocupada”, Caleb disse.

Eliza tentou segurar o sorriso mas não conseguiu. Caleb grunhiu quando percebeu o que tinha dito.

“Que mente mais suja você tem”, ele reclamou.

***

Ramie sentia como se ela fosse um saco de batatas sendo jogado para lá e para cá, e não gostou nem um pouco. Então, ela percebeu que, apesar de ter aberto os olhos, ainda não conseguia enxergar nada. Cravou os dedos nos músculos de alguém, e então o movimento parou.

“Ramie, preciso que confie em mim.”

A voz de Caleb a tranquilizou na mesma hora, espantando seus medos.

“O que está acontecendo, Caleb?”, Ramie sussurrou.

“Confie em mim, querida. Preciso que você fique parada por um tempo e tente não pensar em nada. Você consegue fazer isso por mim?”

Ramie franziu a testa, confusa. Que raios ele estava fazendo? Apesar de Caleb ter tentado acalmá-la, Ramie ficou tensa em seus braços. Ele a estava carregando. Para onde, ela não fazia ideia. Ele tinha vendado seus olhos. Novamente, ela não fazia ideia por quê. Mas em vista dos acontecimentos malucos dos últimos dias, aquilo subitamente deixou de ser tão estranho.

Ramie decidiu deixar por isso mesmo, apoiou o rosto no ombro de Caleb e conseguiu relaxar. Nessa hora, ela se surpreendeu com o fato de realmente estar confiando em outro ser humano. Para amar uma pessoa, era preciso confiar nela antes, não era assim? E pensar que Ramie jamais achou que fosse perdoar Caleb Devereaux pelo que ele tinha feito com ela... É engraçado como o mundo dá

voltas. Se alguém tivesse dito à Ramie seis meses antes que ela estaria envolvida com alguém, e ainda por cima apaixonada, ela teria dado muita risada.

“Estamos quase lá, querida”, Caleb sussurrou perto dela.

O som de uma porta se abrindo e se fechando a deixaram em estado de alerta. Então Caleb a colocou em uma cama. Logo em seguida, ele tirou a venda dos olhos de Ramie, e os dois se olharam. Caleb parecia cansado e estava com olheiras. Ramie alisou o rosto dele e acariciou com a ponta do polegar a mancha escura sob o olho.

“Vai me dizer o que está acontecendo agora?”, ela perguntou.

Caleb sorriu. “A gente percebeu que, se você não souber onde está e se nunca tiver visto o local onde está, então nosso terrorista não vai conseguir se aproveitar disso captando direito da sua mente, o que significa que ele também não vai saber onde você está.”

Ramie ficou espantada. “Eu nunca pensei nisso... é genial!”

“Por mais que eu quisesse levar o crédito por isso, foi Eliza quem teve essa ideia.”

“Ela é uma garota inteligente”, Ramie disse sorrindo, mas logo em seguida voltou a ficar séria, quando se lembrou dos eventos da noite anterior. “Caleb, e sua casa?”

Ele se sentou na cama ao lado de Ramie, entrelaçou os dedos nos dela, apoiando as mãos na sua coxa.

“É só uma casa”, ele disse. “A gente sempre pode construir uma nova, mas não podemos substituir as pessoas. Estou grato por todos termos escapado com vida. Essa situação ficou totalmente fora de controle. Precisamos acabar com ele logo ou não sabemos o que vai acontecer. Ele está cada vez mais audacioso, e isso é a última coisa que a gente deseja, vindo de um serial killer cuidadoso, extremamente inteligente e astuto.”

“Eu não gostava da sua casa”, Ramie disse honestamente.

Caleb riu. “Pode continuar, não precisa se preocupar com meus sentimentos.”

“Aquela casa era muito fria e sisuda”, ela disse, franzindo os lábios. Depois de um tempo, Ramie continuou. “Ela não era nada... aconchegante...”

“Bem, e o que você acha de supervisionar a construção e a decoração da minha próxima casa? Você pode se divertir transformando-a em um lar.”

Ramie fingiu que estava pensando no assunto. “Talvez eu vá cobrar essa sua promessa, viu?”

Sorrindo, Caleb se aproximou e a beijou. “Você está com fome? Posso ir

preparar algo para você comer e volto aqui, para você não achar que está presa em uma solitária.”

“Posso tomar um banho e me trocar?”

“Claro que sim, só não saia deste quarto. Para garantir, eu peguei o único quarto aqui que não tem janela, para não haver a possibilidade de você entregar nossa localização.”

“Você fala como seu eu fizesse isso de propósito”, Ramie murmurou.

Caleb a beijou novamente. “Não, mas sendo de propósito ou não, o resultado é o mesmo. Não quero correr o menor risco com nossa segurança.”

Depois de Caleb sair do quarto e fechar a porta, Ramie deitou na cama e procurou se focar no teto. Então, ela fechou os olhos e tentou esvaziar a mente.

Acha que vai conseguir se esconder de mim?

“Caleb!”

Segundos após o grito de Ramie, Caleb entrou correndo no quarto. Quando a viu sentada na beira da cama, no mesmo lugar onde a tinha deixado, ele ficou confuso. Ramie estava tremendo da cabeça aos pés e tinha cruzado os braços, abraçando a si mesma.

“Ramie, o que foi?”, Caleb perguntou.

“Ele deu risada”, Ramie respondeu, sem se preocupar se aquilo ia soar como loucura. “Eu estava deitada aqui olhando para o teto e tentando esvaziar minha mente, como você tinha pedido, e ele deu risada e disse: *Acha que vai conseguir se esconder de mim?*”

Caleb sentou ao lado dela e a puxou para perto de si.

“Ele não consegue ver o que você também não vê”, ele falou tranquilamente. “Ele não vai saber o que você não sabe. Então, eu diria que nós achamos que vamos conseguir nos esconder dele, sim. Pelo menos até bolarmos um plano para acabar com ele de vez. Até lá, vou deixar você trancafiada sem saber onde está.”

“Tudo bem”, ela disse com a voz rouca. “Vou parar de me apavorar, eu prometo.”

Caleb puxou uma mecha de cabelo dela para atrás da orelha.

“Ter uma pessoa dentro da sua cabeça é um bom motivo para se apavorar.”

“Não tente me acalmar. Vou parar de andar com medo da minha própria sombra. Agora vá pegar um pouco de comida para mim e me deixe aqui com meu amigo imaginário. Ou melhor, meu assassino não tão imaginário”, Ramie disse, fazendo uma careta. “Meu Deus, não acredito que estou fazendo piadinhas com isso. Estou mesmo ficando louca, né?”

Caleb segurou o queixo de Ramie e acariciou o rosto dela com o polegar. “Ainda bem que eu não sou o único aqui com um senso de humor estranho.”

TRINTA E TRÊS

Aquilo era fácil demais, quase indigno de alguém tão habilidoso quanto ele. Como seu pai sempre dizia: “Charlie, Deus ajuda quem cedo madruga. Lembre-se disso e você vai longe na vida”.

O nome dele era Charles, que droga. Não Charlie, que era nome de criança e não de homem. Ele deixou a raiva para trás, para que pudesse se concentrar na tarefa do momento. Sua respiração ficou mais vagarosa quando ele saiu da sombra das árvores. Ele estava calmo, todos os músculos do seu corpo estavam firmes. Ele era disciplinado e paciente, qualidades que a vida recompensava.

Ele se aproximou do carro estacionado sob as sombras. Quando estava perto o suficiente para poder ser visto pelo retrovisor, ele se deitou de barriga para baixo e foi se rastejando até a porta do motorista.

Era um plano longo e meticuloso, que só poderia funcionar com quem tivesse paciência infinita e atenção aos detalhes. Um movimento errado, um único tropeção, e ele seria um homem morto. Em vez de deixá-lo assustado ou preocupado, a noção de que era um homem marcado para morrer o deixava eufórico, com um sentimento de exaltação sem igual. Somente matar o deixava mais excitado.

Ele começou a se levantar cuidadosamente, apontando a arma com o silenciador de forma que, quando estivesse em pé, o suposto especialista em segurança que estava dentro do carro, tomando conta da casa, seria um homem morto. Quando ficou em pé, ele sorriu diante da expressão de espanto de seu adversário, e não deu chance para ele reagir. O vidro se dobrou para dentro, e a bala deixou a janela fragmentada como uma teia de aranha. Sangue e pedaços de cérebro respingaram na janela oposta. Contente com seu sucesso inicial, ele correu na direção da casa iluminada e de sua próxima vítima.

Quem é que precisava enxergar pelos olhos de Ramie St. Claire? Aquilo era muito mais satisfatório. Ele salivava só de pensar na reação de Caleb Devereaux quando percebesse que havia sido usado para destruir Ramie. Aquele prazer era quase arrebatador. Deu a volta na lateral da casa, de arma em punho e pronto para atirar. Não sabia se os outros podiam ser imprevisíveis, e valia a pena estar

sempre atento. Ao olhar rapidamente pelo canto da casa, viu seu alvo guardando a porta de trás. Charles quase soltou uma risadinha, mas se segurou a tempo, dando uma reprimenda em si mesmo por quase ter estragado tudo.

Não havia motivos para tentar ser furtivo, já que os mortos não atrapalhavam mais seu caminho. Ele apareceu pelo canto da casa, com o braço esticado e a mão esquerda dando suporte à empunhadura da pistola. Tinha a mira altamente precisa e nunca errava o alvo mais de um centímetro. O guarda tombou sem emitir um único som, e estava morto antes mesmo de chegar ao chão. Charles passou sobre o corpo caído, abriu a porta e entrou na casa. Pelas informações que tinha sido capaz de vislumbrar por Caleb Devereaux, ele sabia que o único guarda restante estaria no corredor, ao lado da porta do quarto de Ramie. Ele mal conseguia conter sua alegria, mas era melhor não comemorar cedo demais. Haveria muito tempo para celebrar mais tarde... com Ramie!

Ele sabia que quando virasse no corredor, teria apenas um décimo de segundo para encontrar o alvo e atirar, ou correria o risco de ser descoberto. E estava tão perto de atingir seu objetivo final que sua mão tremia, balançando a arma para cima e para baixo. Com raiva, controlou sua reação, obrigando-se a respirar fundo, calmamente. Fechou os olhos, inspirou profundamente e então contou em silêncio: um... dois... três!

Ele girou, firmando o pé e virando rapidamente no corredor. Seu alvo estava a 15 centímetros de distância do ponto em que ele estava mirando. Charles corrigiu a mira no tempo em que levou para puxar o gatilho. A bala atingiu o guarda bem no meio da testa e ele caiu feito uma pedra.

Isso! Tudo o que ele queria fazer era correr para o quarto, enfiar uma bala na cabeça de Devereaux e acabar logo com aquilo, mas isso iria arruinar tudo. Charles tinha planejado tudo nos mínimos detalhes. A noite que ele passou dentro da cabeça de Caleb foi apenas para realizar um teste, e ele ficou muito feliz com os resultados.

Charles tirou com dificuldade o celular do bolso, por causa das mãos trêmulas. Precisava se aprontar rapidamente para conseguir filmar tudo. Como Caleb ficaria chocado quando visse aquela gravação! Ele sorriu e fechou os olhos para invocar Devereaux.

***

Caleb sentou-se na cama, fazendo o edredom e o lençol caírem em seu colo. Ele estava ouvindo sussurros dentro de sua mente, ordenando que agisse. Então

se levantou devagar, caminhando até a porta com passos curtos. *Silêncio! Você não pode acordar Ramie*.

Ele foi até a cozinha, abriu uma gaveta e a fechou. Depois, abriu a gaveta seguinte e dessa vez enfiou a mão lá, tirando de dentro uma afiada faca de carne, que era bem adequada, já que ele planejava cortar Ramie como um peru em noite de Natal. Ela seria o melhor presente de Natal e aniversário combinados que ele já recebeu na vida.

Segurando a faca com firmeza, ele voltou até o quarto em que Ramie ainda dormia profundamente, e abriu a porta em silêncio. Por um longo tempo, ficou ao lado da cama observando a mulher que ele tinha caçado pelos últimos dezoito meses. Caleb abriu um sorriso.

“Aqui ninguém vai escutar você gritar”, ele sussurrou.

Mesmo assim, cobriu a boca de Ramie com a mão, colocou a faca na sua barriga e a cortou de um lado a outro, fazendo uma leve curva para baixo para acompanhar o contorno de seu ventre.

Ramie deu um grito agudo, abafado pela mão de Caleb, que rapidamente subiu em cima dela quando ela começou a se contorcer. Ela arqueou o corpo para cima, tentando afastá-lo, mas Caleb a seguiu e fez um corte vertical bem no meio de seus seios. Sangue começou a jorrar e a pingar do corpo dela. Ela se debatia com toda a força sob ele, claramente histérica e sem saber ainda quem estava fazendo aquilo com ela. A ansiedade para ver a reação de Ramie ao descobrir aquilo era tão grande que Charles estava praticamente babando.

E então, o olhar dos dois se cruzou, e o rosto de Ramie assumiu uma expressão de horror. Ele tirou a mão sobre sua boca, porque a oportunidade era boa demais para ser desperdiçada. Charles quase bateu palmas no canto onde estava, mas se fizesse isso ia estragar o vídeo que estava gravando. E queria que Devereaux pudesse ver cada corte que estava fazendo no corpo da jovem.

“Caleb!”, ela gritou. “Caleb, pare! Oh, meu Deus, o que você está fazendo?”

Ramie foi cortada mais duas vezes em seguida, e seus olhos ficaram vidrados, em estado de choque, e sua fala também começou a ficar mais lenta pelo próprio estado de choque e pela perda de sangue. Ela tentou resistir, mas não foi páreo para a força de Caleb. Curiosamente, ela teria tido mais chances contra Charles, já que Caleb era muito maior e mais forte. Vivenciar uma morte pelos olhos de outra pessoa era algo viciante e delicioso. Era algo que, depois de fazer uma vez, Charles iria querer fazer de novo e de novo. Ramie começou a chorar, e já estava quase sem voz por causa da força com que estava gritando. Logo em seguida, ela berrou, com a voz rouca, quando recebeu outro corte,

dessa vez no quadril.

“Por favor, não faça isso”, Ramie implorou, ofegante por tanta dor que sentia. “Eu pensei que você me amava”, ela sussurrou. “Você prometeu...” A voz de Ramie desapareceu, e seu corpo caiu no colchão. Finalmente, ela acabou desmaiando, e ganhou o respeito de Charles. Poucas pessoas seriam capazes de permanecer conscientes por tanto tempo sob condições tão terríveis como a que ela ficou.

Charles ficou preocupado, porque Caleb estava piscando os olhos e seu rosto estava cheio de agonia e dor. Ele sabia que precisava tirar Ramie dali antes que o rapaz se livrasse de seu controle mental, mas sentia como se fosse uma criança que iria perder seu brinquedo preferido.

Caleb se movia de forma desajeitada, quase como se estivesse tendo espasmos, quando se inclinou e pegou Ramie nos braços. Sorrindo, Charles os seguiu, filmando tudo. O sangue de Ramie pingando no chão dava um belo toque, deixando tudo mais autêntico, e Charles tomou cuidado para não pisar no rastro vermelho. Ele também se certificou de filmar direito Caleb colocando Ramie no banco traseiro de seu SUV. Depois que a polícia visse o vídeo, não haveria dúvidas sobre quem era o assassino de Ramie St. Claire. A polícia nem mesmo precisaria encontrar o corpo para conseguir garantir a condenação de Caleb!

TRINTA E QUATRO

Caleb abriu os olhos e os fechou na mesma hora. O pouco que ele tinha visto no quarto foi como um passeio de montanha russa em um parque de diversão, pois rodava tão rápido que ele ficou tonto na mesma hora. Caleb sentia sua cabeça pulsar de dor, uma dor que irradiava do crânio até a base do pescoço. Sua boca estava seca e ele lambia os lábios, tentando umedecê-los. Seu nariz estava sentindo o cheiro incômodo e nauseante de... sangue? Sem dúvida alguma, era sangue, e aquele odor estava inebriando todos os seus sentidos.

O estômago de Caleb começou a se revirar e ele se sentou na cama, abrindo os olhos para ver o inimaginável. Os lençóis, o colchão e os travesseiros, tudo estava encharcado de sangue. *Oh, meu Deus! Ele* estava encharcado de sangue, que cobria suas mãos, os braços, o peito e as pernas. Caleb rolou para fora da cama, caindo no chão com vontade de vomitar e se engasgando com o forte odor.

“Ramie!”, ele gritou com a voz rouca. “Ramie!” Oh, meu Deus, onde ela estava? O que tinha acontecido? Por que ele não conseguia se lembrar? Com certeza ele se lembraria de ela ter sangrado tanto assim. Por que ela não estava na cama?

Caleb se levantou do chão e caminhou atrapalhado até o corredor, onde tropeçou no cadáver de um de seus especialistas em segurança.

“Ah, meu Deus”, ele disse com um pavor crescente. Aquilo era um pesadelo, tinha de ser! Era a única explicação plausível, nada daquilo era *real*.

“Ramie!”, Caleb gritou, enquanto corria pelo corredor, abrindo todas as portas na tentativa de localizá-la. Onde estava todo mundo?

Caleb sentiu o sangue gelar quando viu que a porta de trás estava entreaberta. Ele correu até lá, abriu a porta e viu o segundo cadáver no chão.

Ele sentiu um frio na espinha e teve um mau pressentimento tão forte que ficou paralisado. Caleb observou atônito o homem morto. Ele tinha um buraco na testa, seus olhos estavam opacos e a parte de trás da cabeça tinha sido arrancada pela bala. Ele se agachou e vomitou no pátio. Seu estômago se contraía violentamente, fechando-se por completo e expulsando tudo o que havia dentro.

Caleb precisava encontrar Ramie e tinha de ligar para alguém pedindo ajuda. Ele não se lembrava do que tinha acontecido ali, mas ele deveria se lembrar! Como Ramie poderia ter desaparecido e dois homens dele terem sido mortos sem que ele soubesse?

Caleb voltou para aquele quarto saído de um pesadelo e olhou para a cama coberta de sangue. Então, pegou o telefone e digitou o número de Beau, com os dedos trêmulos. Tori, Quinn e Beau precisavam estar bem. Talvez Beau soubesse onde Ramie estava e qual era desgraça que tinha acontecido ali.

“Caleb, onde é que você está?”, Beau disparou, atendendo o telefone no primeiro toque.

“No esconderijo”, Caleb disse. “Alguma coisa terrível aconteceu aqui, Beau. A Ramie está com vocês?”

“Não saia daí!”, Beau disse lacônico. “Não toque em *nada*, você me entendeu? Vamos chegar aí em três minutos.”

Caleb olhou confuso para o celular, com a ligação encerrada. Ele não estava percebendo algo de importância vital, mas o quê? Por que ele não conseguia se lembrar de nada da noite anterior?

Ciente da ordem de seu irmão para que não tocasse em nada, Caleb saiu pela porta da frente da casa, recebendo um banho de sol. Fechou os olhos e usou a mão para tapar o sol e tentar proteger os olhos da luz. Nessa hora, ele viu e ficou perplexo com o sangue seco que cobria sua mão.

Dois veículos chegaram em alta velocidade e pararam em frente à casa. Beau desceu correndo de um, enquanto Eliza e Dane saíram do outro e foram na direção dele, com o rosto sério e... furioso.

“No chão!”, Dane gritou, sacando sua arma e a apontando para Caleb. “Para o chão!”

Caleb olhou para Dane espantado. Ele estava falando sério? Será que todo mundo tinha enlouquecido?

“Meu Deus, Caleb”, Beau disse, olhando para o irmão com o rosto pálido. “O que você *fez*?”

“Confira se ele não está armado”, Eliza disse à distância, apontando sua arma para Caleb também.

Caleb estava começando a ficar irritado.

“Alguém quer me dizer que diabos está acontecendo?”, Caleb esbravejou. “Onde está Ramie? E por que raios vocês estão apontando suas armas para mim? *Onde é que ela está?*”

“Isso é o que queremos perguntar para você, Caleb!”, Dane disse com uma

voz calma.

Caleb o olhou com impaciência. “Me perguntar o quê?”

“Perguntar onde é que Ramie está”, Eliza disse. “Diga o que você fez com ela, Caleb. É melhor dizer agora, antes que a polícia chegue aqui, ou não iremos mais poder ajudá-lo.”

Caleb balançou a cabeça, confuso. Então ele olhou para as próprias mãos, como se tivesse percebido pela primeira vez que elas estavam cobertas de sangue. Ele começou a estremecer convulsivamente, e sua visão ficou embaçada por causa das lágrimas.

“Eu não sei!”, ele disse, com a voz esganiçada. “Meu Deus, eu não sei. O que foi que eu fiz?”

Eliza olhou para Dane, que rapidamente se aproximou de Caleb enquanto ela permanecia um pouco atrás, com a arma apontada na direção dele.

“De joelhos”, Dane ordenou.

Caleb obedeceu, apático.

“Ponha as mãos atrás da cabeça.”

Lentamente, Caleb entrelaçou os dedos por trás da cabeça, e estremeceu quando sentiu o metal frio das algemas envolvendo seus pulsos. Ele olhou para o irmão, que estava ali parado olhando para ele com lágrimas nos olhos. Beau parecia estar... arrasado.

“Vamos”, Dane disse, fazendo Caleb se levantar. “Entre no carro.”

Eliza abriu a porta do banco de trás e Dane empurrou Caleb para dentro sem a menor cerimônia, enquanto Beau voltou para o carro em que ele veio dirigindo. Dane e Eliza sentaram nos bancos da frente do carro em que vieram e fecharam as portas. Dane saiu acelerando o carro, fazendo Caleb bater a cabeça na janela antes de se endireitar no banco.

“Que droga, Caleb. Você não vai dizer nada em sua defesa?”, Eliza perguntou com desprezo.

“O que você espera que eu diga?”, Caleb perguntou cansado, e aparentemente menos aturdido. A raiva estava assumindo o lugar da perplexidade, mas ao mesmo tempo Caleb estava morrendo de medo e pavor. “Eu acordei e vi que Ramie não estava lá, e a cama onde dormimos estava coberta de sangue. Os dois homens que supostamente estavam protegendo a casa estão mortos, e devo presumir que o terceiro homem também. Para mim, quem deve começar a falar aqui é você, e é bom falar rápido!”, ele retrucou.

Eliza se virou para trás, franzindo a testa enquanto encarava Caleb com dureza.

“Qual é a última coisa de que você se lembra de ter feito antes de acordar?”, ela perguntou.

Caleb ficou em silêncio por um momento, pensando nos eventos da noite anterior.

“Ramie e eu fomos para a cama cedo, nós dois estávamos cansados. Depois, eu acordei há alguns minutos e vi que Ramie tinha sumido e havia sangue por todo canto...”

“Meu Deus”, Eliza sussurrou. “Será que é possível ele não saber o que fez?”

“Talvez ele tenha bloqueado a memória”, Dane disse, com a mandíbula cerrada de raiva. “Eu com certeza tentaria bloquear minhas lembranças se tivesse feito aquilo com uma mulher inocente.”

Caleb sentiu um frio percorrer sua espinha. Ele estava tentando se lembrar de algo, uma lembrança fugaz, tão perto e ao mesmo tempo fora do alcance dele. Por que a cabeça dele estava doendo daquele jeito? Será que ele foi dopado?

“Bloqueei a memória do quê?”, Caleb perguntou. “Que droga, conversem comigo e parem de falar em código. Isso já foi longe demais!”

Dane freou bruscamente e se virou para olhar Caleb, furioso.

“Me diga o que aconteceu ontem à noite, Caleb. Me diga por que você fez aquilo.”

Caleb olhou para as próprias mãos, manchadas de vermelho por causa do sangue seco, e sentiu aquele cheiro nauseante. Ele queria se livrar daquilo e começou a esfregar a palma das mãos na própria calça, mas o sangue não saiu. Então era assim ter as mãos literalmente sujas de sangue?

“Dane, *onde* está Ramie?”, Caleb perguntou, sentindo o medo fazer revirar suas entranhas.

“Aqui não”, Eliza disse com a voz baixa. “Não precisamos de Caleb surtando aqui dentro e tentando pular para fora do carro.”

Dane pisou no acelerador e seguiu em alta velocidade pela estrada sinuosa no fim daquela região residencial, indo em direção a uma área mais rural, afastada da cidade. Aquilo não fazia sentido. Por que Caleb tinha enlouquecido? Como Dane poderia ter julgado tão mal o homem para quem ele trabalhava? O homem a quem ele deu sua lealdade absoluta? Pior ainda, por que Dane não o estava levando direto para a polícia, onde ele ficaria detido? Eliza observava desatenta o cenário pelo para-brisa, cheia de tristeza nos olhos.

O telefone de Dane tocou, e ele viu o número do detetive Ramirez na tela.

“Merda”, Dane esbravejou. “Fomos descobertos. Eles já devem estar na casa.”

“Talvez sim”, Eliza disse, “Mas eles não têm como saber que *nós* estivemos lá. Ele provavelmente só quer se certificar se sabemos onde Caleb está. Não é todo mundo que vai ficar parado na cena do crime esperando ser preso.”

“Isso não faz sentido”, Dane comentou. “Ele não é idiota. E eu não posso ter julgado tão mal o caráter de alguém. O que ele iria ganhar com isso? Por que matá-la?”

“Matar quem?”, Caleb disse “Eu quero ouvir a porcaria de uma resposta, e quero agora!”

Para o alívio de Dane, eles já estavam perto de uma das muitas propriedades afastadas que Caleb possuía. Eles ganhariam um pouco de tempo ali e, se Caleb fosse mesmo culpado, Dane o entregaria pessoalmente à polícia.

Dane saiu do carro e abriu a porta do banco traseiro.

“Saia”, ele ordenou. “E vá caminhando devagar até a casa.”

Frustrado com o jogo idiota que estavam jogando, Caleb passou pela porta e entrou na sala de estar.

“Sente-se”, Dane falou, indicando com o cano da arma para Caleb sentar no sofá.

Bufando, Caleb sentou na ponta do sofá. Beau entrou apressado logo atrás de Eliza, com um olhar assustado, medindo Caleb de cima a baixo, observando todo aquele sangue.

“Vocês querem fazer o favor de parar de me olhar desse jeito e me dizer que merda está acontecendo aqui?”, Caleb esbravejou de frustação.

“Vou fazer algo melhor”, Beau disse sério. “Vou mostrar a você.”

Com as mãos trêmulas, ele digitou uma série de botões no celular e depois o virou, apontando a tela para Caleb.

“Não consigo assistir a isso de novo”, Eliza disse virando o rosto, não antes que Caleb pudesse ver seus olhos turvos de lágrimas.

Caleb ficou atento para a tela de LCD, sentindo o temor aumentar dentro de si a cada segundo. Ele ficou atônito quando percebeu que alguém tinha filmado Ramie e ele dormindo na cama. Quando ele estava para exigir explicações, viu o movimento na cama e ficou quieto.

“Mas que merda é essa?”, ele murmurou para si, quando se viu levantando e saindo do quarto. O tempo continuou a correr no vídeo e Caleb estava preocupado, pensando em quem poderia estar no quarto com ele e Ramie. O movimento na tela chamou a atenção de Caleb, que se inclinou para a frente, chocado por se ver voltando, carregando uma enorme faca de cozinha.

“Mas o quê...”

Caleb ficou completamente imóvel, e todos os músculos de seu corpo se contraíram com força. Ele sentiu vontade de vomitar quando viu horrorizado os eventos acontecendo na tela do celular. *Não, não, não, isso não podia estar acontecendo! De jeito nenhum. Eles não podiam achar que ele...*

Caleb olhou para o irmão, que o encarava com tanto desprezo que chegava a ser atordoante. E também olhou para Dane, que parecia estar tão mal quanto ele próprio estava se sentindo.

Eles achavam *sim*...

Caleb se dobrou enjoado, mas não conseguiu vomitar porque não havia mais nada em seu estômago para sair. Caleb nunca tinha se sentido tão nauseado em toda a sua vida. Ele estava nauseado e abalado.

"Tira isso da minha frente!", Caleb disse com dificuldade. "Meu Deus, vocês não podem achar que eu fiz algo tão horrível assim. Eu a *amo*!"

Dane direcionou seu olhar para a tela, com o rosto frio.

"Isso aqui nos diz que você fez aquilo com ela", Dane disse. "Vai nos dizer para onde a levou?"

"Eu não a levei para lugar nenhum, droga! Por que vocês não acreditam em mim?"

"Porque temos provas cabais do contrário", Beau respondeu com a voz trêmula.

Caleb estava com tanto medo que sentia as entranhas se revirarem. Seu próprio irmão estava convencido da culpa dele! Pela primeira vez, Caleb pensou nas consequências reais daquele vídeo maldito. Esse seria um caso que atrairia a atenção de todo mundo, e nada do que Caleb dissesse faria a menor diferença. Todo mundo que visse a gravação teria a certeza de que ele foi o culpado, e ele seria condenado em julgamento.

E então, como se as comportas de uma represa se abrissem, as memórias da noite anterior, e de outras, surgiram na mente dele em uma velocidade atordoante. Caleb sentiu uma dor indescritível dentro do peito, como se ele estivesse sangrando por dentro. O soluço e o choro sufocante tomaram conta dele, cortando seu oxigênio. Ele cambaleou e caiu de joelhos.

"Não!", ele gritou com a voz rouca. "Oh, Deus, não, não, não!"

Caleb cobriu o rosto com as mãos e ficou se balançando para a frente e para trás, tão abalado que ele jamais ficaria bem novamente.

"Caleb, o que foi agora, droga?", Beau perguntou.

Eliza e Dane trocaram olhares preocupados, desconfiados talvez pela primeira vez que pudessem ter se enganado? Mas a prova era clara. As lágrimas

corriam pelo rosto de Caleb em uma torrente infinita de tristeza e dor. *Oh, Deus, como ele foi capaz de fazer aquilo?* Caleb queria morrer, ele merecia morrer pela traição nojenta que cometeu contra uma pessoa inocente.

Ele tinha matado Ramie, ninguém mais. Ela morreu em suas mãos, nas mãos do homem que a amava. O mesmo homem que a cortou sadicamente por ordens de um louco. Caleb tinha sido o responsável pela bomba que destruiu seu lar e que podia ter matado sua família. Ele tinha se preocupado tanto em protegê-los do mal, quando na verdade ele mesmo provou ser um monstro.

“Podem me prender!”, Caleb disse com uma voz vazia, que não parecia vir do mesmo homem. “Eu sou o culpado, me levem para a polícia...”

Beau olhou preocupado para Dane e Eliza.

“Esse pobre desgraçado”, Dane murmurou.

“Eu não acho que ele seja culpado”, Eliza disse lentamente, pegando o telefone das mãos de Dane. O mesmo telefone para o qual agora Caleb se recusava a olhar.

Beau se virou para Eliza. “O quê? Você viu o mesmo vídeo que eu. Por que raios está dizendo isso?”

“Eu não queria ver isso... eu parei de assistir quando o vídeo começou”, Eliza disse com o olhar arregalado. “Mas agora... oh, Deus, é loucura, mas eu não acho que Caleb seja o culpado. Ou talvez seja apenas eu querendo acreditar nisso.”

“Isso não está fazendo o menor sentido”, Beau reclamou. “Agora, se existe uma chance, *qualquer* chance, de que meu irmão não seja o culpado por isso, é melhor você falar tudo o que sabe agora, antes que seja tarde demais para ele.”

Com as mãos trêmulas e os olhos marejados de tristeza e dor, ela pegou o telefone de Dane e apertou um botão. Eliza estremeceu quando o vídeo começou a rodar bem no ponto em que Caleb esfaqueava Ramie pela primeira vez.

“A-ali”, Eliza balbuciou, pausando o vídeo. Ela se virou e mostrou a imagem para Dane. “Me diga o que você vê aqui.”

Dane franziu a testa, estudando a imagem congelada de Caleb ajoelhado sobre o corpo de Ramie. Então seu coração disparou dentro do peito e ele ficou sem ar, como se tivesse recebido um soco no estômago.

“O nariz dele está sangrando. Minha Nossa Senhora”, Dane disse horrorizado. “Um sangramento psíquico. O desgraçado estava controlando Caleb o tempo todo, e ele tentou resistir. Assim como aconteceu com Ramie quando ela viu a bomba.”

“O quê?”, Beau falou incrédulo.

“Ele está resistindo à compulsão, está lutando contra si próprio, tentando evitar o que está fazendo”, Dane disse em voz baixa.

“Você está dizendo que Caleb não estava ciente do que fazia?”, Beau perguntou.

“Dane, olhe!”, Eliza interrompeu.

Dane e Beau se viraram ao mesmo tempo e viram Caleb de joelhos, com o rosto cheio de raiva e sangue escorrendo por seu nariz, caindo sobre a boca. Era uma cena assustadora, mas não tão macabra quando a filmagem de Ramie sendo sistematicamente cortada pela mão que não queria fazer aquilo.

O rosto de Caleb estava imóvel, duro, e seus olhos estavam distantes.

“Acho que ele foi atrás do desgraçado”, Dane murmurou.

TRINTA E CINCO

Caleb estava pálido e encharcado de suor, suas mãos tremiam e sua cabeça pulsava com o esforço de traçar um caminho mental de volta até o assassino. A compreensão veio acompanhada de medo. A cabeça de Caleb doía e seu coração tinha se partido em milhares de pedaços.

“Meu Deus”, Caleb sussurrou. “Foi ele. Que desgraçado! Aquele filho da puta me usou para pegar Ramie!”

“Que merda está acontecendo aí, Caleb?”, Dane gritou.

“Ele esbarrou em mim na rua. Na hora, não achei que fosse algum problema. Como é que eu ia imaginar? Esses laços psíquicos, para mim, eram baboseira sentimental. Ele armou para cima de mim. Ele criou uma ligação comigo quando agarrou meu braço e depois me usou para desligar parte do sistema de vigilância e conseguir plantar a bomba em casa. Depois, me usou para torturar Ramie e entregá-la para ele em uma bandeja de prata!”, Caleb disse com dificuldade, completamente consumido pelo sofrimento.

Eliza, Dane e Beau olhavam para Caleb com padecimento e tristeza. Então, Eliza deu um passo à frente e se ajoelhou diante de Caleb, com uma expressão decidida no rosto. Ela pegou o rosto dele e lhe deu um chacoalhão.

“Você precisa encontrá-la, Caleb! Se o assassino criou uma ligação com você, então você também tem uma ligação com ele, assim como Ramie tinha. Com isso, você vai conseguir ver o que há na mente dele e enxergar pelos olhos dele.”

“Eu não consigo fazer o que Ramie faz”, Caleb disse frustrado. “Não sou sensitivo como ela.”

“Você não tem que fazer nada”, Eliza disse com impaciência. “Quem vai fazer é o assassino. Tudo o que você precisa fazer é usar o caminho que já existe até a mente dele.”

“Faça isso, Caleb. O que você tem a perder?”, Beau disse secamente. “Se não salvarmos Ramie, você vai acabar preso pelo assassinato dela. O tempo está correndo, e talvez já seja tarde demais.”

“Não diga uma coisa dessas!”, Caleb esbravejou. “Não é tarde demais, não

pode ser tarde demais!”

Ele fechou os olhos e tentou apagar tudo ao seu redor. Frustrado com sua incapacidade de rastrear o caminho de volta ao assassino, Caleb esmurrou o chão.

Eliza colocou a mão sobre o ombro dele e apertou.

“Você está forçando a barra”, ela disse tranquilamente. “Relaxe e deixe acontecer. Pense apenas em encontrar Ramie e então abra sua mente.”

Caleb inspirava e expirava pesadamente, e a fúria ardia como uma fogueira dentro dele. Perceber o que ele tinha feito, intencionalmente ou não, o deixava muito mal. Aquele era um fardo que ele carregaria pelo resto da vida. Aquela noite o assombraria para sempre. Ele tentou relaxar, pensando na imagem de Ramie, no seu sorriso, em sua beleza e resiliência. Ela merecia algo melhor que um fracote que se curvava à vontade de outra pessoa.

Houve um breve momento de paz, e então Caleb se viu bombardeado por imagens. Ele viu Ramie ferida e ensanguentada, com os braços amarrados sobre a cabeça, as pernas abertas e esticadas, amarradas em postes fincados chão. O assassino a provocava e exigia que ela implorasse por misericórdia. Ramie permanecia quieta e o encarava de forma desafiadora. O assassino ficou irritado, e chutou e bateu em Ramie, fazendo o corpo dela chacoalhar com diversas pancadas. Então ela olhou para ele, com os olhos brilhando de ódio profundo.

“Vá para o inferno”, ela disse, com os lábios inchados e cuspindo sangue com o esforço.

Caleb cerrou os punhos com força, até cravar as unhas na palma da mão. *Querida, não. Faça o que precisar para continuar viva, mesmo que isso signifique se render. Por favor, fique viva para mim. Estou indo atrás de você e não me importa quanto tempo leve, eu vou achar você.*

Sabendo que observar Ramie o distraía de seu objetivo principal, Caleb bloqueou a visão dela com relutância, focando toda sua energia no sequestrador. Cenas passavam rapidamente por sua mente, como um borrão, caóticas. A visão que Caleb tinha dentro da mente do assassino era a visão da insanidade, da loucura completa. O mal irradiava dentro dele em ondas.

A cabeça de Caleb doía muito, mas ele continuou decidido a não desistir enquanto não descobrisse onde Ramie estava aprisionada. Caleb iria libertá-la nem que fosse a última coisa que ele fizesse em vida. Depois disso, ele iria se afastar dela e ir o mais longe possível. Ramie jamais iria sentir medo dele novamente.

A sucessão de imagens parou abruptamente e o caminho entre Caleb e o

torturador de Ramie ficou em silêncio. Caleb flutuou, afastando-se do ambiente de loucura. Ele se inclinou para a frente, ansioso com a expectativa do que iria acontecer. Caleb tinha conseguido penetrar no subconsciente do assassino. Ele estava lá dentro. Ele absorveu o conhecimento que encontrou como se fossem as memórias dele e não do assassino. A sensação de estar dentro da cabeça de outra pessoa e ver o mundo pelos olhos dela era sinistra e assustadora.

A cabeça de Caleb foi chacoalhada bruscamente, e a dor o trouxe de volta para si mesmo. E também de volta para Eliza, Dane e Beau, que estavam todos parados olhando para ele, enquanto Eliza chacoalhou sua cabeça novamente para chamar sua atenção.

“Saia de lá agora!”, Eliza gritou. “Volte para cá agora mesmo e diga onde Ramie está.”

A consciência dele começou a se desfazer e a escurecer. Caleb entrou em pânico por um momento, porque Ramie estava lá e ele não queria deixá-la sozinha. Ela devia estar apavorada e sem a menor esperança de que alguém fosse ajudá-la depois do que ele tinha feito com ela. Caleb fechou os olhos, tomado pela dor novamente. Ele perdeu o equilíbrio e quase caiu quando abriu os olhos e viu os outros em volta dele. Ele olhou para Eliza com tristeza, e seu peito doía tanto que Caleb mal conseguia respirar. Quando tentou falar, as palavras saíram engasgadas e ele estava se sentindo nauseado. Caleb começou a chorar, e as lágrimas escorreram pelo seu rosto. O olhar de Eliza carregava tanta tristeza quando o dele.

“Eu feri Ramie...”, Caleb sussurrou. “Eu a machuquei... Como é que vou conseguir deixar isso para trás? Não mereço escapar impune dessa. Eu a feri e ela merece que seja feita justiça.”

“Ela merece, sem dúvida”, Eliza disse em voz baixa. “E é por isso que vamos fazer justiça indo atrás daquele filho da puta e acabando com ele de uma vez por todas.”

Caleb se levantou com dificuldade e falou onde o assassino – e Ramie – estavam. Eliza gentilmente o fez se sentar em um dos sofás.

“Provavelmente é melhor você não vir.”

Caleb se levantou novamente.

“Nem pensar que vou ficar aqui! Ramie é minha e eu a amo! Eu não vou suportar nem mais um minuto que ela continue achando que eu fiz aquilo com ela, que fui eu que a entreguei para aquele psicopata!”

“Eu entendo”, Eliza disse tentando apaziguá-lo. “Mas você precisa ver isso pelo ponto de vista dela. Se você entrar lá para resgatá-la e Ramie vir você, não

sabemos como ela vai reagir. Ela já sofreu muito, ver você lá poderia ser demais para ela.”

“Não posso ficar aqui sem fazer nada, não quando ela está lá sendo torturada até a morte! Por minha culpa”, Caleb retrucou com tristeza. “Por minha culpa!”

Caleb terminou sua frase sussurrando, e então ele olhou para Eliza, Dane e seu irmão. “Ela está lá por minha causa. Parece que tudo o que faço é para machucá-la. Primeiro foi o sequestro de Tori e eu a obrigando a passar por tudo aquilo para salvar minha irmã. E agora eu a entrego para um assassino, toda ensanguentada por ter sido esfaqueada por mim! Como é que Ramie um dia vai acreditar que eu a amo? Ou que eu jamais faria algo tão terrível assim? Vocês sabem como é a sensação de se ver fazendo o inimaginável com alguém que você ama, estando totalmente impotente para evitar aquilo?”

A expressão no rosto de Eliza ficou menos dura, e havia até um pouco de pena em seu olhar. Beau estava aflito e atormentado, enquanto observava seu irmão desabar completamente.

Caleb não se importou em enxugar suas lágrimas.

“Eu preciso ir, não posso ficar aqui. Não posso permitir que Ramie pense, nem por um segundo, que eu não iria atrás dela para salvá-la.”

Eliza parecia claramente dividida sobre qual decisão tomar, mas Dane meneou a cabeça na direção dela.

“Lizzie, pense se isso fosse com alguém que você ama. Você não ficaria para trás de jeito nenhum.”

Eliza suspirou. “Não, você tem razão. Eu não ficaria para trás.”

“Então vamos sair logo daqui”, Caleb disse com a voz atormentada. “Vocês podem chamar a polícia no caminho, mas nunca que eu vou ficar esperando por eles antes de entrar e matar aquele cara. Ele assinou sua sentença de morte quando me usou para machucar a mulher que eu amo.”

TRINTA E SEIS

Caleb precisou de toda a sua força de vontade para não arrombar a porta de uma cabana em ruínas, em uma área de caça a cinquenta quilômetros da região metropolitana de Houston. Ele só se segurou porque sabia que o assassino podia matar Ramie caso se visse ameaçado.

Ele e Beau se posicionaram na porta dos fundos, e se certificaram de ficar fora do ângulo de visão de qualquer uma das janelas. Dane e Eliza foram para a porta da frente porque Caleb tinha certeza de que o assassino não ficaria perto da entrada, já que era natural ter medo de uma invasão pela porta da frente. Caleb queria ser o primeiro a encontrar o desgraçado.

“Ao meu comando”, Dane sussurrou no fone de ouvido de Caleb. “Um... dois... três!”

Caleb arrombou a porta de trás e deu de cara com uma visão do inferno. Ele viu Ramie presa de um jeito absurdo a uma barra de metal suspensa no teto. Os tornozelos dela estavam amarrados com tanta força que as cordas pingavam sangue, e as pernas dela estavam atadas de uma forma bizarra.

Cada vez que Ramie forçava as amarras, as cordas entravam mais fundo em sua carne. Ela apoiava o queixo no peito, sangrando pelo nariz e pela boca, balançando a cabeça com fraqueza. Caleb se esforçou para desviar a atenção de Ramie e se focar em seu torturador, que parecia chocado por ver Caleb ali diante da porta aberta.

“Não achou que eu ia encontrar você, hein, seu merdinha arrogante!”, Caleb comentou.

A sombra de um sorriso apareceu no rosto do homem, que logo depois riu, fazendo Caleb sentir um frio na espinha. Era uma risada que assombraria Caleb pelo resto de seus dias. O assassino tinha rido da mesma forma quando Caleb estava esfaqueando Ramie metodicamente.

Dane entrou na cozinha vindo da sala de estar, por onde ele tinha entrado. Ele e Eliza estavam com suas armas apontadas para o assassino. Os dois queriam fazer tudo de acordo com lei, queriam prender o desgraçado e jogá-lo em uma cadeia. Mas Caleb sabia que enquanto aquele homem estivesse vivo, Ramie

jamais teria paz. Ela ficaria presa a ele para sempre pela ligação psíquica que os conectava. E Caleb jamais conseguiria dormir à noite sabendo disso. Ele viveria para sempre temendo fazer aquelas abominações novamente.

Caleb não vacilou nem um instante. Apontou a arma, ignorando os gritos de Dane e Eliza para que parasse, e colocou uma bala bem no meio da testa do assassino, observando ele tombar, sem o menor arrependimento. Ele ficou olhando para o corpo por um longo tempo, com os olhos marejados. Estava sofrendo por tudo o que já tinha perdido: a confiança de Ramie, o sorriso e o amor dela. Ele jamais teria aquilo de novo.

Ele largou a arma e correu até onde Ramie estava amarrada. O corpo dela estava suspenso pelos pulsos, que literalmente sustentavam todo o seu peso. Os dedos de Ramie estavam pálidos e sem circulação sanguínea. Caleb a levantou com um braço, para aliviar a pressão nos pulsos, e com a outra mão ele começou a rasgar rapidamente as cordas. Logo depois, Beau estava lá com ele, cortando as amarras. Ramie caiu nos braços de Caleb e Beau terminou de cortar as cordas que estavam atando os tornozelos dela.

Caleb aninhou o corpo dela em seu peito, e a balançava para a frente e para trás, deixando lágrimas rolarem por seu rosto. Ele deu um beijo na cabeça de Ramie, e a abraçou como se jamais fosse permitir que ela sentisse mais um pingo de dor na vida. Dane se agachou na frente de Caleb, preocupado. “Temos uma situação bem feia aqui, Caleb. Aquele vídeo foi enviado para a polícia e eles estão procurando por você neste momento. Temos três corpos no esconderijo e agora temos mais um aqui.”

“Vai me dizer que você também não teria dado um tiro nele?”, Caleb reclamou. Ele passou a balançar Ramie com mais força, segurando a cabeça dela contra seu peito e afundando o rosto nos cabelos dela. “Enquanto ele estivesse vivo, Ramie estaria conectada a ele. E eu estaria sempre preocupado porque ele iria me usar para machucá-la. Não me arrependo de matá-lo. O único arrependimento que tenho é não tê-lo feito sofrer mais.”

“Caleb tem razão”, Eliza disse com tristeza. “A única maneira de isso acabar era matando-o. Essa era a única maneira de Ramie e Caleb poderem se ver livres de vez.”

“Eu achei que você tinha feito aquilo”, Beau disse cheio de sofrimento. “Eu realmente acreditei que meu irmão tinha feito aquilo.”

Caleb lentamente virou seus olhos marejados para Beau. “Mas eu *fiz* aquilo”, ele murmurou.

Beau meneou a cabeça. “Não, não! Não foi você, foi ele. Você foi só o

instrumento que ele usou.”

Caleb ignorou o arroubo de Beau e continuou a balançar Ramie ritmadamente.

“Caleb, precisamos levar Ramie para o hospital”, Eliza disse gentilmente. “Ela perdeu muito sangue e agora acabou desmaiando. Você não passou por tudo isso para deixá-la morrer assim agora!”

Em pânico, Caleb afastou Ramie de si, fazendo a cabeça dela cair de lado. Ele pressionou dois dedos no pescoço dela e ficou aliviado por encontrar uma pulsação, ainda que fraca.

Dane se levantou e pegou uma de suas pistolas no coldre. Ele a limpou perfeitamente com um lenço, e então colocou a arma na mão do assassino, dobrando os dedos dele sobre a coronha. Dane se certificou de colocar um dos dedos no gatilho, para que uma impressão parcial fosse encontrada ali. Com sua mão segurando a mão do assassino, mas sem encostar na arma, ele apoiou a arma no chão.

“Uma pena que ele tenha sacado a arma”, Dane murmurou. “Caleb não teve outra opção a não ser atirar.” Beau gostou do que ouviu e abriu um sorriso. “Sim, é uma pena mesmo.”

“Vamos, Caleb”, Eliza pediu gentilmente. “Temos muitas explicações para dar antes que Ramie possa voltar para casa.”

Caleb fechou os olhos de tristeza, porque ele sabia que Ramie jamais voltaria para casa com ele. E quem poderia culpá-la? Obviamente, em algum recanto profundo de sua alma, ele deveria ser capaz de cometer barbaridades, ou sua mente não teria sido dominada tão facilmente como foi.

TRINTA E SETE

As batidas regulares do monitor cardíaco garantiam a Caleb que o coração de Ramie continuava batendo. Nos piores momentos, ele temia que pudesse ter chegado tarde demais e que Ramie acabaria morrendo por causa da perda de sangue decorrente dos cortes que ela levou no corpo, feitos por ele. Caleb continuava incapaz de olhar para Ramie sem sentir o estômago se revirar violentamente.

Ele não saiu de perto dela nos dias que se seguiram após o resgate. Ramie ainda não tinha recuperado a consciência, mas o médico disse que ela estava com muitos ferimentos, e a melhor maneira de curá-la era mantendo-a dormindo. Essa era a forma natural que o corpo tinha para garantir a recuperação.

Caleb ficou ao lado dela na cama, acariciando seu rosto, ainda cheio de hematomas. Ele tocava as mechas encaracoladas de Ramie, enrolava uma dela nos dedos e depois a soltava, fazendo-a balançar como se fosse uma mola. Ele não tinha pressa para acordá-la porque sabia que, quando Ramie despertasse, ela o olharia sabendo que foi traída. Enquanto ela não acordava, Caleb estava satisfeito por ficar ali observando-a dormir com tanta tranquilidade.

E Ramie acabou acordando quando ele não estava nem um pouco preparado para isso. Os dois estavam com as mãos entrelaçadas e apoiadas na cama, ao lado dela. Caleb estava sentado em uma poltrona perto da cabeceira, reclinado sobre a moça, apoiando a cabeça no peito dela, para sentir o reconfortante som das batidas do seu coração. Ele havia adormecido, e tinha entrado em sono profundo, quando sentiu Ramie se mexer e depois ficar tensa. Caleb levantou a cabeça já esperando pelo pior, mas mesmo assim ficou abalado quando viu Ramie pálida de medo dele.

Com lábios trêmulos, ela começou a choramingar de pânico. Caleb a encarou por um longo momento, e então ele simplesmente se afastou da cama e levantou as mãos, mostrando-as para Ramie o tempo todo.

“Eu só queria ter a certeza de que estava tudo bem com você”, ele sussurrou, com o coração completamente partido. “Estou saindo agora. Eliza ou Dane vão vir para cá no meu lugar.”

Ele pegou a mão de Ramie e a levou até seus lábios, beijando com carinho a palma da mão dela.

“Eu te amo, Ramie. Sempre vou te amar.”

Depois disso, Caleb se virou e saiu do quarto, fechando com cuidado a porta atrás dele.

TRINTA E OITO

Ramie olhava para a parede diante dela no quarto do hospital e mais uma vez praticava o exercício de esvaziar sua mente por completo. Ela estava ficando cada vez melhor naquilo, o que lhe dava esperanças de que o futuro seria melhor que o passado.

Havia sido um passado de muita dor e sofrimento, de vidas arruinadas e destruídas. Ela não conseguia nem mesmo entender por que alguém como Charles Bloomberg nasceu neste mundo. Tudo o que ele deixou no seu caminho foi dor e tristeza, não somente para ela e para Caleb, mas também para tantas outras vítimas.

Ramie estava carregada de tristeza, e a cada dia ela aumentava mais e mais. Ela estava entrando inevitavelmente em uma depressão da qual talvez nunca mais conseguisse se recuperar. E não tinha energia para se preocupar com isso.

Caleb não tinha voltado para vê-la desde o dia em que ela acordou e lhe deu um beijo de despedida. Os olhos dela se encheram de lágrimas, e ela precisou respirar fundo várias vezes para não chorar de novo. Até aquele dia, todo mundo que veio vê-la foi recebido com lágrimas por Ramie, especialmente Tori, Quinn e Beau Devereaux. Ela chorou tanto na presença deles que eles acabaram se afastando e pedindo desculpas por tê-la deixado traumatizada.

Ramie fechou os olhos, cansada, sem se importar por passar a maior parte do tempo dormindo naqueles últimos dias. O médico tinha perguntado se ela estava pronta para ir para casa e ela deu de ombros. Ramie não tinha uma casa; então, para ela não tinha importância ficar ou ir embora.

Alguém bateu de leve na porta. Assim como todos os outros visitantes, a pessoa não esperou que ela desse permissão para entrar. Eliza entrou poucos segundos depois de bater, com aquele seu jeito alegre, entusiasmado e energético, que sempre deixava Ramie com vontade de esganá-la. Como alguém poderia ser tão feliz assim, caramba? Especialmente quando Ramie era um poço de tristeza.

Ela olhou com raiva para Eliza, que não parecia a Eliza feliz e tagarela de sempre, que Ramie teve de suportar na última semana. Ela já tinha perdido a

conta de quantos dias havia passado no hospital se recuperando, assim como tinha perdido a conta de quantos pontos precisou levar. Ramie parecia um verdadeiro Frankenstein.

“Preciso falar com você, Ramie”, Eliza disse com firmeza. “E já que sei que você não tem como sair daqui, vou me aproveitar do fato de você ser uma ‘audiência certa.”

Ramie levantou uma sobrancelha, imaginando o que tinha dado em Eliza para ela estar daquele jeito.

“Será que você não consegue perdoar Caleb? Ou pelo menos tentar ser compreensiva com ele? Acho que você, mais que qualquer outra pessoa, sabe como é duro estar à mercê de outra pessoa e sob o controle dela. Pelo amor de Deus, Caleb o matou a sangue frio... e por você! Então, você não vai mais estar ligada a ele nem a mais ninguém.”

Ramie ficou completamente imóvel, sentindo a cabeça pulsar, como se tivesse um trem lá dentro.

“O quê?”, ela resmungou. “O que você disse?”

“Ele está morto!”, Eliza disse sem enrolar. Então, ela arregalou os olhos e ficou boquiaberta. “Ai, merda, ninguém contou a você, né? Todo mundo estava provavelmente pisando em ovos em relação a isso, e ninguém queria fazer você relembrar algo tão doloroso.”

“Ninguém me disse o quê?”, Ramie perguntou impaciente.

“Charles Bloomberg está morto”, Eliza disse em voz baixa. “Caleb o matou porque sabia que, a menos que Charles morresse, você ainda estaria conectada a ele. E provavelmente Caleb também.”

Naquele momento, Ramie automaticamente procurou o caminho mental que estava impregnado em sua cabeça havia mais de um ano. Aquilo foi algo que ela tinha evitado fazer desde que tinha sido resgatada, mas então ela abriu sua mente, procurando pelo cérebro maligno responsável por colocá-la naquele hospital. E ela não sentiu... nada! Apenas o vazio, como se ele jamais tivesse existido. Ele realmente estava morto!

Ramie fechou os olhos, sentindo o corpo ser preenchido por um relaxamento. Ela começou a chorar de novo, mas desta vez era de alívio, avassalador e atordoante.

Ela estava livre!

Caleb estava livre!

“Estou livre!”, Ramie sussurrou.

“Sim, querida, você está livre!”, Eliza disse, acariciando a mão de Ramie.

“Agora, quanto a Caleb...”

“Onde ele está?”, Ramie perguntou. “Preciso vê-lo agora mesmo!”

O rosto de Eliza assumiu uma expressão sombria, e havia tristeza em seus olhos.

“Ele sumiu...”

Ramie não conseguiu evitar sentir uma pontada de dor, que varou seu coração. Por que ele a tinha abandonado?

“Por quê?”, Ramie disse com dificuldade.

Eliza olhou para ela com piedade e sentou-se na cama, ao lado de Ramie, segurando e apertando sua mão.

“Ele achou que você não iria querer saber de vê-lo por aqui”, ela disse gentilmente. “Depois do que aconteceu... Caleb acha que você o considera culpado pelo que ele fez. Ele não está nada bem, Ramie. Ele está arrasado pelo que foi forçado a fazer com você.”

“Você sabe para onde ele foi?”, Ramie perguntou desesperada. “Eu preciso encontrá-lo, preciso fazê-lo entender que eu não odeio! Eu o amo!”

“Eu estava torcendo para você dizer isso!”, Eliza falou sorrindo.

“Onde ele está?”, Ramie perguntou frustrada. “E quando é que posso sair daqui?”

“Opa, você não vai sair para lugar nenhum nos próximos dias. Você quase morreu! Caleb vai poder esperar, e ele também provavelmente precisa de um tempo para poder lidar com a culpa que ele está sentindo.”

Ramie fechou os olhos, e lágrimas escorreram pelo seu rosto.

“Eu fui a culpada por isso”, ela disse com sofrimento. “Eu estava com medo dele logo que acordei. Eu não estava entendendo as coisas direito, tudo estava confuso demais. Eu só conseguia me lembrar de ser esfaqueada por ele”, Ramie falou com dificuldade. “E eu estava tentando protegê-lo, não sabia que o assassino estava morto. E acho que estava tentando me proteger também, porque não sabia se ele ainda tinha uma ligação com Caleb e conseguia fazê-lo seguir suas vontades. Eu devia ter confiado mais nele...”

Eliza se inclinou e abraçou Ramie com cuidado, ciente dos ferimentos dela.

“Sua reação foi perfeitamente justificada, mas, agora que sabe de tudo, você pode se acertar com Caleb. *Depois* que receber alta do hospital”, Eliza disse com firmeza.

TRINTA E NOVE

Os médicos seguraram Ramie por mais uma longa e frustrante semana, até que lhe deram alta com rigorosas ordens para que ela fosse devagar e não se desgastasse. Mas Ramie não tinha a menor intenção de obedecer àquelas ordens.

Surpreendentemente, não foi Dane e nem Eliza quem veio pegá-la no hospital. Beau, Quinn *e* Tori apareceram e a levaram de carro para o lugar que eles haviam alugado para a família em Woodlands. Assim que entraram na casa, Ramie ignorou os pedidos para que ela fosse imediatamente para a cama e os encarou, sem a menor intenção de desistir enquanto não conseguisse a informação que queria ouvir deles.

“Onde está ele?”, ela perguntou.

“Não sei se é uma boa ideia você saber”, Beau se desculpou. “Ele vai nos matar se você for atrás dele. Caleb não está nada bem neste momento.”

“Eu não o culpo pelo que aconteceu”, Ramie disse suavemente. “Eu o *amo* e não vou conseguir me acertar com ele se não souber onde ele está!”

Beau e Quinn trocaram um olhar hesitante, mas foi Tori quem falou.

“Ele está no Colorado, na cabana onde encontrou você pela primeira vez. Ele está bem machucado, e acho que você é exatamente o que ele precisa agora.”

“Que droga, Tori!”, Beau protestou. “A última coisa que Ramie precisa é fazer uma viagem no estado em que ela está. Caleb vai voltar, nós só precisamos ter paciência.”

“Eu não preciso ter nada!”, Ramie retrucou. “Não tenho casa e nenhum lugar para ir. Caleb é o único lar que tenho, se ele ainda me quiser.”

Quinn olhou para ela espantado.

“Obviamente, você não está achando que vamos colocar você na rua. Ramie, você pode ficar aqui conosco o tempo que quiser.”

Ramie balançou a cabeça.

“Eu agradeço o que vocês – todos vocês – fizeram por mim, e sinto muito por ter arrastado sua família para aquele furacão. Se eu pudesse voltar no tempo e desfazer tudo, eu faria isso. Jamais teria ligado pedindo a ajuda de Caleb se eu soubesse as consequências que aquele pedido traria.”

“Bobagem”, Beau esbravejou. “Você não tem culpa pelas ações daquele desgraçado. Você fez exatamente o que deveria ter feito, que era pedir ajuda para Caleb. Eu tinha falado que todos nós estávamos devendo um pedido de desculpas a você, um pedido que você nunca recebeu. E eu estou oferecendo minhas desculpas agora. Nós temos uma dívida com você maior do que qualquer dívida que você possa vir a ter conosco. Você salvou nossa irmã sacrificando-se a um grande custo.”

“Eu devo desculpas a você também”, Tori disse com a voz abalada. “Eu agi muito mal com você, Ramie.”

Os olhos de Tori se encheram de lágrimas.

“Eu devo minha vida a você, e a forma como retribuí... o jeito como agi com você é imperdoável. Eu só torço para que você encontre em seu coração um jeito de me perdoar – de nos perdoar – pela forma como a tratamos.”

“Eu sinto muito também”, Quinn disse com a voz séria. “Tudo o que importa para nós é que Caleb ama você e que você o ama. Ele já ficou sozinho tempo demais, carregando nos ombros a responsabilidade por toda a nossa família.”

“Então vocês podem retribuir me reservando uma passagem para o Colorado e me alugando um carro, porque estou indo com ou sem a aprovação de vocês e vou trazer Caleb de volta para casa.”

Nenhum dos irmãos discutiu com Ramie após ela ter falado daquela forma tão veemente e firme.

***

Ramie dirigiu pela estrada sinuosa e esburacada até a cabana onde morou no passado, durante todos aqueles meses, e percebeu a ironia: Caleb tinha feito a mesma viagem para tentar encontrá-la. Só que daquela vez era Ramie quem estava atrás dele, e ela seria tão firme quanto ele havia sido ao exigir vê-la.

Ela estacionou o jipe ao lado do SUV dele e ficou sentada por um momento, criando coragem para o encontro iminente. E se Caleb se recusasse a vê-la? E se ela demorou demais por causa da necessidade irracional e desesperada que ela tinha de se sentir segura acima de tudo? Quando Ramie recordou sua reação ao acordar do pesadelo e olhar o mesmo homem que a aterrorizava no pesadelo bem ali, na frente dela, ela estremeceu. Ela tinha rejeitado Caleb. Tinha sido muito fria com ele.

Ramie estava sentindo mais medo do que jamais sentiu antes. Mais medo até mesmo quando acordou naquela noite terrível com Caleb sobre ela, cortando sua

pele. Ela fechou os olhos, fazendo desaparecer aquela imagem perturbadora de sua mente. Aquelas memórias não tinham lugar ali naquele momento. O homem que tinha feito tanto estrago na vida de tantas pessoas finalmente estava morto, e ela e Caleb poderiam ficar em paz, finalmente em paz.

Depois de limpar suas mãos úmidas de suor na calça jeans, Ramie desceu do jipe que Beau tinha alugado. Ela ainda estava sentindo muita dor e precisava andar devagar, mas seguiu determinada até a porta da frente, onde bateu com a mesma força que Caleb havia batido tempos atrás.

Em poucos segundos, a porta se abriu, e Caleb apareceu lá, confuso e irritado.

“Mas que merda você está fazendo fora do hospital? Você está louca? Ao menos você se *lembra* o quanto esteve perto de morrer? Lembra que eu fiz de tudo para te matar?”, ele perguntou com a voz rouca.

“Eu recebi alta há dois dias”, ela respondeu alegremente.

“Então você precisava estar na cama e não ficar se arrastando pelo país até achar uma cabaninha esquecida no meio do nada!”

Então Caleb pareceu perceber que Ramie estava ali, na frente dele, e não onde ele disse que ela deveria estar. E ficou com um olhar confuso, com seu rosto tenso, como se ele estivesse se preparando para sentir mais dor novamente. Dor que Ramie havia lhe causado sem querer.

Os dois tinham se machucado mutuamente no decorrer do curto, mas agitado, período em que estiveram juntos. Agora era hora de deixar o passado para trás, de olhar para a frente e de esquecer tudo o que aconteceu de ruim. Remoer o ocorrido não faria bem a nenhum dos dois. Se eles não concordassem em esquecer o passado, eles não teriam a menor chance juntos, e o relacionamento dos dois estaria totalmente condenado. Cabia a Ramie fazer Caleb pôr um ponto final no passado.

“O que você veio fazer aqui, Ramie? Eu já não machuquei você o bastante?”

“Você vai me convidar para entrar ou vai me deixar morrer de frio aqui fora?”, ela perguntou irônica.

Ao ouvir aquilo, Caleb imediatamente se moveu e a fez entrar e sentar na frente da lareira, tocando-a de leve para não feri-la. Ficou claro que Caleb estava se esforçando para garantir o máximo de conforto a ela, mas sem tocá-la. Mas quando moveu sua mão, Caleb acabou tocando com a ponta do dedo um dos muitos pontos no braço de Ramie, que mal podia ser visto porque ela estava usando uma camisa de manga comprida.

Caleb ficou visivelmente abalado e levantou com o dedo a manga da camisa

de Ramie, mostrando um pouco mais do corte de trinta centímetros de comprimento que ele havia feito no braço dela. E então, como se tivesse percebido o que estava fazendo – conferindo um ferimento que ele tinha causado – Caleb retirou sua mão rapidamente, como se ele tivesse se queimado.

“Eliza disse que você o matou”, Ramie falou casualmente para tentar distrair Caleb, que estava claramente focado em sua própria dor.

Os olhos de Caleb ficaram com um brilho triste e ele virou o rosto, incapaz de suportar a hipótese de Ramie criticá-lo pelo que tinha feito.

“Ele está morto”, Caleb disse categoricamente. “E eu não me arrependo de tê-lo matado.”

Ramie ficou pensando se Caleb tinha percebido o quanto ele estava arredio. Será que ele achava que ela o condenaria por ter feito aquilo?

“*Que bom!*”, Ramie disse com um tom de voz feroz. “Você percebeu que agora estamos realmente livres?”

Caleb ficou visivelmente confuso com aquilo. Ele acenou com a cabeça, e parecia inseguro para falar qualquer coisa. Ou talvez ele simplesmente não soubesse o que dizer. Parecia que estava com medo de falar qualquer coisa, porque ainda estava tentando compreender por que Ramie tinha ido até lá para dizer algo que ele já sabia. Ela não queria esperar mais, eles já tinham sofrido muito. Sofreram por um longo tempo separados, mesmo que tivessem se passado apenas duas semanas.

Ramie estendeu a mão a Caleb, rezando para que ele não a rejeitasse. Ele a ficou encarando por um bom tempo, até que ela sentiu algo murchar dentro de si e começou a baixar a mão, pronta para ser rejeitada por ele. Então, para seu alívio, ele pegou sua mão antes que ela a recolhesse totalmente, e entrelaçou seus dedos nos dela.

Ramie o puxou desesperadamente para junto de si. Ela queria Caleb perto, junto dela, queria que ele a tocasse. Caleb deu um passo para a frente, com o rosto visivelmente preocupado. Ramie o pegou com a outra mão, e praticamente subiu em cima de Caleb no esforço de puxá-lo para que sentasse perto dela no sofá.

“Me abrace”, ela sussurrou. “Por favor, Caleb, preciso que você me abrace. Apague as minhas memórias dolorosas e as substitua por novas lembranças!”

A completa falta de esperança que viu nos olhos de Caleb deixou Ramie abalada. Foi ela quem fez isso com ele? Ela ficou com medo antes, e não queria correr o risco de ver Caleb em uma situação em que ele fosse obrigado a machucá-la novamente. Mas agora eles estavam livres. Não havia ameaça, não

havia ninguém para controlar nenhum dos dois, nunca mais.

“Venha cá”, ela disse com dificuldade, abrindo os braços para ele.

Com um gesto sofreguidão, Caleb a envolveu em seus braços, apertando-a com tanta força que ela mal conseguia respirar. Ramie não queria respirar, não enquanto não pudesse compartilhar um suspiro com Caleb.

“Me desculpe, Ramie!”, Caleb disse chorando. “Eu sinto muito mesmo!”

“Shhh...”, ela o acalmou, puxando a cabeça dele na direção de seu peito, apoiando o rosto dele ali. “Nunca se desculpe por ter matado aquele filho da puta!”

“Não sinto por tê-lo matado”, Caleb disse com frieza. “Eu sinto muito pelo que fiz com *você*.”

“Eu sinto muito pelo que ele fez *conosco*”, Ramie o corrigiu gentilmente.

Ela abraçou Caleb com mais força, apoiando seu rosto na cabeça dele e acariciando seu rosto.

“Eu te amo!”, Ramie disse carinhosamente.

Caleb ficou tenso e tentou se afastar, mas Ramie o segurava com firmeza junto de si.

Ele pegou os pulsos dela e, cuidadosamente, afastou-se, mantendo-os ao lado do corpo dela. Os olhos de Caleb brilharam e ele encarou Ramie com a mandíbula cerrada.

“Não diga isso se você não estiver falando sério”, ele disse com a voz rouca.

Ramie sorriu, deixando que todo o seu amor por ele brilhasse e fluísse, para que Caleb pudesse enxergá-lo e senti-lo.

“Não tenho o hábito de dizer para os homens que eu os amo”, Ramie disse irônica. “E devo dizer que não gosto muito de fazer isso. Então, se você puder dizer que me ama também, eu vou me sentir bem melhor.”

Caleb olhava para ela completamente atordoado.

“Você já esqueceu o que eu fiz com você? Esqueceu que eu peguei uma faca e retalhei você por completo? Esqueceu que eu podia ter *matado* você?”

Caleb estava com os olhos marejados e ele nem mesmo tentava disfarçar. As lágrimas começaram a cair pelo seu rosto, e havia tanta dor e arrependimento no olhar dele que Ramie ficou pensando se a alma de Caleb seria mesmo capaz de se recuperar de todo o sofrimento por que passou.

Não, ela não devia pensar assim. O amor iria curar tudo, Ramie precisava acreditar nisso.

“*Você* não me machucou”, ela o corrigiu com firmeza. “Levei mais tempo do que eu gostaria para perceber isso. Mas, como eu sei bem como é ser controlada

por outra pessoa, eu não podia culpá-lo por uma coisa que já aconteceu comigo.”

Caleb parecia espantado.

“Você sabia que eu não estava controlando minhas ações... *antes* de salvarmos você?”

Ramie confirmou com a cabeça, sorrindo timidamente. O queixo dela estremeceu e ela estava quase chorando.

“Quando eu acordei e aquele monstro estava se gabando de você ter me entregado para ele, eu sabia que você jamais teria feito aquilo voluntariamente. Você me ama!”, ela disse sem rodeios.

“Meu Deus, sim, e como eu te amo!!”, ele disse. “Eu vou te amar, sempre apaixonado, perdido e louco por você até o dia que eu morrer!”

Ramie segurou o rosto de Caleb, quando ele finalmente se afastou e a olhou de cima para baixo, como se ele estivesse tentando confirmar que não estava sendo alvo de uma brincadeira mau gosto.

“Eu gosto disso”, Ramie disse com um tom amoroso. “Mas que tal deixarmos esse dia que você vai morrer para daqui a uns cem anos ou mais?”

Caleb a abraçou novamente, afundando sua mão nos cabelos despenteados de Ramie, e seus braços mais pareciam barras de aço em volta do corpo dela. Ramie sorriu, maravilhada com o fato de os dois terem resistido a uma tempestade que nenhum outro casal jamais teria de enfrentar.

“Não pense nem por um minuto que isso vale como um pedido de casamento”, ela suspirou. “Eu quero ver você de joelhos, com o anel e tudo mais.”

Caleb riu alegre e despreocupadamente, jogando a cabeça para trás.

Então ele ficou sério e se ajoelhou na frente de Ramie, que estava sentada no sofá. Ele pegou as duas mãos dela e a olhou com tanto amor que ela se derreteu ali mesmo.

“Você quer se casar comigo, Ramie? Quer passar o resto da vida comigo? Que tal ter filhos e envelhecer juntos? Juro para você que ninguém vai amar você mais do que eu, e que ninguém vai ser tão amada e querida quanto você!”

Ramie tirou as mãos e segurou o belo rosto de Caleb, olhando-o nos olhos, para que não houvesse dúvidas quanto à sua sinceridade.

“Sim...!”, ela suspirou. “Sim, eu me caso com você, Caleb Devereaux. Não me interessa quanto dinheiro você tem, eu te amaria mesmo que você não tivesse nada! Eu te *amo*!”

Os olhos de Caleb se encheram de lágrimas novamente, e ele engoliu em seco, como se não encontrasse as palavras para dizer o que queria. Por fim, ele

desistiu e puxou Ramie em seus braços, balançando-a para a frente e para trás, enquanto ele chorava junto do corpo dela.

“Achei que tinha perdido você”, Caleb disse com dificuldade. “Achei que tinha feito você fugir de mim, depois que a traí da pior forma possível. Nem mesmo sei como você consegue ficar no mesmo lugar que eu sem estar morrendo de medo de mim, depois do que fiz. Mas, por Deus, eu quero uma segunda chance. Quero uma nova chance mais que qualquer outra coisa no mundo. Você não vai se arrepender disso, Ramie. Juro que vou fazer você feliz!”

“Você já me faz feliz!”, ela sussurrou.

“Vou construir a casa dos seus sonhos, e você vai ser muito feliz morando lá. Vai ser uma casa aconchegante, com muito amor, risadas e, se Deus quiser, muitos filhos, que vão ter todo o nosso amor.”

“Meu lar é onde quer que você esteja, Caleb. Não me importa onde nós vamos morar ou em que tipo de casa. Enquanto você estiver junto comigo, eu sempre terei meu lar!”

Copyright © 2014 Maya Banks
Copyright © 2015 Editora Gutenberg

Título original: *Keep me Safe*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

PUBLISHER
Alessandra J. Gelman Ruiz

EDITORA
Silvia Tocci Masini

ASSISTENTES EDITORIAIS
Carol Christo
Felipe Castilho

REVISÃO
Monique D'Orazio

CAPA
Diogo Droschi

DIAGRAMAÇÃO
Christiane Morais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Banks, Maya
Proteja-me / Maya Banks ; tradução Marcelo Salles. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2015.

Título original: *Keep me Safe.*

ISBN 978-85-8235-230-4

1. Ficção erótica 2. Ficção norte-americana I. Título.

14-13493 CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:1. Ficção norte-americana 813.5

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

São Paulo
Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301
Cerqueira César . 01311-940 . São Paulo . SP Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte
Rua Aimorés, 981, 8º andar Funcionários . 30140-071 Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700

Televendas: 0800 283 13 22
www.editoragutenberg.com.br